



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARIA KÊNIA FIRMINO DA SILVA**

**LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
ATUAÇÕES PEDAGÓGICAS, INSPIRADAS EM HISTÓRIAS INFANTIS,  
COM MÚLTIPLAS LINGUAGENS E O VOO DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS**

**FORTALEZA**

**2021**

MARIA KÊNIA FIRMINO DA SILVA

LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
ATUAÇÕES PEDAGÓGICAS, INSPIRADAS EM HISTÓRIAS INFANTIS,  
COM MÚLTIPLAS LINGUAGENS E O VOO DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Currículo e Ensino.

Eixo Temático: Aprendiziz, Docência e Escola

Orientador: Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S5811 Silva, Maria Kênia Firmino da.  
Literatura Infantil e Educação Matemática na Educação Infantil : atuações pedagógicas, inspiradas em histórias infantis, com múltiplas linguagens e o voo de crianças bem pequenas / Maria Kênia Firmino da Silva. – 2021.  
239 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2021.  
Orientação: Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil.
1. Educação Infantil. 2. Literatura Infantil. 3. Educação Matemática. 4. Linguagens infantis. 5. Crianças bem pequenas. I. Título.

CDD 370

---

MARIA KÊNIA FIRMINO DA SILVA

LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
ATUAÇÕES PEDAGÓGICAS, INSPIRADAS EM HISTÓRIAS INFANTIS,  
COM MÚLTIPLAS LINGUAGENS E O VOO DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Aprovada em: 10 / 12 / 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Paulo Meireles Barguil (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Profª. Dra. Tania Vicente Viana  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Profª. Dra. Ana Cláudia Gouveia de Sousa  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

A todas as crianças da Educação Infantil, com as quais tive a oportunidade de aprender sobre criança e infância.

Aos meus amados sobrinhos, em especial Maria Elisa, que, diariamente, me mostra o quão potente ela é.

## AGRADECIMENTOS

Era Uma vez  
Sandy e Junior e Toquinho

Era uma vez  
Um lugarzinho no meio do nada  
Com sabor de chocolate  
E cheiro de terra molhada

Era uma vez  
A riqueza contra a simplicidade  
Uma mostrando pra outra  
Quem dava mais felicidade

Pra gente ser feliz  
Tem que cultivar as nossas amizades  
Os amigos de verdade  
Pra gente ser feliz  
Tem que mergulhar na própria fantasia  
Na nossa liberdade

*Uma história de amor  
De aventura e de magia  
Só tem a ver  
Quem já foi criança um dia  
Uma história de amor  
De aventura e de magia  
Só tem a ver  
Quem já criança um dia*

Era uma vez uma jovem que buscava a realização de um sonho: ser mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Esse sonho teve início ainda na graduação de Pedagogia, quando ela se encantou por mestres(as) e doutores(as) que eram professores(as), que contribuíram de maneira significativa para o seu crescimento e amadurecimento, fazendo-lhe perceber que ela tinha potencial.

Por mais que os nossos sonhos sejam inicialmente sonhados sozinhos, quando os compartilhamos com quem amamos eles passam a ser um sonho coletivo, por isso essas páginas são destinadas aos agradecimentos para aqueles(as) que sonharam comigo e hoje me veem realizá-lo.

Inicialmente sou grata ao criador do universo, amado Deus, por me conceder a benção de viver e ter forças para, mesmo diante das adversidades da vida, conseguir lutar para alcançar meus objetivos. Sem estar do meu lado, eu jamais seria capaz de dar um único passo.

Em segundo lugar, sou grata a minha família, meus pais Raimunda e João Dehoh, por me manterem sempre em suas orações e, mesmo diante do coração apertado pela distância física, acreditarem nos propósitos de Deus para a minha caminhada.

Aos meus irmãos, Keli, Keile, Kendson, Kévia, Keviane e Kedson, por animarem os meus dias com as comédias compartilhadas, o que nos ajudam a seguir os dias com mais leveza.

Ah, meus sobrinhos maravilhosos: Victor Alexandre, Isabelle, Sarah e Maria Elisa, esse trabalho se torna ainda mais significativo pela existência de vocês em minha vida. É extremamente maravilhoso poder acompanhar a infância de vocês e saber que vocês têm a oportunidade de vivenciar o melhor dela.

Meu esposo, Antônio Carlos, pela paciência, companheirismo, compreensão e por ter me ensinado, desde o primeiro dia em que eu o conheci, que os nossos passos para a felicidade só são possíveis se eles forem acompanhados de orações e fé no Criador.

Às minhas amigas da graduação Juliana, Amanda e Glaudênia, pelo apoio diário que me dão no nosso grupo de *WhastApp*, Pedagogia da Alegria, com vocês a Pedagogia certamente é mais alegre.

Às amigas do Grupo *Roda*, na pessoa de Ana Paula Simões, por terem me aceitado participar e aprofundar meus estudos sobre a qualidade da Educação das crianças.

Ao Laboratório de Educação Matemática (LEDUM), no qual aprendi a pesquisar com dedicação. Aos companheiros desse grupo, com os quais cresci lendo seus trabalhos. Em especial, a minha amiga Sandra, por ter me ajudado desde o início lendo o meu projeto, quando ele ainda era uma sementinha, e a Débora, por ter me explicado como funcionava a Pós-Graduação, me acalentando quando eu achei que não ia dar certo conciliar o trabalho com as disciplinas.

À amiga Brena, pelas trocas realizadas, quando as disciplinas ainda eram presenciais e podíamos dividir nossas angústias e alegrias.

Minha amiga, irmã e parceira de trabalho, Irlene: você foi uma das primeiras pessoas fundamentais para que eu pudesse iniciar essa caminhada. Lembro-me, com o coração ainda batendo acelerado, daquele agosto de 2019, quando cheguei para você e falei da minha aprovação nesse curso, mas das dificuldades que iria ter por ser uma professora que ainda estava em estágio probatório, não podendo ter a liberação para me afastar para estudos.

Você, com o seu coração generoso, me disse que tinha a solução e que tudo iria se adequar para que eu não deixasse esse sonho para trás. E, assim, houve uma modificação de toda a rotina da escola para que as atividades se adequassem aos meus horários de aulas da Pós-

Graduação. Durante todo o processo, você sempre se alegrou com as minhas conquistas e teve orgulho em dizer: “Minha Pereirinha será MESTRE.”.

Eu realmente tenho certeza de que, se naquela época você não fosse minha gestora, o meu sonho teria acabado ali. Por isso, minha gratidão a você por sua flexibilidade, acolhimento e paciência. O mundo precisa de mais pessoas como você, que não medem esforços para ajudar pessoas a conquistar objetivos.

Roberta, minha irmã do coração, nesse percurso da minha vida, você tem sido o amparo para os meus dias. Obrigada por segurar a minha mão, abrir o meus olhos e polir o meu coração, nos momentos em que a carga era quase insuportável. Eu te amo e desejo que esse amor em mim permaneça enquanto vida eu tiver.

Gratidão às irmãs Gilvania, Regilane e Ana Carolina: vocês têm sido a prova viva de que, quando temos amigos vibrando por nós, a possibilidade do nosso sonho se tornar real é matematicamente perfeita.

Agradeço as professoras que participaram desta investigação pela disponibilidade, comprometimento e sensibilidade em participarem dessa pesquisa em um momento tão conturbado como foram os anos 2020 e 2021. Vocês são profissionais incríveis que não medem esforços, quando o assunto é qualidade da educação das nossas crianças.

Agradeço as 15 crianças, bem como as 15 famílias pela aceitação na participação dessa pesquisa. Por todas as manhãs abrirem as portas de suas casas e nos permitirem entrar de maneira virtual para partilhar com elas nossas esperanças de uma Educação Infantil que respeite os direitos das crianças.

Agradeço as professoras Ana Cláudia Gouveia de Sousa e Tania Vicente Viana, pela aceitação na composição dessa Banca Examinadora.

A professora Ana Cláudia de maneira tão competente e carismática trouxe contribuições bastante pertinentes ainda na Qualificação, me ensinando a importância da sensibilidade quando se analisa o trabalho desenvolvido por outrem. Suas contribuições foram de grande valia para a qualidade desse trabalho.

A professora Tania, que acompanhou parte do meu percurso desde a Graduação, a sua aceitação em participar desse trabalho para mim tem grande significado: primeiramente, pela minha admiração, pela qualidade, competência e sensibilidade com que desenvolve suas atividades na Faculdade de Educação; em segundo lugar, por eu desde sempre ter lhe tido como uma grande amiga. Meu percurso acadêmico teve início com o seu olhar sensível e eu jamais esquecerei isso, por onde eu andar, os caminhos que percorrer, levarei sua doçura e competência profissional como inspiração.



Agradeço, também, a professora Luciane Germano Goldberg, que enriqueceu meu trabalho com várias contribuições durante a Qualificação. Lembro-me, também, do meu primeiro ano na UFC, quando, no 2º semestre, cursei a disciplina de Arte e Educação ministrada por ela. Suas aulas eram extremamente empolgantes, lúdicas e motivacionais.

A professora Luciane me ensinou a enxergar a Arte para além do que os olhos viam. Um dos grandes aprendizados que tive foi o de que sempre podemos melhorar algo que fizemos: seja durante o processo de confecção de um portfólio da nossa trajetória na disciplina; seja quando ao apresentá-lo para a professora Luciane, acreditando ele estava impecável, ela com sua mansidão e serenidade me mostrou, que apesar de ele estar bom, poderia ser bem melhor e mais didático.

Mesmo que naquele momento eu não tenha gostado das observações da docente, devido à minha falta de experiência acadêmica, comecei a perceber que sempre precisamos pensar em quem irá desfrutar das nossas produções, motivo pelo qual essas elas precisam ser as mais acessíveis possíveis.

Com esse trabalho dissertativo não foi diferente, as contribuições da professora Luciene e as suas indicações de leitura me ajudaram a tornar essa pesquisa ainda mais acessível e compreensível a quem vier lê-la.

Encerro meus agradecimentos, mencionando, meu amigo, conselheiro e orientador, não só deste trabalho, mas da vida. Paulo Barguil: obrigada de todo o coração, pela disponibilidade, pela aceitação nesse processo de orientação. Durante esse percurso, você continuou me mostrando o quão gigante é o seu coração, o quão correta é a sua maneira de trabalhar e o quão focado é o seu olhar.

Desde a Graduação, meus olhares de encantamentos pelo seu trabalho já existiam, mas durante esses dois anos trabalhando de maneira bem mais próximas, foi ainda mais notório perceber o Paulo amoroso, dedicado e que acredita no potencial humano. Obrigada por segurar minha mão me ajudar a caminhar com meus próprios pés e, principalmente, por me ajudar a tornar possível esse sonho.

“Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”. (Rubem Alves)

## RESUMO

A presente pesquisa versa sobre as contribuições do trabalho didático com a Literatura Infantil na aprendizagem matemática de crianças bem pequenas. O objetivo geral da pesquisa foi: Analisar as contribuições do uso didático da Literatura Infantil para a Educação Matemática de crianças bem pequenas. Os objetivos específicos foram: 1) Analisar os saberes docentes de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação da Literatura Infantil com a Educação Matemática; 2) Avaliar a implementação de propostas de atuação pedagógica que relacionam conteúdo matemático e Literatura Infantil em uma turma de crianças bem pequenas visando ao desenvolvimento integral delas; e 3) Caracterizar as aprendizagens de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação entre Literatura Infantil e Educação Matemática. A investigação foi realizada em uma turma de Infantil III, de uma instituição pública de Educação Infantil da cidade de Itaitinga-CE, da qual participaram 15 (quinze) crianças e 2 (duas) professoras regentes. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada em 3 (três) fases: 1) entrevista inicial com as professoras regentes; 2) formação com estudo, seleção de livros de Literatura Infantil, planejamento, implementação e avaliação das atuações pedagógicas; e 3) entrevista final com as professoras regentes. Os instrumentos e as técnicas utilizadas foram: entrevista, diário de campo e formação com estudo. Na entrevista inicial, as professoras relataram lacunas para lecionar na Educação Infantil, bem como o fato de que não aprenderam que a Literatura infantil enriquece o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Durante a formação com estudo, as professoras se aprofundaram na temática e relataram que compreenderam que é possível ensinar e aprender Matemática com o uso de histórias infantis na Educação Infantil. As docentes elaboraram e implementaram 3 (três) propostas de atuação pedagógica com as noções aberto e fechado (Geometria), grande e pequeno (Grandezas e Medidas), e muito e pouco (Aritmética), propiciando que as crianças aprendessem Matemática em variadas situações: abrindo e fechando um brinquedo, medindo uma pessoa da família e observando a quantidade de sementes de uma fruta. Em virtude do contexto pandêmico, as produções das crianças – desenhos e vídeos – foram enviadas às professoras via *WhatsApp*. Na entrevista final, as docentes revelaram que o uso didático da Literatura Infantil na Educação Matemática de crianças bem pequenas é muito importante, pois a comunicação com as crianças é enriquecida mediante diferentes linguagens: musical, pictórica e brincadeira.

**Palavras-Chave:** educação infantil; literatura infantil; educação matemática; linguagens infantis; crianças bem pequenas.

## ABSTRACT

This research deals with the contributions of didactic work with Children's Literature in the mathematical learning of very young children. The general objective of the research was: To analyze the contributions of the didactic use of Children's Literature to the Mathematics Education of very young children. The specific objectives were: 1) To analyze the teaching knowledge of two teachers of very young children about the relationship between Children's Literature and Mathematics Education; 2) To evaluate the implementation of pedagogical performance proposals that relate mathematical content and Children's Literature in a class of very young children aiming at their integral development; ; and 3) To characterize the learning of two very young children's teachers about the relationship between Children's Literature and Mathematics Education. The investigation was carried out in a class of Infantil III, from a public institution of Early Childhood Education in the city of Itaitinga-CE, in which 15 (fifteen) children and 2 (two) regent teachers participated. The qualitative research was carried out in three (3) phases: 1) initial interview with the regent teachers; 2) training with study, selection of children's literature books, planning, implementation and evaluation of pedagogical actions; and 3) final interview with the teachers regentes. The instruments and techniques used were: interview, field diary and study training. In the initial interview, the teachers reported gaps to teach in Early Childhood Education, as well as the fact that they did not learn that children's literature enriches the development and learning of children. During the study training, the teachers deepened on the theme and reported that they understood that it is possible to teach and learn Mathematics with the use of children's stories in Early Childhood Education. The teachers elaborated and implemented three (three) proposals of pedagogical action with the open and closed (Geometry) conceptions, large and small (Quantities and Measures), and much and little (Aritmetics), enabling children to learn Mathematics in various situations: opening and closing a toy, measuring a family person and observing the amount of seeds of a fruit. Due to the pandemic context, the children's productions – drawings and videos – were sent to teachers via WhatsApp. In the final interview, the teachers revealed that the didactic use of Children's Literature in Mathematics Education of very young children is very important, because communication with children is enriched through different languages: musical, pictorial and play.

**Keywords:** early childhood education; children's literature; mathematics education; children's languages; very small children.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 – Contação de história .....	44
Fotografia 02 – Capa do portfólio .....	88
Fotografia 03 – Contracapa do portfólio .....	88
Fotografia 04 – Introdução do documento .....	89
Fotografia 05 – Criança interagindo com adulto .....	89
Fotografia 06 – Expressão de criança e mãe após leitura de história .....	89
Fotografia 07 – Decoração do ambiente da sala de Educação Infantil .....	92
Fotografia 08 – Entrada da Brinquedoteca .....	117
Fotografia 09 – Vista Geral da Brinquedoteca .....	118
Fotografia 10 – Armário com livros de Literatura Infantil .....	118
Fotografia 11 – Espaço de Jogos Simbólico e TV .....	118
Fotografia 12 – Ateliê .....	119
Fotografia 13 – Desenho da P2 .....	138
Fotografia 14 – Desenho da P1 .....	139
Fotografia 15 – P2 realizando contação de história .....	148
Fotografia 16 – Desenho da história feito por Piu-piu .....	148
Fotografia 17 – Desenho da história feito por Zazu .....	149
Fotografia 18 – Desenho da história feito por Sabidão .....	149
Fotografia 19 – Desenho da história feito por Papa-léguas .....	150
Fotografia 20 – Desenho da história feito por Ilego .....	150
Fotografia 21 – Janelinha colorida feita de papelão e EVA .....	151
Fotografia 22 – Jade criando o diálogo entre o pavão e o boneco .....	153
Fotografia 23 – Sabidão brincando com o pavão enfeitado por ele .....	154
Fotografia 24 – Piu-piu abrindo e fechando o pavão .....	155
Fotografia 25 – Blue mostrando seu pavão enfeitado .....	155
Fotografia 26 – Elementos da história feitos em EVA .....	159
Fotografia 27 – Piu-piu realizando a atividade de encher o recipiente .....	160
Fotografia 28 – Sabidão realizando a atividade de encher o recipiente .....	161
Fotografia 29 – Pica-pau realizando a atividade de encher o recipiente .....	162

Fotografia 30 – Jade realizando a atividade de encher o recipiente .....	163
Fotografia 31 – Ilego realizando a atividade de encher o recipiente .....	164
Fotografia 32 – Blue realizando a atividade de encher o recipiente .....	164
Fotografia 33 – Representação de grande e pequeno feito por Sabidão .....	166
Fotografia 34 – Representação de grande e pequeno feito por Ilego .....	166
Fotografia 35 – Representação de grande e pequeno feito por Jade .....	167
Fotografia 36 – Representação de grande e pequeno feito por Piu-Piu .....	167
Fotografia 37 – Sabidão realizando a pintura do jogo educativo .....	170
Fotografia 38 – Pica-pau realizando a colagem do jogo educativo .....	171
Fotografia 39 – Blue realizando a colagem do jogo educativo .....	171
Fotografia 40 – Brinquedos separados por Jade .....	173
Fotografia 41 – Brinquedos separados por Blue .....	174
Fotografia 42 – Brinquedos separados por Piu-piu .....	175
Fotografia 43 – Fruta preferida de Ilego .....	176
Fotografia 44 – Desenho de Papa-léguas de suas frutas preferidas .....	176
Fotografia 45 – Frutas escolhidas por Piu-piu .....	177
Fotografia 46 – Desenho da história feito por Jade .....	179
Fotografia 47 – Desenho da história feito por Ilego .....	179
Fotografia 48 – Desenho da história feito por Piu-piu .....	180
Fotografia 49 – Desenho da história feito por Pica-Pau .....	180
Fotografia 50 – Desenho da história feito por Garibaldi .....	181
Fotografia 51 – Desenho da história feito por Sabidão .....	181
Fotografia 52 – Desenho da história feito por Blue .....	182
Fotografia 53 – Desenho da história feito por Zazu .....	182
Fotografia 54 – Desenho da história feito por Keven .....	183

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Primeiro dia na escola: o encontro... ..	78
Imagem 02 – Jogo educativo com os ursos .....	169

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Benefícios da Educação Infantil para as crianças .....	62
Quadro 02 – Exemplo de Organização do Tempo e Atividades Escolares .....	80
Quadro 03 – Noções matemáticas para serem trabalhadas a partir da Educação Infantil	101
Quadro 04 – Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento referentes a “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” .....	106
Quadro 05 – Pesquisas Acadêmicas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD .....	108
Quadro 06 – Trabalhos selecionados para leitura completa .....	108
Quadro 07 – Dados das professoras participantes da pesquisa .....	119
Quadro 08 – Identificação Fictícia das crianças participantes da pesquisa .....	121
Quadro 09 – Carga horária das atividades da pesquisa .....	122
Quadro 10 – Cronograma dos encontros formativos .....	136
Quadro 11 – Noções matemáticas programadas para o mês de maio .....	146
Quadro 12 – Livros encontrados referentes às noções matemáticas .....	147
Quadro 13 – Noções matemáticas programadas para o mês de junho .....	158



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Antes de Cristo
ACIEPE	Atividade Curricular de Ensino Pesquisa e Extensão
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum curricular
CCV	Coordenadoria de Concursos.
CE	Estado do Ceará
CEI	Centro de Educação Infantil
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
E= MC2	Educar é Igual a Motivar o Conhecimento Criativo
EVA	Etileno Acetato de Vinila
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEDUM	Laboratório de Educação Matemática
OCPC	Orientações Curriculares Prioritárias do Ceará
PAIC	Programa Alfabetização na Idade Certa
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TNT	Tecido Não Tecido
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
USP	Universidade de São Paulo
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>2</b>	<b>“SÓ SE VÊ BEM COM O CORAÇÃO, O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS”</b> .....	23
<b>2.1</b>	<b>A saída do seio familiar ainda na infância</b> .....	26
<b>2.2</b>	<b>A escola como um lugar de libertação</b> .....	29
<b>2.3</b>	<b>A mudança para Fortaleza</b> .....	37
<b>2.4</b>	<b>O curso de Pedagogia na UFC</b> .....	39
<b>2.5</b>	<b>Os encantos e desencantos da docência</b> .....	45
<b>2.6</b>	<b>O Mestrado em Educação na UFC</b> .....	49
<b>3</b>	<b>“NÃO É O QUE O MUNDO RESERVA PARA VOCÊ, MAS O QUE VOCÊ TRAZ PARA O MUNDO”</b> .....	52
<b>3.1</b>	<b>Infância: desde quando ela existe?</b> .....	53
<b>3.2</b>	<b>Seja bem vinda ao mundo!</b> .....	55
<b>3.3</b>	<b>A construção da Educação Infantil como direito da criança</b> .....	58
<b>3.4</b>	<b>Como a criança aprende?</b> .....	63
<b>3.5</b>	<b>Contribuições da BNCC para a Educação Infantil</b> .....	68
<b>4</b>	<b>“SÓ PODEMOS ALCANÇAR O IMPOSSÍVEL SE ACREDITARMOS QUE É POSSÍVEL”</b> .....	75
<b>4.1</b>	<b>As crianças na Educação Infantil</b> .....	75
<b>4.1.1</b>	<b><i>Documentação pedagógica</i></b> .....	84
<b>4.1.2</b>	<b><i>A transformação dos espaços em ambientes</i></b> .....	91
<b>4.2</b>	<b>Educação Matemática na Educação Infantil e desenvolvimento do ser holístico</b> .....	96
<b>4.3</b>	<b>“Era uma vez, uma linda história, uma linda história era uma vez”: a literatura na Educação Infantil</b> .....	102
<b>4.3.1</b>	<b><i>A literatura infantil nas aulas de Matemática na Educação Infantil</i></b> .....	105
<b>4.4</b>	<b>Revisão de Literatura</b> .....	108
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	116
<b>5.1</b>	<b>Tipo de pesquisa</b> .....	116
<b>5.2</b>	<b>Local e sujeitos</b> .....	116
<b>5.3</b>	<b>Instrumentos e técnicas da pesquisa</b> .....	121
<b>5.4</b>	<b>Fases da pesquisa</b> .....	122
<b>5.5</b>	<b>Análise dos dados</b> .....	124

<b>6</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	125
<b>6.1</b>	<b>Entrevista inicial</b>	125
<b>6.2</b>	<b>Formação continuada</b>	135
<b>6.2.1</b>	<i>Encontro Formativo I</i>	136
<b>6.2.2</b>	<i>Encontro Formativo II</i>	140
<b>6.2.3</b>	<i>Encontro Formativo III</i>	144
<b>6.2.4</b>	<i>Encontro Formativo IV</i>	145
<b>6.3</b>	<b>Atuações Pedagógicas</b>	146
<b>6.3.1</b>	<i>Primeira Atuação Pedagógica</i>	147
<b>6.3.2</b>	<i>Segunda Atuação Pedagógica</i>	158
<b>6.3.3</b>	<i>Terceira Atuação Pedagógica</i>	172
<b>6.4</b>	<b>Entrevista final</b>	184
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	189
	<b>REFERÊNCIAS</b>	193
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE PARA AS PROFESSORAS</b>	198
	<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE PARA OS RESPONSÁVEIS DAS CRIANÇAS</b>	200
	<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA INICIAL</b>	202
	<b>APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA INICIAL COM P1</b>	204
	<b>APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA INICIAL COM P2</b>	209
	<b>APÊNDICE F – FICHA DE DEBULHAMENTO DE TEXTO</b>	214
	<b>APÊNDICE G – PROPOSTA DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA – 1ª SEMANA</b>	216
	<b>APÊNDICE H – PROPOSTA DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA – 2ª SEMANA</b>	222
	<b>APÊNDICE I – PROPOSTA DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA – 3ª SEMANA</b>	228
	<b>APÊNDICE J – ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA FINAL</b>	233
	<b>APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL COM P1</b>	234
	<b>APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL COM P2</b>	237

## 1 INTRODUÇÃO

“Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso.”  
(SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 03).

Início a escrita deste trabalho com essa frase retirada do livro de literatura infantil que mais me encantou ao longo desses 29 anos. Em *O Pequeno príncipe*, há sempre um chamado a buscarmos a criança que existe dentro de nós, resgatando os folguedos, os encantos e a magia de ter uma vida regada por despreocupação.

Por mais que a rotina de uma vida adulta seja cheia de compromissos, há sempre tempo de pararmos e resgatarmos a criança que existe dentro de nós e a convidarmos para se aventurar. Com que frequência temos feito isso? A correria da vida social muitas vezes nos faz esquecer que, dentro de nós, há alguém que precisa ser cuidado, amado, algumas vezes consolado, mas essa atenção precisa ser constante.

Sei que pode parecer constrangedor pensar que existe uma criança dentro de um corpo adulto, quando existiu um tempo que nem mesmo as crianças eram vistas como tais, porém novos tempos surgiram e, com eles, o resgate da infância e, por conseguinte, o convite a resgatar nossa criança interior.

A Constituição Federal de 1988 – CF/88 (BRASIL, 1988) estabeleceu, no art. 208, inciso IV, ser dever do Estado e da família o atendimento gratuito das crianças, de zero a seis anos de idade, em creches e pré-escolas. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN/96 (BRASIL, 1996) instituiu, no art. 29, que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica.

É inquestionável a grande contribuição que tais avanços trouxeram para o desenvolvimento de crianças bem pequenas e pequenas, pois o atendimento delas em creches e pré-escolas possibilita-lhes a valorização enquanto sujeitos históricos e sociais, tendo direito à Educação em sua totalidade e de forma qualitativa.

Nesse cenário, o educar e o cuidar são práticas indissociáveis, as quais precisam fazer parte da Educação das crianças. Pensar o que as crianças precisam aprender e como elas aprendem nessa etapa educacional são práticas bastante pertinentes, tendo em vista que os objetivos da Educação Infantil são diferentes dos objetivos das demais etapas educacionais.

Com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), estabeleceram-se, tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as

competências gerais da Educação Básica, estabeleceram-se seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se), os quais objetivam que as crianças possam aprender em situações variadas e tendo um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem provocadas.

Aprender com o corpo, com os sentidos, com as expressões e não só com a dimensão cognitiva! Nesse sentido, a criança vai ganhando a oportunidade de ser o centro do planejamento educativo e pode se desenvolver integralmente, utilizando variadas linguagens.

Os eixos norteadores das práticas educativas nessa etapa da Educação são as interações e as brincadeiras, possibilitando que as crianças aprendam em situações nas quais seu papel ativo é valorizado. É possível perceber ainda a evolução na concepção que se tem de criança, com a implementação da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. Nesse cenário, a criança, que foi secularmente percebida como ser inativo, ganha uma visão de sujeito, que aprende na interação com o outro e com o meio, sendo necessárias mudanças nas práticas educacionais.

Nesse novo cenário, o ensino e a aprendizagem da Matemática na Educação Infantil também ganha novas possibilidades. Não faz mais sentido ensiná-la de maneira descontextualizada: cobrir pontilhados, escrever várias vezes numerais, recitar a sequência numérica... Essas práticas, além de não contribuírem para a aprendizagem da Matemática, costumam ocasionar uma aversão dos estudantes dessa disciplina nas demais etapas educacionais.

Barguil (2016, p. 195), ao tratar sobre a Educação Matemática, destaca cinco motivos que geram o seu fracasso:

- i) falta de compreensão docente dos conceitos matemáticos;
- ii) desconhecimento da História da Matemática, do desenvolvimento dos seus conceitos e da sua aplicabilidade no cotidiano;
- iii) inadequação das metodologias, que privilegiam a fala do professor e a escuta do estudante;
- iv) pouca (ou nenhuma) utilização de recursos didáticos ou momento limitado à dimensão mecânica; e
- v) entendimento docente incipiente sobre a composição humana e as complexas dimensões – motora, afetiva e racional – envolvidas na aprendizagem, que se expressa no distanciamento entre docente e discente.

Barguil (2020a), por sua vez, postula que há interação das crianças com a matemática desde o seu nascimento em situações relacionadas a números, quantidades, espaço e medidas. Nesse sentido, esse autor defende que, na Educação Infantil, a criança precisa ter a oportunidade de: i) expor as suas ideias e escutar as dos outros; ii) elaborar procedimentos de resolução de problemas e comunicá-los; iii) confrontar, argumentar e validar sua percepção; e iv) antecipar

resultados de experiências não realizadas. A defesa do autor está no fato de que uma vez que tais práticas acontecem há ampliação do conhecimento das crianças.

Ao mesmo tempo em que Barguil (2020a) sinaliza a importância dessas vivências na Educação de crianças bem pequenas e pequenas, ele alerta para que o professorado evite a proposição de atividades que não instiguem a curiosidade das crianças e que levam à repetição e memorização sem construção de sentido. Fundamental, portanto, que o professor possibilite vivências, nas quais as crianças tenham a oportunidade de se expressarem, questionarem e levantarem hipóteses sobre situações matemáticas do cotidiano.

Nesse contexto, é imprescindível que o(a) docente planeje atividades para que as crianças utilizem suas variadas linguagens expressivas – dança, música, pintura... – e recursos que favoreçam o seu processo de construção do conhecimento (brinquedos, músicas, jogos). Também merece destaque o incentivo e o acompanhamento das interações das crianças, para que o(a) profissional possa avaliar a adequação das suas opções e, se for o caso, modificá-las.

Na Educação Infantil, o envolvimento por meio do encantamento possibilita a conquista das crianças e conseqüentemente torna a aprendizagem mais prazerosa. Algo que sempre deixa as crianças fascinadas são as contações de histórias da Literatura Infantil. De modo geral, as crianças se aventuram e se sentem convidadas a viajarem no mundo da fantasia.

Penso que a junção da Educação Matemática, que investiga a aprendizagem e o ensino da Matemática, com a Literatura Infantil na Educação Infantil pode gerar aprendizagens significativas das crianças bem pequenas, uma vez que a Literatura contribui para desmistificar a crença de que a Matemática é uma disciplina difícil, promovendo aventuras literárias e instigando-as a resolver desafios, intervir, opinar e antecipar resoluções (SMOLE; ROCHA; CÂNDIDO; STANCANELLI, 2007).

Tal ideia começou a me acompanhar quando do Estágio da Educação Infantil enquanto graduanda de Pedagogia. No início da vida docente com crianças bem pequenas<sup>1</sup>, percebi que as abordagens matemáticas com esses sujeitos aconteciam de maneira não atrativa, o que de modo geral ocasionava fadiga e dispersão das crianças. No entanto as contações de histórias bem como a leitura de livros de literatura infantil traziam bastante envolvimento das crianças. Muitas delas ficavam eufóricas ao ouvir a expressão “Era uma vez”.

---

<sup>1</sup> A BNCC reconhece que os grupos etários da Educação Infantil possuem especificidades diferentes, motivo pelo qual organizou três grupos diferentes: i) bebês – os sujeitos cuja idade está entre zero e 1 ano e 6 meses; ii) crianças bem pequenas – os sujeitos cuja idade está entre 1 ano e 7 meses e 3 anos e 11 meses; e iii) crianças pequenas – os sujeitos de idade entre 4 anos e 5 anos e 11 meses. (BRASIL, 2018, p. 44).

O que eu percebia era que, como um passe de mágica, toda a atenção era direcionada a professora. Havia brilho no olhar, gritos nos momentos de clímax e risos nos momentos de diversão. As professoras conseguiam alcançar os objetivos traçados durante a elaboração do planejamento. Contudo, ao se tratar de práticas relacionadas à Matemática, a diversão não era tão garantida.

Ainda graduanda de Pedagogia, durante a disciplina optativa Educação Matemática na Educação Infantil, tendo contato com os livros de literatura infantil que abordavam Matemática, foi possível perceber a possibilidade de unir a Educação Matemática com a Literatura infantil.

Após a leitura de cada livro, preenchemos uma Ficha referente a cada livro com as seguintes informações: título, ano, autor, ilustrador, a idade destinada, o conteúdo matemático que poderia ser trabalhado e sugestão de músicas e brincadeiras. Essa atividade ampliou minha visão sobre a contribuição pedagógica dos livros de Literatura Infantil, pois percebi que, além do deleite, era possível tornar a aprendizagem das crianças mais prazerosa.

Considerando esses relatos, apresento as seguintes indagações: “É possível unir o encantamento da Literatura Infantil com a aprendizagem de noções matemáticas com crianças bem pequenas?”, “Quais são as contribuições do uso didático da Literatura Infantil nas atividades envolvendo Matemática?”.

O objetivo geral deste trabalho é assim descrito: Analisar as contribuições da Literatura Infantil para a aprendizagem matemática de crianças bem pequenas.

Os objetivos específicos são:

- i) Analisar os saberes docentes de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação da Literatura Infantil com a Educação Matemática;
- ii) Avaliar o planejamento e a implementação de propostas de atuação pedagógica que relacionam conteúdo matemático e Literatura Infantil em uma turma de crianças bem pequenas visando ao desenvolvimento integral delas; e
- iii) Caracterizar as aprendizagens de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação entre Literatura Infantil e Educação Matemática.

A escrita desse trabalho está dividida em 7 (sete) capítulos. O primeiro é esta Introdução.

No segundo capítulo, há uma breve descrição da minha vida, minhas experiências de vida pessoal e acadêmica, as quais ocasionaram o meu direcionamento para a docência, bem como para o estudo da Educação Matemática na Educação de crianças bem pequenas.

O terceiro capítulo discorre sobre a evolução da concepção de crianças ao longo dos anos, a conquista da Educação Infantil como direito da criança. E as contribuições que a Base Nacional Comum Curricular trouxe para a Educação Infantil.

O quarto capítulo centraliza as discussões na Educação Infantil, as múltiplas linguagens da criança, a importância dos registros na Educação Infantil, bem como a importância da documentação pedagógica no processo de construção das experiências discentes. Nesse capítulo apresentam-se ainda as contribuições do uso da Literatura Infantil para a aprendizagem matemática de crianças bem pequenas.

No quinto capítulo, descrevo a metodologia do estudo, apontando o percurso de desenvolvimento das etapas da pesquisa. Os sujeitos e o local de sua realização, possibilitando a organização e o planejamento para análise dos dados coletados.

No sexto capítulo, apresento e analiso os dados colhidos durante a pesquisa.

As Considerações Finais compõem o sétimo capítulo, quando elenco os pontos essenciais revelados nesta investigação.



**2 “SÓ SE VÊ BEM COM O CORAÇÃO, O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS”**

Se

Bráulio Bessa

E se ninguém me der força  
E se ninguém confiar  
E se eu for invisível  
E se ninguém me enxergar  
E se eu perder a fé  
E se e voltar a cair  
Se a lágrima escorrer  
Se, por medo de sofrer  
Eu pensar em desistir.

E se quando eu cair  
Ninguém me estender a mão.  
E se quando eu me perder,  
sem rumo, sem direção,  
Se eu não achar o caminho  
Se eu tiver sozinho  
no labirinto da vida.  
E se tudo for escuro  
Se eu não vir um futuro  
na estrada a ser seguida.

E se esse tal futuro  
for pior que o presente  
E se for melhor parar  
do que caminhar pra frente  
E se o amor for dor  
E se todo sonhador  
não passar de um pobre louco  
E se eu desanimar,  
Se eu parar de sonhar  
queda a queda, pouco a pouco.

E se quem eu mais confio  
me ferir, me magoar  
E se a ferida for grande  
E se não cicatrizar  
Se na hora da batalha  
minha coragem for falha  
Se faltar sabedoria  
Se a derrota chegar  
E se ninguém me abraçar  
na hora da agonia.

E se for tarde demais  
E se o tempo passar  
E se o relógio da vida  
do nada se adiantar  
e se eu avistar o fim  
chegando perto de mim,  
impiedoso e veloz,  
sem poder retroceder,  
me fazendo perceber  
que o SE foi meu algoz.

E se eu pudesse voltar...  
Se o SE fosse diferente  
Se eu dissesse pra mim mesmo:  
Se renove, siga em frente.  
Se arrisque, se prepare  
E se cair jamais pare  
Se levante, se refaça,  
Se entenda, se reconheça  
E, se chorar, agradeça  
Cada vez que achou graça.

Se desfaça da preguiça.  
do medo, da covardia  
se encante pela chance  
de viver um novo dia  
Se ame e seja amor  
Se apaixone, por favor,  
Se queira e queira bem,  
Se pegue, se desapegue  
Se agite, desassossegue  
E se acalme também.

Se olhe, se valorize  
E se permita errar  
Se dê de presente a chance  
de pelo menos tentar  
Se o SE for bem usado,  
o impossível sonhado  
pode se realizar.

(BESSA, 2018, p. 26-28).

Nada na vida acontece por acaso, assim como todas as pessoas que cruzam os nossos caminhos também não o fazem em vão. Todos os dias essas verdades ecoam em minha mente. Desde que iniciei o curso de Mestrado em Educação, tive interesse em que um dos capítulos da Dissertação fosse dedicado a uma autobiografia, tendo em vista que o que fazemos e pensamos está relacionado com o que somos, o que o tempo fez conosco e o que está nas nossas memórias.

Tais pensamentos são reflexões que me surgem com os estudos das pesquisas autobiográficas centrados nas histórias de vida, as quais têm se mostrado crescente no campo da Educação, em especial as que são voltadas para a formação inicial e continuada de professores.

Pesquisadores como Josso (2007) e Nóvoa (2010, 2014) têm investigado esta temática, indicando a relevância da pesquisa qualitativa, na sua modalidade história de vida, e destacando as aspectos teóricos e metodológicos e as suas peculiares contribuições na formação de professores.

Josso (2007, p. 414) afirma que

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las coma evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação.

No entendimento de Nóvoa (2010), as histórias de vida possibilitam cada pessoa ser ator de seu processo formativo, apoderando-se da trajetória e refletindo sobre ela. Nóvoa (2014) defende que o poder educativo da formação está no interagir da lógica do sujeito aprendente que se forma.

Tal ação acontece por meio das experiências vividas, bem como os contextos e as experiências com as quais se relaciona. Olhar para o professor e pensar porque ele exerce sua profissão de determinada maneira é pensar sobre sua história de vida. Existe, portanto, uma indissociabilidade entre o eu pessoal e o eu profissional, que só pode ser compreendida por meio da sua história.

Apesar de esta pesquisa não estar diretamente relacionada à história de vida, acho importante que você conheça um pouco da minha trajetória, minhas experiências e compreenda alguns dos passos que me levaram à docência e à temática abordada nesta Dissertação. Ademais, é bastante frequente, notadamente nas Ciências do Humano, a história de vida do(a) pesquisador(a) estar interligada com o assunto que ele(a) investiga.

A inspiração para a escrita deste capítulo aconteceu em janeiro de 2020, quando ganhei de uma amiga o livro *Poesia que Transforma*, de Bráulio Bessa (BESSA, 2018). Ela sabia do meu amor por este poeta cearense e do quanto eu adorava recitações de seus poemas, pois ele trata com muita defesa e amor a cultura nordestina, tocando cada ser humano de forma única.

O livro retrata muito quem eu sou, de onde eu vim e para onde desejo ir, tanto em termos pessoais quanto profissionais. Após a leitura atenta da obra, iniciei a escrita deste capítulo, o qual está assim dividido:

- 2.1 A saída do seio familiar ainda na infância**, relato um momento significativo da minha vida, quando, ainda criança, saí da casa dos meus pais para morar com outra família. Tal experiência trouxe transformações dentro de mim que contribuíram para os pensamentos que tenho hoje sobre infância, família e acolhimento, motivo pelo qual, não poderia deixar de relatar neste trabalho, o qual em alguns momentos cumpre o objetivo de retratar a criança e a infância;
- 2.2 A escola como um lugar de libertação**, descrevo a contribuição da escola na minha vida pessoal e profissional, bem como a influência de algumas professoras na minha paixão por literatura infantil;
- 2.3 A mudança para Fortaleza**, abordo a adolescência, a mudança do interior para a capital, a possibilidade da realização de novos sonhos;
- 2.4 O curso de Pedagogia na UFC**, apresento a conquista da aprovação em um curso de Educação Superior e a “abertura de portas” que essa formação tem possibilitado;
- 2.5 Os encantos e desencantos da docência**, relato outros sonhos com a profissão docente e trata da minha trajetória como professora de Educação Infantil, a visão de infância e de criança, bem como as mudanças pessoais que essa profissão me tem possibilitado; e
- 2.6 O Mestrado em Educação na UFC**, apresento as motivações que me levaram a cursar o Mestrado em Educação.

## **2.1 A saída do seio familiar ainda na infância**

Fome

Bráulio Bessa

Eu procurei entender  
qual a receita da fome,  
quais são seus ingredientes,  
a origem do seu nome.

Entender também por que  
falta tanto o "de comê",  
se todo mundo é igual,  
chega a dar um calafrio  
saber que o prato vazio  
é o prato principal.

Do que é que a fome é feita  
se não tem gosto nem cor  
não cheira nem fede a nada  
e o nada é seu sabor.  
Qual o endereço dela,  
se ela tá lá na favela  
ou nas brenhas do sertão?  
É companheira da morte  
mesmo assim não é mais forte  
Que um pedaço de pão.

Que rainha estranha é essa  
que só reina na miséria,  
que entra em milhões de lares  
sem sorrir, com cara séria,  
que provoca dor e medo  
e sem encostar um dedo  
causa em nós tantas feridas.  
A maior ladra do mundo  
que nesse exato segundo  
roubou mais algumas vidas.

Continuei sem saber  
do que é que a fome é feita,  
mas vi que a desigualdade  
deixa ela satisfeita.  
Foi daí que eu percebi:  
por isso que eu não a vi  
olhei pro lugar errado  
ela tá em outro canto  
entendi que a dor e o pranto  
eram só seu resultado.

Achei seus ingredientes  
na origem da receita,  
no egoísmo do homem,  
na partilha que é malfeita.  
E mexendo um caldeirão  
eu vi a corrupção  
cozinhando a tal fome,  
temperando com vaidade,  
misturando com maldade  
pro pobre que lhe consome.

Acrescentou na receita  
notas superfaturadas,  
um quilo de desemprego,  
trinta verbas desviadas,  
rebolou no caldeirão  
vinte gramas de inflação  
e trinta escolas fechadas.

(BESSA, 2018, p. 54-55).

Este poema retrata uma das épocas mais difíceis da minha vida, a infância: trago sentimentos muitos doloridos da época, eles são decorrentes da perversa fome, que ainda hoje acompanha milhões de brasileiros.

Sou a terceira filha de uma família composta por sete irmãos. Todos criados com muito sacrifício por um casal de agricultores, que, no sonho de construir uma bela história, enfrentou muitas barreiras sociais. Meu pai sempre viveu da roça, é um homem bastante corajoso, sempre adorou plantar, como todo nordestino a época favorita do ano é o inverno.

Nem sempre as condições financeiras de um agricultor que carrega sete filhos são suficientes para lhes proporcionarem uma boa qualidade de vida, no caso da minha infância, muitas vezes não conseguimos obter nem mesmo o básico, lembro que muitas vezes dormíamos com fome, por não termos comida.

Considero que sempre fui uma criança precoce no que se refere a compreender a dor e o sofrimento alheio. Quando via a minha mãe chorando por não ter como alimentar a mim e a meus irmãos, me sentia imensamente responsável em ajudá-la a resolver aquela situação. Foi então que apareceu uma oportunidade de ajudar a minha família. A cunhada do meu pai estava precisando de alguém para fazer companhia à mãe dela, a qual já tinha uma idade avançada. Convidou-me para realizar essa função. Aceitei de imediato!

Na época, eu estava com 6 anos, mas com um pensamento à frente da minha idade. Pensei que eu saindo de casa para morar com outras pessoas, iria diminuir a quantidade de crianças com as quais meus pais iriam se preocupar, e, ainda, quando eles fossem me visitar, poderiam comer na casa da senhora a qual eu iria fazer companhia. Com muita insistência, minha e da minha tia, a minha mãe permitiu que eu fosse.

Foram dois anos vivendo nesse novo lar. Todas as segundas era dia de feira- livre na cidade e meus pais saíam do sítio onde moravam para ver o movimento e aproveitavam para me visitar. A segunda-feira era o dia mais feliz da minha vida, pois, além de dar um abraço e pedir a benção, eu podia vê-los se alimentando, o que trazia paz ao meu coração.

Naquela casa, além de comida, eu tinha acesso a roupas novas e joias, além de andar sempre limpa e cheirosa, mas, apesar disso, eu era solitária. Não tinha com quem brincar e vivia esperando ansiosa o dia que meu pai iria dizer: “Filha, já tenho dinheiro para comprar comida e você não precisa ficar aqui.”. Isto demorou para acontecer, dois anos para ser precisa! Durante esse tempo, fui conhecendo o que é a saudade, abandono e medos.

Fazendo uma reflexão daquele período da minha vida, considero que, por mais difícil que seja a situação financeira de uma família, nenhuma criança deveria se ausentar do seu seio familiar, do amor de seus pais. É nesta base que nos constituímos, nos fortalecemos e nos tornamos pessoas com emocional mais estruturado.

Nesta fase da minha vida, eu me sentia muito insegura e não conseguia expressar meus sentimentos e minhas opiniões. Eu aceitava todas as situações, por mais dolorosas que fossem. Minha vida se resumia a medos: medo de dizer não e ser punida, medo de errar e apanhar. Medo, medo, medo... Este foi o maior sentimento que me acompanhou durante estes dois anos.

Esta experiência fez surgir outros medos que me acompanham até hoje. Existe em mim uma criança ferida: por ter sido muito punida e não ter encontrado o acolhimento quando precisava, ainda tenho sequelas emocionais as quais, de quando em vez, aparecem.

Assim como a maioria das crianças, eu tinha um amigo imaginário: com ele eu desabafava e falava da saudade que sentia dos meus pais, bem como do desejo que um dia eles viessem me levar embora. Durante esse tempo, um local que me fazia bem era a escola: nela eu me sentia liberta, era o espaço mais bonito, colorido e feliz, eu amava ir à escola!

## 2.2 A escola como um lugar de libertação

Heróis da vida real

Bráulio Bessa

Eu acredito em heróis  
de carne, osso e suor.  
Heróis que acertam e erram,  
heróis de uma vida só,  
heróis de alma e de corpo  
que um dia vão virar pó.

Os verdadeiros heróis  
vivem histórias reais,  
não são estrelas famosas,  
não estampam os jornais,  
são como eu e você,  
seres humanos mortais.

É aquele professor,  
que ensina o aluno a ler.  
É alguém que mata a fome  
de quem não pode comer.  
Herói é quem faz o bem  
Sem nenhum superpoder.

É aquele que trabalha  
todo dia honestamente,  
o agricultor no campo  
debaixo de um sol quente,  
o médico no consultório  
salvando seu paciente.

É um bom policial  
arriscando a própria vida  
para que a sociedade  
esteja bem protegida,  
um voluntário na guerra  
distante de sua terra  
cuidando de uma ferida.

É quando dá um bom conselho  
A quem tá desesperado,  
é quem indica um emprego  
pra qualquer desempregado,  
é quem simplesmente abraça  
quem tem que ser abraçado.

Herói é o diferente  
que luta por igualdade,  
é quem cobra os políticos  
respeito e honestidade,  
é quem enfrenta a mentira  
com o poder da verdade.

Não espere por medalhas,  
homenagens de ninguém.  
A consciência tranquila,  
de que você faz o bem,  
é muito mais valiosa  
que os aplausos de alguém.

Pra ser um super-herói  
não é preciso voar,  
tampouco ser imortal.  
Essa vida vai passar,  
e é cada gesto seu  
que vai lhe imortalizar.



Herói sou eu e você,  
 é essa gente do bem,  
 que peleja todo dia  
 para se salvar também.  
 Que entende que a união  
 talvez seja a solução  
 e que isso nos conforte.  
 Que esse povo unido  
 Consciente e destemido  
 é um herói bem mais forte.

(BESSA, 2018, p. 98-100).

Todas as escolas nas quais estudei estão marcadas por lembranças boas, em cada uma delas ficaram aprendizados que levarei por toda a vida. Aprendizado do tipo: “Quero ser uma professora tão boa quanto fulana”. Ou ainda: “Quero desenvolver práticas pedagógicas iguais as de sicrana”.

Considero que o melhor de estudar em uma escola do interior, como Pereiro-CE, está no fato de lá não existirem escolas particulares, todo e qualquer estudante frequenta a escola pública e nesse sentido dentro da instituição o filho do prefeito, por exemplo, estava tendo acesso ao mesmo conhecimento do filho do agricultor. Algo que me assustou muito quando passei a morar em Fortaleza, quando via inúmeras escolas competindo na Educação, e, principalmente, quando percebi que existiam as escolas dos ricos e as dos pobres. Em Pereiro, nunca vi isso, na escola todo mundo era igual!

A primeira instituição na qual estudei chama-se Escola Municipal Manoel Vicente de Moraes e fica localizada a um quarteirão da casa dos meus pais. Lá estudei de 1996 a 1999, durante esse tempo tive professoras que me fizeram sentir a criança mais feliz do mundo. Lembro-me com carinho da minha primeira professora, tia Corrinha.

Ela era uma pessoa maravilhosa, tratava todas as crianças de igual para igual. Com ela, a gente brincava, cantava, dançava e dava boas gargalhadas. Todas as suas aulas eram compostas por atividades lúdicas. Especificamente nas aulas de Matemática, mesmo com os poucos recursos que a escola dispunha, ela sempre dava um jeito de tornar as atividades divertidas.

Nossas aulas de Matemática às vezes eram realizadas em campo, digo campo de forma literal. Pois, nas aulas de Matemática ela nos levava para um campo de futebol que havia a alguns metros da escola e realizava as atividades ao ar livre. Lembro-me que próximo do campo havia um pé de timbaúba.

Durante as aulas, íamos ao campo para colher os frutos dessa planta. Com o auxílio de uma pedra, quebrávamos os frutos cuja casca é bastante dura, ao quebrarmos tirávamos de dentro as sementes. Depois de quebrar vários, conseguimos encher uma garrafa pet de um litro e voltávamos para a escola.

Nas aulas seguintes, a professora nos dividia em grupos de três integrantes e cada grupo ficava com uma quantidade de sementes. No grupo, uma criança deveria separar uma quantidade de sementes em um local da sala e outra deveria contar quantas sementes havia. O resultado era escrito por uma terceira criança em um papel madeira que estava exposto no quadro. Esse tipo de atividade era muito significativo, pois estávamos trabalhando com material concreto, o que possibilitava melhor compreensão. Além disso, as sementes, por terem sido colhidas por nós, davam mais animação nesse processo de descoberta dos números.

Considero que tia Corrinha foi a minha melhor professora da Educação Infantil, foi ela que realizou o meu sonho de ter uma boneca. Toda vez que lembro esse fato as lágrimas transbordam em meu rosto. Sempre sonhei em ter uma boneca, porém se os meus pais não dispunham nem mesmo de dinheiro suficiente para comprar alimentação, imagine para comprar luxo: brinquedo naquele tempo e na situação em que vivíamos era considerado luxo.

Eu e minhas irmãs sempre brincávamos com tijolos, fazíamos de conta que eram nossas bonecas, mas o meu sonho mesmo era possuir uma boneca, que eu pudesse banhar, trocar roupinhas, pentear o cabelo... No final do ano, tia Corrinha fez em sua casa uma festa de despedida para seus alunos, foi a festa mais linda que eu já participei. Árvore de Natal, Papai Noel e brinquedos, muitos brinquedos faziam parte da decoração.

Neste dia, ela me presenteou com minha tão sonhada boneca. Minha linda e amada Cibelly, foi um dia emocionante aquele! Esta lembrança da humildade e da generosidade daquela professora carrego comigo até hoje em minhas práticas docentes. Ela me fez perceber que o sentido da Educação de crianças pequenas se constrói por meio de práticas acolhedoras e amorosas. Tia Corrinha, sem dúvida, foi uma grande “heroína da vida real”, quando assumiu o papel de minha professora!

A segunda instituição que estudei, de 2000 a 2005, denomina-se Escola de Ensino Fundamental Francisco Telsângenes Diógenes, que ofertava da 1ª a 8ª série<sup>2</sup>. A escola recebe esse nome em homenagem a um integrante da família Diógenes, família muito famosa de

---

<sup>2</sup> Conforme a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, o Ensino de 1º Grau tinha a duração, conforme o art. 18, de 8 (oito) anos. A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no art. 32, instituiu o Ensino Fundamental com duração mínima de 8 (oito) anos. A Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, alterou a duração do Ensino Fundamental para 9 (nove) anos, sendo o 1º ano equivalente à Alfabetização, que era ministrada na Educação Infantil.

Pereiro, pois na época eram donos de escravos. Apesar de hoje a cidade ter outras fontes econômicas, a família Diógenes ainda é citada e lembrada com bastante respeito. Nesta escola, estudei da quarta a oitava série do Ensino Fundamental.

Foi nessa escola que conheci a tia Érica, uma professora que teve importante contribuição na minha vida escolar, tanto no que se refere ao despertar em mim o gosto pela Matemática quanto pela literatura infantil. Ela que me ensinou as operações matemáticas. Mesmo trabalhando com abordagem tradicional, o que possibilitava o aprendizado dos estudantes era a sua forma carismática e a humildade em ensinar.

Todos os alunos gostavam da tia Érica, ela era uma professora que sabia ganhar o carisma das crianças, contava histórias, fazia festinhas e não gritava com a gente. Essas atitudes possibilitavam o nosso aprendizado de forma harmoniosa.

Além de me fazer enxergar a Matemática com um olhar mais amoroso, tia Érica foi responsável por fazer apaixonar-me pela literatura infantil. Em todas as suas aulas, havia contação de história e o seu jeito mágico de contá-las me encantava profundamente.

Eu não tive contato com leitura em casa, como de modo geral as crianças têm. O meu pai estudou muito pouco e a minha mãe nunca foi à escola, logo o ato da leitura não existia na casa deles. Porém o lema deles era sempre “Estudem pra serem alguém na vida e terem um emprego um dia!”.

Sempre que eu chegava da escola, deitava na cama da minha mãe com um livro qualquer e fingia estar lendo, passava horas folheando-o, fingindo ler. Anoitecia e eu ainda estava lá, deitada, folheando os livros, até que chegava um momento que eu deitava a cabeça no livro, fechava meus olhos e fingia estar dormindo porque adorava sentir o meu pai me pegando no colo para me levar até a minha cama, enquanto dizia numa voz angelical: “Essa vai ser gente, gosta de estudar.”. Quando comecei a ouvir as histórias infantis contadas por tia Erica, parei de fingir em casa que lia e comecei levar livros para ler de verdade.

Todas as histórias lidas ou contadas por ela me deixavam feliz e estimulavam o meu imaginário: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, o Gato de Botas e Alice no país das maravilhas.

Um fato marcante da época em que estudei nessa escola foi quando, na sétima série, minha turma foi incentivada a ler livros de literatura em casa. Essa ação realizada por outra professora, a tia Iranir, fazia parte de um projeto criado por ela, cujo objetivo pedagógico era a formação de leitores, pois a turma participaria no final do ano de uma prova intitulada Projeto Decolando, na qual os estudantes precisam ler e interpretar textos adequadamente.

Para isso escolhíamos todos os dias um livro para lermos em casa e fazermos resumo, no final do mês, esses resumos eram apresentados à professora e o estudante que tivesse lido mais livros no decorrer do mês ganhava um simbólico prêmio. Até o ano passado, guardava comigo um brinco verde que ganhei por ter lido uma quantidade significativa de literatura infantil.

Todas as histórias tinham seu encanto, porém uma das que lembro até hoje e que me traz saudades na alma e no coração é *Flicts*, escrita por Ziraldo. Essa história me tocou de forma profunda porque de algum modo me via nela, por se tratar da história de uma cor que não tinha espaço em canto algum. Até que um dia se descobriu na lua.

Tudo no mundo tem cor tudo no mundo é azul, cor-de-rosa ou furta-cor. É vermelho ou amarelo quase tudo tem seu tom. Violeta ou lilás, mas não existe no mundo nada que seja *flicts* nem a sua solidão. *Flicts* nunca teve par nunca teve um lugarzinho num espaço bicolor (e tricolor muito menos, pois três sempre foi demais). Não, não existe no mundo nada que seja *Flicts*. (ZIRALDO, 2009).

Muitas vezes na minha vida, enquanto estava longe dos meus pais, eu me via como essa cor, que não tinha espaço, era vazia e vivia triste, só depois que pude voltar para casa é que de alguma maneira me encontrei no meio do meu seio, com meus irmãos e meus pais, eu pude ser cor viva e me libertei da cor sem vida em que eu me encontrava. Isso aconteceu em 1997, quando o meu pai foi convidado pelo padre da cidade para trabalhar como ajudante de construção em uma obra que ele estava fazendo na cidade de Fortaleza.

Papai aceitou o convite e viajou, quando soube que meu pai havia partido a trabalho, pensei que já podia voltar para casa, pois minha estada lá não seria mais um problema. Conversei com minha mãe e ela me levou de volta para casa. Foram 5 meses que o meu pai passou nessa construção, e nesse período, no final de cada mês, ele mandava dinheiro para que a minha mãe pudesse fazer as compras.

O dia que o dinheiro do meu pai chegava era o mais feliz para mim e para meus irmãos, pois nesse dia minha mãe ia para cidade comprar a alimentação e ela sempre trazia algum mimo para nós, para mim ela trazia uma bonequinha comestível, feita de açúcar. O interessante de lembrar esse fato agora é que enquanto escrevo a lembrança do gosto daquela boneca faz minha boca encher de água!

Papai teve que voltar cinco meses depois por conta da morte de vovô, um fato surpresa, que deixou todo mundo impactado. Depois que papai foi para Pereiro, não teve mais como voltar ao trabalho em Fortaleza, pois já havia alguém lhe substituindo na obra.

No ano 2000, nasceu o meu irmão caçula. Lembro, que naquela época quando a mulher tinha um filho, recebia do governo um auxílio natalidade. Com a quantia recebida minha mãe

comprou a nossa primeira televisão, uma de 14 polegadas de imagem preto e branco. No dia em que ela chegou, meus olhos brilhavam!

Antes eu assistia os desenhos animados na casa da vizinha (cunhada de pai), porém algumas solicitações eram feitas: não podia sentar nas cadeiras dela e nem assistir muito tempo, quando o tempo estimado era atingido ela desligava sem pedir licença, mesmo que o desenho não tivesse acabado.

Quantas vezes eu fiquei sem saber se o Jerry havia conseguido fugir do Tom e como as trigêmeas conseguiram se livrar da bruxa Onilda! Quantas vezes fiquei sem saber como era o final da música de abertura do Dragon Ball Z, apesar de amar cantá-la. Só consegui aprender toda depois que a internet surgiu e eu pude baixar os vídeos pelo *Youtube*.

É uma música maravilhosa, que muito me emociona, pois me lembro daquela época, que, apesar de tão difícil, me permitia viver um mundo de imaginação:

Temos a Força (We Gotta Power)

Dragon Ball Z

Posso pressentir o perigo e o caos  
E ninguém agora vai me amedrontar  
Com a minha mente vou a mil lugares  
E a imaginação me dá forças para voar  
Sonhos, desejamos alcançar  
Ser alguém com o poder maior, que você já tem

Liberdade é correr pelo céu  
Sempre unidos, vamos triunfar  
E se a nossa luta é pra valer  
Vou mostrar meu valor  
Dragon Ball Z, meu compromisso é sempre vencer!

Liberdade, nova era vai chegar, energia tenho para usar

E com alegria de viver, ninguém vai me deter  
Dragon Ball Z, meu compromisso é sempre vencer!

Em relação ao desenho das trigêmeas, ele me ajudava a compreender a importância de se fazer o bem para as pessoas, todo episódio trazia essa moral no final. As três irmãs gêmeas Anna, Tereza e Helena tinham uma madrinha bruxa chamada Onilda. As meninas adoravam fazer travessuras e quando isso acontecia a madrinha jogava nelas um feitiço que as colocavam em alguma história da literatura infantil, tal como: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Os 3 Porquinhos, João e Maria.

O objetivo era que as trigêmeas conseguissem ajudar a resolver os conflitos que apareciam nas histórias de modo que ela tivesse um final feliz. Assim, o feitiço acabava e elas voltavam para casa até aprontarem novamente e serem mandada para outra história. A música de abertura me ajudava também na construção do conceito de número, uma vez que, ao cantar a música, as trigêmeas faziam gestos da apresentação numérica com os dedos, o que me ajudava a fazer a associação.

Conforme Lorenzato (2018, p. 32), este aprendizado é um processo longo e complexo, uma vez que esse não se define apenas por o reconhecimento de numerais, mas por a aquisição de inúmeras variáveis, tais como: correspondência um a um, cardinalidade de um conjunto, ordinalidade na contagem, contagem seriada um a um, contagem por agrupamentos, composição e decomposição de quantidades, reconhecimento de símbolos numéricos, reconhecimento de símbolos operacionais, representação numérica, operacionalização numérica, percepção de semelhanças, percepção de diferenças, percepção de inclusão, percepção de invariância.

Um, dois, três, somos trigêmeas sim  
Três, dois, um gostamos de brincar  
Nós estamos sempre atrás de diversão  
E o nosso lema é curtidão  
Nós vivemos bem com as fadas  
E não ficamos chateadas  
E é por isso que a alegria nos contagia sem cessar  
Um, dois, três, nós rimos sem parar  
Uma bruxa a sempre imaginar  
Lobos e duendes e fadas também  
Aqui nós nos damos muito bem  
Um, dois, três, a bruxa vai chegar  
E assim vamos poder brincar  
Um, dois, três, a mágica no ar  
Vamos lá o show vai começar  
Um, dois, três

A minha felicidade em receber em casa uma TV foi imensa, eu já havia feito vários planos, porém eles foram todos por água abaixo, pois ela chegou pela manhã e de tarde veio até minha casa uma senhora, comadre da minha mãe, fazendo um pedido, que segundo ela seria irrecusável. Solicitou que minha mãe permitisse que eu fosse morar com ela, uma vez que o seu esposo estava doente e ela precisava de alguém para ajudá-la com ele.

Nesse dia, minha mãe, que devia muitos favores a essa comadre, não teve como negar aquele pedido. E eu mesmo chorando horrores, porque via meu sonho de assistir televisão com

meus irmãos indo de água abaixo, não podia ir contra minha mãe. Fui deixando para trás um coração partido por não poder partilhar as alegrias de estar ao lado de uma família. E voltei a ser um flicts, sem cor e sem espaço.

Na casa dessa nova senhora, fiquei por um ano, e lá eu trabalhava em troca de uma feira mensal que ela enviava à minha família. Depois que fui morar naquela casa, eu me sentia ainda mais solitária porque era muito distante da casa dos meus pais, e como eles já tinham muitos filhos e muitas obrigações, quase nunca podiam me visitar.

Todas as tardes eu ia para frente do portão, sentava em uma cadeira e lá ficava até o anoitecer esperando que eles viessem me ver, mas isso não acontecia. Meu coração doía tanto de saudades, mas eu ficava dividida entre o desejo de estar com os meus pais e o sentimento de dor por deixar sozinho aquele casal de idosos.

Porém, em setembro de 2001, eu já estava saturada. Não aguentava mais viver longe da minha família. Ao entardecer, arrumei minhas malas e fugi para a casa dos meus pais. Lembro que fiquei escondida no quintal dos meus avós, chamei minha irmã mais velha e mandei o seguinte recado para a minha mãe: “Mãe, desculpa não poder continuar obedecendo ao seu pedido, eu não aguento mais viver longe de vocês, a senhora deixa eu voltar pra casa?”.

Nesse dia, foi o que mais vi minha mãe chorar na vida, acredito que ela também sentia saudades de mim. Voltei para casa e decidi que nunca mais iria sair de perto dos meus pais, enquanto não fosse adulta, pois era muito doloroso viver sem o carinho deles.

### **2.3 A mudança para Fortaleza**

Pau de arara

Luiz Gonzaga

Quando eu vim do sertão seu moço

Do meu bodocó

Meu malote era um saco

E o cadeado era o nó

Só trazia a coragem e a cara

Viajando num pau de arara

Eu penei, mas aqui cheguei

Trouxe o triângulo

Trouxe o gonguê

Trouxe o zabumba

Dentro do matulé

Xote, maracatu e baião

Tudo isso eu trouxe no meu matulão

Toda cidade tem na Igreja Católica um padroeiro. Em Pereiro, os gêmeos Cosme e Damião são os responsáveis pela divulgação da fé, naquela cidade. O mês de setembro é dedicado às festividades em homenagem a esses santos, e você pode ter certeza que depois do Natal é uma das épocas mais bonitas.

A cidade fica toda enfeitada, para receber os devotos. Os filhos de Pereiro, que moram em cidades distantes, como São Paulo, Fortaleza, Rio de Janeiro etc, durante o mês de setembro, reencontram-se na cidade para esse novenário. Então, já sabe: é o mês de comprar roupas novas, sair pra paquerar e, principalmente, curtir todos os momentos durante as nove noites.

Lembro-me de que em 2006 eu estava com 15 anos, no auge na minha adolescência. Chegou o tão sonhado mês de setembro em Pereiro e eu não tinha roupas para ir ao novenário. Claro que minha mãe não tinha como comprar roupas novas para todos nós. Então, entre comprar somente para um e não comprar para nenhum, ela não comprava para nenhum.

Foi, então, que surgiu uma oportunidade de trabalhar em uma casa de família no centro de Pereiro. A pessoa propôs me pagar 50 reais mensais, em troca da minha mão de obra. Não pensei nem duas vezes, aceitei de imediato, era uma oportunidade de comprar minhas roupas para a quermesse.

Nessa casa, tive a oportunidade de mudar a minha vida radicalmente, ainda no mês de setembro, conheci o rapaz que viria a ser o meu esposo. Ele morava em Fortaleza e veio para as festividades do mês. Como era muito amigo das minhas patroas, começamos uma amizade, que mais tarde virou paixão, quatro meses depois estávamos morando no mesmo lar...

Em dezembro de 2007, ainda fazendo o Ensino Médio, me mudei para Fortaleza. Passei a morar com a minha sogra na cidade e com muito incentivo terminei a Educação Básica. Quando fui morar em Fortaleza, levei comigo anotado em uma caderneta todos os utensílios que iria comprar para minha mãe: geladeira, fogão, tanquinho de lavar roupas e sofá eram alguns deles.

Quando cheguei em Fortaleza, como ainda fazia o terceiro ano, trabalhava fazendo diárias na casa da minha sogra de manhã e a tarde eu ia estudar. Minha sogra me pagava 150 reais mensais e eu me achava a pessoa mais rica do mundo! Guardava tudo e quando completava a quantidade suficiente para comprar alguma das coisas que prometi à minha mãe, eu enviava o dinheiro e ela comprava.

Mesmo depois que terminei o Ensino Médio, continuei fazendo as diárias na casa da minha sogra. Eu até pensei em sair pra procurar um emprego, ficava encantada vendo as meninas que estudavam comigo usando as fardas das lojas Casa Pio, Sapataria Nova, Ban Ban



calçados... mas a minha sogra dizia para eu aguentar mais um pouco e estudar para passar no vestibular. Vestibular? Que bicho é esse? Eu, uma pobre menina do interior, onde eu ia ter chances de passar numa universidade pública? Eu demorei muito para acreditar em mim!

Em 2009, prestei vestibular para a UECE e a UFC, para o curso de Biologia. Não consegui ser classificada e me sentia desestimulada porque de certa forma me sentia na obrigação de passar em uma universidade, seria um orgulho para os meus pais e agora para a minha sogra, que tanto confiava em mim.

Passei todo o ano de 2009 estudando em um cursinho ofertado pela Prefeitura de Fortaleza na Escola Figueiras Lima e aos sábados participava de algumas aulas específicas na instituição Efiveste. Esse cursinho permitia que os estudantes que iriam prestar vestibular, mas que não tinham condições de pagar as mensalidades, assistissem ao sábado desde que doassem para a instituição livros e/ou cds para serem usados na biblioteca.

Com essa rotina de estudos no ano de 2010, prestei vestibular nas duas instituições, porém dessa vez para o curso de Pedagogia e consegui a aprovação nas duas. Escolhi a UFC por influência das minhas cunhadas que disseram ser uma das melhores. Eu não tinha esse conhecimento porque para mim o mais importante era ter um curso que me oportunizasse uma profissão na qual eu pudesse ganhar dinheiro e ajudar a minha família.

## 2.4 O curso de Pedagogia na UFC

Do lado esquerdo do peito

Bráulio Bessa

Do lado esquerdo do peito

A gente guarda amor

Os colegas da escola

O nome de um professor

Um beijo lá na pracinha

A pipa presa na linha

Um gol na prorrogação

Uma rede na varanda

Uma roda de ciranda

E a lambida de um cão.

Do lado esquerdo do peito

A gente guarda amizade

A gente guarda uma rua

Um país, uma cidade

Um toque, um cheiro, um sabor

Os sonhos de um sonhador

A esperança, a fé  
Uma carta inesperada  
Um passeio na calçada  
Pão de queijo com café.

Do lado esquerdo do peito  
A gente guarda saudade  
Que é lembrança de tudo  
Que faz falta de verdade  
A gente guarda um conselho  
Guarda um vestido vermelho  
Guarda o som de uma risada  
O toque de uma canção  
Os pés descalços no chão  
A partida e a chegada.

Do lado esquerdo do peito  
A gente guarda paixão  
Guarda o primeiro salário  
Guarda um aperto de mão  
A gente guarda um retrato  
O cheiro que vem do mato  
Um desenho do seu filho  
Um abraço demorado  
Um filme, um seriado  
E bolinho de polvilho

Do lado esquerdo do peito  
A gente guarda carinho  
A gente guarda as lições  
Que aprendemos no caminho  
A gente guarda bobagens  
A gente guarda viagens  
Pessoas que conhecemos  
A gente guarda momentos  
Até os que nem vivemos

Do lado esquerdo do peito  
A gente guarda aconchego  
Há quem guarde o agito  
E há quem guarde sossego  
A família reunida  
A comida preferida  
A benção de sua vó  
A gente guarda um segredo  
Guarda a coragem, o medo  
E aquele momento só.

Do lado esquerdo do peito  
Dá pra guardar mil amores  
Mil saudades, mil lembranças

Mil sorrisos e mil dores  
 A gente guarda mil sons  
 A gente guarda mil tons  
 De tudo que é sentimento  
 Cada verso aqui foi feito  
 Pro lado esquerdo do peito  
 Guardar Milton Nascimento.

(BESSA, 2018, p. 116 -118).

Quando recebi o resultado da aprovação no curso de Pedagogia, eu fiquei em choque, como disse, não tinha confiança nessa possibilidade. Lembro-me de que, em uma tarde de sexta-feira, estava numa *lanhouse*, vendo as atualizações do Orkut, quando coloquei na página da CCV, a qual divulgava os resultados dos certames: meu nome estava na lista dos aprovados. Comecei a chorar! Era mais um sonho que estava sendo realizado para glória de Deus. Minha sogra também se emocionou bastante e era perceptível o orgulho dela no olhar.

Na UFC, pude durante os quatro anos e meio de curso aprender, além das teorias educacionais, sobre a vida, sobre afetividade, acolhimento e humildade. Foram muitos os professores que me influenciaram nesses aprendizados. No ano de 2012, tive a oportunidade de participar de um projeto de extensão intitulado Educar é igual a motivar o conhecimento criativo (E=MC2), coordenado pela professora Tania Vicente Viana.

Nesse projeto, que se baseava na Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, minha função era realizar observações de crianças com altas habilidades. Durante esse tempo como bolsista, frequentei muito o Instituto de Educação dos Surdos, ajudando a análise dos estudantes que apresentavam alguma habilidade acima da média.

Foi durante essa experiência que participei de um curso ofertado pela professora Tania e uma de suas orientandas de doutorado, Tereza Liduina, o qual objetivava capacitar os professores do Instituto para ajudar na identificação desse alunado.

A experiência como bolsista e participante desse curso gerou a escrita de um artigo (SILVA; MOURA; FERNANDES; VIANA, 2012), o qual recebeu a premiação para publicação na revista *Extensão em ação* da UFC, em 2012.

Conviver e trabalhar com a professora Tânia foi muito significativo. Diversas vezes, ela demonstrou ser uma profissional acolhedora. Acredito que algumas vezes a profissão que seguimos é apenas um meio que o criador encontra para permitir que cumpramos na Terra a nossa missão.

A professora Tania me mostrou e tem me mostrando a cada dia que estamos no mundo para servirmos. Não importa o quão distante, socialmente ou afetivamente, estejamos de

alguém, um dia, esses seres podem atravessar nosso caminho e partilhar de histórias semelhantes. Acredito ainda que a minha função de bolsista dessa docente foi uma forma que o Universo encontrou para que eu valorizasse, ainda mais, as oportunidades que a vida me deu.

Uma frase muito marcante que a “Prô” (forma carinhosa que aprendemos a chamá-la em sala de aula) sempre dizia era: “Eu era um jardim sem flores. Vocês são as flores do meu jardim!”. Sempre foram assim as suas aulas e a sua relação com os estudantes: uma partilha do jardim com as flores. Ela sempre nos orientando para vida com afeto e doçura.

Penso que um dos grandes aprendizados que o convívio com a Tania me trouxe, além dos estudos sobre Altas Habilidades, foi o de aprender a me colocar no lugar do outro, seja ele deficiente ou dito normal. Ela sempre me dizia que uma pessoa que fere é sempre uma pessoa ferida.

Ou seja, se alguém nos machuca, sempre existe uma razão para isso e a maior razão é porque esta pessoa também foi ferida por algo ou por alguém, por isso a importância de nos colocarmos sempre no lugar do outro. Essa frase tem me ajudado até hoje a analisar determinadas situações, antes de criticar alguma prática que acontece no meu dia a dia.

Em 2013, fui selecionada para a bolsa de Iniciação à Docência, passando a ser monitora da disciplina Ensino de Matemática. Considero que essa foi a experiência mais significativa para mim no curso de Pedagogia, primeiro porque foi um momento que um professor olhou para mim com outros olhos, estava no sétimo semestre do curso e ele com seu olhar humilde e atento percebeu em mim uma deficiência de escrita.

Na prova de seleção, cada participante deveria desenvolver um texto com o tema dado. Após a correção da prova, o professor Paulo Barguil, orientador da monitoria, falou-me que eu apresentava algumas deficiências no Português. Fui aprovada e considero até hoje que o maior objetivo dele foi me ajudar a superar essa dificuldade.

Quando meus olhos se abriram através desse anjo de luz comecei a tomar algumas atitudes em relação a isso: eu me matriculei em um curso de Português, passei a ler mais e observar de forma atenta a escrita das palavras. Considero que tenho me superado ao longo dos anos e serei eternamente grata.

Durante a experiência como monitora pude perceber que o uso da Literatura Infantil pode auxiliar na aprendizagem Matemática de crianças pequenas. Durante as reuniões com o professor Paulo Barguil, tínhamos acesso a vários livros paradidáticos que traziam conteúdos matemáticos dentro dos contos infantis. Essa vivência foi bastante significativa porque vem me ajudando na profissão docente a usar os livros de Literatura Infantil como suporte na Educação Infantil.

Um dos grandes aprendizados dessa experiência foi a de me espelhar no professor Paulo no que diz respeito ao compromisso e à dedicação na Educação de crianças pequenas. Durante as aulas de Ensino da Matemática, seja como estudante, seja como monitora, eu sempre observei com admiração a sua defesa para que os estudantes de Pedagogia fossem para sala de aula, além de domínio correto dos conteúdos, com a sensibilidade para acolher as crianças e, principalmente, acolher a si mesmos.

O trabalho do Paulo em sala de aula é muito humanizado. Ele me ensinou a ser uma professora que precisa ter a sensibilidade para entender que os seres humanos têm ritmos diferentes e que toda e qualquer experiência que tenhamos nas nossas vidas acarretará consequências e essas precisam ser respeitadas, acolhidas e, se for o caso, superadas.

Dialogar e entender sobre a vida em meio a um mundo onde de modo geral se vive em função de alimento por teoria, o Paulo me ensinou a ser uma profissional que busca alimentos para a alma, não só a minha alma, mas também a daqueles com quem eu convivo, seja em campos profissionais ou pessoais: acolher sempre é a missão.

A minha experiência como discípula do Paulo Barguil assemelha-se a uma relação entre pai e filha. Sim, por várias vezes, eu o percebia como um pai acolhedor. Conviver com ele me fez entender que, num processo de construção pessoal e profissional, o mais importante é se tornar alguém que toca a alma das pessoas de forma carinhosa. Quando assim nos comportamos, nos tornamos imortalizados nessa vida que é tão passageira. Por isso, quando escrevo essas lembranças e immortalizo meus mestres, sinto minha alma acariciada por tantas oportunidades de partilhar seus afetos.

Outra experiência que me possibilitou compreender a importância da Literatura na Educação Infantil foi a disciplina de Ensino de Língua Portuguesa, ministrada em 2013.1, pela professora Ana Paula de Medeiros. Nessa disciplina, tive meus primeiros contatos com a coleção de literatura do Programa de Alfabetização na Idade Certa – PAIC, o qual traz em seus conteúdos a escrita em forma de prosa e poesia. Os livros objetivam ajudar as crianças a desenvolverem o gosto pela leitura contribuindo no processo de alfabetização.

Nessa disciplina, participamos de uma oficina de contação de história, na qual os estudantes, após escolherem um dos livros de Literatura Infantil, apresentariam a leitura de forma didática e atrativa. Neste contexto, escolhi o livro “A tocaia de Lampião e dos seres encantados” (DIOGO, 2011). Estudamos sobre a diferença entre leitura e contação de história, bem como alguns aspectos que o contador de história precisa realizar durante o ato.

Para a apresentação, decorei o conteúdo do livro para demonstrar uma maneira diferente de realizar a apresentação. No dia, eu me vesti de cangaceira, com roupas feitas de TNT e

sandália feita de papelão, na qual desenhei os animais presentes na história. Foi um de muito aprendizado e prazeroso.

Essa experiência me oportunizou outra com a mesma história. A professora Ana Paula me convidou para realizar a contação para professores municipais durante uma formação de Língua Portuguesa, por ela ministrada (Fotografia 01).

Fotografia 01 – Contação de história



Fonte: Arquivo da autora.

Fiquei muito feliz com essa experiência, pois percebi que os professores se encantavam ao ouvir a história e por eu ter a esperança de que, de algum modo, eles iriam levar essa experiência para as crianças em suas salas de aula.

O que torna a escrita sobre esses três profissionais significativa neste trabalho é o fato de ter a certeza que eles também foram e continuam sendo meus heróis da vida real, isso me faz guardá-los num lugar bem especial do lado esquerdo do peito. Se é verdade que somos frutos do que aprendemos por meio das vivências, sinto-me extremamente feliz por saber que carrego na minha formação marcas de muitos profissionais brilhantes, em especial os três supracitados, os quais, com o seu poder de acolher e amar, conseguem ajudar na transformação de vidas, assim como me possibilitaram olhar para dentro de mim.

## 2.5 Os encantos e desencantos da docência

Grande interior

Bráulio Bessa

Eu saí lá do sertão  
e cheguei na capital  
desconfiado, nervoso,  
suando e passando mal  
com medo da violência  
e com minha inocência  
enfrentei esse dilema  
decidindo caminhar  
em busca de encontrar  
a solução do problema.

Caminhando na calçada  
eu vi o povo contente  
jogando conversa fora  
com um olhar inocente.  
Eu pensei: Tem algo errado,  
só posso estar enganado,  
achei que era diferente.

Avistei um shopping center  
chamado Shopping do Zé  
onde se vende fiado  
na confiança e na fé.  
Ainda tinha cortesia,  
na porta Dona Maria  
oferecia um café.

Ao lado do shopping center  
um condomínio enfeitado  
sem portaria, sem muros  
muito bem arborizado  
com passarinhos cantando  
e a criança brincando  
sem ninguém ser enjaulado.

Eu fui me aproximando  
prestando mais atenção,  
quando vi já tava dentro  
pois lá não tinha portão.  
Reparei cada criança,  
renovei minha esperança  
e acalmei meu coração.

Vi um empinando pipa,  
outro soltando pião,

pega-pega, esconde-esconde  
de pés descalços no chão  
sem nenhum aplicativo,  
brincando só de ser vivo  
sem um celular na mão.

As avenidas de terra  
sem concreto, sem asfalto,  
não tinha sinal de trânsito,  
o respeito era mais alto.  
De noite se via a lua  
e passeava na rua  
sem nenhum medo de assalto.

No lugar de cada poste  
se plantou uma goiabeira  
onde qualquer um colhia  
sem precisar ir à feira.  
E a sombra ainda servia  
pras amigas de Maria  
fofocar muita besteira.

Não avistei um mendigo  
deitado numa calçada.  
Eu não vi uma mulher  
sofrendo assediada.  
Nem ninguém perdendo a vida  
por uma bala perdida...  
Eu vi a paz restaurada.

No final do entardecer  
o sol se pôs devagar  
e todo mundo assistiu,  
ninguém quis fotografar,  
pois todo mundo sabia  
que na tarde que viria  
ele estaria por lá.

Foi aí que eu acordei  
desse sonho tão bonito.  
Parece coisa de doido,  
soa meio esquisito,  
mas eu vi que a solução  
tava lá no meu sertão,  
feita de paz e amor.  
Se essa cidade gigante  
vivesse de hoje em diante  
como um grande interior.

(BESSA, 2018, p. 132 - 134).



Após me graduar, em janeiro de 2015, estava eufórica para trabalhar, queria colocar em prática tudo que aprendi nos quatro anos e meio de dedicação no Curso de Pedagogia. Uma amiga me possibilitou lecionar na escola em que ela trabalhava. Assumi uma turma de Infantil III, sem nenhuma experiência anterior com sala de aula, exceto o Estágio Curricular na UFC.

Foi uma experiência bem difícil, estava cheia de sonhos, mas ao mesmo tempo cheia de medos. Tinha consciência de que o meu trabalho não estava acontecendo de forma adequada, eu não conseguia realizar as atividades propostas e muito menos conseguia prender a atenção das crianças, me desesperava a cada dia que passava. Fiquei com medo que todo o meu encanto e a minha expectativa se transformassem em desencanto e frustração por não conseguir ser uma boa professora.

Foi daí que pensei: talvez eu tenha iniciado de forma errada, a gente só pode aprender aquilo que vivencia, e eu nunca vivenciei isso da forma correta. Então, pedi demissão da instituição e fui ser auxiliar de professora em outra. Passei 6 meses como auxiliar, e nesse período fazia rodízio nas turmas, cada semana ficava numa turma diferente, passei pelos infantis II, III, IV e V e 1º ano, e pude aprender observando de perto a prática de cada professora em sala. Foi um momento muito importante porque eu pude identificar meus erros e resgatar aquelas práticas que considerava significativas.

Pimenta (1997) tem sido referência em pesquisas sobre a formação inicial e continuada do professor, denunciando as lacunas nessas etapas. Ela critica o fato de os cursos de formação inicial desenvolverem um currículo cujos conteúdos e atividades de estágios se distanciam da realidade das escolas.

Estes currículos possuem uma perspectiva burocrática e cartorial, não sendo adequados para trabalhar as contradições existentes na prática social de educar. Nesse sentido, a construção de uma nova identidade profissional docente fica comprometida.

No entendimento desta autora, os saberes docentes – **saber da experiência, saber do conhecimento e o saber pedagógico** – são fundamentais para que o professor construa sua identidade. Sem a reflexão sobre tais saberes, o professorar se torna uma atividade mecânica e reprodutora.

Barguil (2016) também trata sobre os saberes docentes e defende que o professor para lecionar desenvolve três saberes: **conteudístico**, referente ao conceito de cada tópico que precisa ser desenvolvido pelo estudante; **pedagógico**, referente ao domínio das teorias da aprendizagem, metodologias de ensino, os recursos utilizados para ensinar, as dinâmicas adotadas na sala de aula de modo que os métodos de ensino considerem a maneira como os

sujeitos aprendem; e **existencial**, se refere as crenças, valores, percepções e sentimentos do professor, construídos durante a sua vida.

Em julho de 2015, pedi demissão para assumir um concurso para assistente da Educação Infantil do Município de Fortaleza. Essa experiência me oportunizou apaixonar-me ainda mais pela Educação de crianças pequenas. Como assistente, eu auxiliava as professoras da Educação Infantil na realização de todas as atividades realizadas com as crianças. Foi a primeira vez que tive a oportunidade de vivenciar a experiência do trabalho com turmas de período de tempo integral.

É, sem dúvida, uma experiência significativa, na qual se pode perceber com maior clareza o desenvolvimento das crianças e, por ser um período maior de tempo que se passa com elas, as oportunidades de observações são bem maiores. Como assistente, trabalhei com crianças de 1 e 2 anos.

Eu sentia falta nos planejamentos das professoras de atividades que envolvessem a Matemática, e a literatura também era muito pouco experimentada. Percebia que as crianças pequenas eram percebidas muitas vezes como “incapazes” e a maioria do tempo era de brincadeiras livre sem nenhum direcionamento. Existia um planejamento, escrito com muitas possibilidades de vivências, porém muito raramente ele era implementado e as crianças se limitavam a brincarem no parquinho.

Em 2016, me despedi dessa experiência para assumir um novo concurso como professora da Educação Infantil do Município de Itaitinga. Saí de Fortaleza para morar na cidade de Pacatuba, próximo do local em que passaria a trabalhar. Assumi uma turma de Infantil III, no meio do ano letivo, a qual foi uma experiência bastante desafiadora, tendo em vista que na escola em que lecionava só havia três turmas de Educação Infantil e as demais eram de Ensino Fundamental. As turmas da Educação Infantil eram esquecidas pela gestão e os professores trabalhavam praticamente sozinhos.

Percebi desvalorização dessa etapa da Educação escolar, principalmente no que se refere à minha turma, por se tratar de crianças pequenas, muitas vezes consideradas sem importância. Em 2017, com a inauguração de um Centro de Educação Infantil no município, as três turmas de Educação Infantil saíram da escola e foram para o CEI. Eu também migrei com as crianças e pude vivenciar uma nova realidade: maior preocupação com o desenvolvimento das crianças, maior respeito por suas aprendizagens e a criança vista como um ser de possibilidades.

Sempre soube, por assistir nos noticiários e ouvir das pessoas, que as cidades grandes de modo geral apresentavam índices grandes de violência, porém nunca havia presenciado tal afirmativa de perto. Em 2018, infelizmente isso aconteceu: presenciei de perto um alto nível de

violência, o que abalou bastante o meu emocional, me impossibilitando de ter forças para continuar o meu trabalho.

Foi um ano difícil, no qual os medos tomaram conta de mim e me tornaram uma pessoa incapaz de realizar o meu trabalho com qualidade. Nesse contexto, pensei em desistir do concurso e voltar para o interior, onde vivi por 16 anos da minha vida, em busca da paz que ele ainda proporciona. As dúvidas em meu coração eram persistentes: continuar em Pacatuba com possibilidades de conquistar meus sonhos iniciais, mas viver com o coração abalado, ou voltar para o meu interior pacato, viver em paz, mas sem muitas possibilidades de crescimento?

Estava prestes a escolher a segunda opção, quando, em abril de 2019, foi lançado o Edital para a Seleção de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará, com duas vagas para o Eixo Temático que eu almejava há algum tempo. Foi daí que pensei ser uma luz da Divindade me orientando. Então, fiz o seguinte acordo com o altíssimo: tentarei a Seleção, se eu passar permaneço por mais dois anos na cidade, caso não passe é realmente a hora de retornar às minhas origens.

## 2.6 O Mestrado em Educação na UFC

Recomece

Bráulio Bessa

Quando a vida bater forte  
e sua alma sangrar,  
quando esse mundo pesado  
lhe ferir, lhe esmagar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a LUTAR.

Quando tudo for escuro  
e nada iluminar,  
quando tudo for incerto  
e você só duvidar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a ACREDITAR.

Quando a estrada for longa  
e seu corpo fraquejar,  
quando não houver caminho  
nem um lugar pra chegar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a CAMINHAR.

Quando o mal for evidente  
e o amor se ocultar,  
quando o peito for vazio,  
quando o abraço faltar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a AMAR.

Quando você cair  
e ninguém lhe aparar,  
quando a força do que é ruim  
conseguir lhe derrubar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a LEVANTAR.

Quando a falta de esperança  
decidir lhe açoitar,  
se tudo que for real  
for difícil suportar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a SONHAR.

Enfim,

É preciso de um final  
pra poder recomeçar,  
como é preciso cair  
pra poder se levantar.  
Nem sempre engatar a ré  
significa voltar.

Remarque aquele encontro,  
reconquiste um amor,  
reúna quem lhe quer bem,  
reconforte um sofredor,  
reanime quem tá triste  
e reaprenda na dor.

Recomece, se refaça,  
relembre o que foi bom,  
reconstrua cada sonho,  
redescubra algum dom,  
reaprenda quando errar,  
rebole quando dançar,  
e se um dia, lá na frente,  
a vida der uma ré,  
recupere sua fé  
e RECOMECE novamente.

(BESSA, 2018, p 16- 17).

A aprovação no Mestrado foi a oportunidade de recomeçar, os sonhos que estavam fragilizados pelo medo da violência ter retornado. Pesquisar sobre infância, Literatura Infantil, desenvolvimento de crianças e Matemática na Educação Infantil, de algum modo resgata várias situações que vivenciei ao longo da vida.

A pesquisa é um caminho para tratar de acolhimento, da necessidade do desenvolvimento de uma Educação Infantil que enxergue a criança como um ser holístico e de direitos. Uma Educação Infantil que foque nas possibilidades da criança, que lhe dê voz para que dialogue sobre seus desejos, sobre aquilo que não lhe agrada e, principalmente, que perceba que os conceitos usados nessa etapa da Educação precisam ser percebidos como uma oportunidade de conhecer cada criança.

O meu desejo é que todas as crianças possam sentir no professor que dela cuida e educa a confiança o acolhimento para partilhar suas alegrias ou suas dores, quando essas existirem sem medo de serem reprimidas. Meu desejo é que as crianças possam dizer sim quando assim desejarem, e dizer não quando for necessário. Meu desejo é que a Literatura Infantil, vista também como Arte, possa ajudar as crianças a perceberem a Matemática de maneira mais atraente, e também que, por meio daquela, outras dimensões (motora e afetiva) possam ser alcançadas, favorecendo a constituição de um adulto capaz de acolher outras crianças que virão.

Por fim, meu desejo é que um dia todos(as) os(as) professores(as) – especialmente de bebês, crianças bem pequenas e pequenas – compreendam que “[...] só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 72).

Somente quando vivenciamos o amor, aprendemos a compartilhá-lo.

### 3 “NÃO É O QUE O MUNDO RESERVA PARA VOCÊ, MAS O QUE VOCÊ TRAZ PARA O MUNDO”

Neste capítulo, será abordado o processo histórico da concepção de criança, bem como a importância da Educação Infantil e a trajetória até ser considerada como direito das crianças assegurado por lei.

Após apresentar o levantamento histórico conceitual, pontuo os momentos da construção da Educação Infantil, desde a sua origem até a compreensão atual. O capítulo é finalizado com a abordagem de documentos curriculares no Brasil sobre a definição de criança e quais iniciativas têm sido desenvolvidas na respectiva fase de educação escolar.

Promete

Ana Vilela

Promete que não vai crescer distante  
 Promete que vai ser pra sempre assim  
 Promete esse sorriso radiante  
 Todas as vezes que você pensar em mim  
 Promete cuidar bem dos seus cachinhos  
 E sempre me abraçar quando eu chegar  
 Promete sorrir sempre com os olhinhos  
 E cantar cantigas na sala de estar  
 Que eu prometo ser pra sempre o seu porto seguro  
 Prometo dar-te eternamente o meu amor  
 Promete aproveitar cada segundo  
 Desse tempo que já passa tão veloz  
 Me lembro quando você chegou nesse mundo  
 Sorrindo aos poucos quando ouviu minha voz  
 E hoje corre pela sala, brinca de existir  
 Giz de cera, pega-pega  
 E eu só sei sorrir  
 Ao imaginar...

A escolha desta música para iniciar a discussão deste capítulo decorre da necessidade de pararmos para pensar na ideia de criança que temos hoje. Numa sociedade cada vez mais individualizada, no que se refere ao mundo adulto, temos de modo geral as crianças como o nosso porto seguro e, como bem mostra a música, o nosso medo da solidão acaba induzindo-as a prometerem desde pequenas que serão para sempre os nossos “bebês”.

### 3.1 Infância: desde quando ela existe?

A ideia de criança que se tem hoje é fruto de uma construção histórica. Em cada contexto, novas concepções vão surgindo. Junto com as mudanças relacionadas à ideia de infância, altera também o entendimento em relação ao que elas precisam ter acesso para se desenvolverem e quais aprendizados comportamentais são necessários, em conformidade com a época vivida (OLIVEIRA, 2012).

Diante disso, se faz relevante ao tratar sobre a temática, realizar um levantamento histórico das diferentes concepções de infância e de criança, não só conceitual, mas também sentimentais e atitudinais em relação a estes sujeitos. Para subsidiar bibliograficamente essa abordagem conceitual, buscamos aportes teóricos de pesquisadores autores que dominam o assunto, como é o caso de Ariès (1981), que aborda o conceito de infância numa perspectiva histórica social, e Sarmiento (2007), que escolhe a Sociologia da Infância. No que se refere a uma abordagem da história política da infância no Brasil, acolhemos os pensamentos de Kuhlmann Júnior (2010).

Nos dias atuais, concebemos, de modo geral, a criança como um ser puro, ingênuo, que necessita de proteção, um ser histórico social e de direitos a serem respeitados em todas as suas especificidades. No entanto, essa concepção é algo novo! Se analisarmos os aspectos históricos, saberemos que a criança durante muito tempo foi vista como um adulto em miniatura.

Se a ideia de criança não era concebida, o que dirá da ideia de infância? Ariès (1981) relata que o sentimento de infância não existia até o século XVII. Por meio da sua pesquisa, conseguimos compreender como se deu a evolução da compreensão do sentimento de infância. Seu trabalho consiste na observação das representações da infância em um contexto histórico medieval ao moderno (ANDRADE, 2010).

A palavra infância é de origem latina, *infantia*, cuja tradução é aquele que não fala. Os estudos desenvolvidos por Ariès (1981) nos possibilitam saber como viviam as crianças dos séculos XVI e XVII, bem como as evoluções posteriores. Naquele contexto, as crianças eram tidas como seres insignificantes, sem importância para a sociedade. O autor relata a desvalorização no que se refere às idades, ao sentimento de infância, que era inexistente e, ainda, a ausência de pudor no que se refere aos diálogos com as crianças pequenas.

Para compreender a insignificância das crianças Ariès (1981) relata que, em muitas sociedades, se considerava comum o infanticídio, que consiste na prática de assassinato daquelas, geralmente cometidos pelos próprios pais e sem qualquer punição.

Era natural que a criança do século XVI ou XVII, quando indagada sobre sua idade, não soubesse responder corretamente. Isso era algo que não tinha importância, ao contrário de hoje, pois, desde cedo, ensinamos as crianças sobre isso. Isso pode ser observado na Educação Infantil, com crianças de 1 ou 2 anos de idade, quando perguntadas sobre suas idades, mesmo as que ainda não dominam a oralidade, usam seus dedos para representar a quantidade.

Algo que chama atenção ainda naquele contexto histórico se refere à falta de pudor dos adultos ao tratarem de determinados assuntos na presença das crianças. Ariès (1981) nos mostra o desrespeito com os pequenos ao explicar que eles eram associados a brincadeiras que giravam em torno de temas sexuais.

No que se refere aos trajes da época, o autor advoga que as crianças se vestiam como adulto em miniatura, pois não existia diferenciação das vestimentas. É verdade que hoje se percebe um retorno dessas características, se analisarmos o modo como, algumas vezes, as crianças pequenas do mundo digitalizado têm se vestido, pois há uma mistura das vestimentas adultas com as infantis, ainda mais com a influência da internet, na qual as blogueirinhas mirins influenciam as vestimentas infantis.

Em todo o caso, se o período de 1900-1920, prolongava ainda até muito tarde no jovem adolescente as particularidades de um traje reservado a infância, na Idade Média, vestia indiferentemente todas as classes de idade, preocupando-se apenas em manter visíveis através da roupa os degraus da hierarquia social. Nada no traje medieval separava a criança do adulto. Não seria possível imaginar atitudes mais diferentes com relação a infância. (ARIÈS, 1981, p. 70).

Não havia lugar para a infância no período medieval, e assim as crianças iam sendo esquecidas, no que se refere ao cuidado, à atenção e até nas representações artísticas, nas quais eram retratadas com características adultas, apenas com tamanho reduzido. Há um apontamento do autor ainda no que se refere à mortalidade infantil, que na época era bastante elevada, por esse motivo, os familiares optavam por não se apegarem tanto às crianças tendo em vista que essas logo morreriam.

Importante salientar que nessa sociedade a infância se finalizava aos sete anos de idade. Nessa fase da vida, já havia desenvolvido sua oralidade, sendo que a Igreja considerava que ela já era capaz de distinguir o bem do mal (SANTANA, 2014).

Um pensador com bastante prestígio na época medieval era Platão (428/427 - 348/347 a.C.), que considerava em sua teoria a criança como um ser sem significância. Para ele, a importância de educar a criança estava na possibilidade de ela exercer, no futuro, o papel de governante da *polis*. Sendo assim, a Educação tinha a função de moldar os pequenos de acordo com regras pré-determinadas (SANTANA, 2014).



### 3.2 Seja bem vinda ao mundo!

A ideia e o sentimento de infância tiveram início por volta do século XVIII. Santana (2014) aponta Rousseau, Pestalozzi e Froebel como os três pensadores responsáveis pelo desenvolvimento de uma nova concepção de infância na Europa. Compreender a importância desses pensadores para a concepção de criança construída é fundamental, pois, a partir deles, ela foi percebida como ser dotado de possibilidades e características subjetivas.

Os três autores desenvolveram pensamentos que, às vezes, se aproximam e, às vezes, se distanciam entre si. A contribuição de Rousseau nesse processo construtivo de uma nova categoria infantil está no fato de ele definir pela primeira vez que a criança é um ser naturalmente bom, sendo que a sociedade que a corrompia, ao contrário do pensamento de São Tomás de Aquino, o qual defendia a criança como sendo um ser imperfeito e mau, desde que nascia, por herdar tal imperfeição dos pecados de seus progenitores (SANTANA, 2014).

Rousseau foi o primeiro a perceber que a criança possui pensamentos peculiares e que por isso não deveria ser-lhe imposto o pensamento dos adultos. Se antes a crença era de que a criança é um adulto em miniatura, o autor defendeu que a infância é uma fase de grande relevância na vida do ser humano porque nesta fase os sujeitos aprendem a como se comportar na fase adulta. É por isso que Rousseau defendida que a criança nesta fase deveria ser bastante respeitada (SANTANA, 2014).

Rousseau (1995) vê a criança como um ser pensante, contudo distinto do adulto. Para ele a criança nasce desprovida de tudo e a educação é a grande responsável por dar-lhe tudo o que precisará na vida adulta. Nesta perspectiva, a educação possui uma ação transformadora na vida da criança, para isso é necessário que a mesma seja planejada visando proporcionar às crianças uma experiência do real e que o professor saiba motivá-las, despertando-lhes a curiosidade e o desejo de aprender. Dessa forma, a criança crescerá livre para brincar e aprender construindo seu próprio conhecimento através do contato com a realidade mediatizado pelos adultos. (SANTANA, 2014, p. 235).

A contribuição de Pestalozzi foi postular que a criança seja o centro do processo educacional. Para ele, era necessário conhecer o desenvolvimento humano para criar métodos de ensino eficazes. Este pensador defendia o ensino do mais simples para o mais complexo, com respeito à liberdade da criança, e que a aprendizagem dos conteúdos escolares não deveria ser mais importante do que a formação humana. Ele demonstrou muita preocupação com a criança pobre, pois para ele a Educação tinha um viés politizador e, por isso, precisa ser entendida como instrumento de libertação (SANTANA, 2014).

Froebel tem sua teoria fundamentada na tríade: Deus, Natureza e Humanidade. Para ele, o desenvolvimento infantil se assemelhava ao desenvolvimento da natureza e, por isso, ambos tinham ligações. A natureza ligava o homem a Deus. Na Europa, ele foi responsável pela criação dos Jardins de Infância, nos quais as crianças eram consideradas flores em desenvolvimento e as professoras eram consideradas jardineiras que regavam tais flores. Froebel acreditava na importância de uma Educação baseada na proatividade e criatividade, introduzindo a importância do brincar nesse processo (SANTANA, 2014).

Se hoje estamos em defesa pela Educação de crianças pequenas com ações fundamentadas pelas interações e brincadeiras, é porque Froebel enxergou a brincadeira para a infância como sendo algo sério no que se refere ao seu desenvolvimento. Ele foi o responsável pela criação de vários brinquedos promotores da curiosidade infantil.

Sarmento (2007, p. 28) explica que com o desenvolvimento do comércio, havia a necessidade social de que as pessoas aprendessem a ler, escrever e contar. A escola pública, portanto, favorecia os interesses da burguesia. Nos séculos XVII e XVIII, a ideia de infância ganha uma nova perspectiva, caracterizando-se como um grupo diferenciado do adulto. A ideia de imperfeição e incompletude vai sendo substituída pela ideia de uma fase com características próprias de desenvolvimento.

Acontece que a distinção da infância da adultez, que a modernidade ocidental produziu, não corresponde a uma só ideia de infância, nem origina uma única norma da infância [...] o estudo das concepções da infância deve, por isso, ter em conta factores de heterogeneidade que as geram, ainda que nem todas as equivalham, havendo sempre, num contexto espaço-temporal dada, uma (ou por vezes mais do que uma) que se torna dominante. O Estudo dessas concepções, sob a forma de imagens sociais da infância, torna-se indispensável para construir uma reflexividade fundante de um olhar não ofuscado pela luz que emana das concepções implícitas e tácitas sobre a infância. (SARMENTO, 2007, p. 28-29).

No que se refere aos estudos voltados para a Sociologia da Infância, encontramos em Sarmento (2007) a ideia de invisibilidade da realidade social da infância ao longo da construção histórica. Tal invisibilidade é apontada como sendo decorrente da criação de diferentes representações das crianças ao longo da história, a qual pode ser dividida em dois momentos: i) Infância Pré-Sociológica; e ii) Infância Sociológica. Cada fase de infância possui imagens de criança.

As imagens de criança na Infância Pré-Sociológica são: i) **A criança má:** traz a ideia de que a criança surge do pecado original e por esse motivo deve ser submetida a alguns controles, longe da natureza familiar.

ii) **A criança inocente:** percebe-se a criança como um ser puro e inocente. Surge a ideia de que a natureza é boa e a sociedade a corrompe, a expressão romântica da infância é muito presente nessa imagem.

iii) **A criança iminente:** a ideia da criança como tábula rasa, criada por John Locke, cuja sociedade promoverá o crescimento que vise uma ordem social.

iv) **A criança naturalmente desenvolvida:** encontramos ações da teoria piagetiana, a qual defende a ideia de as crianças como sendo seres naturais, a natureza infantil passa por processos de maturação, desenvolvendo-se em estágios biológicos.

v) **A criança inconsciente:** a presença da figura de Freud é fundamental nessa imagem por considerar a existência de um inconsciente humano que na infância passa por conflitos relacionais, principalmente em relação às figuras dos pais (SARMENTO, 2007).

A imagem de criança na Infância Sociológica resulta de um juízo interpretativo das crianças a partir das propostas teóricas das Ciências Sociais, que reinterpreta as concepções anteriores (SARMENTO, 2007).

Diante do que foi apresentado aqui, querer abordar os estudos sobre a infância partindo de somente uma concepção é impossível, tendo em vista que não temos uma infância, mas várias infâncias. No Brasil, por exemplo, rotineiramente podemos perceber a infinidade de infâncias vividas por nossas crianças, pois existem as que podem desfrutar dos seus momentos infantis de forma positiva, com direitos resguardados, e as que, desde cedo, precisam trabalhar para ter direito ao alimento e moradia.

As crianças de circos e as catadoras de latinhas são alguns exemplos da infância “roubada”, mas também não podemos esquecer-nos do caso em que esse “roubo” acontece de forma disfarçada, como são os casos dos atores e atrizes mirins, que muitas vezes tem sua infância perdida por trás das câmeras.

Neste sentido, a condição socioeconômica é um fator que determina o modo de vivenciar a infância. Uma criança pobre não tem condições de vivenciar as mesmas experiências que uma criança socioeconomicamente favorecida. Assim, existe um afastamento social no que se refere às brincadeiras, à escolha de uma profissão, etc.

Uma criança cuja condição financeira é favorável tem acesso a brinquedos industrializados, frequenta cinema, *shopping*, vivencia várias situações que uma criança cuja condição financeira é desfavorável não é possível ter acesso. São realidades distintas que, por consequência, geram possibilidades díspares. Ou seja, dificilmente uma criança que vivencia apenas a realidade de ver os pais catando latinhas na rua, ao ser perguntada a profissão que deseja seguir quando crescer, responderá que deseja ser advogada.

Hoje, as políticas públicas têm encarado o desafio de fazer com que as crianças tenham oportunidade de vivenciar experiências semelhantes, trazendo a ideia de equidade no contexto educacional formal, o qual tem sido motivo de lutas e resistências desde a criação da Educação Infantil, conforme será apresentado na próxima sessão.

### **3.3 A construção da Educação Infantil como direito da criança**

Algo bastante natural de se ouvir nos dias de hoje, quando se vê uma criança pequena é a pergunta: qual a escola em que ela estuda? Essa frase é rotineira e tem se tornado normal pelo fato de que, desde 1996, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96), as crianças passaram a ter direito à educação em instituições educativas próprias. Porém nem sempre foi assim, a história da educação de crianças pequenas se constitui em momentos de lutas, negação de direitos e muita persistência.

Santana (2014), ao tratar sobre a educação de crianças no Brasil, relata que, desde o início, foi marcada pela exclusão social. A Educação Brasileira começou com a chegada dos jesuítas, que iniciou o processo de exclusão ao tratar a educação com abordagens diferenciadas para curumins<sup>3</sup> e os filhos de colonizadores. Enquanto para estes era ensinado a ler, escrever e contar, aqueles eram submetidos à aculturação portuguesa. Nesse processo, mulheres e negros eram totalmente esquecidos.

Inicialmente, o que existiu para o atendimento à criança foi a casa ou a roda dos expostos, uma instituição surgida na Bahia em 1726, cujo objetivo era prestar atendimento à infância desamparada e que acolhia todos os tipos de crianças, principalmente as negras. No século XIX, essa instituição foi extinta por não apresentar condições favoráveis para atender o público, pois faltava higiene e a qualidade do atendimento era péssima. Importante salientar que, quando a criança completava a idade de sair da casa dos expostos, essa era enviada para o trabalho forçado, o que se considera exploração (SANTANA, 2014).

As instituições de Educação Infantil surgiram na primeira metade do século XIX, devido à crescente industrialização e urbanização, que estavam acontecendo em vários países do continente europeu. Com a difusão das instituições de Educação Infantil, ocorridas na segunda metade do século XIX, sua chegada ao Brasil é datada de 1870.

Kuhlmann (2010) destaca que a primeira referência às creches, com registro no Brasil, foi remetida em um jornal intitulado 'maí de família'. A matéria intitulada Creche (Asilo para

---

<sup>3</sup> Nome atribuído às crianças indígenas.

a primeira infância) objetivava chamar a atenção das mães para a importância das creches. A matéria faz menção às creches francesas, que serviam de apoio aos filhos, cujas mães precisavam trabalhar e não tinham com quem deixá-los.

Antes da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei nº 9.394/96, a LDBEN de 1961, Lei nº 4.024, não trata sobre a Educação Infantil. A LDBEN/61, em seu capítulo I, artigo 23, contém orientações para a educação pré-primária, a qual estabelece que esta educação é destinada a menores de até sete anos de idade, sendo esta ministrada em escolas maternas ou Jardins de Infâncias. Importante salientar que a Constituição Federal de 1988 reconhece pela primeira vez a Educação Infantil como dever do Estado (BRASIL, 2010).

Oliveira (2012) assevera que, antes da metade do século XX no Brasil, as crianças pequenas não dispunham de um local onde pudessem estar enquanto suas mães trabalhavam. Na segunda metade do referido século, houve o aumento migratório das pessoas da zona rural para a zona urbana, sendo que as elites políticas começaram a “crescer os olhos” para as modificações que o novo momento trazia. Motivadas pela possibilidade de modernização da sociedade, pensaram na ideia da construção de locais que atendessem às crianças.

Kuhlmann (2010) destaca as creches, os Jardins de Infância e as Escolas Maternas como sendo as primeiras iniciativas de atendimento à infância. O surgimento do Jardim de infância aconteceu na Alemanha em 1840, por Frederich Froebel (1782-1852), e tinha como objetivo o atendimento de crianças de 3 (três) a 7 (sete) anos de idade.

A proposta pedagógica dos Jardins de Infância objetivava o desenvolvimento integral das crianças, por meio de jogos e interações. Para o pedagogo alemão, as crianças precisariam aprender sobre valores por meio de situações lúdicas. Froebel defendia que as crianças precisariam ser vistas como flores e como tais deveriam ser cultivadas. Essa abordagem é tratada por Cambi (1999) como uma pedagogia romântica.

Se na Europa, os Jardins de Infância ganhavam uma perspectiva mais romantizada da educação, no Brasil sua criação foi encarada como assistencialismo pela elite, que defendia os Jardins de Infância para as crianças menos favorecidas, por compreenderem que essas precisavam de um espaço no qual pudessem ter mais atenção no que se refere à higiene e alimentação e ainda por considerarem que as crianças moralmente abandonadas traziam ameaça para elite.

No entanto, o governo não teve planos iniciais de assumir essa responsabilidade e justificava-se da seguinte forma: “[...] se os Jardins de Infância tinham objetivos de caridade e destinava-se aos mais pobres, não deveriam ser mantidos pelo poder público, mas ficar sob a caridade das famílias mais afortunadas.” (OLIVEIRA, 2012, p. 21-22).

Assim, dois Jardins de Infância foram criados inicialmente no Brasil: um no Rio de Janeiro, datado de 1875, criado por Meneses Vieira, um médico, que se destacou na área educacional, o jardim funcionava em anexo ao seu colégio. O outro em São Paulo com data de criação em 1877, mantidos por entidades particulares (ANDRADE, 2010).

O primeiro Jardim de Infância público foi criado, em 1896, em São Paulo. Até então, as políticas públicas voltadas para educação de crianças pequenas eram marcadas por ações sanitárias, assistencialistas. As ações eram focadas no cuidar, pois a concepção de criança da época era a de um ser patológico (ANDRADE, 2010).

O ganho da Educação Infantil no Brasil foi decorrente das lutas da classe menos favorecida economicamente, as mães, não tendo com quem deixar seus filhos para que pudessem trabalhar, se engajaram na luta por direito a um espaço no qual seus filhos pudessem ser acolhidos.

Em 1923, houve a primeira regulamentação sobre o trabalho da mulher, prevendo a instalação de creches e salas de amamentação próximas aos locais de trabalho. Nesse período seja nos locais de moradia ou nos locais de trabalho as creches apresentavam a função de guarda das crianças tendo como referência um modelo hospitalar, geralmente sob os cuidados dos profissionais da saúde. [...] o atendimento nas creches, vinculados à esfera médica e sanitária, objetivava nutrir as crianças, promover a saúde e difundir normas rígidas de higiene, associando a pobreza a falta de conhecimento, de puericultura e abafando qualquer relação com questões econômicas e políticas do país. (ANDRADE, 2010, p. 136-137).

Nessa perspectiva, a Educação de crianças pequenas foi por muito tempo dividido em atendimento aos pobres e aos ricos: a creche destinada a crianças carentes é encarada como assistencialismo. Nesse cenário, a ideia da indissociabilidade entre Educação e cuidado não existia, pois a criança não era vista como um ser de direito à Educação.

Com a CF/1988, acontece um grande salto no que se refere à Educação de crianças pequenas no nosso país. Pela primeira vez, a Educação Infantil, que era direito dos filhos das mães que tinham um trabalho fora do lar, passa a ser direito das crianças de forma geral, sendo que o poder público municipal passa a assumir a responsabilidade de oferecer creches e pré-escolas a todas as crianças (CORSINO; NUNES, 2009).

Atualmente, é difundida a concepção de criança como “[...] um ser histórico, social, de direitos, esse sujeito vai construindo sua identidade a partir das interações com seus pares. É um sujeito que imagina, fantasia, brinca e constrói sua história.” (BRASIL, 2010).

Em se tratando de escola, qual o modelo de criança que se tem recebido nas instituições brasileiras? Se na época medieval tínhamos um modelo de criança as quais não admitiam

questionarem somente obedecerem, temos hoje um novo modelo de criança, um ser histórico, que está o tempo todo elaborando conhecimento por meio de suas indagações.

A publicação “Deixa eu falar!”, desenvolvida pelo Ministério da Educação e voltada à primeira infância, apresenta relatos de crianças no contexto educacional sobre suas vivências em diferentes situações.

Um dia eu estava brincando de soltar pipa. Minha pipa estava lá no alto. Meus amigos também tinham uma pipa. Cada um tinha a sua. A gente estava cruzando as pipas e estava muito legal. E aí minha mãe me chamou para ir comer. Eu disse que queria ir depois, porque estava fingindo de soltar pipa com os meus amigos. Ela não deixou. Falou que eu não estava fazendo nada e era para ir jantar... Como ela não viu a minha pipa invisível???. (BRASIL, 2011, p. 19).

Este relato nos apresenta uma criança que imagina, brinca, fantasia e questiona.

Essa representação é muito diferente da relatada no início deste texto, que mostrava uma criança passiva.

O compositor Toquinho descreveu poeticamente tal concepção ao compor a música O Mundo da Criança:

## O Mundo da criança

Toquinho

É sempre colorido, muitas vezes de papel  
 Com arcos, flechas, índios e soldados  
 Cheinho de presentes feitos por papai Noel  
 O mundo da criança é iluminado.  
 Baleias gigantescas, violentos tubarões  
 Mistérios de um espaço submerso  
 Espaçonaves passam por dez mil constelações  
 O mundo da criança é um universo  
 O mundo da criança é um universo  
 Pipas, peões, bolas, balões, skates e patins  
 Vovó, vovó, mamãe, papai, família  
 É fácil imaginar uma aventura  
 Dentro de uma selva escura  
 Com perigos e armadilhas  
 Viagens para encontrar minas de ouro, piratas e um  
 tesouro enterrado numa ilha.  
 Imagens, games, bate-papos no computador  
 O tempo é cada vez mais apressado  
 E mesmo com todo esse imenso interativo amor  
 O mundo da criança é abençoado  
 O mundo da criança é abençoado.

A partir da concepção de criança que se estabeleceu, muitas modificações foram implementadas, no que se refere às políticas públicas voltadas para a infância. Uma delas é a

implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, datada de 1996, a qual, no seu artigo 29, prescreve: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 1996).

Tendo em vista que a Educação Infantil, a partir de então, faz parte do sistema de ensino, compete às secretarias municipais de Educação sua responsabilização (CORSINO; NUNES, 2009).

Choi (2004 apud CORSINO; NUNES, 2009) aponta quatro benefícios que a Educação Infantil traz para as crianças nas diferentes áreas, conforme o Quadro 01.

Quadro 01 – Benefícios da Educação Infantil para as crianças

<b>BENEFÍCIOS</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Pessoais	A criança tem seus direitos garantidos. Amplia suas relações com o mundo físico, natural e social pela troca de conhecimentos, pela socialização e pelo atendimento às suas necessidades no aqui e agora.
Educacionais	A criança apresenta um impacto positivo na escolaridade, tanto na transição para outros níveis quanto no desempenho.
Econômicos	A inserção das mães no mercado de trabalho possibilita o aumento da renda familiar.
Sociais	Pela redução da probabilidade de crime e delinquência e pela equidade entre os gêneros tirando a menina dos afazeres domésticos.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Corsino e Nunes (2009).

Importante destacar nesse cenário a defesa de um currículo para Educação Infantil que respeite a criança em todas as suas dimensões, motoras, afetivas e cognitivas, garantindo o desenvolvimento de um ser holístico. Os currículos da Educação Infantil precisam considerar que as crianças recebidas hoje em nossas instituições educativas, são sujeitos sócio-históricos, direito esse conquistado por lutas seculares.

Salles e Faria (2012, p. 56) advogam que:

Considerar a criança como sujeito é levar em conta, nas relações que com ela estabelecemos, que ela tem desejos, ideias, opiniões, capacidade de decidir, de criar, de inventar, que se manifestam desde cedo, nos seus movimentos, nas suas expressões, o seu olhar, nas suas vocalizações na sua fala. É considerar portanto, que essas relações sempre tem dois lados – de um o adulto e do outro a criança. São portanto relações dialógicas entre o adulto e a crianças que possibilitam a constituição da subjetividade da criança como também contribuem para a construção do adulto como sujeito.



A reflexão sobre a qualidade do atendimento das crianças nas instituições de Educação Infantil é o que torna o trabalho com as crianças diferenciado. Observar, escutar, registrar e documentar são algumas das ações que possibilitam aos profissionais garantirem a valorização das potencialidades infantis.

### **3.4 Como a criança aprende?**

Pensar a criança como um ser histórico e social dotado de capacidades e de direitos. Nesse sentido, considerando que as instituições de Educação Infantil atendem hoje em dia um novo tipo de criança, não faz sentido pensar em um espaço cujo trabalho se volta para o assistencialismo como durante muitos anos foi vivenciado.

O novo modelo de criança construído ao longo da história traz consigo necessidade de instituições que trabalhem conforme objetivos de ampliação da autonomia e do desenvolvimento integral dos sujeitos nela atendidos. Nesse sentido, as instituições educativas precisam desenvolver seus currículos voltados para um público que constrói sua história nas interações e, por isso, essas precisam ser valorizadas.

A implementação da Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) propiciou um movimento de renovação dos sistemas educacionais, contribuindo para a estruturação dos conteúdos escolares com a orientação curricular. Campos (2018) aponta assim a criação do Referencial Curricular da Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, que trazem orientações aos educadores acerca dos objetivos, conteúdos e didática para cada faixa etária atendida, sendo responsabilidade de cada instituição definir o currículo de acordo com os agentes pedagógicos.

A definição de currículo é apresentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI como sendo

[...] um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio, cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2009, p. 01).

Ao tratar sobre desenvolvimento integral devemos considerar que a criança apresenta dimensões não só cognitivas, mas também afetiva e motora que precisam ser contempladas dentro do currículo da proposta pedagógica da instituição.

Oliveira (2012) chama atenção para a controvérsia que a discussão sobre a construção do currículo da Educação Infantil gera entre os professores da creche e pré-escola e os demais professores e profissionais que atuam na área educacional. Segundo a autora, existe uma defesa em torno da não existência do currículo para a Educação Infantil por parte de alguns professores por considerarem que seu termo está associado à escolarização, estruturação de disciplinas preconizadas em outras etapas da educação.

Tendo em vista que a Educação Infantil tem objetivos próprios e diferenciados, alguns professores sentem-se receosos de que o termo currículo nessa etapa de ensino gere associação a situações preparatórias para o Ensino Fundamental. Refletindo sobre esse pensamento na tentativa de desmistificá-lo, a mesma autora advoga que:

Ao tomar parte na Educação Básica, a Educação Infantil é chamada a refletir sobre a questão curricular ao mesmo tempo em que garante a especificidade da educação e cuidados dos bebês e crianças pequenas. Seu desafio é superar uma prática pedagógica centrada no professor e trabalhar, sobretudo, a sensibilidade destes para fazer uma aproximação real da criança, compreendendo-a do ponto de vista dela e não do ponto de vista do adulto. Essa tarefa é favorecida pela existência de uma série de conhecimentos sobre as formas de organização do cotidiano das unidades de Educação Infantil, de modo a promover o desenvolvimento das crianças. (OLIVEIRA, 2012, p. 38).

Ainda na perspectiva de valorizar um currículo para a Educação Infantil que cumpra com suas reais necessidades, a autora continua:

A definição de currículo defendida nas diretrizes põe foco na ação mediadora da instituição de Educação Infantil como articuladora das experiências e saberes das crianças e os conhecimentos que circulam na cultura mais ampla e que despertam o interesse das crianças. Essa definição amplia sobremaneira as experiências que podem ser promovidas na Educação Infantil, considerando um espaço privilegiado na promoção de interações das crianças com outras crianças e com adultos, ampliando suas aprendizagens e relações sociais. É uma definição que foge de versões já superadas de conceber listas de conteúdos obrigatórios, de disciplinas estanques, de atividades que apenas antecipam aprendizagem das etapas posteriores da educação, ou ainda da ideia de pensar que na Educação Infantil não há necessidade de qualquer planejamento de atividades em que o regente é um calendário voltado a comemorar determinadas datas sem avaliar o sentido das mesmas e o valor formativo dessas comemorações, e também da ideia de que saber do senso comum é o que deve ser tratado com crianças pequenas. (OLIVEIRA, 2012, p. 39).

Dois pontos nos chamam atenção nas situações supracitadas: compreender a criança do ponto de vista dela e a superação de listas de conteúdos obrigatórios. No que se refere à primeira, é uma questão bastante desafiadora quando se trata de uma sociedade que, secularmente, imaginou os sujeitos como tábuas rasas e que nada traziam para a escola.

Salles e Faria (2012) apontam que as crianças são sujeitos sócio-históricos e que considerar essa afirmativa é acreditar que estamos trabalhando com crianças que têm vontades,

opiniões, capacidades de decidir, maneiras de pensar e de se expressarem e que suas formas de perceberem o mundo foram construídas de forma histórica, na cultura em que estão inseridas.

Nesse sentido, a criança, ao chegar nas instituições de Educação Infantil, traz muitas aprendizagens construídas ao longo da sua existência por meio das interações com seus familiares e demais grupos. Sua capacidade de aprender é ampla e a construção do currículo precisa ser pensada a partir da compreensão dessas várias possibilidades.

Salles e Faria (2012) alertam para o fato de que a idade entre 0 e 5 anos é um dos períodos mais significativos no que se refere ao desenvolvimento e à capacidade de aprender. As autoras, ao citarem Lima (2008), advogam que um dos aspectos dessa importância diz respeito à plasticidade cerebral, que consiste na possibilidade de formação de conexões dos neurônios a partir de sinapse. Elas também afirmam que na idade relacionada à Educação Infantil, as crianças têm maior capacidade de aprender do que em qualquer outra idade, pois na infância as conexões entre os neurônios são mais intensas, mais rápidas e em maior quantidade.

Sabemos que o grande desafio que está posto hoje no contexto educacional é o de perceber que os professores estão em sala de aula com o objetivo de apresentar o significativo, contudo a construção do significado é algo singular de cada sujeito, e depende de suas vivências (BARGUIL, 2016) e conseqüentemente das suas construções sinápticas.

Essas conexões e a elaboração de significados podem ser percebidas na própria sala de aula com os relatos das crianças. Para isso, o professor precisa ter sensibilidade para ouvir o que os sujeitos dizem, valorizando essa fala.

No que concerne ao segundo ponto, pensar na Educação Infantil com supervalorização de conteúdos a serem trabalhados, sem pensar o sentido que esses trarão para as crianças é o mesmo que desconsiderar o percurso histórico que vivenciamos, seja como professores, seja como discentes.

No caso dos professores, as eventuais lacunas do seu processo formativo e as condições de trabalho – ausência ou precariedade de recursos didáticos e de espaços educativos, sala de aula com muitos estudantes... – comprometem a qualidade do ensino. Infelizmente, é muito mais fácil, na prática educativa, levar algo pronto, embasado em uma data comemorativa, pesquisar uma atividade de pintura e levar para as crianças exercitarem, sem a devida significação.

A pressão social se manifesta de diversas maneiras, inclusive no discurso de que “O professor precisa se reinventar!”, como se fosse algo que dependesse apenas dele. É certo que a nossa profissão demanda uma atualização contínua, mas se reinventar não significa fechar os olhos para a realidade e do direito de termos condições dignas de formação e trabalho.

Os conteúdos programáticos das instituições de Educação Infantil ainda se deparam em seu plano de curso com a elaboração de propostas que objetivam trabalhar com foco em datas comemorativas, mensalmente os trabalhos se desenvolvem em cima de alguma. Dia das mães, dia dos pais, Independência, Carnaval, São João, Natal etc.

Com a excessiva valorização de datas comemorativas, pode acontecer de o foco principal ser esquecido: a construção da autonomia. Salles e Faria (2012) alertam para a coerência que deve existir na postura do profissional de Educação Infantil de modo que possibilitem às crianças experiências constantes de reflexão sobre suas ações.

Barguil (2016), ao citar a compreensão de Herculano-Hozel (2010), salienta que atenção e prática, método e motivação são os três fatores contribuintes da aprendizagem. Nesse sentido, alerta para o fato de que a escola precisa oportunizar aos estudantes a mobilização desses aspectos, que se relacionam com as dimensões afetiva, motora e cognitiva.

Ainda nesse contexto, o autor aproveita para realizar uma crítica acerca da Educação escolar que se volta para a Pedagogia do Discurso, termo criado por ele para designar as práticas de ensino que visam apenas à transmissão do conhecimento. E faz uma convocação para o uso da Pedagogia do Percuro, a qual tem características contrárias.

Acredito que a Educação escolar tem negligenciado as dimensões afetiva e motora, concentrando seus esforços apenas na cognitiva. Sob a égide do “**computacionalismo**”, da **Educação Bancária**, da **Pedagogia do Discurso**, as nossas práticas do ensino, que visam à transmissão do conhecimento, necessitam de silêncio e quietude dos estudantes, cabendo aos mesmos apenas guardá-lo. Uma Educação escolar inspirada no **culturalismo**, na **Educação Problematicadora**, na **Pedagogia do Percuro** resgata os afetos e os corpos de estudantes, convocando-os a, dentro da sala de aula, utilizar todo o seu ser na constituição de sentido ao conhecimento, que se lhe apresenta como informação, a qual necessita ser digerida por todo seu corpo, não apenas engolida pelo seu cérebro. (BARGUIL, 2016, p. 198-199, negrito no original).

Quando o professor de Educação Infantil estabelece como meta o desenvolvimento das crianças mediante atividades diversificadas, quando elas escolhem o que fazer a partir de opções apresentadas pelo docente, ele oportuniza que elas se apropriem das múltiplas linguagens, possibilitando, assim, por meio da interação com os outros sujeitos, o desenvolvimento da função simbólica.

Essa capacidade favorece que os sujeitos possam agir no mundo por meio da ação simbólica e não somente da ação física. A criança aprende por meio da elaboração de significados a partir de signos e símbolos (SALLES; FARIA, 2012). As possibilidades do desenvolvimento das funções simbólicas são muito maiores nas instituições que favorecem

múltiplas experiências aos sujeitos do que aquelas cujo foco está centrado apenas em datas comemorativas.

Apresento, como exemplo, o seguinte relato. Em uma determinada atividade, a professora de Educação Infantil, durante uma de suas vivências com as crianças, está trabalhando animais e leva para sala um livro que trata de ratos. Uma criança cita que na sua casa havia um animal parecido, mas que não se chamava rato e sim catita.

Existem duas possibilidades nessa situação, a primeira é a professora desconsiderar o que a criança está trazendo e correr o risco de continuar uma aula cujo interesse não surja, a segunda é dar a oportunidade de a criança ser ouvida e construir junto com ela novas aprendizagens e significações para aquele momento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) apresentam três princípios que devem nortear as práticas com as crianças, são eles: éticos, políticos e estéticos.

Os princípios éticos estão relacionado ao direito que o educando tem de ter sua autonomia valorizada. Bem como intenciona que o professor perceba que as crianças, as quais ele recebe, possuem culturas e identidades distintas, as quais precisam ser conhecidas e respeitadas sem preconceito. Seus saberes precisam ser valorizados, de modo que as crianças se percebam como parte de uma coletividade.

Em relação aos princípios políticos, as orientações são de que, desde cedo, os estudantes percebam que têm direitos e deveres a serem exercidos. A escola deve proporcionar oportunidades do desenvolvimento da criticidade, de modo que os sujeitos possam aprender a dialogar com segurança e opiniões próprias, sendo capazes de resolver conflitos que eventualmente venham a surgir.

Já os princípios estéticos estão relacionados a respeitar a sensibilidade dos indivíduos, sua criatividade, com a valorização das expressões artísticas, gráficas, científicas e tecnológicas.

Nesse sentido, consideramos que, na Educação Infantil, a elaboração de conteúdos de Linguagem, Matemática, Natureza e Sociedades, Artes etc., devem ser apenas propostas norteadoras para que o professor ajude as crianças a desenvolverem suas dimensões por meio de experiências significativas. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) é um documento que pode ajudar as instituições de Educação Infantil a assegurarem isso com maior precisão, como trataremos no tópico seguinte.

### 3.5 Contribuições da BNCC para a Educação Infantil

Vimos ao longo dos tópicos que a Educação Infantil passou por processos de lutas, pois a diferenciação de Educação para pobres e ricos era observada. As desigualdades no acesso à escola eram naturalizadas.

A implementação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, um documento de caráter normativo, aprovado em dezembro de 2017, busca uma nova visão educacional na medida em que considera que as escolas precisam desenvolver seus trabalhos pautados na igualdade e equidade.

Trabalha a igualdade por explicitar as aprendizagens essenciais que todos os estudantes precisam desenvolver. No que se refere à equidade, reconhece que as necessidades estudantis são singulares. A BNCC vem com o objetivo de complementar os currículos escolares a fim de garantir as aprendizagens essenciais de cada etapa da Educação Básica (BRASIL, 2018).

Apesar da aprovação do documento referente à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental ter acontecido em 2017, a caminhada teve início bem antes dessa data, pois a primeira versão foi divulgada em 16 de setembro de 2015. Após consulta pública, que contou com mais de 12 milhões de sugestões para viabilizar a melhoria do documento, algumas alterações foram realizadas, sendo a segunda versão apresentada em 03 de maio de 2016.

Em abril de 2017, o Ministério da Educação entregou ao Conselho Nacional de Educação – CNE a versão final da BNCC para ser nele discutida. Em 20 de dezembro de 2017, o Ministro de Educação, Mendonça Filho, homologou o documento, tendo em vista a aprovação no CNE do Parecer CNE/CP nº 15/2017, que instituiu e orientou a implantação da BNCC.

Cury, Reis e Zanardi (2018) questionam o significado de um conhecimento ser básico e comum, motivo pelo qual refutam a pretensa imparcialidade do documento. Apesar do Ministério da Educação considerar que a BNCC não é currículo, tendo em vista que o seu papel é apresentar os objetivos que se pretende alcançar e o currículo define como alcançar esses objetivos, os autores discordam desta alegação e denunciam que a BNCC tem uma concepção de currículo disfarçada em direitos de aprendizagens, os quais numa visão tecnicista e meritocrática, configuram-se em deveres de aprendizagem.

Os autores, após compararem a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e a BNCC de 2017, afirmam que existem contradições entre os documentos, pois enquanto os 2 primeiros defendem a pluralidade, a diversidade e a não discriminação, este apresenta descritores de conteúdos.

Para demonstrar que a BNCC apresenta uma perspectiva de currículo antidemocrático, Cury, Reis e Zanardi (2018) apresentam as concepções de currículo de três autores – Sacristán (2013), Macedo (2013) e Freire (1986) – e as comparam com a que consta na BNCC.

Para Sacristán (2013), currículo é o que o aluno estuda. Macedo (2013), por sua vez, apresenta duas concepções de currículo: na primeira, ele é um documento que expressa e organiza a formação; na segunda, ele se dinamiza na prática educativa como um todo e nela assume feições que o conhecimento e a compreensão do mesmo por si só não permite elucidar. A terceira ideia de currículo é de Freire (1986), que o define como a política, a teoria e a prática educacional no espaço escolar e nas ações que acontecem fora desse espaço numa perspectiva crítico-transformadora.

Conforme Cury, Reis e Zanardi (2018), a concepção de currículo apresentada na BNCC se aproxima das ideias defendidas por Sacristán (2013) e pela primeira ideia de Macedo (2013) e está distante da concepção de Freire (1986). Em virtude disso, aqueles não acreditam que a BNCC contribui para a resolução dos problemas educacionais, mas os aprofunda, por não considerar os direitos da maioria da população excluída e contribuir para a reprodução de uma sociedade excludente.

Após a BNCC ser aprovada, os municípios brasileiros foram orientados a, até o final do ano de 2018, realizarem as adaptações necessárias em seus projetos políticos pedagógicos, de modo que ficassem de acordo com as exigências apresentadas na base. Desde então, o que se tem visto é o engajamento das secretarias Municipais de Educação, realizando formações com os agentes pedagógicos das instituições de modo a divulgar o conteúdo da BNCC.

No que compete à Educação Infantil o documento aponta 6 (seis) direitos de aprendizagens essenciais para as crianças de 0 a 5 anos:

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Fonte: BRASIL (2018, p. 38).

A organização curricular da BNCC para Educação Infantil está dividida em cinco campos de experiências: “O eu, o outro e o nós”, “Corpo, gestos e movimentos”, “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, “Traços, sons, cores e formas” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” objetivando que o professor ao elaborar seus planejamentos possa garantir que todos os direitos sejam vivenciados, nas mais diversas linguagens (BRASIL, 2018, p. 39-42)



### **O eu, o outro e o nós**

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

### **Corpo, gestos e movimentos**

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.).

### **Traços, sons, cores e formas**

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas.

### **Escuta, fala, pensamento e imaginação**

Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre

ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua.

### **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**

As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.). Demonstram também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) e o mundo sociocultural (as relações de parentesco e sociais entre as pessoas que conhece; como vivem e em que trabalham essas pessoas; quais suas tradições e seus costumes; a diversidade entre elas etc.). Além disso, nessas experiências e em muitas outras, as crianças também se deparam, frequentemente, com conhecimentos matemáticos (contagem, ordenação, relações entre quantidades, dimensões, medidas, comparação de pesos e de comprimentos, avaliação de distâncias, reconhecimento de formas geométricas, conhecimento e reconhecimento de numerais cardinais e ordinais etc.) que igualmente aguçam a curiosidade. Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano.

Fonte: BRASIL (2018, p. 39-42).

É de fundamental importância que o professorado tenha sempre em mente, no ato da elaboração dos seus planejamentos ao seguir a BNCC, qual é o objetivo da Educação Infantil: o desenvolvimento de um ser holístico, motivo pelo qual durante a realização de uma determinada atividade não necessariamente será contemplado apenas um campo de experiência, tampouco apenas um objetivo de aprendizagem.

As articulações das experiências que são realizadas pelo professor possibilitam diferenciar as instituições umas das outras, de modo que se realize um trabalho singular, que esteja de acordo com o contexto do público atendido. Importante ainda salientar o quão significativa é a organização dos espaços educativos para a realização de tais experiências.

Além do espaço físico propriamente falando, precisam ser consideradas as relações interpessoais, atmosférica, afetiva, dentre outras (OLIVEIRA, 2012).

Optamos por finalizar esse capítulo com um questionamento. Rotineiramente nas formações de professores se ouve um discurso, por vezes pronto, de que a criança deve ser ouvida, compreendida e respeitada em sala de aula. É importante percebermos se as ações realizadas em sala de aula estão de fato de acordo com essa fala.

Essa reflexão surge de um depoimento de uma docente da Educação Infantil, a qual, ao relatar as ações comportamentais de uma turma composta por crianças de quatro anos, declara que se sentia feliz em encontrar uma maneira de as crianças não se movimentarem ou conversarem em sala de aula.

A estratégia citada por ela foi a criação de uns monstros do silêncio, os quais funcionavam da seguinte maneira: cada criança recebia um monstro feito de bexigas e uma caixinha. O monstro ficava em cima da cadeira da criança, porém, caso ela corresse ou conversasse na sala, como punição, seu monstro era escondido dentro da caixinha e não poderia sair enquanto ela não voltasse a “se comportar”.

Ações como essas não são difíceis de serem percebidas nas rotinas escolares, infelizmente! De modo geral, o discurso educacional é de liberdade, porém as ações são de aprisionamento: do corpo, da fala, dos afetos. A pedagogia do controle reina de forma secular e o nosso grande sonho é que, com a implementação e o estudo da BNCC, as ações sejam repensadas e a Educação se torne mais libertadora.

Apesar de ter vigorado por tanto tempo uma concepção inadequada de criança, vivemos, atualmente, uma transformação do ideário, fruto de lutas que visam à melhoria da Educação. Encerro este capítulo, afirmando que o mundo é pequeno demais para o tamanho de nossas ações nele, pois acredito que “Não é o que mundo reserva para você, mas o que você traz para o mundo.”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Frase dita pela personagem Anne, na série *Anne with an E*, disponível na Netflix.

## 4 “SÓ PODEMOS ALCANÇAR O IMPOSSÍVEL SE ACREDITARMOS QUE É POSSÍVEL!”

Este capítulo está dividido em quatro seções. Na primeira, reflito sobre como as diferentes linguagens infantis (do brincar, artística, musical) estão sendo trabalhadas nas instituições educativas. Também apresento alguns instrumentos didáticos metodológicos (processo de observação, registros, documentação pedagógica) para que o professor possibilite o desenvolvimento das linguagens infantis e reflita também sobre sua prática.

Na segunda seção, defendo que a Educação Matemática, quando trabalhada na Educação Infantil com recursos e metodologias adequadas pode favorecer o desenvolvimento de um ser integral. A terceira seção traz as reflexões sobre as possibilidades do uso da Literatura Infantil para a aprendizagem de conceitos matemáticos de crianças bem pequenas. Por fim, na quarta seção, socializo a revisão da literatura com as recentes pesquisas envolvendo Educação matemática e Literatura infantil.

### 4.1 As crianças na Educação Infantil

O que é uma criança potente? O que podemos fazer enquanto professores para ajudar a desenvolver o potencial humano desde a infância? Quais linguagens temos valorizado em nossas crianças? As crianças têm tido a oportunidade de falar com seus corpos? Os espaços têm contribuído pra a aprendizagem e desenvolvimento integral? Como as emoções têm sido trabalhadas em sala de aula?

Nunca Pare de Sonhar

Gonzaguinha

Ontem um menino que brincava me falou  
 Hoje é semente do amanhã  
 Para não ter medo que este tempo vai passar  
 Não se desespere e nem pare de sonhar  
 Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs  
 Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar  
 Fé na vida, fé no homem, fé no que virá  
 Nós podemos tudo, nós podemos mais  
 Vamos lá fazer o que será

Acredito na histórica luta em prol da melhoria da qualidade da Educação Infantil. Tenho fé na valorização da criança como um ser histórico de diretos, fé que um dia essas crianças que

nos chegam às instituições educativas não serão vistas como seres incapazes, mas sim como seres cujo potencial é gigantesco e que não estão ali para ser moldados, mas para serem orientados a desenvolverem suas habilidades.

Por mais que encontremos diversas vezes nos discursos dos educadores que as crianças são seres ativos e participativos, nem sempre a fala condiz com as ações. É bem fácil encontrarmos por trás desses discursos situações nas quais as crianças são meras receptoras daquilo que pelos professores é despejado de forma grotesca.

Dizemos que as crianças precisam desenvolver a autonomia, mas não é raro encontrarmos os professores alimentando-as pela boca durante o lanche: às vezes para serem mais rápidos no processo de alimentação, às vezes para evitar aborrecimentos com quem é responsável pela limpeza do espaço, que reclama que as crianças sujam demais quando comem sozinhas.

Dizemos que criança é movimento, mas quando elas correm as ordenamos que parem. Dizemos que o potencial das crianças é gigante, mas nos apressamos em lhes dar as respostas das atividades. Dizemos que as narrativas infantis são essenciais para compreendê-las, mas não temos tempo de ouvi-las porque há um cronograma a ser cumprido e nele o espaço para a escuta é mínimo.

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe consigo a necessidade de reconstrução em muitos locais da Europa. A escola era um dos espaços que precisava ser reerguido. Algumas cidades, com forte tradição de iniciativa, mobilizaram-se de forma espontânea para reconstrução desse espaço. Às vezes, os próprios pais das crianças tomaram a iniciativa.

Na Villa Cella, situada a alguns quilômetros do centro de Reggio Emilia, uniu-se a esses pais Lóris Malaguzzi (1920-1994) para construir uma escola, a *XXV Aprile* (25 de abril). Os recursos foram arrecadados com a venda de material bélico da guerra. Além disso, também foi reutilizado o material das casas destruídas por bombardeios.

Malaguzzi, entusiasmado pelo empenho dos cidadãos, voluntariou-se a assumir a escola, que funcionava em sistema de autogestão em um primeiro momento, tornando-se estatal pela dificuldade encontrada pela população nos primeiros anos do pós-guerra. As ações do pedagogo o tornaram reconhecido como líder idealizador de uma nova forma de olhar, entender e fazer Educação Infantil em Reggio Emilia, seus pensamentos trouxeram influências para todo o Norte da Itália. A abordagem de Reggio Emilia uma criança rica, ativa, participativa, protagonista das suas aprendizagens (BARACHO, 2011).

Mas o que é um ser protagonista? Por que depois de tanto tempo enxergando a criança como uma tábula rasa essa visão começa a mudar? Vários pesquisadores, Campos (2009),

Rosemberg (2009), Cruz e Cruz (2015) postulam que a criança seja o centro do processo educativo, com direito a um espaço escolar que lhe atenda com qualidade e escute suas necessidades.

Em uma história, protagonista é o personagem principal, em torno do qual aquela se desenvolve. No que se refere à Educação, foram os escolanovistas os primeiros a utilizarem o termo, que na atualidade está muito presente nas discussões educacionais italianas (SALAZAR; BALDUZZI; LAZZARI, 2019).

A criança protagonista de seu desenvolvimento é o ator principal em todo o processo educacional. Nesta perspectiva, as instituições que atendem crianças necessitam de uma abordagem que possibilite à criança ser investigadora de suas próprias ações, uma vez que possui linguagens expressivas. Malaguzzi diz que as crianças têm cem linguagens, mas infelizmente enquanto professores temos valorizado apenas uma.

Ao contrário, as cem existem

Loris Malaguzzi

A criança é feita de cem.

A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar,  
de jogar e de falar.

Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.

Cem alegrias para cantar e compreender.

Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.

Cem mundos para sonhar.

A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem),  
mas roubaram-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.

Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar,

De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e, de cem,  
roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação,

O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.

Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário,

As cem existem.

Fonte: Edwards e Carolyn (2015, p. 21).

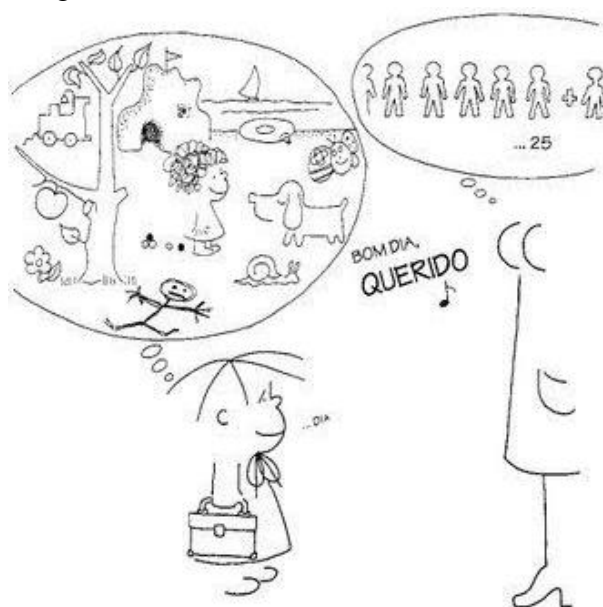
Entendo que a ideia de Malaguzzi é uma metáfora que nos ajuda a compreender que não podemos pensar na criança como ser compartimentado, mas como um ser completo, que precisa se desenvolver integralmente. É por isso que os currículos da Educação Infantil também não podem promover segregação. Afinal, quando se divide o currículo por conteúdos a serem trabalhados de forma separada, está implícita a concepção de criança como um sujeito que se desenvolve por partes.

Cruz e Scharam (2019) advogam que, apesar do tempo decorrente em prol das lutas por uma Educação Infantil de qualidade que respeite os direitos das crianças, as instituições de modo geral têm heranças do passado, pois expressam em atitudes a crença de que as crianças não precisam ter suas necessidades afetivas, motoras e interativas atendidas, mas apenas serem preparadas para o futuro. Nesse sentido, o desenvolvimento da autonomia continua muitas vezes ainda como Pedagogia do Discurso, no qual o professor é o único que tem o poder de fala e decisão, mediante o disciplinamento.

Essa situação é fácil de ser percebida, por exemplo, na elaboração dos projetos pedagógicos das instituições de Educação Infantil, nos quais conteúdos, espaços e materiais são, muitas vezes, pensados pelos adultos sem considerar as especificidades das crianças. De modo geral, as instituições elaboram os projetos antes de se iniciar o ano letivo, sem conhecer o perfil de criança que irá atender. Ou seja, eles não consideram as especificidades de cada criança e são, frequentemente, repetidos por anos.

A figura abaixo demonstra com bastante sensibilidade o ser que chega à escola e o que a escola tem esperado. Ela foi escolhida por representar o uso das linguagens infantil defendidas nesse trabalho dissertativo

Imagem 01 – Primeiro dia na escola: o encontro...



Primeiro dia na escola: o encontro...

Fonte: [http://3.bp.blogspot.com/-3ilQb-4\\_tJU/TVrg\\_B9MeHI/AAAAAAAAAFc/JFtNzc3jELg/s320/tonucci001.jpg](http://3.bp.blogspot.com/-3ilQb-4_tJU/TVrg_B9MeHI/AAAAAAAAAFc/JFtNzc3jELg/s320/tonucci001.jpg)



A representação de uma criança que chega a escola cheia de perspectivas, desejos, imaginação e com múltiplas possibilidades e se (des)encontra com um profissional, que vai acompanhá-la nesse percurso, cujos pensamentos ainda estão voltados para uma pedagogia do controle, objetivando moldar as crianças para que todas sejam iguais.

Apesar de os documentos que referenciam a Educação Infantil, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), alertarem para o grande potencial que a criança possui, o que percebemos nas creches e pré-escolas, ainda com bastante frequência, é a predominância de uma educação tradicional, que visa a transmitir o conhecimento, por meio de oratórias docentes, nas quais as crianças são consideradas receptores de informações.

Presenciei, algumas vezes, seja quando me encontrava nos estágios supervisionados durante o curso de Pedagogia, seja quando atuava como assistente da Educação Infantil, práticas nas quais as crianças precisavam permanecer sentadas durante muito tempo da rotina escola, apenas ouvindo o professor discursar.

Nessa prática secular, o que se observa é uma separação da cabeça e do corpo da criança. Ou seja, a supervalorização da dimensão cognitiva e o esquecimento das outras dimensões, que são também importantes para o desenvolvimento de um ser humano mais resiliente, ativo e participativo.

Essa afirmativa também é apontada por Souza (2016), ao denunciar que as escolas em sua maioria restringem as atividades lúdicas, as quais são características da Educação Infantil, à repetição de exercícios, os quais objetivam apenas a discriminação viso-motora e auditiva. As atividades acontecem repetidamente e exaustivamente.

Ao fazer isso, ao mesmo tempo em que bloqueiam a organização independente das crianças, para a brincadeira, essas práticas pré-escolares, devido ao trabalho lúdico didatizado, enfadam os alunos, como se sua ação simbólica servisse apenas para exercitar e facilitar para o professor a transmissão de determinada visão do mundo definida *a priori* pela escola. (SOUZA, 2016, p. 21, *itálico no original*).

Nesse sentido, se faz urgente pensar no tipo de currículo que as escolas têm propiciando para os sujeitos que as frequentam. As propostas pedagógicas são documentos que precisam objetivar as mais variadas experiências para que as crianças vivenciem as dimensões afetiva, motora, ético-política, estética... Precisamos, portanto, educar o sujeito para a sensibilidade desde a infância.

As DCNEI (BRASIL, 2009) orientam a oferta da Educação Infantil e defendem a ideia de uma criança potente, a qual merece e tem o direito de ser ouvida e respeitada. A BNCC

(BRASIL, 2017), documento mais recente e que tem inspiração nas DCNEI (BRASIL, 2009), no que se refere à Educação Infantil, enfatiza a necessidade de compreender que as crianças têm o direito de, em todos os momentos, serem educados em sua totalidade, ou seja, não podemos permanecer trabalhando as dimensões separadas por dias da semana, como de modo geral acontece na organização das propostas escolares, conforme Quadro 02:

Quadro 02 – Exemplo de Organização do Tempo e Atividades Escolares

<b>DIA DA SEMANA</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Segunda	Linguagem e Matemática
Terça	Matemática e Linguagem
Quarta	Natureza e Sociedade/Música
Quinta	Linguagem e Matemática
Sexta	Artes e Movimento

Fonte: Elaborado pela autora.

Quero enfatizar neste trabalho dissertativo que ao trabalhar na Educação Infantil o professor precisa garantir vivências que contemplem as crianças em sua totalidade. Impor às crianças restrições posturais, como eventualmente observamos nas instituições, onde devem permanecer sentadas, caladas e às vezes em filas esperando o comando do professor, bem como atividades que envolvem a realização de tarefas xerocopiadas descontextualizadas, não contribui para manter a ordem e harmonia, mas sim para o desencarnar das potencialidades infantis. Quando assim agimos, estamos contribuindo para a formação de um ser passivo e hostil (SOUZA, 2016).

Compartilho da seguinte opinião de Souza (2016, p. 26):

Um grupo disciplinado não é aquele em que todos se mantêm quietos e calados, e sim um grupo em que todos os elementos se encontram envolvidos e mobilizados pelas atividades propostas. Os deslocamentos, as conversas e as brincadeiras resultantes desse envolvimento não podem ser entendidos como dispersão ou desordem, mas como uma manifestação natural das crianças.

Refletir sobre a pobreza das experiências que as crianças vivenciam nas instituições de Educação Infantil ajuda a perceber que os limites vivenciados por elas promovem a castração de muitas de suas linguagens. Se pensarmos que a escola não é um local de preparação para a vida futura, mas é um local onde vivemos pelo menos quinze anos, e esse tempo precisa ser valorizado: Será que nossas ações possibilitam experiências mais prazerosas e significativas?

É nessa perspectiva que acreditamos que o professor, enquanto orientador e organizador das atividades das crianças nas escolas, precisa ser também um professor potente, investigador, que está aberto a conhecer os sujeitos com os quais interage, o professor precisa ser capaz de encantar.

O encantamento só é possível quando as ações desenvolvidas estão livres de cobranças desnecessárias, entender que não se pode controlar o aprendizado, mas que se pode oportunizá-lo de forma prazerosa, contribuindo, assim, para a formação do sujeito holístico. O vocábulo holismo deriva do termo grego *holos*, que significa inteiro.

Conforme Capra (2001), durante o século XX, em virtude de novas concepções da Física, a visão de mundo mecanicista de Descartes e de Newton, que acreditavam que o universo material para ser compreendido precisa ser analisado em suas diminutas partes, tem sido substituída por uma visão holística, ecológica, que “[...] concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas.” (CAPRA, 2001, p. 25).

Em uma Educação Holística, conforme Nascimento e Souza (2014, p. 07), o professor está comprometido em formar plenamente os estudantes, em “[...] buscar a grandeza que há dentro de cada um deles”, pois “Proporcionar ao aluno o desenvolvimento pleno de suas potencialidades levando-o a construir o conhecimento de si mesmo enquanto ser em sua totalidade é trabalhar para todos em diferentes dimensões pessoais: física, intelectual, emocional e espiritual.”.

#### A professora encantadora

Márcio Vassallo

Maísa era uma professora que olhava para tudo com olhos de assombro e estranheza. Ela dizia que assombro é um susto cheio de beleza e que estranheza é o casamento do estranho com a surpresa.

As aulas da Maísa eram mesmo assombrosas, estranhas e surpreendentes. Na escola ela se derretia de amor pelas palavras, pelas frases e pelos livros.

Mas Maísa se derretia ainda mais pelas pessoas que pelos livros. Então a professora encantava a gente com todo aquele derretimento. E dava aula de esticar suspiro. De olhos fechados, nós aprendíamos a suspirar fundo. E Maísa suspirava junto com a gente, com aquele seu riso, as vezes freado, as vezes desembestado.

Ah e para ninguém atrapalhar a aula com urgências sem importância, no lado de fora da porta, a professora prendia um aviso: NÃO ENTRE AGORA. ESTAMOS SUSPIRANDO.

No começo os alunos que ainda não conheciam bem Maísa, achavam que um dia ela daria uma prova, para ver que tinha aprendido a suspirar certo. Mas a professora logo explicava que não existia suspiro certo nem suspiro errado, e que suspirar de verdade para ela, era puxar do peito uma quentura infinita e tirar lá de dentro uns apertos ruins de largura descabida.

Sempre que podia, e a Maísa podia quase sempre, ela também nos ensinava a catar perguntas novas dentro das histórias, dos versos e das cenas e das ideias, das pessoas. Ela dizia que pergunta nova é uma que desdobra a gente por dentro, e a Maísa gostava um bocado de desdobrar gente por dentro.

Assim a professora também nos ajudava a diminuir medos no coração, dividir silêncio na frente de uma beleza e multiplicar poesia no pensamento.

E ela nos mostrava que estranho pode ser apenas o que a gente ainda não conhece. Que um dia cinzento pode ser bonito. Por fora e por dentro. Que uma vida sem perturbações é como um mar sem ondas. Que alguém só sabe ensinar quando não consegue parar de aprender. Que errar também pode ser uma forma de caminhar. Que ninguém escolhe o momento em que uma raiva começa mas que todo mundo pode escolher quando é que ela acaba. Que nada é mais importante do que entender os próprios sentimentos, para não deixar que eles mandem nas nossas razões. Que nada é mais importante que entender as próprias razões para não deixar que elas mandem nos nossos sentimentos.

Ah, tinha vezes que Maísa confundia a gente. Tinha vezes que a gente confundia a Maísa. Mas a maior confusão de todas era mesmo quando tanta gente na sala tinha vontade de abraçar a professora ao mesmo tempo, e a Maísa abraçava as pessoas que sentavam na frente, abraçava as pessoas que sentavam atrás, abraçava as pessoas que sentavam no meio e inventava motivo para todo mundo se abraçar também.

Aliás, na escola toda, quem aceitasse ganhar um abraço da Maísa ganhava também um poema.

Ela sempre tinha um poema para dar asas nos outros. A Maísa dizia que dar asas nas pessoas e reconhecer o que cada uma delas tem de mais bonito e mágico.

Bem, a verdade é que nem todo mundo na escola dava asa para a Maísa. Algumas pessoas diziam que ela precisava parar com aquela mania de dar asas aos outros, que ela deveria ter os pés no chão e que, na realidade, a Maísa não era uma boa professora, porque não preparava os alunos para o futuro.

Mas a Maísa voava porque pegava impulso do chão e ela não entendia essa história de preparar gente para o futuro, não.

No relógio da Maísa o futuro chegava sempre em um minuto para daqui a pouco. E antes de daqui a pouco, sem pressa nenhuma, ela também dava aula de despreparo. Afinal a professora nos explicava que ninguém pode ter surpresas deliciosas com as coisas mais simples da vida se estiver preparados para elas

Só que ninguém, quase nunca estava preparado para Maísa.

É assim ela me ensinou a suspirar, e ensinou a não ter medo de errar, me ensinou a reparar, me ensinou a escutar, me ensinou a esperar, me ensinou a parar, me ensinou a flutuar.

Não que eu tenha aprendido tudo tanto assim, mas a Maísa me ensinou mais do que um bocadinho de coisa. Ela só não me ensinou a ficar tão longe dela, aquela professora. E se puder me encontrar com Maísa, de novo, um dia, vou conversar bem no ouvido dela porque eu escolhi ser escritor.

*– Eu escrevo mais do que tudo é pra ficar perto de você, minha professora encantadora.*

Fonte: Vassalo (2010).

A professora Maísa acima descrita é o modelo de professora que a nova concepção de criança, um ser histórico e social, apresentada nos documentos legais (LDB, RCNEI, DCNEI, BNCC), necessita de forma URGENTE. O professor que contagia, envolve, ajuda a criança a se descobrir todos os dias.

Encontramos todos os dias centenas de Maísas nas nossas instituições de Educação Infantil, muitas que lutam com garra pelo trabalho em creches e pré-escolas que valorizam a criança real. Mas ainda encontramos também Maísas adormecidas, ainda focadas na concepção de criança passiva do início do século.

Se a prática do século XX e anteriores continuar nas instituições de Educação Infantil, jamais teremos sucesso com nossas crianças, afinal:

É consenso entre os pensadores da educação que a criança só interioriza o que você ensina se estiver de alguma forma emocional e afetivamente, ligada ao conteúdo por um desafio, uma motivação, ou se perceber a importância e aplicação de tudo aquilo que você quer transmitir, e, é claro, se acontecer a troca de conhecimentos e experiências entre as pessoas envolvidas. (SOUZA, 2016, p. 27).

Ou seja, o tempo do professor detentor de todo o conhecimento está ultrapassado. E hoje só se pode ensinar se estiver preparado para aprender com as crianças potentes que recebemos todos os dias.

Rinaldi (2016) nos ajuda a compreender o quão importante é o professor que atua na de Educação Infantil ter uma escuta sensível e acolhedora para entender os sujeitos com os quais interage e conseqüentemente elaborar práticas que favoreçam a constituição de significados. É por meio dessa escuta sensível, que o professor compreende e ajuda a desenvolver as diferentes linguagens infantis.

Na nossa rotina diária, é muito comum perguntarmos como o outro está, porém nem sempre paramos para ouvir a resposta de forma realmente atenta. A pergunta parece já ser um ritual automático e a resposta dada não tem muito significado para a maioria das pessoas. Quando verdadeiramente paramos para ouvir o outro, suas angústias, alegrias, conquistas... estamos demonstrando o quão importante a vida do outro é para nós.

Assim, a pedagogia da escuta não é apenas uma pedagogia para a escola, mas também uma atitude para a vida. Pode ser uma ferramenta, mas também pode ser algo a mais. Significa assumir responsabilidade pelo que é compartilhado. Se precisamos ser ouvidos, então escutar é uma das atitudes mais importantes para a identidade do ser humano. (RINALDI, 2016, p. 236).

Nas instituições de Educação Infantil, as crianças precisam de tempo para serem ouvidas, ouvir o que elas tem a dizer, documentar essas falas e posteriormente transformá-las em recursos pedagógicos para orientar essa vida que está se desenvolvendo é o maior presente que podemos dar ao sujeitos em formação (RINALDI, 2016).

Barguil (2020a) também defende a escuta discente alertando que privilegiar a verbalização docente e a memorização dos estudantes impede a elaboração de hipótese, a verificação destas, as quais são atividades essenciais para que eles construam o conhecimento. O mais importante nesse cenário é conceder espaço e tempo para os sujeitos interagirem e construam seus próprios conhecimentos.

A ideia de Barguil (2020a), ao defender uma pedagogia em que o professor escuta o estudante, batizada por ele de Pedagogia do Percurso, está no fato de o autor compreender que a escola é responsável por apresentar aos estudantes significantes, porém o significado daquilo

apresentado é construído por cada sujeito de forma particular, participando de diferentes experiências, inclusive de ser ouvido.

Escutar o outro significa abrir mão de verdades pré-estabelecidas, se desprender do que acreditamos e estar aberto a ouvir não só com os ouvidos, mas com os olhos e coração o que o outro diz com palavras e gestos. O adulto só pode compreender a criança se percebê-la como um ser que já é e não como um ser que virá a ser.

Neste sentido, Barguil (2020a) defende que os professores precisam ter clareza de que os conteúdos estruturados nos currículos não podem ser restringidos à dimensão cognitiva, eles se dividem em: i) conceituais, ii) procedimentais, e iii) atitudinais. Tendo consciência desses conteúdos, o professor, durante a elaboração do seu planejamento, precisa pensar em práticas que possibilitem a integração deles, o que requer pensar estratégia metodológica, recursos materiais, espaços e tempos para alcançar os objetivos traçados.

Trago, a seguir, alguns elementos que são fundamentais quando se pensa no desenvolvimento das linguagens infantis: documentação pedagógica, espaço e tempo.

#### *4.1.1 Documentação pedagógica*

“É preciso seguir as crianças, não os planos”  
(Loris Malaguzzi)

Para que o trabalho na Educação da Infância aconteça com qualidade é indispensável que o professor utilize alguns recursos que o ajudem a acompanhar as suas ações de acordo com as necessidades das crianças, sendo um desses a documentação pedagógica, a qual favorece que o professor trabalhe com intencionalidade, evitando a mera realização de atividades burocráticas.

Cada criança é única, cada professor é único, cada turma é única, então cada ação precisa ser única! Nessa unicidade de experiências, sentimentos e expressões, construir uma documentação pedagógica que possibilite o desenrolar de ações significativas é indispensável.

A documentação pedagógica se configura em registros diários, os quais possibilitam ao professor a contínua reflexão sobre sua prática. Mediante observações registradas, o docente tem a oportunidade de avaliar o que foi vivido e replanejar ações. Freire (1978) declara que, por meio do registro, o educador e educando repensam sua prática.

Ao escrever sobre o cotidiano vivido com as crianças, o professor cria espaço para refletir sobre seu fazer, abre possibilidades para avaliar o caminho pedagógico planejado, redefinindo passos ou reafirmando o caminhar. O exercício do registro

diário oportuniza, de maneira ímpar, a articulação entre aspectos teóricos e práticos implicados na ação docente, entre conquistas realizadas e desafios mapeados, entre o projetado e o concretizado. Sobretudo: ao registrarem e refletirem sobre o conteúdo registrado, professoras e professores, apropriando-se de sua história, ensaiam autoria. (OSTETTO, 2017, p. 16).

São inúmeras as possibilidades desse registro pelo docente: fotografias, vídeos, anotações de experiências ou diálogos interessantes entre as crianças. No intuito de elaborar uma documentação pedagógica que favoreça a ação docente de forma investigativa, há ainda a necessidade da sensibilidade em ouvir de forma atenta, afetuosa e livre de pré-julgamentos.

A observação que gera a documentação é marcada pela qualidade da escuta, a qual requer abertura e sensibilidade para conectar-se ao outro, para ouvi-lo. Curiosidade, dúvida, interesse, emoção estão por trás do desejo de escuta e, por isso mesmo, documentar é também compromisso, disposição de acolher as vozes do outro, não somente com as orelhas, como adverte Carla Rinaldi (2012), mas com todos os nossos sentidos. (OSTETTO, 2017, p. 21).

Sobre a importância de registrar e acolher, trago ainda as contribuições de Barguil (2020a, p. 16):

Em prol do desenvolvimento e da aprendizagem discente, é indispensável que a professora interprete, analise as diversas manifestações, expressões – corporal, oralidade (escuta e fala) e registro, notação (leitura e escrita) – do (a) estudante, que revelam saberes e sentimentos, para, a partir de um diagnóstico, uma interpretação das mesmas, planejar e implementar uma ação (ensino) com mais qualidade. Dessa forma, a elaboração de instrumentos para coleta de dados e a análise desses são aspectos essenciais no trabalho docente. Defendo o abandono da Pedagogia do Discurso, que acredita ser possível o conhecimento ser transmitido pelo professor e absorvido pelo estudante, e se adote a Pedagogia do Percuro, na qual a ação educativa acontece com a transformação, em ritmos ímpares, de todos os envolvidos, que se percebem aprendizes e, também, ensinantes.

A documentação pedagógica é imprescindível também para o docente se auto-avaliar perceber em qual pedagogia ele está navegando, se opta pela Pedagogia do Percuro, ou se algumas vezes, ao escorregar na Pedagogia do Discurso, lá permanece ou não. Enquanto professora de Educação Infantil, utilizo sempre os registros para compreender o que os sujeitos estão me respondendo diante das propostas que eu levo para o contexto escolar, seja na sala de referência ou nos outros espaços da escola.

Apresento a seguir dois exemplos de registro que me ajudaram no processo investigativo da minha prática, compreender as características das crianças que atendo. O primeiro se refere à ideia de ludicidade, a qual tratarei mais adiante, e o segundo se refere ao fato de que os sujeitos os quais recebemos no contexto escolar possuem histórias únicas, as quais não podem ser menosprezadas, mas acolhidas.

Lúdico pra quem?  
 Maria Kênia Firmino da Silva

Data: 16 de fevereiro de 2019

Turma: Infantil 2

Engana-se quem pensa que a brincadeira de faz de conta é algo simples de se realizar. Quando se trata da criança social moderna ela se faz uma missão bastante desafiadora. Para que não lhe reste dúvida, conto-lhe uma situação vivenciada pelos agentes pedagógicos em situação de adaptação escolar, cujo sujeito em adaptação tem 2 anos.

Criança: Tia, liga pra minha mãe, liga?

Professora: Tá, eu vou ligar, brinca só mais um pouquinho aí eu ligo e ela te pega tá bom!?

Criança: Não, liga logo, liga!

A professora aproveita o contexto que ela imaginou ser lúdico e pega um telefone de plástico que havia entre os demais brinquedos e começa: "Oi, mamãe do fulano, tudo bem?".

Nesse momento, a criança retira o telefone da professora antes que ela prossiga. Ele olha, de um lado e do outro para o objeto, como se estivesse em uma análise muito "pesada" da situação e diz: "Nesse não! É no celular! Manda áudio!".

Agora estou aqui em uma guerra neural comigo mesma, pensando: Esse ser histórico, social e de direitos faz com que a gente repense todos os dias a nossa prática, né não?

Ora, veja você, onde já se viu em plena era do *WhatsApp* uma professora ligando pra mamãe! "Manda áudio, criatura!".

Docente Aprendiz  
 Maria Kênia Firmino da Silva

Data: 14 de novembro de 2017

Turma: Infantil 2

Costumo dizer que na vida nada acontece por acaso e vou lhe dar um exemplo que a meu ver justifica essa minha crença:

Era uma vez uma professora do Infantil II, uma idade que requer infinitos cuidados e atenção. Ela começou o ano letivo com 15 crianças, mais tarde chegou a 16ª, depois a 17ª, (já em junho). Quando essa chegou, aquela pediu transferência e aí chegou outra. Esse entra e sai traz consigo um novo processo de adaptação e a professora precisava estar preparada física e emocionalmente para isso. Quando tudo estava "dentro do normal," já no mês de outubro, ela recebeu a informação de que lhe chegaria a 18ª criança. Ela pensou consigo mesma: "Em pleno outubro vai começar tudo outra vez (referido-se ao processo adaptativo que é, na maioria das vezes, tão dolorido para ambas as partes). No caso dessa criança que estava chegando, ela deveria ser e estar cada vez mais forte para acolhê-la por motivos bem peculiares.

Contudo, há duas semanas, esse pequeno tesouro tem se mostrado para que veio para ela em pleno outubro, quando tudo já estava tão dentro da rotina.

Há uns 20 dias, aconteceu a partida prematura do pai de outro aluno, desde então algumas situações têm acontecido e, em muitas delas, aquela professora não sabia como lidar. Exemplo: Tia, liga pro meu pai lá no céu! Tia, o meu pai não vem mais me buscar hoje? (cara de tristeza sem fim). Essas atitudes a faziam até ter uma "DR" com Jesus questionando-o sobre como lidar com isso: "Jesus, eu não sabia que ia ter isso! Não tem no rol de disciplinas nenhuma que contemple esse assunto, por favor, para!".

Durante o pouco tempo de docência, ela já teve algumas experiências lindas, assim como certamente terá outras, contudo o diálogo entre dois seres iluminados ficará gravado para sempre. E ele aconteceu entre o sujeito 17º e o sujeito 18º.



Cenário: chão da sala de aula, crianças correndo, pulando, arengando. Dentro do banheiro, a auxiliar banhando algumas crianças, na porta do banheiro a professora orientando as crianças a se vestirem... sentados, perto da professora, sujeitos 17° e 18° brincando de montar um lego.

Sujeito 17° (2 anos e 6 meses): "Meu papai tá lá no céu. Ele num vem me buscar no coeigio mais não!"

Sujeito 18° (3 anos): "Meu papai também está no céu. Ele agora é uma estrelinha, mas a mamãe disse que ele está no meu coração" (leva a mão até o coração e sorri).

Sujeito 17 olha para o sujeito 18 e vice-versa, os dois dão um sorriso de alívio (pensa a professora) e voltam a brincar.

Naquele dia, as DRs dessa professora com Jesus se transformam em gratidão por ele sempre escrever certo por linhas tortas, por ele sempre mostrar que o tempo dele é o mais justo.

Por mais que ela não tenha estudado nada sobre o que dizer em situações como a relatada anteriormente, com certeza estudou sobre ZDP e lembra bem a defesa de um teórico famoso ao dizer que a ZDP não necessariamente acontece em uma ação mediada professor-estudante, essa pode ser entre estudante-estudante e depende do nível de maturação que um tem em relação ao outro. Por exemplo, se uma criança com idade de 5 anos já consegue amarrar o cadarço de um sapato e outra criança, cuja idade é a mesma, ainda apresenta dificuldades em relação a essa ação, a primeira criança se encontra em um nível de maturação diferente da segunda, estando apta a ajudá-la nessa tarefa.

No caso citado, a dor do sujeito 18 pela partida do pai já está um pouco mais madura, o que lhe dá meios para acolher a dor do sujeito 17. Ambos tão pequenos, tão cheios de luz, compartilhando um aprendizado único: "Eu te acolho!". Aquela que está ali para "ensinar" nesse cenário passa a ser o sujeito 19 e, na condição de aprendiz, se sente grata por cada novo dia que pode vivenciar cada ato de amor!

Tais registros me possibilitaram a autoavaliação: no primeiro refleti sobre o sentido da ludicidade ter aspectos diferentes para cada pessoa, no segundo, meditei que a docência vai muito além de ensinar conteúdos traçados em um documento. A docência é acolher, é entender o sentimento do outro, é perceber que, às vezes, somos o único suporte da criança para expressar suas emoções, as quais nem sempre são acolhidas como elas precisam, o que pode gerar vários congelamentos.

Observação, documentação e interpretação constituem três partes inseparáveis de um mesmo processo. Os documentos que produzimos nos ajudam a continuar a aprender todos os dias a nossa profissão, porque todos a cada dia temos que reaprender. Servir-nos da observação, da documentação e da interpretação nos ajuda, e chega mesmo a ser indispensável. Esses documentos que procuramos produzir convertem-se em documentos úteis tanto para valorar as experiências como para nos autovalorar. Também são instrumentos que nos dão apoio no processo de nos tomarmos profissionais individuais e de grupo. (DOVALI, 2017, p. 31).

No ano de 2020, com o surgimento da pandemia do novo coronavírus, a realidade educacional foi modificada, sendo necessário que a Educação acontecesse de forma remota, por meio do uso das tecnologias digitais, os professores realizavam interações com as crianças e as famílias à distância.

Nesse cenário, foi possível perceber grande participação dos pais nas atividades escolares de seus filhos. Para esse momento, criei uma documentação pedagógica que

rememora acontecimentos desse contexto, um documento no qual compartilhei fotografias com as famílias no final do ano letivo.

Na capa do caderno, está uma criança deitada em frente a um computador assistindo a algum vídeo das aulas remotas. Quando se abre o caderno, encontra-se a imagem de uma professora (no caso, eu) interagindo com essa criança por meio da tela. Nas páginas seguintes, o leitor encontra um resumo das vivências desse período (Fotografias 02, 03, 04, 05 e 06).

Fotografia 02 – Capa do portfólio



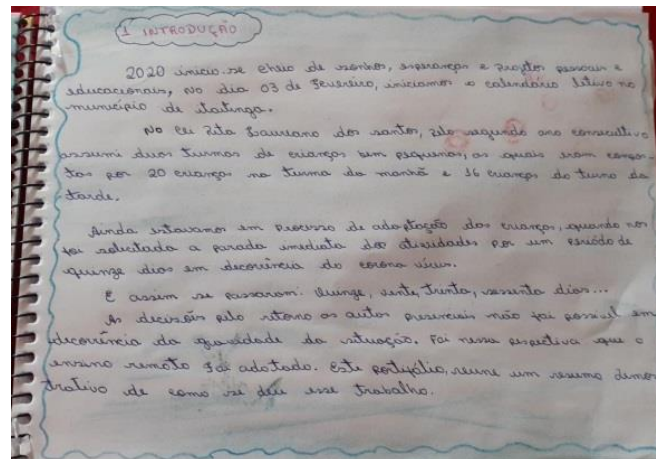
Fonte: Arquivo da autora.

Fotografia 03 – Contracapa do portfólio



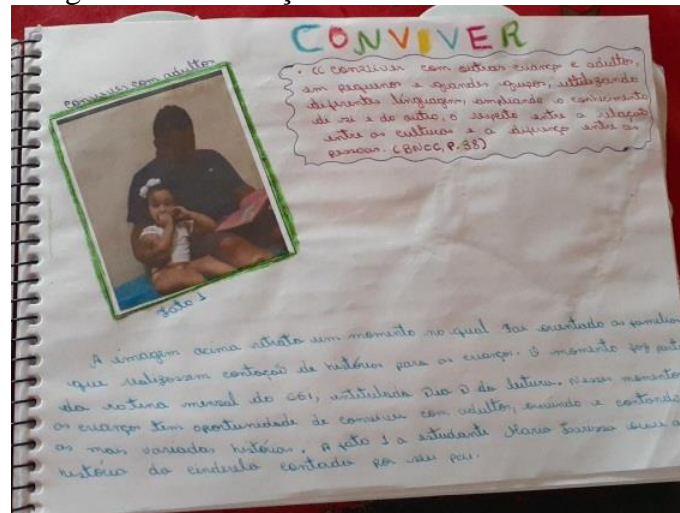
Fonte: Arquivo da autora.

### Fotografia 04 – Introdução do documento



Fonte: Arquivo da autora.

### Fotografia 05 – Criança convivendo com adulto



Fonte: Arquivo da autora.

### Fotografia 06 – Expressão de criança e mãe após leitura de história



Fonte: Arquivo da autora.

O documento reuniu fotos das crianças, nas quais era possível perceber os direitos de aprendizagens definidos pela Base Nacional Comum Curricular. Cada imagem é acompanhada pela definição daquele direito de aprendizagem e desenvolvimento, bem como a ação realizada pela criança e a família naquele momento, bem como o que foi possível perceber de aprendizado e de desenvolvimento.

Além disso, contou com depoimento das famílias sobre a experiência nas atividades remotas, os quais foram autorizados mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). Destaco dois deles:

M é muito brincalhão então no início tínhamos dificuldades pra ele fazer as tarefas de "prender" a atenção dele, mas com o passar dos dias nos adaptando, criamos situação conversamos pra saber dele como era melhor, então tudo foi dando certo. Sempre tive o conceito que a escola não é apenas núcleo gestor, professores e alunos nós pais também fazemos parte e temos um papel fundamental. (Mãe do M).

Posso destacar que nas atividades remotas aprendemos a ter: União: porque uniu cada vez mais a nossa família Sabedoria: por tudo que aprendemos com vocês e com ela Gratidão: por cada momento vivido. Paciência: por tudo até pela professora doida que me tornei. Alegria: por cada conquista dela. Amor: por tudo que fiz. Usei a imaginação: e como usei. Trabalhei com prazer: Fiz com prazer Gritei: como gritei, gritei por cada acerto dela. Prazer: foi com muito prazer. Beijei muito: foram muitos beijos. Amor: e como tem amor. Esperança: que tudo isso passe logo Amizade: cresceu cada fez mais. Com tudo isso que se passou a gente aprendeu muito, vi o desenvolvimento dela de perto que a união da nossa família só cresceu cada vez mais e ficou a gratidão por todos vocês que nos ensinaram muitas coisas e vai fica a esperança que tudo isso passe e ano que vem estejamos juntos e unidos pra mais uma. Obrigada por tudo e por todo que fizeram parte da nossa vida. (Mãe da L).

A documentação pedagógica amplia a constituição de memórias e possibilita reflexões sobre as práticas educacionais. A elaboração do material acima, além de me propiciar grande emoção devido à realidade na qual nos encontrávamos, me trouxe a certeza de que foi possível favorecer o aprendizado não só das crianças, mas de suas famílias.

Observa-se que, no primeiro relato, a mãe da criança M citou a preocupação de sentar e conversar com ele, bem como criar situações para o gerenciamento de sua aprendizagem, por meio do diálogo, dando à criança a oportunidade de se expressar.

Já no segundo relato, houve o desenvolvimento de vários sentimentos. A família esteve mais próxima da criança e isso contribuiu de forma positiva na sua aprendizagem. Foi possível perceber nos vídeos que a mãe me enviava, como devolutiva das atividades, o progresso da oralidade da L. A criança, que no início das aulas, ainda no modelo presencial, não falava com muita clareza, enviou vídeos cantando as músicas da rotina e se expressando por meio de contação de histórias de maneira bastante desenvolvida.

Ainda nos meses em que as aulas aconteciam de forma presencial, relatei em um dos meus escritos, os quais redigi por iniciativa própria, pois não eram solicitados pela escola, que a criança falava poucas palavras, sendo necessárias mais intervenções pedagógicas para ajudá-la a desenvolver a expressão oral. Já nas aulas remotas, em virtude da parceria da família, a linguagem oral da criança foi ampliada de forma significativa.

Na próxima seção, trataremos sobre a possibilidade de gerenciar o espaço a contribuir nas aprendizagens discentes.

#### *4.1.2 A transformação dos espaços em ambientes*

Inicialmente, trago a diferenciação entre espaços e ambiente de modo que se possa compreender, que para o espaço se tornar um ambiente educador faz-se necessário a participação e variação das produções infantis.

Lima (1989 *apud* Barbosa 2009, p.121) define espaço como: “[...] o espaço material pelo qual a criança experimenta o calor, o frio, a luz, a cor, o som, e em uma medida a segurança.”. Barbosa (2009, p. 119) define ambiente como: “[...] um espaço construído, que se define nas relações com os seres humanos por ser organizado simbolicamente pelas pessoas responsáveis pelo seu funcionamento e também pelos seus usuários.”.

Algumas vezes, encontramos nas instituições de Educação infantil paredes decoradas com os mais variados temas existentes na mídia televisiva. Na intenção de atrair as crianças, esses espaços vão sendo preenchidos por imagens construídas pelas professoras, sendo as palavras de ordens: “Não pode pegar!”, “Não pode rasgar!”, “Olhe com os olhos!”. Os espaços vão sendo transformados em ambientes do “Não pode!”.

Convém indagar: seria esse um ambiente educador ou seria um ambiente pautado na pedagogia do discurso, que gera a insatisfação e o medo das crianças? As DCNEI (BRASIL, 2009) orientam que ambientes precisam ser organizados objetivando a estimulação da criança de modo que elas possam construir e partilhar novas formas de ação e novos significados.

Nesse sentido, os ambientes precisam ser pensados de modo a ampliar as aprendizagens discentes. Ter significado para as crianças. Essa significação é possível, por exemplo, quando a decoração pronta pela professora é substituída pelas produções das crianças, que passam a se sentir parte integrante daquele espaço. Souza (2016, p. 25) assevera que, “[...] quanto mais rico e desafiador for o ambiente, mais possibilitará ampliação do conhecimento de si mesmo dos outros e do meio em que vivem.”.

Importante ainda a defesa de Barbosa e Horn (2001, p. 74) ao postularem que

[...] a decoração de um ambiente deve ser criada ao longo do ano, pelos usuários (educadores, crianças e pais) não é preciso ter um espaço completamente pronto e praticamente imutável desde o primeiro encontro o espaço é uma construção temporal que se modifica de acordo com necessidades, usos, etc.

Nesse cenário organizativo do ambiente, destaco mais uma vez a presença da documentação pedagógica, uma vez que ela não precisa estar “presa” nas folhas de um caderno do professor ou na câmera de um celular. A documentação pedagógica também pode fazer parte da decoração do ambiente, por exemplo, as anotações que o professor faz a respeito da fala das crianças podem ser usadas.

Assim, as próprias crianças podem ler suas falas (quando já são leitoras) e os pais também acompanhar esses registros, sem precisar esperar o final do ano para receber os relatórios e lerem as vivências, as aprendizagens e os desenvolvimentos de seus filhos.

A Fotografia 07 representa um exemplo de documentação pedagógica como decoração do ambiente de sala de aula, elaborada por mim no ano de 2019, quando, durante uma aula em que lia para as crianças o livro de literatura infantil intitulado *A casa dos Animais* (UCHOA, 2018), uma das crianças relatou<sup>5</sup> uma vivência que teve em sua casa com uma “catita,” nome que ela costumava usar para se referir ao rato, um dos animais na história ouvida.

#### Fotografia 07 – Decoração do ambiente da sala de Educação Infantil



Fonte: Arquivo da autora.

<sup>5</sup> Tia, um dia apareceu uma catita na minha casa, foi lá na cozinha. Aí o meu pai pegou a chinela, bateu nela pra ela morrer. Só que ela pegou o Samuel e ele teve que ir pro hospital e lá tomou uma vacina. A minha mãe ficou muito preocupada. Mas quando a gente chegou em casa o meu pai conseguiu matar a catita com a chinela, eu peguei com a pá e a vassoura e joguei no lixo e todos viveram feliz para sempre.

O relato foi tão atrativo para as demais crianças e para a própria relatora que, enquanto ela se empolgava contando como havia acontecido tudo, eu fazia as anotações de todas as suas falas. Após escrever o texto, reuni as crianças em uma rodinha de conversa para resgatarmos aquele assunto e lhes apresentei o texto do relato da criança. Em seguida, eu lhes perguntei sobre os cuidados que precisamos ter com os ratos, tratamos sobre as doenças que eles transmitem e o que fazer para evitar que eles cheguem até nossas casas.

No final, indaguei as crianças sobre a opinião delas a respeito de deixarmos aquele relato exposto em nossa sala para deixá-la mais atrativa. As crianças se empolgaram com a ideia. Indaguei onde poderíamos colocar aquele texto. A própria relatora do texto foi até os materiais não estruturados que costumamos levar para a sala e trouxe a moldura de um espelho, que usávamos para trabalhar expressão facial, mas que havia quebrado. Ela disse: “Que tal colar aqui, tia?”. E foi dessa troca de ideia que essa documentação pedagógica passou a ser parte integrante da sala durante todo o mês de setembro.

Horn (2004), ao tratar sobre a organização dos espaços na Educação Infantil, postula que os primeiros pesquisadores a se preocuparem com esta temática foram Froebel e Montessori. No modelo educativo de Friedrich Froebel (1782-1852), havia preocupação com o desenvolvimento de uma educação integral e harmoniosa. No que se refere à organização dos Jardins de Infância criados por Froebel, Horn (2004) explica que eles eram divididos em ambientes abertos e fechados, bem como espaços destinados a atividades individuais e coletivas.

Froebel desenvolveu ideias para a infância que iam além da época em que vivia, pois já defendia a ideia de criança como ser integral e que o conceito de educação precisava ser contrário ao conceito de preparação para a vida futura: “A vida em que a criança deve ser inserida não é a do adulto, mas a vida que rodeia no presente, ou seja, a educação ocorre no processo, não no passado ou no futuro.” (GOBBI; PINAZZA, 2014, p. 24).

Froebel era contrário ao processo de desenvolvimento que visava, de maneira exacerbada, apenas ao intelecto humano. Ele defendeu unir as linguagens musical, poética, corporal e do brincar nas atividades relacionadas as crianças da Educação Infantil para favorecer o desenvolvimento integral (GOBBI; PINAZZA, 2014).

Dewey também foi grande contribuinte no que se refere ao desenvolvimento das linguagens expressivas das crianças, pois já defendia a ideia de a criança se manifestar por meio de linguagens artísticas: pintura, teatro e literatura. O professor, ao integrar essas linguagens na Educação Infantil, colabora para que ela viva experiências que envolva todo o seu ser, favorecendo o desenvolvimento integral (GOBBI; PINAZZA, 2014).

Na filosofia da experiência de John Dewey, a experiência não é simples sensação, fruto de mero contato com os objetos, com seus atributos isoladamente, na verdade as experiências efetivam-se pelas relações que as pessoas estabelecem com os objetos e seus atributos, em um processo de discriminação e identificações por meio da experimentação. A experiência consiste na combinação “daquilo que as coisas nos fazem’ modificando nossos atos, favorecendo alguns deles e resistindo e embaraçando a outros e daquilo que nelas podemos fazer, produzindo-lhe mudanças” (Dewey, 1959, p. 299). (GOBBI; PINAZZA, 2014, p. 25).

Pensar hoje nas linguagens infantis como indispensáveis para a formação do sujeito é desencarnar a ideia, que vigorou durante muito tempo, de que imaginação e fantasia entre as crianças revelavam déficit, que lhes faltavam pensamentos complexos e elaborados.

Pintar, desenhar e brincar são para as crianças, tal como para os artistas, oportunidades de descobrir, conhecer o mundo, são exercício da vida, na qual estão contidas a Arte e a Ciência (GOBBI; PINAZZA, 2014).

Maria Montessori (1870-1952) teve inspiração para o desenvolvimento de sua pedagogia nas ideias de liberdade, atividade e independência. Sua metodologia, voltada para crianças de três a seis anos, dava importância à educação dos sentidos. No entendimento de Montessori, as crianças precisavam estar num espaço educativo de forma que elas pudessem se distanciar do adulto, ou seja, ao invés do adulto ser o controlador das ações infantis, essa ação era oferecida pelo próprio espaço (HORN, 2004).

Assim sendo, a beleza do ambiente e o desafio dos objetos, por si só, deveriam estimular as crianças a agir. A condição fundamental da organização desse ambiente deveria ser a harmonia, o colorido, a disposição de móveis e de objetos que convidassem as crianças a interagirem, a brincarem e a trabalharem. (HORN, 2004, p. 32).

Ainda sobre a organização dos espaços e materiais na Educação Infantil, Horn (2004) chama atenção para a sensibilidade do olhar docente. Segundo ela, a organização dos materiais e móveis nos espaços da Educação Infantil e a forma de interação entre os agentes pedagógicos nesses espaços explicitam a concepção pedagógica ali existente.

A criança, além de estar em um espaço pensado objetivando o desenvolvimento de suas competências, precisa interagir com ele e vivê-lo de forma intencional. Importante destacar que essas afirmativas da autora têm base nos estudos desenvolvidos por Piaget, o qual defendia que a “[...] representação do espaço para a criança é uma construção internalizada a partir das ações e das manipulações sobre o ambiente espacial próximo do qual ela faz parte.” (PIAGET, 1978 apud HORN, 2004, p. 15).



Variadas são as organizações ambientais nos espaços educativos, apesar de ainda existirem muitos desafios que favoreçam a autonomia discente, mas já tivemos avanços em relação a isso, se compararmos com as décadas de 1950 e 1960.

Horn (2004) faz um resgate dos escritos sobre a arquitetura escolar das duas décadas citadas a partir contribuições de Lima (1989), o qual estudou plantas arquitetônicas de prédios de escolas públicas de São Paulo e constatou que eles eram pensados como um local de controle dos alunos, a organização previa as salas em filas e corredores de circulação estreitos. Ou seja, o espaço visava ao disciplinamento das crianças e à limitação do movimento corporal.

A necessidade de controle gerava, algumas, vezes, a violência física. Se a organização dos espaços é herança secular e se hoje é inadmissível em nosso país o uso de violência física para respeito do professor, que é muitas vezes considerado autoridade, vejo que em alguns casos a violência física tem dado espaço à violência simbólica, uma forma de violência disfarçada.

Já presenciei nas instituições de Educação Infantil a referência feita ao “cantinho do pensamento”, um lugar onde a criança fica durante algum momento por ter realizado no contexto de sala de aula alguma atitude indesejada pela docente. Quando uma criança vai para o cantinho do pensamento, a docente exerce o controle e gera nas outras crianças o medo, pois a lição é clara: a desobediência gera punição.

Em uma das documentações pedagógicas escritas por mim, relatei sobre os sentimentos que tive a respeito do cantinho do pensamento, quando ouvi a expressão pela primeira vez, em 2015, no meu primeiro ano como professora em uma instituição de Educação Infantil.

### Cantinho do pensamento: é espaço ou ambiente?

Maria Kênia Firmino da Silva

Data: 29 de setembro de 2015

Aquele momento em que você começa a pensar nas contradições da vida!

Henri Wallon, uma das pessoas que mais entendeu de infância, defendia que quando a criança até 6 anos não se movimenta ela não pensa!

Aí vem um sujeito, só pra ir contra a teoria dele, e define como "cantinho do pensamento" aquele local em que a criança fica um pouco quando comete alguma prática que não foi legal! ("Fique aí parado um pouco, pensando no que você fez!")

Passados uns 2, 3, 4, 5 minutos, dependendo da idade, a criança sai do "cantinho do pensamento" e volta a fazer a mesma coisa que fez.

O adulto olha pra ele e diz: “Você ainda não pensou?”.

Acredito que nesse momento Wallon fica se remexendo no túmulo para dizer: “Claro que não pensou, companheira, ela estava parada. Criança parada não pensa! Escolha outra estratégia pra resolver esse conflito!”.

Fonte: Arquivo da autora.

Apesar de esses textos terem um viés engraçado, eles me faziam refletir sobre as práticas com as quais eu não concordava. Muitas vezes, eu ouvia que precisava ser mais firme com as crianças e colocá-las no cantinho do pensamento, para que elas pudessem me respeitar. O respeito estava associado à ideia de punição.

Essa ideia de ser julgada por suas práticas é muito forte, principalmente quando se tem uma concepção de criança diferente, pois, às vezes, por ter medo de estar fora do padrão, você realiza ações que não gostaria. É aí que está também a importância da documentação pedagógica, a qual se revisita e se reencontra, voltando para a rota na qual você acredita e defende.

Por fim, pensar no espaço na Educação Infantil é pensar em possibilidades de desenvolvimento e não em punição. É pensar nesse local como propício ao protagonismo infantil e não na castração das crianças. Na próxima seção, começarei de forma mais específica a temática deste trabalho, abordarei a Educação Matemática na Educação Infantil, dialogando ainda sobre suas contribuições para o desenvolvimento da criança potente.

#### **4.2 Educação Matemática na Educação Infantil e o desenvolvimento do ser holístico**

Nessa seção, discuto sobre a importância da criança desenvolver suas habilidades matemáticas, utilizando suas mais variadas linguagens. Quando Malaguzzi declara que a criança é feita de cem linguagens, mas a escola lhe rouba noventa e nove, ele está fazendo alusão ao fato de a escola valorizar apenas a dimensão cognitiva, que se expressa por meio da linguagem das palavras.

Não é difícil encontrar na maioria dos currículos escolares, mesmo nas instituições de educação infantil a grande ênfase que é dada na aprendizagem da matemática, leitura e escrita. Essa supervalorização em práticas institucionalizadas mata o prazer das crianças em aprender, com isso a escola vai sendo vista por muitos como um lugar de aprisionamento.

Cruz e Schramm (2019) realizaram levantamento de pesquisas feitas no Brasil, no período de dez anos, entre janeiro de 2008 e janeiro de 2018, as quais tiveram como objetivo escutar crianças entre 0 e 5 anos de idade sobre o que elas pensam da escola. Conforme as autoras, as pesquisas revelaram que, em diferentes partes do país, as crianças de Creche e Pré-Escola demonstram insatisfação em estarem no ambiente escolar.

As autoras destacaram em seu artigo algumas das falas das crianças que demonstravam como elas se sentiam ao estarem nas instituições educativas: sozinha, dor de barriga, choro, raiva, zanga, mãos presas, toda presa, acha ruim, trancada, entediante. Algumas crianças

relataram ainda a insatisfação em fazer tarefas repetidas e o fato de que faziam para evitar ficarem de castigo, sendo uma prática recorrente, a punição daquelas crianças que não faziam a tarefa.

Quando rememoramos nossas lembranças dos tempos de escola, não é tão difícil percebermos que os momentos mais felizes eram o recreio. Naqueles 20 minutos, vivíamos intensamente: movimentação corporal, expressões faciais, aventuras que logo acabavam ao soar de um sino, o qual nos dizia que a hora da seriedade estava para começar. O aprender, durante muito tempo, foi percebido como práticas que precisam expressar seriedade, principalmente no que diz respeito às aulas de Matemática: para aprender Aritmética, Geometria, Grandezas e Medidas etc, se exigia silêncio e atenção.

Fazendo referência ao fato de que essas práticas geram falta de interesse nos discentes, Barguil (2020a) traz outro alerta, o de que os professores vivem uma árdua luta de procurar opções que promovam vivências lúdicas. No entanto, ele afirma que o lúdico não se refere à atividade, mas a qualidade da interação entre os sujeitos é que definirá se estes irão ou não ter satisfação pelo que estão fazendo.

Portanto, por mais que procuremos infinitas formas de proporcionar alegrias em sala de aula, nunca os sujeitos as vivenciarão igualmente, pois isso dependerá de como emocionalmente ele estará naquele momento. O ideal é que, na elaboração do planejamento, o professor pense em atividades que contemplem as dimensões afetiva, motora e cognitiva, para proporcionar a constituição de um sujeito holístico.

Uma pedagogia escolar inspirada no culturalismo, na educação problematizada, na pedagogia do percurso, resgata os afetos e os corpos de estudantes, convocando-os a dentro da sala de aula, utilizar todo o seu ser na constituição de sentido ao conhecimento que se lhe apresenta como informação, a qual necessita ser digerida por todo o seu corpo e não apenas pelo seu cérebro. (BARGUIL, 2020a, p. 11).

A felicidade humana, portanto, é fruto da integração entre as dimensões afetiva, motora e associativa (BARGUIL, 2020a). Ou seja, para que o sujeito aprendiz, em um espaço escolar, se desenvolva de maneira integral e efetiva, faz-se necessário que as atividades sugeridas pela instituição contemplem todas as suas dimensões.

Em resumo: enquanto professores estamos rotineiramente querendo levar algo novo, algo que chame atenção, algo que inove, para que a criança aprenda, mas muitas vezes o que mais precisamos fazer é se calar e ouvir o que as crianças têm a nos dizer. Até quando o nosso desejo de ver resultados nos impedirá de escutar as crianças?

Quando pensamos no ensino e na aprendizagem da Matemática na Educação Infantil, a ideia do lúdico se faz ainda mais presente. Quantas vezes podemos perceber durante a

elaboração dos planejamentos o grande desafio dos professores em elaborar atividades para que as noções sejam apreendidas pelas crianças? Algumas vezes agimos até mesmo de maneira como se a escola fosse o local onde as crianças tivessem o seu primeiro contato com a Matemática.

Desde o seu nascimento, a criança tem interação com a Matemática, quando esta chega a escola, o mais importante é que a ela sejam oportunizadas vivências que favoreçam a exposição de suas ideias, de modo que possa confrontá-las com as dos colegas, bem como entrar em contato com experiências que as possibilitem resolver problemas, prever resultados de experiências não efetivadas. Tais momentos, conforme declara Barguil (2020a, p. 26), “[...] permitirão que elas ampliem seu conhecimento matemático.”

A Educação Matemática, ou Didática da Matemática, se dedica ao ensino e à aprendizagem da Matemática. Em 1960, com o intuito de discutir sobre o ensino e a aprendizagem da Matemática, Osvaldo Sangiorgi formou um grupo de estudo de Educação Matemática em São Paulo, que inspirou a constituição de iniciativas similares, como o Grupo de Estudos sobre o Ensino da Matemática de Porto Alegre (GEEMPA) e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Matemática (GEPEM), no Rio de Janeiro (D’AMBROSIO, 2012). A criação desses grupos foi fundamental para a ampliação das discussões sobre a Matemática moderna.

Barguil (2020a, p. 43) apresenta a ideia de Matematização, a qual é fruto da Educação Matemática e defende que o conhecimento matemático é construído no cotidiano, valorizando o estudante e seus saberes. Fundamental, portanto, que a escola seja um espaço propício para o desenvolvimento do pensamento matemático discente. A Matematização objetiva a formação do sujeito Matematizado, que amplia, continuamente, o conhecimento Matemático e os seus usos sociais.

O mesmo autor assevera:

Pensar em Educação Matemática na Educação Infantil requer, de início, que se declare a inadequação de práticas – recitar e escrever numerais sem um contexto, nomear figuras geométricas planas isoladas... – que privilegiam a memorização em detrimento da ampliação do raciocínio das crianças. Imprescindível, portanto, que se compreenda quão estéreis são as atividades baseadas na exposição repetitiva de significantes sem um contexto real, uma vez que o Homem aprende apenas quando constitui sentido aos símbolos, aos significantes, o que demanda uma situação que o permita nela atuar e interagir com os seus pares, mobilizando toda a sua complexa dinâmica corporal e não apenas a dimensão cognitiva. (BARGUIL, 2020a, p. 45).

A Educação Matemática na Educação Infantil tem alguns objetivos, os quais são distintos no que se refere à creche e à pré-escola. No que se refere à creche, que compreende crianças de 0 a 3 anos, o propósito da Educação Matemática é oferecer espaços-tempos e

atividades para que as crianças ampliem a habilidade de estabelecer aproximações a algumas noções matemáticas presentes no seu cotidiano, como contagem, relações espaciais etc. (BARGUIL, 2020a).

Quando se pensa em um contexto de pré-escola, cujas crianças se encontram com idades de 4 a 5 anos, outros objetivos são encontrados, o que significa ampliar o trabalho que inicialmente foi realizado na creche, oportunizando vivências nas quais elas identifiquem os números, desenvolvam contagens orais e as noções espaciais como ferramentas necessárias no seu cotidiano.

O RCNEI defende a proposição de oportunidades para que as crianças possam

- reconhecer e valorizar os números, as operações numéricas, as contagens orais e as noções espaciais como ferramentas necessárias no seu cotidiano;
- comunicar ideias matemáticas, hipóteses, processos utilizados e resultados encontrados em situações-problema relativas a quantidades, espaço físico e medida, utilizando a linguagem oral e a linguagem matemática;
- ter confiança em suas próprias estratégias e na sua capacidade para lidar com situações matemáticas novas, utilizando seus conhecimentos prévios. (BRASIL, 1998b, p. 215).

Essas ações englobam também aspectos relacionados à confiança discente no que se refere às suas estratégias apresentadas para a resolução de problemas que envolvem a Matemática (BARGUIL, 2020a).

É nesse sentido que os espaços e tempos escolares para realizações de vivências que contemplem o ensino da Educação Matemática na Educação infantil precisam ser pensados considerando a contextualização de forma significativa e principalmente considerando que a criança aprende noções matemáticas explorando, investigando, comparando e consequentemente ativando outras dimensões importantes para o seu desenvolvimento holístico.

Concordo com Barguil (2020a, p. 55), quando declara que

O ensino descontextualizado da Matemática, sem vínculo com a realidade contribui, consideravelmente, para os resultados negativos obtidos, com muita frequência, na aprendizagem dessa Ciência. Esse fracasso educacional gera profundos sentimentos negativos nos estudantes, não somente sobre a sua relação com a Matemática – a qual é a base para outras Ciências – mas também e, principalmente, em relação a si mesmo, sobre a sua capacidade de aprender, incidindo diretamente na sua autoestima (GÓMEZ CHACÓN, 2003).

Nessa perspectiva, Lorenzato (2018) elenca alguns princípios facilitadores do pensamento infantil, destaco alguns que considero relevantes e que estão articulados com a citação anterior. O primeiro diz respeito ao fato de que o material didático e os exemplos, assim como a linguagem que se utiliza em sala de aula, devem ter como base o cotidiano das crianças,

ou seja, a inspiração deve ser aquilo que elas vivenciam (LORENZATO, 2018): contagem de brinquedos, histórias infantis ouvidas e músicas que possuam noções matemáticas.

Para facilitar a compreensão, destaco um exemplo real de uma vivência que a professora, objetivando trabalhar a cor vermelha com sua turma de Infantil 3, planejou a atividade contemplando algumas linguagens importantes: a musical, o brincar e a contação de história.

O que tornou a atividade fora do contexto das crianças foi o fato de que, ao apresentar objetos cuja cor era vermelha, a professora levou algumas imagens, nas quais estava a imagem de uma cereja. Era um contexto em que as crianças não têm acesso a esse tipo de fruta, o objetivo da professora com essa atividade pode até ser alcançado, porém levará mais tempo.

Tal situação recai em um segundo princípio apontado por Lorenzato (2018), o de que os elementos, fenômenos, nomes e situações desconhecidos pelas crianças devem ser a elas apresentados um de cada vez, sob pena de dificultar a sua compreensão. Não estou dizendo que a criança não precisa ter acesso a elementos que não façam parte do seu cotidiano, pois é importante para ampliar seus conhecimentos de mundo. O que quero enfatizar é que os objetivos que se pretende alcançar precisam ser bem planejados para não prejudicar a aprendizagem.

No exemplo citado, conhecendo o contexto no qual as crianças moram, a professora teria tido melhor êxito se, ao invés de apresentar imagem de uma cereja, tivesse substituído pela imagem de uma acerola. Assim, as crianças iriam ativar apenas o mecanismo para aprender o conceito de cor, já que conheciam o conceito de acerola.

Outro princípio importante é o de apresentar o conceito de diferentes formas, uma vez que a criança compreende melhor as noções quando essas lhe são apresentadas repetidas vezes, porém de formas distintas e utilizando suas diversas linguagens. Por exemplo, uma professora que programa no seu planejamento atividades que envolva movimento, brincadeiras, contações de histórias e música, ao trabalhar um conceito matemático, obterá muito mais sucesso do que aquela cujo planejamento está programado apenas a exploração de um objeto.

A Matemática se encontra no viver de cada pessoa e não apenas em um momento determinado do horário escolar, como muitas vezes se acredita. As crianças precisam compreender que a Matemática está presente nas mais variadas situações da vida, motivo pelo qual a sua abordagem é transdisciplinar, podendo ser vista nas aulas de Artes, Educação Física etc. (LORENZATO, 2018).

Conhecer as características das fases infantis bem como as peculiaridades do trabalho docente na Educação Infantil é fundamental para que o professor aumente a qualidade do seu

trabalho. Além de compreender os gostos das crianças, ter uma formação profissional adequada, manter-se atualizado por meio de formação continuada, pois compete ao professor conhecer as especificidades dos assuntos que as crianças devem aprender (LORENZATO, 2018).

Lorenzato (2018) aponta a existência de contribuições negativas quando se trata da Educação Matemática com as crianças da Educação Infantil. A primeira se refere ao fato de os professores não incluírem algumas atividades no processo de exploração matemática por considerarem elas muito simples. A segunda é referente aos pais que cobram o ensino de números às crianças da pré-escola.

Acrescento que, em alguns casos, as cobranças do ensino de números são da própria gestão escolar, que, por desconhecer a relevância de tais processos necessários às crianças, cobra a realização de ensino de conceitos não adequados com a idade e a maturação infantil.

Nesse sentido, Lorenzato (2018) propõe três campos matemáticos a serem explorados na Educação Infantil: o espacial, o numérico e o das medidas. A exploração de cada um desses campos se faz importante para o posterior estudo de uma das áreas específicas da Matemática:

- i) Espacial: o estudo do campo espacial apoiará o estudo da Geometria;
- ii) Numérico: o estudo do campo de medidas apoiará o estudo da Aritmética;
- iii) Medidas: o estudo do campo das medidas orientará a integração das duas

áreas supracitadas: Geometria e Aritmética.

O Quadro 03 lista algumas noções referentes a esses campos.

Quadro 03 – Noções matemáticas para serem trabalhadas a partir da Educação Infantil

<b>GEOMETRIA</b>	<b>ARITMÉTICA</b>	<b>GRANDEZAS E MEDIDAS</b>	
aberto – fechado	mais – menos	maior – menor	pesado – leve
dentro – fora	muito – pouco	grande – pequeno	quente – frio
interior – exterior	quase	grosso – fino	natural – frio – gelado
no alto – no baixo	igual – diferente	gordo – magro	natural – morno – quente
em cima – embaixo	todos – nenhum	comprido – curto	sempre – nunca
sobre – debaixo/sob	vários – alguns	alto – baixo	começo – meio – fim
acima – abaixo	cada	longe – perto	antes – agora – depois
antes – depois	um par	distante – próximo	antes – durante – depois
entre/no meio	o mesmo	largo – estreito	cedo – tarde
primeiro – último	inteiro – metade	raso – fundo	dia – noite
centro – lado	ganhar – perder	cheio – vazio	novo – velho
direita – esquerda	aumentar – diminuir		manhã – tarde – noite
frente – atrás	multiplicar – dividir		ontem – hoje – amanhã
na frente – atrás – ao/do lado			passado – presente – futuro
deitado – em pé			devagar – depressa
[para] cima – baixo			lento – rápido
[para a] direita – esquerda			
[para] frente – trás – o lado			

Fonte: Barguil (2020a, p. 60).

O trabalho de tais noções na Educação Infantil necessita do envolvimento das mais variadas linguagens da criança, de modo que ela aprenda-os de forma efetiva, além de música, movimentação corporal, desenho. Outro aspecto que se vem mostrando bastante importante no ensino e na aprendizagem de noções matemáticas é uso de livros de Literatura Infantil, uma vez que eles possibilitam que as crianças aprendam Matemática, de maneira afetuosa e divertida, e visando ao desenvolvimento integral. Na próxima seção, abordarei esta temática.

### **4.3 “Era uma vez, uma linda história, uma linda história era uma vez”: a Literatura Infantil na Educação Infantil**

Ainda me lembro da primeira vez que fiz a leitura de um livro de Literatura Infantil para a minha primeira turma de Educação Infantil, em 2015. Eu ainda era uma docente inexperiente, pois havia acabado de sair da universidade e, além dos estágios obrigatórios do curso de Pedagogia, eu não havia tido outra experiência com crianças em um contexto escolar.

Por mais que tivesse em mãos o plano de aula para aquele dia, o fato é que eu não sabia o que fazer, as crianças estavam na idade de três anos, eu estava sozinha com elas em uma sala de aula, algumas chorando, por conta da adaptação, outras gritando e eu aflita. Então, eu pensei: “Criança gosta de ouvir historinha”. “Ignorei” os choros e os gritos, peguei o primeiro livro que estava na estante e comecei a cantar a música do título dessa seção. Ela é uma música de chamada para ouvir uma história que será contada em seguida.

Cantei inicialmente em um tom alto, depois fui repetindo-a em tom mais leve e depois em tom quase silencioso. Na medida em que ia cantando, as crianças iam me olhando com olhar de espanto e admiração, as que estavam chorando calaram-se para ouvir. Então, eu fui me sentando e sem dizer nada fui abrindo o livro.

Algumas se aproximaram de mim de imediato, outras vieram aos poucos, na medida em que o choro ia passando. Então, iniciei a contação da história O Ratinho, o Morango Vermelho Maduro e o Grande Urso Esfomeado (WOOD, 2002). Imitar o Ratinho e o Urso fazia as crianças se deliciarem com a história. E foi assim que a Literatura Infantil me ajudou nessa fase inicial da docência, pois foi criada uma rotina de contação e leitura de histórias infantis para as crianças e eu as conquistei por meio do imaginativo.

Muito se tem falado nos últimos anos sobre o quão importante é o uso da literatura para que os sujeitos aprendam a língua materna, seja ela em sua forma escrita ou falada. No que se refere à literatura infantil, essa tem, dentre outras funções, a de condensar a realidade por meio



dos recursos da ficção. Por meio da literatura, os sujeitos se descobrem, tendo em vista o poder imaginativo, fantasioso e lúdico que ela proporciona (SMOLE et al, 2007; FRANTZ, 2011).

Martins (2018) explica que o vocábulo literatura tem origem do termo latim *littera*, cujo significado é arte de escrever. A literatura designava o ensino das primeiras letras. Aristóteles, quando escreveu “poética”, definiu Literatura como *mimese* da realidade.

Alfonso Reyes defendeu, logo depois de Aristóteles, que *mimese* é uma imitação da presença subjetiva correspondente à coerência ou semelhante à casa que o arquiteto constrói e que vislumbra em sua mente. Ou seja, a *mimese* acontece quando o poeta recria, em seus próprios meios sua linguagem, um mundo a imagem e semelhança do mundo real, que só existe na experiência verbal (MARTINS, 2018).

A arte literária se define, portanto, como expressão dos conteúdos da imaginação, conforme um duplo movimento de representação em que essas imagens ora seriam representações objetivas, ora representações sensíveis da realidade expressas, muitas vezes, por meio de metáforas. (MARTINS, 2018, p. 37).

Ao defender o trabalho com a leitura literária, a mesma autora alerta para o fato de que aquela tem a capacidade de provocar e exige vários mecanismos de compreensão, podendo o texto literário dar vazão às mais variadas leituras, dependendo das potencialidades, características e gostos de cada indivíduo que o lê.

Isso acontece porque o texto literário não apresenta restrições ou finalidades definidas e, sobretudo, por ser a linguagem literária multisignificativa, dialógica, capaz de provocar emoções diferentes em um mesmo leitor, dependendo, por exemplo, da sua leitura e/ou releitura (MARTINS, 2018).

A diferenciação entre Literatura Infantil e os demais tipos literários está no público ao qual ela se destina, no caso, as crianças. Arnold (2016) explica que a Literatura Infantil surgiu com a ideia de infância, sendo que as primeiras obras literárias para crianças consistiam em adaptações das obras escritas para os adultos.

As primeiras obras elaboradas exclusivamente para crianças são do século XVI, quando os escritores começaram a escrever fábulas, lendas e contos baseados na tradição oral do povo europeu, os quais começaram a descobrir na tradição oral dos povos europeus personagens fantásticos e maravilhosos: cavaleiros nadantes, príncipes e princesas, fadas, bruxas, maldições, crianças abandonadas entre outros (ARNOLD, 2016).

Os Irmãos Grimm e Hans C. Andersen são responsáveis também pela divulgação da arte literária infantil no século XVII, objetivando a preservação da história germânica (ARNOLD, 2016). Alguns dos contos dos irmãos Grimm, romantizados pela Disney (Chapeuzinho

Vermelho, Branca de Neve, Rapunzel, Cinderela...), são até hoje bastante atrativos para as crianças, despertando sua imaginação e euforia ao ouvi-los.

As crianças têm um poder imaginativo fascinante, que as ajudam a conviver com a realidade de forma mais harmoniosa. É perceptível esse cenário imaginativo em um contexto de Educação Infantil, no qual as crianças rotineiramente se remetem a personagens favoritos, sejam eles de desenhos assistidos em programas de televisão ou da Literatura Infantil.

Difícilmente um professor que leciona na Educação Infantil na atualidade não tenha se deparado com diálogos cujas crianças se remetem a Elsa, Moana ou até mesmo a princesa Sofia (personagens dos desenhos animados da Disney). Aqueles professores mais envolvidos, observadores até aproveitam o contexto para tornar suas aulas atrativas e são capazes de criar jogos ou inventar brincadeiras, leituras que ajudem as crianças a desenvolverem maior interesse naquilo que está sendo ensinado, envolvendo os personagens favoritos nas aulas.

A explicação para isso é dada por Kaercher (2010), ao exemplificar que a Literatura Infantil precisa de uma cultura infantil para a sua existência, ou seja, a literatura infantil é reflexão da concepção de infância que se tem de uma determinada época. No contexto atual, por exemplo, a literatura infantil tem influência midiática.

É nesse sentido de atrair o público infantil que a literatura vem contribuindo nas escolas, envolvendo as crianças por meio do contexto imaginativo que ela proporciona. Autores como Frantz (2011) e Smole et al (2007), bem como Kaercher (2010), alertam para a necessidade de se trabalhar a Literatura Infantil com cuidado, objetivando a formação de pessoas leitoras.

Tendo em vista esse objetivo, Kaercher (2010) salienta que não é uma atividade exclusiva do professorado, mas, pelo contrário, precisa envolver todos os agentes pedagógicos responsáveis pela instituição, bem como os próprios pais das crianças. Ela defende o uso da literatura na Educação Infantil desde o berçário, mostrando as possibilidades dos professores contemplarem as crianças.

Ser um professor criativo é pré-requisito para atrair o público infantil desde cedo, pois esse envolvimento contribuirá para que, posteriormente, as crianças sintam o desejo de explorar e ler livros. Nesse sentido, a escola, envolvendo toda a comunidade, deve propiciar espaços adequados para a realização de leituras.

Concordando com Kaercher (2010), acredito na necessidade e urgência de projetos nas escolas que visem à formação de leitores em substituição aos trabalhos que envolvem apenas as datas comemorativas. Acredito ainda que criar espaço-tempo ao uso da literatura pode contribuir com a compreensão de fatos históricos, emocionais, afetivos, conteudistas e precisam ser inseridos na rotina escolar.

#### *4.3.1 A Literatura Infantil nas aulas de Matemática na Educação Infantil*

A BNCC (BRASIL, 2018) organizou o desenvolvimento das atividades na Educação Infantil em cinco campos de experiência, tendo em vista os eixos estruturantes das interações e das brincadeiras, bem como objetivando garantir os seus direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se:

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. (BRASIL, 2018, p. 40).

No âmbito da Educação Matemática, o campo de experiência Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações é o que mais aborda a temática, tendo em vista que objetiva que as crianças vivenciem experiências que envolvam desde a relação entre causa e efeito, até expressar medidas construindo gráficos básicos.

A BNCC traz um salto bastante significativo para a Educação Infantil, uma vez que valoriza as experiências das crianças e orienta que tais experiências sejam vivenciadas de forma significativa dentro do contexto e das possibilidades de cada faixa etária.

Esta pesquisa interessa-se pelos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do campo de experiência “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” referentes às crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), os quais são listados no Quadro 04.

Quadro 04 – Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento referentes a “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”

<b>OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO</b>
Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
<b>(EI02ET01)</b> Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).
<b>(EI02ET02)</b> Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).
<b>(EI02ET03)</b> Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.
<b>(EI02ET04)</b> Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois).
<b>(EI02ET05)</b> Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).
<b>(EI02ET06)</b> Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).
<b>(EI02ET07)</b> Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.
<b>(EI02ET08)</b> Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).

Fonte: BRASIL (2018, p. 49-50).

Diante do exposto, cabe a seguinte indagação: Pode a Literatura Infantil contribuir para que essas experiências sejam melhores vivenciadas no contexto da Educação Infantil? Smole et al (2007) nos respondem que o trabalho com a Matemática na Pré-Escola é enriquecido quando há conexão com a literatura infantil, uma vez a literatura pode ser um modo desafiante e lúdico para as crianças pensarem sobre algumas noções matemáticas. Acredito que essa mesma afirmação também é válida quanto ao uso da literatura na Creche.

As mesmas autoras apontam que utilizar a literatura nas aulas de Matemática com as crianças é uma possibilidade de mudança do modo tradicional de se ensinar os conceitos, uma vez que Matemática e histórias serão trabalhadas juntas e não de forma dissociada, como de modo geral acontece nas escolas, onde as crianças primeiro aprendem os conceitos para aplicarem na história.

A ideia das autoras é a de que, com o uso da literatura, a história e a Matemática sejam exploradas ao mesmo tempo. Nesse sentido, os pensamentos matemáticos podem ser provocados pelos professores da Educação Infantil no momento da contação de história,

questionando as crianças sobre os possíveis fatos que irão ocorrer no decorrer dela, o que se configuraria em um trabalho muito mais significativo.

Silva (2012, p. 03) defende que o ensino de Matemática associado à Literatura Infantil possibilita que pedagogicamente o professor proponha na sala de aula vivências que encorajem os alunos a compreenderem o que estão estudando, familiarizando-os com a linguagem matemática contida nos textos de literatura infantil. Tais ações possibilitam que os estudantes desenvolvam a competência de estabelecer relações cognitivas entre a linguagem materna, conceitos da vida real e a linguagem matemática formal.

Barguil (2020a, p. 21) assevera que, no planejamento de ações pedagógicas que contemplem os livros de literatura na Educação Básica objetivando trabalhar a Educação Matemática, é necessário que o professor

[...] i) compreenda que é possível – e necessário – ensinar e aprender Matemática utilizando literatura, inclusive na Educação Infantil, e não somente Língua Portuguesa; ii) saiba as noções matemáticas que podem ser trabalhadas na Educação Infantil e os conceitos no Ensino Fundamental; e iii) conheça critérios para classificar e escolher livros que contribuam para o desenvolvimento de ideias matemáticas na Educação Infantil de conceitos no Ensino Fundamental.

Considerando a quantidade e a diversidade de livros que possibilitam a abordagem da Matemática na Educação Básica, Barguil (2020a, p. 23) apresenta os critérios elaborados por Dalcin (2002), Smole, Rocha, Cândido e Stancanelli (2007), Reame, Ranieri, Gomes e Montenegro (2013) e Arnold (2018) para classificá-los.

Após o professor planejar qual noção abordará na aula, escolherá um livro de literatura infantil que a contemple de acordo com a faixa etária das crianças. Saliento a importância de que essa noção apareça na história mais de uma vez, bem como a importância de que, depois da explanação da história, o professor realize atividades que contemplem as outras linguagens da criança: musical, motora, desenho etc. Essa multiplicidade de linguagens favorecerá uma aprendizagem mais consistente da noção escolhida, bem como contribuirá para o desenvolvimento holístico da criança.

Saliento ainda que o poder do deleite e principalmente o poder imaginativo proposto pela Literatura Infantil precisa estar sempre presente quando se trabalha com Literatura Infantil na sala de aula. Caso os livros de literatura sejam usados de maneira forçada para ensinar os conceitos matemáticos ou qualquer outro conceito na educação das crianças, o professor não obterá êxito na sua ação, uma vez que poderá, além de retirar o objetivo inicial dos livros de literatura, que é proporcionar prazer e hábitos de leitura, afastar ainda mais as crianças do desejo de aprender Matemática.

Com o uso da Literatura Infantil na educação de crianças bem pequenas o professor pode ajudá-las a desenvolverem suas mais variadas linguagens expressivas dentro de uma perspectiva do deleite e por consequência poderá favorecer a aprendizagem de conceitos matemáticos

#### 4.4 Revisão de Literatura

Objetivando conhecer o estado da arte das pesquisas de Pós-Graduação sobre Literatura Infantil e Matemática, realizei a pesquisa da revisão de literatura na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD. Para essa pesquisa, utilizei, sem limitação de período, o critério de busca avançada com utilização de três termos-chave combinados – Literatura Infantil, Educação Infantil e Matemática – e encontrei cinco trabalhos (Quadro 05).

Quadro 05 – Pesquisas Acadêmicas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD

COMBINAÇÃO	NÍVEL	QUANTIDADE
Literatura Infantil + Educação Infantil + Matemática	Dissertação	4
	Tese	1
TOTAL		5

Fonte: Pesquisa da autora

O que pode ser observado por meio dessa pesquisa é que os trabalhos envolvendo a temática desta Dissertação são poucos. Essa quantidade foi reduzida para 3, pois 2 títulos foram excluídos a partir da leitura do Resumo. Os trabalhos selecionados para a leitura completa estão descritos no Quadro 06.

Quadro 06 – Trabalhos selecionados para leitura completa

NÍVEL/ANO	TÍTULO	AUTOR
Dissertação/2010	A literatura infantil e a matemática: um estudo com alunos de 5 e 6 anos de idade da educação infantil	Regiane Perea Carvalho
Tese/2012	Contribuições da ACIEPE histórias infantis e matemática na perspectiva de egressas do curso de pedagogia	Ana Paula Gestoso de Souza
Dissertação/2016	Matemáticas presentes em livros de leitura: possibilidades para a educação infantil	Denise Soares Arnold

Fonte: Pesquisa da autora.

O primeiro trabalho, *A literatura infantil e a matemática: um estudo com alunos de 5 e 6 anos de idade da educação infantil*, é uma dissertação de mestrado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 2010, pela autora Regiane Perea Carvalho.

Tal pesquisa objetivava: “Demonstrar que ideias matemáticas tais como lateralidade e contagem, podem ser trabalhadas em suas relações com a literatura e o movimento corporal na educação infantil.” (CARVALHO, 2010, p. 16). A pesquisa trazia ainda a seguinte questão/problema:

Quais relações podem ser estabelecidas com crianças entre 5 e 6 anos de idade da Educação Infantil quando trabalham com ideias matemáticas, tais como: lateralidade e contagem, por meio da literatura infantil, envolvendo movimentos corporais e valorizando os usos sociais e culturais? (CARVALHO, 2010, p. 16).

A pesquisa de Carvalho (2010) tem como principal referência a teoria de Vygotsky, motivo pelo qual ela traz em seu trabalho com bastante clareza a caracterização do tempo histórico da teoria do autor, descrevendo aspectos importantes como: a importância da experiência para o desenvolvimento da aprendizagem, o papel da linguagem na elaboração do pensamento, as diferenças entre Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP.

No que se refere à metodologia a autora, a utilizou-se de uma pesquisa qualitativa, aplicada em uma Escola Municipal de Educação Infantil, localizada em um bairro da região sul da cidade de São Paulo.

A realização da pesquisa aconteceu em três fases: 1) Planejamento de atividades interdisciplinar para o ensino da contagem e da lateralidade para crianças entre 5 e 6 anos de idade, envolvendo de forma prazerosa o ensino de conteúdos matemáticos por meio da literatura na escola esse momento teve como embasamento o livro “Meus porquinhos”, 2) aplicação um projeto desenvolvido em seis momentos, os quais foram compostos por atividades que envolviam

[...] expressão corporal, brincadeiras, jogos, músicas, histórias, registros escritos e desenhos. Os conceitos matemáticos trabalhados foram: lateralidade e contagem. Para cada novo momento apresentado foram priorizadas a linguagem oral e pictórica e as expressões corporais e musicais para aquisição de novos conceitos matemáticos, os quais foram sistematizados e inter-relacionados. (CARVALHO, 2010, p. 08).

e 3) análise das atividades propostas.

A autora salienta que a inspiração para realização desse projeto teve início quando ela participou de um curso de especialização da Universidade de São Paulo – USP e teve contato com a revista do Centro de Aperfeiçoamento, que contém 7 volumes. O volume quatro, cujo

título é Era uma vez na Matemática, relaciona conteúdos de Matemática com a literatura infantil.

Baseado nesta revista, a pesquisadora elegeu o livro Meus porquinhos para desenvolver o projeto de sua dissertação com crianças de 5 e 6 anos. O projeto teve aplicação em seis datas diferentes, sendo as atividades denominadas de momentos. Para cada momento o objetivo era diferente, tendo a contagem e a recontagem da história, comparação de tamanho, elaboração de gráficos, noção de lateralidade, trabalho com as partes do corpo e com cores variadas.

De acordo com a análise, compartilho algumas de suas conclusões:

[...] para crianças de 5 e 6 anos de idade, não se deve aplicar dois comandos em uma mesma atividade proposta na área da matemática. A criança consegue fixar e atender apenas um comando de cada vez, mesmo tendo entendido o que foi solicitado pelo educador. Não ocorre somente nas atividades com registro em folhas, mas também em atividades aplicadas envolvendo movimentos corporais. (CARVALHO, 2010, p. 103).

Os educadores da educação infantil, de crianças de 5 e 6 anos de idade, necessitam respeitar o momento de desenvolvimento no qual a criança se encontra, percebendo que o raciocínio lógico e a construção de conceitos matemáticos devem focar as atividades práticas envolvendo movimentos, músicas, desenhos, manipulação e jogos. E os conceitos devem ser considerados na medida em que há manifestações, curiosidades e desejo de conhecimento. (CARVALHO, 2010, p.104).

A criança da educação infantil possui conceitos matemáticos espontâneos, que desenvolvidos por meio da interação com o outro e por atividades práticas, como brincadeiras e rodas de leitura, criam oportunidades para que aconteça uma aprendizagem valorizando seus usos sociais e culturais. (CARVALHO, 2010, p. 105).

Tais considerações foram realizadas a partir dos desenhos construídos pelas crianças no final de cada atividade. A autora compartilhou alguns desses desenhos, nos quais podem ser percebidos muitos elementos, porém a pesquisadora os analisou de modo tênue.

No que se refere às contribuições dessa pesquisa para o presente trabalho, destaco a importância da elaboração de atividades na Educação Infantil que contemplem as mais variadas linguagens infantis, bem como a contribuição do uso de livros de literatura infantil para o trabalho de conceito matemático com crianças pequenas.

O segundo trabalho tem como título Contribuições da ACIEPE histórias infantis e Matemática na perspectiva de egressas do curso de Pedagogia. É uma tese de doutorado escrita por Ana Paula Gestoso de Souza, em 2012, para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

Inicialmente, a autora faz um resgate histórico explicando os motivos que a levaram a pesquisar tal temática, enfatizando que o interesse pelo tema envolvendo literatura e Matemática teve início ainda na graduação em pedagogia, quando cursou uma disciplina



intitulada metodologia do Ensino da Matemática, a qual possibilitou o estudo sobre o uso de livros de literatura na abordagem de conteúdos matemáticos.

Nesse cenário, ela vivenciou a experiência de confeccionar um livro em equipe com um grupo de colegas da turma, o qual abordava o estudo do Tangran.

O processo de elaboração daquele livro foi muito interessante e divertido, todas as etapas exigiram cautela e criatividade para explorar o conteúdo matemático em uma história infantil. Nesse processo, eu e as colegas do grupo de trabalho nos reportamos ao modo como nossos professores do Ensino Fundamental ensinaram geometria. (SOUZA, 2012, p. 16).

Outra experiência significativa nessa disciplina, que possibilitou seu interesse por essa temática, foi a participação na Atividade Curricular de Ensino Pesquisa e Extensão (ACIEPE) “Histórias Infantis e Matemática nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.”.

Nessa atividade curricular, a autora confeccionou mais dois livros que envolviam a temática aritmética, um em parceria com uma colega e o outro sozinha. Em relação a essa experiência, ela fala:

O processo de elaboração desses livros foi muito rico para minha formação como professora das séries iniciais, pois possibilitou que eu refletisse sobre diferentes estratégias para ensinar determinados conteúdos aos alunos. Destaco que o processo de elaboração com minha colega possibilitou a troca de ideias e de experiências, tendo em vista que realizamos discussões sobre o melhor modo de abordar o conteúdo e sobre qual o tipo de linguagem mais adequado à faixa etária do público-alvo do livro. (SOUZA, 2012, p. 16).

Já bastante envolvida com a relação literatura e Matemática, a autora iniciou seus estudos no mestrado em 2006, no qual sua pesquisa envolveu o desenvolvimento de situações de ensino e de aprendizagem que articulassem conteúdos matemáticos com livros de literatura.

Ao terminar o mestrado e voltar para lecionar na sala de aula, a pesquisadora em contato constante com outras professoras, começou a refletir sobre a formação docente a partir dos relatos que envolviam

[...] um ensino que centrava a matemática nos procedimentos, não instigava os alunos a relatarem o caminho percorrido para encontrar a solução de um problema, enfim era um ensino demasiadamente focado em problemas que exigiam a aplicação direta de algoritmos. (SOUZA, 2012, p. 18).

Diante disso, surgiu o projeto de doutorado, que buscou investigar a formação inicial das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental para o ensino da Matemática com os seguintes objetivos:

1) Analisar, sob a perspectiva de egressas do curso de Pedagogia, as contribuições da ACIEPE “Histórias Infantis e Matemática nas séries iniciais” para o desenvolvimento

do processo de aprender a ensinar matemática e de que maneiras ocorrem essas contribuições. 2) Identificar e analisar os conhecimentos, habilidades e atitudes que as alunas de Pedagogia mobilizam e constroem no decorrer dessa ACIEPE. 3) Compreender e analisar as aprendizagens das estudantes de pedagogia ao cursarem a ACIEPE. 4) Identificar e analisar as dificuldades em praticar a articulação entre histórias infantis e matemática. 5) Identificar e analisar as iniciativas da Instituição de Ensino Superior (IES) para a concretização da ACIEPE como uma instância formativa (SOUZA, 2012, p. 20).

A metodologia utilizada foi a qualitativa/estudo de caso, tendo como instrumentos de coleta de dados entrevista, videogravação, questionários, notas de campos e materiais elaborados pelas participantes. O público alvo da pesquisa foram cinco pedagogas que participaram da ACIEPE, na época da graduação.

O trabalho de Souza (2012) traz bastantes contribuições teóricas para a formação de professores. Ela apresenta a ACIEPE Histórias Infantis e Matemática nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e sua relevância para a formação dos estudantes de Pedagogia da Universidade de São Carlos.

A ACIEPE Histórias Infantis e Matemática nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental é uma disciplina optativa que possibilita o aprofundamento e análise dos estudos realizados na disciplina obrigatória do curso que trata sobre o ensino de Matemática dos anos iniciais e no estágio para a docência desse curso

Para o levantamento de dados da pesquisa, inicialmente a autora realizou uma investigação dos registros existentes elaborados pelos estudantes de pedagogia que participaram do ACIEPE bem como pelas monitoras entre o período de 2004 a 2009. Os registros analisados consistiam em:

- (1) Ficha de catalogação dos livros infantis, diário da elaboração do livro; esboços dos livros; os livros produzidos pelos participantes; plano de ensino para a utilização dos livros em sala de aula; diário reflexivo e relatório das aulas entre outros registros que foram produzidos pelos participantes; diário de campo e relatório de monitoria;
- (2) transcrições dos momentos da atividade de ensino pesquisa e extensão que foram videogravados. (SOUZA, 2012, p. 98-99).

Após a organização do material, a pesquisadora os agrupou em:

[...] livro, esboço do livro, diário da participante, relatos sobre a matemática na experiência de vida, relatório sobre a utilização do livro, ficha de avaliação do desenvolvimento da disciplina, gravação da utilização do livro de duas graduandas em 2004 e transcrições dos encontros da ACIEPE de 2008 a 2009. (SOUZA, 2012, p. 99).

Com essas etapas concluídas, ela conseguiu elencar 9 estudantes que tinham utilizados livros em sala de aula no período de graduação enquanto participaram da ACIEPE. Desse total, foi possível a participação de cinco para realização da pesquisa.

Como resultado da pesquisa realizada com essas profissionais, a pesquisadora obteve a conclusão por meio do depoimento delas que vários elementos influenciam o desenvolvimento profissional: fatores pessoais, as experiências escolares, a formação inicial, a instituição formadora, o contexto e a organização da instituição escolar. As professoras demonstraram preocupação com a melhoria do ensino e com a aprendizagem discente.

As participantes declararam que a busca pela disciplina ACIEPE Histórias Infantis e Matemática nas Séries Iniciais aconteceu ou pela dificuldade em Matemática ou por gostarem muito da disciplina, com isso ao cursar a disciplina elas buscavam aperfeiçoamento para seus conhecimentos sobre a Matemática e a melhor forma de ensiná-los para as crianças.

A pesquisa de Souza (2012) traz contribuições para o meu trabalho, uma vez que mostra a importância de formar professores que vislumbrem novas possibilidades para o ensino da matemática com crianças pequenas, trazendo inclusive a possibilidade do próprio professor confeccionar o seu material literário. Ela trata dos enriquecimentos que o profissional pode ter quando elabora esse material.

O terceiro trabalho, intitulado Matemáticas presentes em livros de leitura: possibilidades para a educação infantil, consiste em uma dissertação de mestrado defendida em 2016, pela autora Denise Soares Arnold, no curso de Pós-Graduação em Matemática, da Universidade do Rio Grande do Sul.

A pesquisadora teve como objetivo na pesquisa identificar e classificar os livros de leitura para crianças da Educação Infantil cujas idades estivessem entre quatro e seis anos, nos quais pudesse ser identificada a presença da Matemática. Objetivou ainda planejar e aplicar sequências didáticas que incluíssem atividades com base em alguns dos livros mapeados, bem como a análise dessas atividades.

Para a realização desse trabalho, a autora usou a metodologia de cunho qualitativo, dividida em duas etapas: a primeira consistiu em mapeamento e categorização dos livros bem como aplicação das atividades planejadas, a segunda consistiu na análise das atividades aplicadas.

A autora realizou visitas a livrarias, bibliotecas, acervos e lojas virtuais, identificando um total de 347 obras. Em seguida, ela fez a categorização de análise, baseando-se em aspectos semelhantes, apresentados nos livros. Identificou assim quatro categorias, denominadas de: livros de atividades, livro ficha, livros paradidáticos e livros de leitura literária.

A aplicação da pesquisa foi realizada em uma turma composta por 25 crianças, com quatro a seis anos completos, em uma escola municipal de Igotino, no Rio Grande do Sul. A

pesquisadora era professora titular dessa turma. O período de aplicação da pesquisa aconteceu nos meses de outubro e novembro de 2015.

Das obras encontradas, foram selecionadas sete para realização de atividades com as crianças, as quais envolveram: contação de história, diálogos, brincadeiras, jogos, atividades de registro, exercícios, exploração dos espaços fora da sala de aula, exploração de figuras em meio digital, uso de massinha de modelar, colagens e canções.

No final, a autora elaborou um catálogo das obras, as quais foram divididas de acordo com a categoria, inserindo em seguida as atividades que haviam sido planejadas.

A pesquisa da autora é concluída com a afirmativa de que é possível a conexão entre Matemática e literatura. Algumas observações são importantes em relação às categorias divididas: i) os livros ficha nem sempre trazem atratividade para o público infantil, ii) os paradidáticos têm múltiplas variações na articulação da narrativa com o conteúdo, dificultando o envolvimento das crianças quando os conceitos e procedimentos são priorizados em detrimento da história, iii) os livros de Leitura Literária possibilitam trabalhar os conceitos matemáticos, ainda quando esse não foi o objetivo do escritor.

Por fim, a autora faz uma alerta para que haja um investimento nas pesquisas sobre as representações geométricas, de modo especial no que diz respeito a conceitos de dimensões bidimensional e tridimensional. As conexões entre Matemática e literatura infantil possibilitaram a experiência matemática e o desenvolvimento articulado da linguagem e de conceitos matemáticos.

Em relação às contribuições da pesquisa Arnold (2016) para o presente trabalho, saliento que ela deixa claro que a Matemática pode ser aprendida de forma prazerosa dentro do imaginativo infantil, por meio da literatura. O trabalho dela me fez ter ainda mais curiosidade em investigar como esse processo acontece em crianças bem pequenas.

Passos, Oliveira e Gama (2007, p. 83) defendem que

Abordar conteúdos matemáticos a partir de histórias infantis é uma metodologia que proporciona uma prática docente de atitude inquieta, da pergunta do conflito narrativo que leva a reflexão, a aposta na postura de decidir a matemática mais que na postura de ensinar a matemática que se conhece.

É esse professor que acreditamos e defendemos, o professor inquieto, que não se contenta com o que lhe é dado pronto, mas que está sempre buscando novas possibilidades de aprender e ensinar.

A partir das pesquisas realizadas sobre o uso da literatura no ensino de Matemática, bem como sua aproximação com a presente pesquisa, reitero a importância de compreender as

possibilidades existentes no universo literário de modo a proporcionar uma Educação Matemática desde a Educação Infantil que seja prazerosa e motivadora, de modo que essa disciplina não seja vista com aversão, como de modo geral relatam os discentes cujas experiências no período escolar não foram positivas.

Por fim, afirmo que as crianças têm infinitas possibilidades de desenvolvimento na Educação Infantil, porém acredito que para o professor ajudá-las a desenvolver suas habilidades ele precisa saber que “Só podemos alcançar o impossível se acreditarmos que é possível.”<sup>6</sup>.

No próximo capítulo, apresento a metodologia desta pesquisa.

---

<sup>6</sup> Fala do pai de Alice no filme “Alice no país das maravilhas”, adaptação da obra homônima de Lewis Carroll.

## 5 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresento o tipo de pesquisa, o local e os sujeitos, os instrumentos e as técnicas de coleta de dados, bem como as fases da pesquisa.

### 5.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa, a qual, segundo Minayo (1994), proporciona responder questões particulares, que não podem ser quantificadas.

Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 25-26).

No que se refere ao procedimento técnico, utilizei a aproximação com a pesquisa-ação, que se caracteriza pelo envolvimento do pesquisador com os participantes de modo cooperativo objetivando a resolução de um problema coletivo (SILVA; MENEZES, 2005). O meu envolvimento com as professoras da turma pesquisada (Infantil III), buscou proporcionar reflexões sobre as contribuições do uso didático da Literatura Infantil no ensino e na aprendizagem de noções matemáticas utilizando as variadas linguagens das crianças, possibilitando ajustar recursos e metodologias.

### 5.2 Local e sujeitos

“Os raminhos com que arrumo as escoras do meu ninho são mais firmes do que as paredes dos grandes prédios do mundo. Ai, ai!”  
(Manuel de Barros)

Antes de realizar a pesquisa, conversei com a diretora da instituição, na qual eu trabalho, sobre a importância da temática e de realizar essa pesquisa na creche, tendo em vista que a mesma possibilitaria aprendizagens discentes e docentes.

A creche Ninho Feliz<sup>7</sup>, localizada na cidade de Itaitinga - CE, atende 185 crianças de 2 a 5 anos de idade e tem 17 funcionários: 1 (uma) diretora, 1 (uma) coordenadora pedagógica, 8

---

<sup>7</sup> Para garantir o anonimato da Instituição e dos sujeitos pesquisados, usei nomes fictícios.

(oito) professoras, 1 (uma) secretária escolar, 1 (uma) manipuladora de alimentos, 2 (duas) serviços gerais, 1 (um) porteiro e 2 (dois) vigias noturnos. Devido ao período pandêmico, em que as atividades aconteceram de maneira remota, as auxiliares de sala foram descontratadas.

Em janeiro de 2020, quando fui convidada para assumir a coordenação da escola, iniciei com a diretora a criação de um projeto que objetivava a reforma do prédio, o qual tinha muitos espaços que precisavam com urgência de manutenção. Nesse projeto, incluímos a criação de uma brinquedoteca.

Expus para a diretora a minha defesa de possibilitar para as crianças espaços que favorecessem elas desenvolverem suas múltiplas linguagens e uma brinquedoteca iria se adequar muito bem. Nesse sentido, nos mobilizamos para transformar uma sala não utilizada em uma brinquedoteca, ateliê, espaços de jogos e biblioteca.

Como estávamos em uma fase crítica da pandemia, as crianças não poderiam frequentar a instituição e conseqüentemente não poderiam aproveitar ainda o novo espaço para elas construído. Porém em tempos de trabalho remoto as professoras utilizavam a brinquedoteca para realizar as gravações das vídeo-aulas e aproveitar nos seus vídeos de alguma forma cada ambiente do local.

A pesquisa foi realizada no auge da pandemia, por essa razão as atividades ocorriam mediante o ensino remoto emergencial. Durante todas as gravações realizadas, a escola foi utilizada e as professoras puderam chamar a atenção das crianças para os vídeos, uma vez que o local é colorido, diversificado atraindo quem o olha. A ideia é que quando as crianças puderem voltar à instituição esse espaço seja aproveitado para desenvolver atividades que possibilitem o desenvolvimento das linguagens dos sujeitos.

Fotografia 08 – Entrada da Brinquedoteca



Fonte: Arquivo da autora.

Fotografia 09 – Vista geral da Brinquedoteca



Fonte: Arquivo da autora.

Fotografia 10 – Armário com livros de Literatura Infantil



Fonte: Arquivo da autora.

Fotografia 11 – Espaço de jogos simbólicos e TV



Fonte: Arquivo da autora.



Fotografia 12 – Ateliê



Fonte: Arquivo da autora.

A diretora aceitou de imediato e solicitou que eu conversasse com as professoras para saber a opinião delas. No diálogo com as professoras, o qual foi realizado de maneira *on-line*, apresentei a temática da pesquisa bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A), por meio de compartilhamento de tela. Em seguida, o arquivo foi enviado por e-mail para que elas pudessem imprimir e assinar. Posteriormente, agendamos um encontro presencial para a devolução do documento.

As duas professoras – a professora regente 1 (denominada P1), que desenvolve as atividades com as crianças na maior parte do tempo (13 horas semanais), e a professora regente 2 (denominada P2), que assume a menor quantidade do tempo (07 horas semanais) – também aceitaram de prontidão participar de todas as etapas da pesquisa (Quadro 07).

Quadro 07 – Dados das professoras participantes da pesquisa

PROFESSORA	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE DOCÊNCIA
P1	34 anos	Graduação em Pedagogia	7 anos
P2	28 anos	Graduação em Pedagogia	5 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Além das duas professoras, participaram da pesquisa 15 (quinze) crianças da turma de Infantil III na qual elas lecionam. A escolha por essa faixa etária, crianças do Infantil 3, decorreu do objetivo geral dessa pesquisa: Investigar as contribuições do uso didático da Literatura Infantil na aprendizagem matemática de crianças bem pequenas.

Optei por identificar os discentes participantes com nomes de aves porque, assim como Rubem Alves, acredito que cada ação realizada na escola deve ter como objetivo o

encorajamento de voos. As propostas de atuações pedagógicas desenvolvidas objetivavam encorajar os voos das professoras, das crianças e da escola como um todo.

Outra motivação para a escolha desses nomes foi a lembrança de um dos dias em que me encontrava em uma fase conturbada da minha vida pessoal, que conseqüentemente atingia a minha vida profissional. Todos os dias, enquanto repousava em uma das salas de aula na hora do meu almoço, aguardando o segundo turno no trabalho, deitava no chão de uma das salas e me questionava: “Por que estou aqui? Qual é a minha função nessa escola, nesta cidade, longe dos meus pais, da minha família, do meu lar?”.

Enquanto eu me questionava sobre isso, passou na *Playlist* do meu celular uma música da irmã Kelly Patrícia, que trouxe as respostas para as minhas indagações.

### Passarinho

Irmã Kelly Patrícia

É loucura muito minha, Senhor, esperar que o Teu amor  
Depois de todos os desmandos me aceite como sou  
É loucura muito minha, Senhor, esperar com terno ardor  
que em minhas limitações faças loucuras de amor

*Águia não sou, meu Senhor  
Dela trago, tão somente, o olhar  
E também no coração a aspiração do seu voa, voar...  
Quero em meu posto ficar a fitar o Sol do Amor, do Amor:  
Passarinho é o que eu sou nas mãos do meu Senhor*

E quando da vida, Senhor, o Sol do Amor se ausentar  
Não vou me preocupar, porque sei:  
Por entre as nuvens Ele está a brilhar  
E em mim nascerá, Senhor, do amor a perfeita alegria  
E em Tuas asas, então, voarei na mais perfeita harmonia

Os nomes das aves participantes dessa pesquisa (Quadro 08) são encontrados nos desenhos infantis: o carinho de um Piu-piu, a velocidade de um Papa-léguas ou até mesmo com a esperteza do Pica-pau.

Quadro 08 – Identificação fictícia das crianças participantes da pesquisa

Nome Fictício	Idade	Gênero
Albo	3a3m	Masculino
Blue	3a4m	Feminino
Garibaldo	3a2m	Masculino
Ilago	3a3m	Masculino
Jade	3a3m	Feminino
Keven	3a7m	Masculino
Panchito	3a10m	Feminino
Papa-léguas	3a9m	Masculino
Pato Donald	3a10m	Masculino
Pica-pau	3a9m	Masculino
Pinguim	3a9m	Feminino
Piu-piu	3a9m	Feminino
Sabidão	3a9m	Masculino
Zazu	3a7m	Feminino
Zé Carioca	3a7m	Masculino

Fonte: Diário de campo da pesquisadora.

Para que fosse possível a participação das crianças na pesquisa, conversei com os pais, através de aplicativo *WhatsApp*, sobre os objetivos e a importância da participação delas na pesquisa. Após apresentar a proposta, fui na residência de cada um deles, de maneira segura considerando o contexto pandêmico, e colhi as assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B).

Os instrumentos e as técnicas utilizadas serão apresentados na próxima seção.

### 5.3 Instrumentos e técnicas da pesquisa

A entrevista é um instrumento na pesquisa que ajuda o pesquisador a obter respostas ao seu trabalho, mediante o diálogo de natureza profissional entre duas pessoas (MARCONI; LAKATOS, 2003). Essas autoras definem a entrevista como sendo “[...] uma verdadeira arte, que se aprimora com o tempo, com treino e com experiência. Exige habilidade e sensibilidade; não é tarefa fácil, mas é básica.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 198).

As autoras também alertam para a importância de que o pesquisador estabeleça uma relação de confiança com o entrevistado, objetivando que as respostas sejam conquistadas de forma fiel, as quais não seriam possíveis de serem conseguidas de outra maneira.

No presente trabalho, utilizei o tipo de entrevista denominado de entrevista padronizada ou estruturada, a qual se caracteriza por apresentar um roteiro elaborado por meio de formulário.

#### 5.4 Fases da pesquisa

A pesquisa aconteceu durante 3 (três) fases: i) entrevista inicial com as professoras; ii) formação com estudo, seleção dos livros de Literatura Infantil, planejamento, implementação e avaliação das atuações pedagógicas; e iii) entrevista final com as professoras (Quadro 09).

Quadro 09 – Carga horária das atividades da pesquisa

FASE	DURAÇÃO	ATIVIDADE
1ª	02h/a	Entrevista inicial com as professoras
2ª	36h/a	Formação com estudo, seleção dos livros de Literatura Infantil, planejamento, implementação e avaliação das atuações pedagógicas
3ª	02h/a	Entrevista final com as professoras

Fonte: Elaborado pela autora.

O roteiro da entrevista inicial com as professoras tinha 18 perguntas e tinha como objetivo me possibilitar conhecer a relação das professoras com a Literatura Infantil e com as noções matemáticas (APÊNDICE C). A partir das suas respostas, realizei com elas estudos sobre a utilização da Literatura Infantil para trabalhar noções matemáticas.

Intencionando contribuir para que as professoras construíssem/reconfigurassem a sua identidade docente a partir da reflexão de sua prática, desenvolvi a formação com estudo, seleção dos livros de Literatura Infantil, planejamento, implementação e avaliação das atuações pedagógicas. Selecionei textos que abordavam a temática dessa pesquisa, objetivando fomentar o debate com as professoras sobre a importância do uso didático da Literatura Infantil na Educação Matemática de crianças bem pequenas.

Os estudos foram realizados nos momentos destinados ao planejamento das professoras, tendo em vista que cada professora tem direito a 1/3 da sua carga horária de trabalho para estudos e planejamentos de atividades.

Durante a realização dos estudos, estive em um relacionamento bem próximo das docentes, no primeiro encontro senti que elas estiveram meio tensas. Quando eu lhes perguntava algo referente ao texto estudado, elas respondiam com insegurança. Expliquei para elas que eu

não estava ali para julgá-las ou avaliá-las, mas para discutirmos sobre ações que proporcionam qualidade na aprendizagem das crianças.

Após este momento, as professoras se sentiram mais confiantes em partilhar comentários dos textos e até fazer associação do que liam com as suas práticas em sala de aula, tendo a formação ganhado um aspecto mais significativo. Esta fase foi muito importante para aumentar a segurança das professoras para realizar o planejamento e a implementação das propostas de atuação pedagógica.

Finalizadas as seções de estudo, fizemos um levantamento dos livros de Literatura Infantil que contemplassem em seu conteúdo noções matemáticas das três áreas: Aritmética; Geometria; e Grandezas e Medidas. O levantamento foi realizado na biblioteca da escola e em *drives*<sup>8</sup>, enviados nos grupos de professores do *WhatsApp* que participo.

A escolha de cada título foi realizada em parceria com as professoras. Os critérios para tal escolha foram: menção direta de alguma noção matemática, ter um conteúdo atrativo para as crianças, linguagem acessível e imagens que dialogassem com o texto escrito.

Barguil (2020b) considera que a atuação pedagógica, a qual visa a propiciar a aprendizagem dos estudantes, objetiva que eles sejam atores de suas aprendizagens e superem a passividade e a alienação características do ensino tradicional. Essa atuação pedagógica precisa ser elaborada e, depois da sua implementação, avaliada, para que o docente possa identificar os aspectos que foram contemplados e os que não foram.

Os elementos básicos de uma atuação pedagógica revelam, portanto, as respostas docentes sobre a importância do seu trabalho (o ensinar) na vida dos estudantes (o aprender): conteúdo (O QUÊ?), justificativa (POR QUÊ?), objetivos (PARA QUÊ?), metodologia (COMO?), tempo e atividades (QUANDO e COMO?) e recursos didáticos (COM O QUÊ?). É necessário, ainda, explicitar as estratégias avaliativas e indicar a bibliografia consultada para a preparação da atuação pedagógica. (BARGUIL, 2020b, p. 01).

Nas propostas de atuação pedagógica desta pesquisa, os conteúdos dos livros escolhidos foram abordados mediante vivências, explorando diferentes linguagens das crianças: contação de história, música, brincadeira e registro. Contemplando as linguagens defendidas ao longo desse trabalho.

As propostas de atuação pedagógica foram desenvolvidas pelas professoras e observadas por mim. Participei de todo o processo, desde as gravações dos vídeos a serem enviados às famílias, bem como o recebimento da devolutiva das crianças. Para isso, a professora P1, que era administradora do grupo de *WhatsApp*, me inseriu no grupo da turma

---

<sup>8</sup> Arquivos são compartilhados em formato digital.

para que eu pudesse acompanhar todas as atividades enviadas pelas crianças, as quais foram analisadas posteriormente somente por mim.

Na terceira fase da pesquisa, realizei a entrevista final com as professoras, cujo roteiro tinha 9 perguntas (APÊNDICE J), a qual objetivou averiguar as contribuições da pesquisa para a sua prática profissional, bem como suas análises sobre o interesse e as aprendizagens das crianças durante a implementação das atuações pedagógicas planejadas.

## 5.5 Análise dos dados

A coleta e a análise dos dados aconteceram durante toda a pesquisa. Os dados obtidos com a entrevista inicial fomentaram a preparação e o desenvolvimento dos estudos dos textos, que contemplava a 2ª fase da pesquisa.

Já a formação com os textos contribuiu para que as professoras pudessem elaborar seus planejamentos de maneira segura e assertiva, escolhendo os livros adequadamente dentro da proposta que pretendiam, enriqueceram as aulas, com estratégias, segundo as quais as crianças puderam perceber a Matemática no próprio cotidiano.

As propostas de atuação pedagógica foram aplicadas em três semanas diferentes. Após cada semana de implementação, houve um intervalo de uma semana para que eu pudesse ouvir as professoras sobre os pontos positivos e os negativos de cada dia da proposta. Nesse intervalo, nos reuníamos para escolhermos o livro a ser trabalhado de acordo com as noções programadas e por conseguinte elaborar o planejamento da semana seguinte.

Além de ouvir as professoras, considerei a importância de ouvir as próprias crianças, por isso em cada sexta-feira que finalizava a semana da proposta foi destinado um momento de escuta desses sujeitos acerca das atividades realizadas no decorrer da semana. Para realizar essa escuta, a professora realizava uma chamada pelo aplicativo *Google Meet*. A partir das opiniões expressadas pelas crianças, as professoras tinham a oportunidade de incrementar seus planejamentos seguintes, realizando modificações ou não.

As avaliações, realizadas por docentes e crianças, da proposta pedagógica orientaram a continuidade da 3ª fase.

No próximo capítulo, apresento e analiso os dados colhidos na pesquisa.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresento os dados com as análises referentes às entrevistas – inicial e final – e à formação, com o estudo dos textos, os planejamentos, as implementações e as avaliações das atuações pedagógicas.

### 6.1 Entrevista inicial

Para compreendermos a relação que as professoras estabeleciam entre Literatura Infantil e Matemática em suas práticas pedagógicas, realizei uma entrevista com elas, com base em um roteiro estruturado (APÊNDICE C), que tinha 18 questões, as quais buscavam compreender desde o processo formativo das professoras até a análise que elas fazem de seus trabalhos enquanto docentes da primeira infância.

Para a realização da entrevista tendo em vista que não havia possibilidades de encontros presenciais em virtude do contexto pandêmico, contactei as professoras por meio do aplicativo *WhatsApp*. A entrevista foi realizada separadamente: primeiro com a P1 e em seguida com a P2, de acordo a disponibilidade de horário de cada uma delas.

A entrevista aconteceu no dia 17 de abril, mediante troca de áudios: eu enviava a pergunta e a professora respondia. O tempo da entrevista foi cerca de 45 minutos com a P1 e 55 minutos com a P2. Todos os áudios foram guardados para o momento da análise.

A P1 tem 34 anos, é graduada em Pedagogia e há sete anos atua nessa profissão. A professora P2 tem 28 anos de idade, é formada em Pedagogia e há cinco anos leciona, algumas vezes no Ensino Fundamental e outras na Educação Infantil.

Iniciei as perguntas indagando se as professoras se identificavam com alguma turma ou etapa específica. Ambas relataram que, em algum momento, já lecionaram nas turmas de Ensino Fundamental, no entanto não gostaram da experiência, se identificando mais com a Educação Infantil.

A P1 destacou o seu encantamento com as aprendizagens das crianças da Educação Infantil, o que a fez se apaixonar por essa etapa educacional.

Depois que tive a oportunidade de ir para a turma de Educação Infantil do Infantil 3, me identifiquei muito, fiquei encantada com o desenvolvimento das crianças e a participação, como a criança aprende com facilidade. Desde então, fiquei só na Educação Infantil, fiquei com Infantil 2 durante dois anos, foi maravilhoso, uma descoberta muito boa e hoje com o Infantil 3 estou descobrindo mais maravilhas ainda. (P1).

A professora valoriza na sua fala a capacidade que as crianças bem pequenas têm de aprender. Acreditar nesse ser com potencialidades é de grande valia, quando se leciona na Educação Infantil.

Na segunda questão, as professoras foram indagadas sobre como usam os espaços das salas de atividades. P1 mencionou que a sua sala é organizada com a distribuição da rotina e destacou os painéis que são usados: quadro do tempo, painel do quanto somos e painel da chamadinha.

A P2 também destacou o uso de cantinhos em sua rotina, citou o cantinho da leitura, cantinho da Matemática e das vogais, destacou também os painéis citados pela P1.

Bom, sempre a gente trabalha na sala de aula com os cantinhos. Tem o cantinho da contação de história, o cantinho da leitura, tem o cantinho da Matemática, tem o cantinho das vogais do alfabeto, tem o cantinho onde a gente trabalha o tempo, o relógio, a data, o dia da semana, onde se explora o conteúdo e tem também aquele cantinho que a gente gosta de deixar em branco para expor as atividades em equipe, porque eu gosto muito de trabalhar em equipe. (P2)

Conforme as DCNEI (BRASIL, 2009, p. 21), para alcançar os seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que, assegurem dentre outros aspectos, a indivisibilidade das dimensões expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança.

O depoimento de P2, revela que em sua sala de aula as crianças têm acesso aos cantinhos de contação de história, da Matemática, do tempo e destinado as suas produções, atesta que ela está contribuindo para que o espaço da sua sala de aula seja um espaço que respeita os direitos das crianças se desenvolverem cognitiva, afetiva, social, ética e esteticamente.

No que concerne ao tempo destinado em seu planejamento às atividades relacionadas aos campos de experiência propostos pela BNCC, referente à terceira pergunta da entrevista, ambas enfatizaram que os campos de experiências são trabalhados durante todos os momentos da aula. A P1 exemplificou citando a rodinha, na qual trabalha o campo de experiência O eu, o outro e o nós, e em seguida a realização das atividades planejadas para o dia, as quais contemplam os demais campos.

Nós trabalhamos esse momento praticamente a aula toda porque nós planejamos em cima da BNCC, em cima desses campos de experiência, entendeu? Fazendo a rodinha terminando a rotina, já iremos para a atividade onde encaixa o campo de experiência de acordo com a aula planejada, então acredito que esse tempo é dado na aula toda. (P1)



O que se percebe na resposta desta professora é que, na Instituição na qual ela trabalha, as práticas de planejamentos com base na BNCC são constantes. Mensalmente, as professoras vivenciam formações com a Secretaria de Educação, nas quais se trabalha a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), o que ajuda na elaboração dos planejamentos.

A BNCC (BRASIL, 2017) destaca que os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. Nesse sentido, quando a professora diz que os campos de experiências são trabalhados durante toda a aula, ela declara concordar com o que está no documento.

As aprendizagens essenciais, expressas nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, são: “[...] compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes.” (BRASIL, 2017, p. 42).

No tocante ao tempo destinado no planejamento do desenvolvimento de atividades relacionadas a contação e leituras de histórias infantis, P1 relatou que, no que se refere ao ensino remoto, ela não segue um horário específico para contação de história, mas quando se tratava do ensino presencial, as contações de histórias eram inseridas na rotina e aconteciam sempre no primeiro momento do dia, após a acolhida.

Já a P2, enfatizou a rotina que ela segue no trabalho presencial com as crianças, deixando claro que todos os dias realiza contação de história no começo do dia com as crianças e oportuniza que elas explorem os livros das histórias que foram contadas.

Todos os dias tem o momento da leitura e é no começo da rodinha, sempre a gente começa a rodinha falando tempo, trabalhando horário, trabalhando dia da semana, como está o tempo lá fora e com a contação de história que a gente apresenta o livro e a historinha pra criança e tem o momentozinho da leitura e da exploração da historinha. (P2)

Saliento que no que se refere ao ensino remoto na tentativa de suprir o tempo destinado a audição de histórias infantis foi destinado todos os dias após o horário da aula, alguns minutos de contação de história, nos quais a professora postava vídeos de ela própria contando histórias para as crianças.

Kaercher (2010) defende que a escola deve ser um espaço para a formação de leitores e para isso o contato com as leituras e contações de histórias deve ser um compromisso assumido na instituição. Quando se estabelece uma rotina na qual as vivências de contação e leitura de

histórias estão presentes, a instituição está levando a sério a tarefa de trabalhar com a Literatura Infantil.

Indagadas se possuíam livros de fundamentação que abordem o conteúdo matemático, a P1 respondeu que não possui e que usa a ferramenta *Google* para realização de pesquisas, bem como recorre ao caderno de planejamento dos anos anteriores, para verificar alguma ideia interessante que ela fez e que possa ser repetida.

Eu pesquiso muito no *Google* e também tenho meus cadernos de planejamentos dos anos anteriores que eu dou uma olhadinha pra poder pesquisar alguma coisa, não que eu coloque tal e qual, porque sempre vai mudando, renovando, cada ano o conteúdo muda. Mas só pra ter uma ideia uma base mesmo, mas eu gosto de pesquisar muito no *Google*. (P1)

Considero que as fontes utilizadas pela P1 são insuficientes e revelam a fragilidade na formação matemática da professora. No que concerne à resposta da P2, ela afirmou que, se precisar planejar algum conceito matemático, recorre a pesquisas da *internet* ou adapta algumas dicas de professoras que ela segue no *Instagram*. As pesquisas deveriam complementar e não ser a base do trabalho.

Ao serem questionadas sobre quais documentos consultam para a elaboração do planejamento de atividades referentes às noções matemáticas (Geometria, Aritmética, Grandezas e Medidas), a P1 mencionou o plano de curso anual disponibilizado pela Secretaria de Educação no começo do ano letivo. Citou ainda que consulta a Base Nacional Comum Curricular, um livro intitulado *Aprender com a Criança e as Orientações Curriculares Nacionais para Educação Infantil* (BRASIL, 2009).

O documento em si que a gente usa para fazer o planejamento é o plano anual que o município oferece para a gente tá planejando. Fora as pesquisa que a gente faz no *Google* das crianças bem pequena também. Então a gente tira esse planejamento de acordo com esse documento que a prefeitura disponibiliza pra gente. E também eu pesquiso no *Google* algumas fontes que tem da BNCC e lá também tem dizendo, como planejar em cima desses conceitos. Às vezes também dou uma olhada em dois livros que eu tenho: *aprender com a criança* (experiência e conhecimento). E a orientações curriculares para Educação Infantil, ai de vez enquanto eu dou uma olhada nesses livros de acordo com o conteúdo que vai ser abordado. (P1)

Na fala da P1, percebe-se que ela tem um bom referencial teórico para fundamentar a elaboração dos seus planejamentos apesar de na pergunta anterior ter citado apenas pesquisas no *Google*, nessa pergunta foi possível perceber que as suas fontes são bem mais amplas. O livro citado por ela se refere a um material disponibilizado pela Secretaria de Educação do Município de Itaitinga para todos os professores da Educação Infantil, o qual ajuda na elaboração dos planejamentos. A P2 também citou o plano de curso enviado pela Secretaria de Educação do

Município de Itaitinga e se referiu a pesquisa na internet de conceitos e ideias para serem trabalhadas.

Diante das respostas das professoras, percebe-se que a Secretaria de Educação do Município de Itaitinga tem preocupação em elaborar materiais que ajudem os professores na elaboração e implementação do planejamento. Tendo em vista que as formações acontecem para todos os professores do Município de Itaitinga, é possível afirmar que as propostas das escolas são semelhantes, o que ajuda a materializar o que a BNCC propõe.

No entendimento de Barguil (2020a, p. 09), o professor, assim como todo ser Humano, planeja para alcançar (no futuro) algo que não tem (no presente) ou para manter o que já possui. O planejamento pressupõe ações, que devem ser realizadas por ele ou por um conjunto de pessoas. Por tanto, para que aquilo que se pretende alcançar tenha eficácia, durante o planejamento algumas questões precisam ser respondidas: Por que ensinar? (Justificativa), Para que ensinar? (Objetivos), O que ensinar? (Conteúdo), Como ensinar? (Metodologia), Quando ensinar? (Tempo e ordem), Com que ensinar? (Recursos didáticos), Como avaliar o que foi aprendido? (Avaliação). O autor defende também que o professor esteja atento à articulação dos pares visando à harmonização do todo.

Para que esses questionamentos sejam respondidos com propriedade e contribuam para a elaboração de um planejamento correspondente ao que o professor deseja, faz-se necessário o conhecimento da documentação que norteia a Educação Infantil. A pesquisa na internet para conhecer experiências com turmas de outras instituições faz parte do processo, mas não substitui o estudo das normas legais e das diretrizes curriculares. Precisa existir a preocupação em relação a formação e aos saberes docentes. Pesquisar apenas ideias de atividade não é suficiente. A base conceitual é primordial e nem sempre consta nas fontes do *Google*.

Quando perguntadas sobre quais atividades que envolvem noções matemáticas elas realizam com as crianças em sala de aula, P1 relatou os conceitos que estão sendo trabalhados: dentro e fora, em cima e embaixo, aberto e fechado. Ela afirmou que as atividades trabalhadas para o estudo dos conceitos são realizadas com confecção de materiais concretos de fácil acesso que as crianças tenham em casa, pois, no período de ensino remoto, as atividades exigem mais flexibilidade.

No momento nós estamos trabalhando mais os conceitos dentro e fora, aberto e fechado, em cima e embaixo e geralmente a gente utiliza atividade muito no concreto, pra eles confeccionarem objetos que eles têm dentro de casa mesmo, tipo: gelado ou quente, a gente já fez experiência da criança chupar um picolé ou tomar um suco para ela saber o que é quente ou gelado. Grande e pequeno ela pode estar fazendo uma comparação de brinquedos que tem em casa, esse tipo de coisa, então a gente trabalha mais assim pra ela também ter uma noção, das noções dos conceitos. (P1)

A P2 tratou sobre os recursos que ela usa para trabalhar tais conceitos, citando tampinhas de garrafa pet, prendedores de roupas e formas geométricas.

Nas respostas das professoras, é possível perceber que elas utilizam em seus trabalhos materiais que são do cotidiano das crianças. A ideia de trabalhar com esses materiais é defendida por Lorenzato (2018), como sendo um dos princípios facilitadores do desenvolvimento e do pensamento infantil.

Em relação ao uso de materiais concretos nas aulas de Matemática, Nacarato (2005) declara que o fato de os discentes manipularem materiais na sala de aula não garante a elaboração de conceitos por eles.

O professor precisa estar atento à relação do material concreto com o conteúdo que deseja que o discente aprenda, pois a inadequação do material concreto inviabiliza os potenciais desta escolha didática. Considerando que os significados são construídos pelo sujeito mediante interações, é importante que o docente incentive e acompanhe o uso que o discente faz do material concreto (NACARATO, 2005).

A pergunta seguinte foi sobre quais recursos elas utilizam para trabalhar as noções matemáticas. Foi possível perceber nas respostas das professoras que existe preocupação na construção de jogos pedagógicos para se trabalhar as noções matemáticas, mesmo quando a escola não dispõe dos recursos, elas os confeccionam objetivando a qualidade das aprendizagens discentes.

Quando a aula era presencial, nós trabalhávamos muito o concreto. Por exemplo: se a gente fosse trabalhar noções de tamanho (o grande e o pequeno), então a gente sempre levava o objeto para a sala de aula para trabalhar essas noções. Como a aula agora é remota, a gente trabalha muito em vídeos educativos que mostram essas noções de tamanho e também através do vídeo a gente faz essa demonstração de algum objeto que temos em casa de grande ou pequeno, de alto e baixo e de outras noções. (P1)

A resposta da P2 confirma a valorização da confecção de jogos:

Usamos bastantes jogos com tampinhas, caixas, garrafas, com os blocos de madeiras que vem com as formas geométricas. Tem aqueles joguinhos também que já vem os números desenhados. A gente trabalha muito quantidade com as tampinhas, com aquela caixa de pizza. (P2)

É notório nas respostas das profissionais que elas buscam ter materiais que facilitem as aprendizagens discentes. No tocante à construção de material didático, Lorenzato (2018) defende a ideia de o professor oferecer em sala de aula oportunidades diversificadas para experimentação, observação e reflexão. Segundo ele isso é possível quando tem material didático apropriado, sendo que esses podem ser confeccionados de maneira reciclada.

A pergunta seguinte objetivava saber se as professoras utilizam livros de Literatura Infantil para abordar as noções matemáticas. Elas responderam de forma positiva, citando alguns dos livros utilizados: Os três porquinhos, O mundo das formas e O dente ainda dóia.

Sim, sempre usamos sim! Tem bastante livrinhos que vem com conceitos matemáticos sim. Por exemplo: O dente ainda dóia, do jacaré, tem O mundo das formas, são livrinhos com conceitos matemáticos. Esses livrinhos sempre vêm com quantidades dos bichinhos dos animais de objetos ou então de alimentos, trabalhando a Matemática. (P2)

Smole et al (2007, p. 03) defendem que Literatura Infantil e Matemática podem estabelecer conexões, da Pré-Escola até o 5º ano, uma vez que as habilidades da Linguagem e da Matemática se desenvolvem juntas quando os estudantes leem, interagem e conversam sobre as ideias matemáticas que vão aparecendo ao longo da história. Considero, portanto, que a inserção das histórias citadas pela professora pode contribuir para iniciar tal conexão mais cedo, na creche com as crianças bem pequenas.

Os livros citados por P2 estão na primeira categoria indicada por Smole (2007, p.10), a qual inclui livros de contagem e livros de números, os quais, segundo ela, possibilitam a exploração de ideias e conceitos matemáticos, tais como: adição, subtração, multiplicação, divisão e sequência numérica.

Para compreender a relação das professoras com a Matemática, perguntei como elas avaliam a formação na Educação Básica no que se refere à disciplina de Matemática. Os relatos das professoras evidenciaram que a relação com a Matemática nessa etapa educacional foi pouco satisfatória. Algumas vezes por não conseguir compreender a proposta apresentada pelo professor, outras vezes porque, na concepção da P2, o professor da disciplina não dispunha de uma boa didática, às vezes por falta de identificação com a disciplina.

Euzinha odiava aula de Matemática porque nunca peguei um professor, não estou mentindo nem inventando, nunca peguei um professor que soubesse repassar pra eu realmente aprender. Sempre eles sabiam muito, muitos inteligentes, mas sempre aqueles professores brutos, né? Eles não sabiam usar outras maneiras pra que a pessoa pudesse pegar o conteúdo. Eles sabiam muito, mas não pra repassar pra gente, só pra si. Eu não peguei, terminei meu Ensino Fundamental, terminei meu Ensino Médio sem saber Matemática. Sei só o básico do básico, Matemática mesmo nunca aprendi. Eu acho que é por isso que eu não gosto: porque eu nunca peguei um professor que soubesse me ensinar. (P2)

Na Educação Básica, eu nunca fui fã de Matemática. Não gostava, achava muito complicadas as aulas de Matemática, eu não interagía com a aula, eu não gostava! Eu não me identificava com a Matemática, eu achava Matemática muito complicada, entendeu? Eu acho que eu passava aos trancos e barrancos porque eu tinha que aprender e estudar pra poder passar de ano, mas eu nunca me identifiquei com a Matemática. (P1)

De modo geral, a disciplina de Matemática na Educação Básica é encarada de forma negativa pelos estudantes, nos cursos de licenciatura os professores que irão lecionar passam por disciplinas dos ensinos as quais de modo geral adotam metodologias diferentes das que se adota na Educação Básica, diante disso objetivando evidenciar como as professoras avaliam a relação delas com a matemática na Educação Superior, a questão 11 tratava sobre isso.

P1, apesar de ter cursado a disciplina na faculdade, não se lembrava de detalhes sobre ela, o que impossibilitou de dar uma resposta sobre a temática. A P2 relatou que essa disciplina ensinava a trabalhar com jogos, com exemplos de como trabalhar com crianças de forma lúdica a matemática.

A pergunta seguinte procurou evidenciar se, na Educação Superior, as professoras tiveram acesso a alguma disciplina que abordasse a literatura infantil e de que maneira essa contribuiu na vida profissional delas. As docentes responderam que cursaram disciplina com essa temática, a qual trouxe contribuições significativas para sua formação.

Dessa disciplina que tivemos, foi uma professora muito boa, ela mostrou pra gente a importância da literatura na Educação Infantil, mostrou como a gente poderia trabalhar de forma lúdica também com contação. Também tivemos alguns seminários onde tivemos que se vestir de personagens, fazer uma contação de história. Foi bem participativa essa disciplina! (P1)

Gostei bastante, a gente até fazia momentos nos trabalhos. Contações de histórias interpretações, nos fantasiávamos. Isso eu gostei bastante porque eu era uma pessoa muito tímida e essa disciplina ajudou bastante a gente a ter mais liberdade até pra se trabalhar com as crianças. Não senti tanta vergonha de me expor e hoje em dia eu nem tenho mais vergonha, eu acho legal. Muitas vezes até quando eu estou contando a história eu já acho graça primeiro que as crianças porque já imagino a reação que elas vão ter. (P2)

O depoimento de P2 ao falar sobre a sua timidez é bastante pertinente, pois nos permite compreender eventuais limitações que enfrentamos na nossa profissão, dentre as quais, o medo de errar e ser julgado por isso. Em relação a isso, Kaercher (2010, p. 02) declara: “Também é preciso que os educadores participem ativamente do seu processo de formação como ‘formadores de leitores’”.

Portanto, faz-se necessário que eles se percebam também contadores. Encarar o medo e a insegurança, superando-os, diariamente, também faz parte da formação docente. Quando se trata de Educação Infantil, este desafio é ainda mais pertinente, para que possamos desenvolver práticas de leitura diferenciadas, ricas, desafiadoras e instigantes.

Procurei averiguar se as professoras participaram de alguma formação continuada que tratasse da relação da Matemática com a Literatura Infantil.

Tanto na Pedagogia, quanto na Pós. Eles sempre trabalhavam, explicavam muito pra gente a importância de se trabalhar com o lúdico. Sempre eles falavam assim, na importância de trabalhar com o lúdico, com materiais lúdicos. Não usar muito caderno, o quadro, conteúdo, não. Sempre trabalhar brincando, eles sempre falavam a importância de se trabalhar brincando, não é aquela brincadeira de só brincar, e sim ter o objetivo que a criança alcançasse nessa brincadeira, e eles sempre levavam e mostravam para a gente os brinquedos reciclados mesmo pra gente se trabalhar o conceito da Matemática. (P2)

P2 associou a Literatura Infantil ao trabalho lúdico, enquanto P1, após terminar a Graduação, não fez outro curso e só há pouco iniciou uma especialização em Educação Infantil.

Busquei saber a opinião das professoras sobre o uso da Literatura Infantil na Educação Infantil. Elas indicaram a relação da Literatura Infantil com o desenvolvimento das crianças no que se refere à oralidade, criatividade, coordenação motora e o despertar da imaginação.

Na minha opinião, é muito importante para a interação, para a oralidade, para se expressar, trabalhar com a criança. Fala, pensamento, é muito importante ler, nas histórias você trabalha a imaginação, você trabalha muita coisa e é maravilhoso. (P1)

Na minha opinião, é de suma importância, através da leitura vai desenvolver a criatividade da criança, a coordenação motora, vai incentivar a criança a leitura, então tem vários aspectos positivos. E eu acho que o mais importante é desenvolver a oralidade da criança, a fala que hoje temos muitas crianças com dificuldades na fala, então através da leitura ela cria sua imaginação na leitura e ela mesma conta sua história, então trabalha muito a oralidade da criança. (P2)

Os pensamentos das professoras estão de acordo com a proposição de Santos e Oliveira (2012, p. 09), os quais defendem que a Literatura na Educação Infantil tem várias finalidades e um importante papel dentro de uma proposta pedagógica. Em relação às finalidades, são citados o trabalho com a linguagem oral, o lúdico e o fantástico, o desenvolvimento do gosto pela leitura e de valores no convívio social, além da interação com o mundo de forma mais atraente e com curiosidade. No que se refere ao papel, a Literatura Infantil inspira projetos pedagógicos realizados pelas professoras, com atividades variadas, brincadeiras, além de envolver a turma de forma prazerosa.

Sabemos que na Educação Infantil o ato de avaliar requer olhar e escuta sensível, nesse sentido, busquei conhecer a ideia das professoras sobre a temática da avaliação na Educação Infantil.

Na minha opinião, na Educação Infantil, eu acho importante a avaliação porque a gente vai saber se a criança conseguiu realmente adquirir todo aquele objetivo que a professora queria passar, eu acho muito importante, porque aí você vai ver também onde essa criança está precisando, onde você tem que focar mais. Porque aí você vai ver se a criança foi bem trabalhada, se desenvolveu da forma que a professora estava querendo. (P2)

A P1 destacou o processo contínuo da avaliação na educação da primeira infância.

A criança está sendo avaliada todos os dias e isso é fundamental. A gente acompanha o desenvolvimento da criança todos os dias. O emocional, o cognitivo da criança então tem várias maneiras e práticas pedagógicas para poder avaliar essa criança, então cabe o professor estar sempre atento para conduzir a sua turma. E estar sempre incentivando o seu desenvolvimento. Parabenizando, mostrando como é que se faz e assim ter um bom resultado no desenvolvimento da criança. (P1)

A BNCC (BRASIL, 2017, p. 40) destaca a importância de o docente acompanhar o desenvolvimento das crianças por meio de observações da trajetória individual e coletiva, registrando-as por diferentes maneiras: portfólio, fotografias, relatórios, desenho. Apesar de as professoras não terem mencionado a documentação pedagógica trabalhada por elas, no início do ano letivo, elas receberam um caderno da Coordenadora Pedagógica para registrar nele as conquistas das crianças.

Conhecendo a opinião das professoras sobre a importância do ato de avaliar na Educação Infantil, procurei saber quais instrumentos elas utilizavam para realizarem essa prática na sala de aula.

No presencial, a gente avalia, a gente mesmo cria uma folhinha diagnóstica, de todo aquele conteúdo que a professora passou. Eu, pelo menos, as formas geométricas, as vogais, a gente sempre cria uma atividadezinhas contendo todas, abrangendo todos os conteúdos para a gente ver que é observando a criança observando e perguntando. E pela forma remota a gente observa as crianças pelo vídeo, né? Pelas perguntinhas que a gente cria pra elas responderem. Aí a gente consegue observar e ver. (P2)

Presencial é uma forma mais fácil de você avaliar a criança porque você está ali no dia a dia está vendo como está a coordenação motora dela, mais perto a gente avalia de uma forma diferente. Como é aula remota e a gente tá de longe, então fica uma forma mais difícil da gente avaliar, mas a observação é o principal instrumento, de avaliar essas crianças é por meio de relatório, e ficar bem atento nos vídeos, nas fotos, nos áudios que os pais mandam pra gente no grupo. Assim é uma forma mais fácil da gente estar podendo avaliar, certo? Então no momento a gente está avaliando mesmo no registro, fazendo relatório das crianças e de como está sendo esse desenvolvimento dela. E na BNCC, lá diz, na hora de avaliar a criança tem que planejar, pra poder avaliar essa criança e observar a prática da criança de como ela está desenvolvendo essa atividade. (P1)

Nas DCNEI (BRASIL, 2010, p.29), está estipulado que: “As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação.”. Após listar o que precisa ser garantido neste processo, o documento esclarece que a avaliação na Educação Infantil não tem objetivo de retenção da criança.



Tão importante quanto avaliar as aprendizagens discentes é o professor ter o hábito de avaliar sua própria prática, por isso perguntei às professoras quais instrumentos elas usam para fazerem a sua avaliação.

A minha é reflexão, eu vou me avaliar através do que eu ver o que a criança aprendeu. Se eu vejo que aquela criança não aprendeu tudo aquilo que eu gostaria que ela aprendesse, aí eu vou me avaliar, onde eu posso melhorar, o que eu posso mudar pra que ela aprenda, vendo que eu posso melhorar e fazer mudar pra que ela consiga chegar no objetivo que eu quero que ela chegue. (P1)

A gente está avaliando as crianças todos os dias de acordo com a atividade que a gente está desenvolvendo pra ela, então esse instrumento a gente avalia todo dia, como uma reflexão e depois coloca em prática no registro mesmo do que a criança aprendeu. (P2)

Percebo nas falas das professoras que o hábito de autoavaliação se faz presente em suas práticas docentes para identificar o que foi positivo e o que não foi assertivo, de modo a pensar em mudanças que favoreçam mais a aprendizagem discente. Esta característica de professor é bastante importante, pois ele também precisa ser investigador e isso inclui as suas próprias ações e o sentido delas na formação de quem atende.

Após a realização da entrevista, iniciamos o processo de estudos dos textos, que será discutido na próxima seção.

## **6.2 Formação continuada**

Para realização dos encontros formativos selecionei três textos: A criança aprende matemática com o corpo inteiro (BARGUIL, 2020), Literatura Infantil e Educação Infantil: um grande encontro (KAERCHER, 2010), e Era uma vez na Matemática: uma conexão com a Educação Infantil (SMOLE; ROCHA; CÂNDIDO; STANCANELLI, 2007). Em cada encontro, foram listados objetivos, os quais foram possíveis de serem alcançados com a discussão da bibliografia selecionada (Quadro 10).

Quadro 10 – Cronograma dos encontros formativos

DATA	OBJETIVO	TEXTO
21 e 26/04	Refletir sobre as diferentes linguagens que as crianças utilizam para se expressarem e aprenderem. Compreender a importância de utilizar várias linguagens das crianças nas propostas de atividades que contemplem os conteúdos matemáticos.	BARGUIL, P. M. <b>A criança aprende matemática com o corpo inteiro.</b>
03/05	Compreender a importância da Literatura Infantil na educação de crianças bem pequenas.	KAERCHER, G. E. P. da S. <b>Literatura Infantil e Educação Infantil: um grande encontro.</b>
05/05	Refletir sobre as contribuições do uso da Literatura Infantil para a aprendizagem de conceitos matemáticos de crianças na Educação Infantil.	SMOLE, K. C. S.; ROCHA, G. H. R.; CÂNDIDO, P. T.; STANCANELLI, R. <b>Era uma vez na Matemática: uma conexão com a Educação Infantil.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

No planejamento, estavam previstos seis encontros. Cada texto seria discutido em dois encontros, porém a discussão de dois deles foi concluída em apenas um encontro cada. Assim, tivemos quatro encontros. Para realizar os encontros formativos, utilizei o aplicativo *Google Meet*. Cada encontro durou cerca de 90 minutos. Todos foram gravados para análise posterior.

### 6.2.1 Encontro Formativo I

O Encontro Formativo I aconteceu no dia 21 de abril de 2021. Inicialmente, expliquei a proposta para as professoras, relatando que, além de ser uma proposta de estudo que objetiva compreender ideias para nos ajudar na nossa prática cotidiana na escola, seria também uma das etapas da minha pesquisa de Mestrado.

Os objetivos desse Encontro Formativo foram dois: i) refletir sobre as diferentes linguagens que as crianças utilizam para se expressarem e aprenderem; e ii) compreender a importância de utilizar as várias linguagens das crianças nas propostas de atividades que contemplem os conteúdos matemáticos.

Para que as professoras pudessem compreender o que eu estava propondo nos objetivos de cada encontro, utilizei como estratégia didática rememorar ações que elas vivenciaram na escola, relacionadas à Matemática, contação de história e artes, para que, na medida em que reviviam tais situações, elas também constatassem as possibilidades de se trabalhar com múltiplas linguagens.

Nesse sentido, para o primeiro encontro solicitei que cada professora fizesse um desenho que representasse a sua relação com a Matemática e levasse para partilhar. Iniciei o encontro com os seguintes questionamentos: “Para você o que é criança e o que é infância?”, “Toda criança vive sua infância de maneira igual?”. Estas perguntas foram fundamentais pra que eu pudesse compreender a concepção de crianças das professoras com as quais iria desenvolver o trabalho. Uma vez que saber tal pensamento das professoras se faz fundamental diante da proposta que pretendia na minha pesquisa.

P1 relatou sua concepção exemplificando que a infância dela tinha sido mais divertida na qual a criança podia brincar na areia, podia correr, não havia tecnologia como tem hoje, que está tudo moderno.

Tudo mudou, acredito que antigamente a infância era mais rica, a criança era mais feliz. Acredito que as crianças têm infâncias diferentes, pois possuem educação diferente, passa por várias etapas e cada uma tem a sua. (P1)

A P2 relacionou criança a ideia de pureza, inocência e despreocupação. Ela falou que “Infância é correr, cair e levantar, sem se preocupar com as consequências” e que “[...] muitas crianças não conseguem viver esses momentos da infância nas circunstâncias nas quais estamos hoje.”.

Ainda durante essas discussões, as professoras citaram que, às vezes, as limitações que os pais colocam nas crianças as fazem crescer amedrontadas. Citaram exemplos de crianças que não conseguem subir em árvores ou correr porque os pais as privavam disso e as controlam pelo medo, sendo que o controle dos pais pode gerar traumas nas crianças.

Em contraponto, as professoras citaram a questão da violência crescente no país, que algumas vezes impedem as crianças de viverem a infância de forma mais intensa, sendo que antes se podia sair para brincar na rua ou na casa do vizinho e hoje isso é algo mais raro devido à violência.

Outro aspecto destacado foi o fato de a pandemia ter dificultado ainda mais a vivência da infância de forma intensa, pois as crianças estão mais presas em casa sem oportunidades de ir inclusive à escola, que era um espaço onde podiam ser crianças de verdade. Tivemos a oportunidade de relacionar as diferentes infâncias vivenciadas pelas crianças as quais atendemos na nossa Instituição, pois elas possuem situações econômicas bastante diversas.

Finalizada este momento, apresentei a evolução histórica da concepção de criança com base no pensamento dos autores, o levantamento histórico da concepção de criança se fez importante para que pudéssemos adentrar na discussão da primeira parte do texto, o qual trata

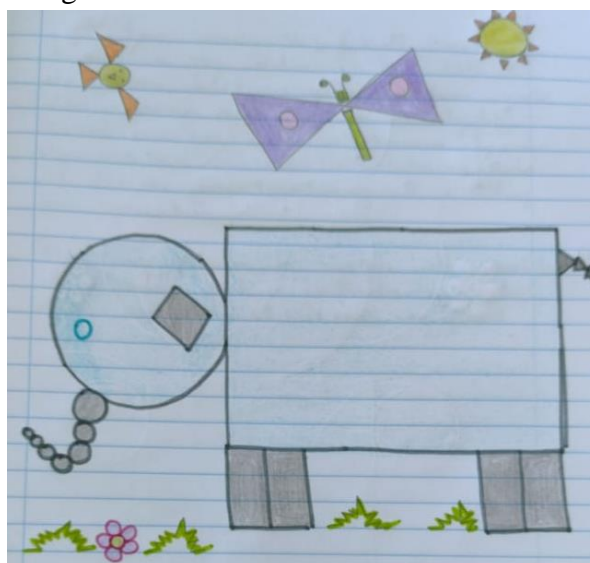
dos documentos que regem a primeira etapa da Educação Básica. Compreender a concepção de criança inserida nestes documentos é indispensável.

Na segunda parte do encontro, discutimos sobre os documentos apresentados no texto – o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil, a Base Nacional Comum Curricular e o Documento Curricular Referencial do Ceará – e a mudança delas quanto à concepção de criança.

Tratamos sobre a importância do desenvolvimento da criança em toda a sua totalidade, de elaborar planejamentos que contemplem as mais variadas linguagens das crianças, bem como da relevância de uma escuta sensível para acolhermos o que as crianças nos trazem, nos desprendermos das nossas verdades e poder visualizar o que os sujeitos têm a nos ensinar.

Em seguida, solicitei às professoras que partilhassem os desenhos delas. A primeira a partilhar o desenho foi a P2. Ela expressou a sua relação com a Matemática em um desenho que continha um passarinho, um sol e um elefante em formas geométricas.

Fotografia 13 – Desenho da P2



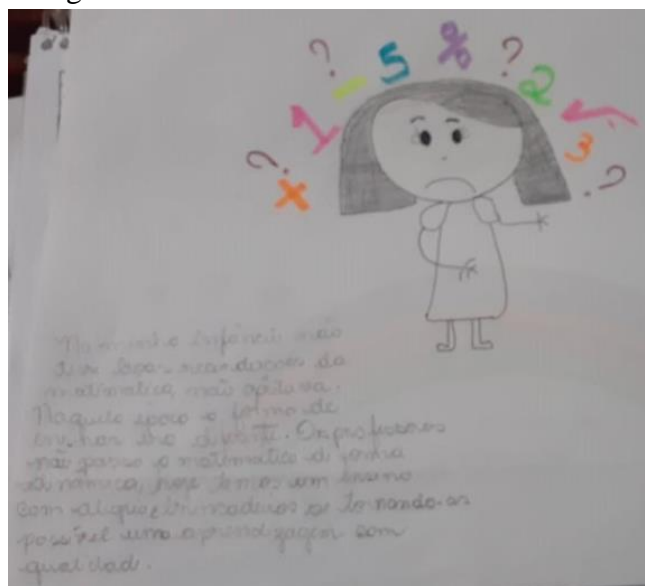
Fonte: Arquivo da autora.

Este foi o comentário dela sobre o desenho:

Eu queria que a minha infância tivesse sido assim como é a infância hoje. A gente não teve a infância de aprender a Matemática brincando, expressar-se por desenhos. Era tudo no quadro e ficávamos caladinhos, sem poder falar nada e ainda tinha que dar a resposta correta. Não podia dizer que não aprendeu. Eu sou traumatizada com isso, não gostei, nunca gostei de Matemática: nem no Ensino Médio, nem no Ensino Fundamental. Foi péssimo! Já eu gosto hoje da minha forma de ensinar brincando, levando jogos, eu acho bem legal e acho que aprende muito mais. (P2)

A P1 se expressou por meio de um desenho de uma criança triste, pois sua relação com a Matemática na Educação Básica não foi boa e ela tem péssimas lembranças da época.

Fotografia 14 – Desenho da P1



Fonte: Arquivo da autora.

Este foi o comentário dela sobre o desenho:

Na minha infância, não tenho boas recordações da Matemática. Eu não gostava. Naquele tempo, a forma de ensinar era diferente, os professores não passavam a Matemática de forma dinâmica. Hoje temos um ensino com alegria, brincadeira, se tornando possível uma aprendizagem com qualidade. (P1)

Ao solicitar o desenho para representar a relação das professoras com a Matemática, pude perceber ainda a relação delas com o uso desse tipo de linguagem expressiva. Elas falaram: “Tenho mesmo que fazer um desenho?”, “Não sei desenhar!”, “Vai ficar feio!”.

De modo geral, são essas frases que se escuta quando se solicita que um adulto desenhe algo. Se analisarmos com bastante cuidado, expressar-se por meio do desenho causa constrangimento para os adultos e isso está relacionado ao modo de como essa expressão foi vivenciada na infância.

Acabar com o ciclo de reprodução de prática de violência simbólica só é possível quando conseguimos curar nossas próprias feridas. No caso do Encontro Formativo I, a discussão sobre os desenhos possibilitou as professoras perceberem a importância dessa representação e o quanto ela pode ajudar a entender as crianças.

Esclareço que todos os textos dos encontros foram disponibilizados com antecedência às professoras para que elas relacionassem suas experiências com o conteúdo do texto, o que favorecia a mobilização e a ampliação dos saberes.

### 6.2.2 Encontro Formativo II

Cinco dias após o Encontro Formativo I, aconteceu o Encontro Formativo II para continuarmos a discussão do mesmo texto, abordando a temática voltada para as ideias matemáticas. As professoras compartilharam alguns trechos significativos do texto e expressaram a sua satisfação com a leitura por ele trazer algumas possibilidades de se trabalhar Matemática de forma contextualizada.

Seguem exemplos de passagens citadas, respectivamente, por P1 e P2:

No entendimento de Lorenzato (2006, p. 23), é necessário que a aprendizagem matemática vise ao desenvolvimento integral da criança, permitindo-a “[...] observar, refletir, interpretar, formular hipóteses, procurar e encontrar explicações ou soluções, exprimir ideias e sentimentos, conviver com colegas e explorar seu corpo.”. Essas atividades favorecem a formação do senso matemático infantil, mas precisam enfrentar dois tipos de contribuição negativa: a não proposição delas pelos professores, por considerá-las simples e desnecessárias, e a pressão dos pais pelo ensino de conteúdos (construir a casa sem alicerce) (LORENZATO, 2006, p. 23). (BARGUIL, 2020, p. 20).

É importante, portanto, que a professora proponha atividades para que a criança (com seu corpo e/ou objetos) vivencie situações ligadas à natureza espacial para observar, identificar elementos do universo, experimentar e perceber propriedades, estabelecer relações, isolar variáveis e representar, com gestos, desenhos, linguagem verbal e registro. No que se refere à localização, movimentação e representação, as crianças progressivamente desenvolvem as noções de cima-baixo, frente-atrás e direita-esquerda, sendo essa última, relacionada à lateralidade, a mais complexa. (BARGUIL, 2020, p. 20).

Debatemos que a ideia de Educação Matemática vem também com a intencionalidade de trabalhar Matemática dentro do contexto cotidiano das crianças. E que quando a criança chega na escola ela já tem vivências com ideias matemáticas e essas experiências não podem ser menosprezadas. Abordamos também que a Matemática precisa fazer sentido para as crianças de modo a evitar que o interesse por essa disciplina não seja bloqueado, o que pode gerar evasão escolar futuramente.

Um dos pontos presentes do texto trabalhado traz a ideia de dois tipos de Pedagogia: a do Discurso e a do Percurso. Ao tratar sobre elas fiz uma relação com a ideia de comportamento existente na escola, onde durante muito tempo o estudante bom era comportado, que ficava em silêncio ouvindo o discurso docente, sem questionar e sem atrapalhar sua fala. A ideia foi refletir sobre as novas possibilidades de aprender.

A aprendizagem por meio do corpo que se movimenta e que é inquieto. Perceber que a nova concepção de criança clama que ela seja valorizada e respeitada e que só pode aprender se o seu corpo inteiro estiver envolvido com as atividades que são propostas.

Algo que me chamou atenção durante esse encontro foi o relato da P1, a qual trouxe uma memória da sua relação com a Matemática no tempo do Ensino Médio, quando a pontuação dela em Matemática era completada por meio das participações nos desfiles cívicos, os quais davam a ela o direito de ser aprovada nessa disciplina, uma vez que por não conseguir compreender os conceitos ensinados pelo professor ele arranjava essa estratégia para a não reprovação.

O que se pode constatar nessa situação é que a Matemática, além de ser percebida como uma disciplina que ocasionava medo, era também uma disciplina em que os conhecimentos dos alunos por algumas vezes eram medidos por suas participações em eventos, o que nada se relaciona a conteúdos matemáticos propriamente ditos.

Nesse encontro houve muitos relatos de que a Matemática era muito difícil e que rotineiramente se usava a expressão passei na prova “arrastada”, fazendo alusão ao fato de que as provas de Matemática eram bem desafiadoras.

Outra situação relatada diz respeito ao perfil dos professores que lecionam Matemática, os quais de modo geral são avaliados pelos discentes como os professores que não tem didática. A P2 falou que quando estudava na Educação Básica havia um professor de Matemática que não sabia apresentar o conteúdo de forma satisfatória, o que gerou nela desconforto em aprender e a fez detestar tal disciplina.

Os relatos foram no sentido de que na Matemática existem abordagens de assuntos que não se levam para a vida o que ocasiona os alunos a não gostarem da disciplina por não perceberem nela utilidade. Percebi que, nas falas das professoras, tinham dores e algumas resistências por essa disciplina enquanto estudantes. Nesse sentido, a ideia do encontro era desmistificar essas crenças que ficam em nós e que, por não serem trabalhadas, se manifestam na prática docente. Embora essa desmistificação demande um caminho bem mais complexo, o primeiro passo foi dado com essa formação.

Para esse encontro levei dois vídeos das aulas remotas de crianças bem pequenas que estudavam na Creche Ninho Feliz. O primeiro de uma criança do Infantil II e o segundo de uma criança do Infantil III. Os vídeos abordavam atividades que trabalhavam noções matemáticas de forma lúdica, de modo que pudéssemos avaliar tais vídeos percebendo como se ensina e como se pode aprender Matemática na Educação Infantil.

O primeiro apresentava uma criança sentada no chão e ao seu redor algumas vasilhas de plásticos. Do lado dessas vasilhas, estavam espalhadas várias tampas. A ideia da professora foi trabalhar noções de aberto e fechado e de coordenação motora, bem como atenção, concentração e percepção visual. Chamei atenção ainda para o desenvolvimento do esquema

mental comparação, pois a criança precisou fazer comparações de tamanhos das tampas com as vasilhas para poder saber qual era a tampa correta.

Nesses vídeos, as professoras puderam perceber que o ensino e a aprendizagem matemática precisam acontecer de maneira intencional com objetos concretos, encontrados no meio social da criança. Em tempos de ensino remoto essa realidade tem sido ainda mais perceptível, tendo em vista que toda atividade planejada precisa ser desenvolvida utilizando materiais de fácil acesso para as crianças. Nesse sentido, as professoras usam objetos de casa, vasilhas, linhas, copo, brinquedos etc.

No segundo vídeo, a professora solicitou que fossem desenhadas em uma folha quatro formas geométricas: quadrado, triângulo, estrela e coração. As crianças deveriam colocar objetos que tivessem a mesma forma geométrica dos desenhos. Percebemos no vídeo que a criança usou os brinquedos dela os quais tinham as mesmas formas que poderiam encaixar e fazer a associação.

Durante a discussão dos vídeos, as professoras relataram que as crianças aprendem melhor quando confeccionam algo e refletem sobre o vivido, comparando e relacionando, ações características da abstração reflexiva. Ou seja, aprender por meio da manipulação de objeto colabora para que a aprendizagem seja significativa. Debatermos ainda sobre a ideia de trabalhar com sequência didática de modo a construir a aprendizagem discente.

Nesse sentido, elaborar proposta de atuação pedagógica que envolva músicas, contações de histórias, brincadeiras e registro é importante, tanto para a construção da aprendizagem, como para o desenvolvimento das múltiplas linguagens infantis. Em seguida, solicitei que as professoras partilhassem com o grupo uma música que tivessem para elas alguma relação com a Matemática.

A P2 compartilhou a seguinte música:

Era uma vez

Kell Smith

O dia em que todo dia era bom  
 Delicioso o gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão  
 Dava pra ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão  
 E acabava tudo em lanche  
 Um banho quente e talvez um arranhão

Dava pra ver, a ingenuidade a inocência cantando no tom  
 Milhões de mundos e universos tão reais quanto a nossa imaginação  
 Bastava um colo, um carinho



E o remédio era beijo e proteção  
Tudo voltava a ser novo no outro dia  
Sem muita preocupação

*É que a gente quer crescer  
E quando cresce quer voltar do início  
Porque um joelho ralado dói bem menos que um coração partido*

Dá pra viver  
Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau  
É só não permitir que a maldade do mundo te pareça normal  
Pra não perder a magia de acreditar na felicidade real  
E entender que ela mora no caminho e não no final

Era uma vez

Em seguida, ela relatou que

Apesar de tudo de todos os traumas que vivemos com a matemática, precisamos acreditar que ela está no caminho e que graças a Deus ela está mudando e hoje as crianças podem vivenciar uma matemática diferente. Está mudando até mesmo os profissionais. A gente vê que ainda tem uns que desacreditam e dizem: “Ah, esse menino não vai aprender assim não, para aprender precisa ficar quieto e calado.”. E não é assim, pois a gente tem que criar métodos para que todos consigam apreender. Tem uns que conseguem aprender paradinho, olhando pra lousa, mas tem uns que não, precisam pegar, falar etc. (P2)

A música partilhada pela P1 foi Aquarela, de Toquinho.

Aquarela

Toquinho

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo  
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva  
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva

Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel  
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu  
Vai voando, contornando a imensa curva norte e sul  
Vou com ela, viajando, Havaí, Pequim ou Istambul

Pinto um barco a vela branco, navegando, é tanto céu e mar num beijo azul  
Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená  
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar  
Basta imaginar e ele está partindo, sereno, indo  
E se a gente quiser ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida  
 Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida  
 De uma América a outra consigo passar num segundo  
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo  
 Um menino caminha e caminhando chega no muro  
 E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está  
 E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar

Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar  
 Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar  
 Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá  
 O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar

Vamos todos numa linda passarela  
 De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá  
 Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo (que descolorirá)  
 E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá)  
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo (que descolorirá)  
 Que descolorirá

A P1 disse: “Eu escolhi a música da aquarela porque na minha infância a matemática para mim era uma folha em branco, já hoje ela é mais colorida, já tenho outra visão e essa música representa esse colorido.”.

### **6.2.3 Encontro Formativo III**

O Encontro Formativo III, realizado no dia 03 de maio de 2021, propiciou a discussão do texto *Literatura Infantil e Educação Infantil: um grande encontro*. O objetivo foi apresentar a importância da Literatura Infantil na Educação de crianças bem pequenas.

Neste Encontro, provoqueei as professoras a relatarem algumas histórias que marcaram a infância e dizendo o motivo. A intenção de fazer essa provocação foi resgatar sentimentos guardados por histórias ouvidas, seja na Educação Infantil ou fora dela.

As memórias da P2 viajaram para Mato Grosso, onde ela viveu sua infância e, apesar de naquela época não poder ter acesso a livros de Literatura Infantil, relatou que ouvia as mais assustadoras histórias contadas pela sua avó durante a noite. E assim ela cresceu ouvindo a história de onça, Saci Pererê e diversos outros seres que habitavam a região mato-grossense.

A professora relatou que somente teve acesso a livro de Literatura já na idade adulta e uma história que lhe marcou já recentemente foi a história Sarita, a sapinha amuada, da coleção

PAIC<sup>9</sup>, a qual fez sentir grande emoção ao trabalhar a contação com sua turma de Infantil II, uma vez que pôde perceber o desenvolvimento das crianças de forma expressiva e principalmente porque elas estavam felizes na realização das atividades.

A P2 também relatou momentos de contação de histórias realizadas por sua família, na cidade de Itaitinga. Segundo ela, as contações de histórias aconteciam todas as noites, principalmente na época da colheita, quando todos da família se sentavam em volta do milho ou do feijão para debulhá-lo e se deleitar com as mais variadas histórias dos mais velhos.

A discussão do texto trouxe para as professoras a reflexão da Literatura Infantil como possibilidade de desenvolvimento e encantamento das crianças.

#### **6.2.4 Encontro Formativo IV**

O Encontro Formativo IV, realizado em 05 de maio, objetivou apresentar as contribuições do uso da Literatura Infantil para a aprendizagem de conceitos matemáticos de crianças na Educação Infantil, para isso usei a o texto *Era uma vez na Matemática: uma conexão com a Educação Infantil*.

Nesse encontro de forma bem específica, discutimos sobre as possibilidades de unir Literatura Infantil e Educação Matemática, para que as noções matemáticas sejam desenvolvidas de maneira integral na Educação Infantil.

Ficou claro no encontro que as professoras compreenderam que o uso da Literatura Infantil pode ajudar as crianças a perceberem a Matemática de maneira mais divertida e, conseqüentemente, aumentar o interesse para essa Ciência, evitando a reprodução de sentimentos negativos vivenciados pelos agentes pedagógicos.

A percepção dessa compreensão se deu pelo fato de ambas relatarem que a literatura é um marco na vida das crianças e as tornam mais entusiasmadas a aprenderem algo novo.

As professoras inclusive relataram que iriam passar a usar a literatura com um viés direcionado a Matemática, aprendizagem numérica foi citada como uma possibilidade de

---

<sup>9</sup> JUCÁ, Dalila. **Sarita, a Sapiinha Amuada**. Fortaleza: SEDUC, 2018. O livro traz a história de uma sapiinha que vivia zangada e descontente, mesmo os outros bichos da lagoa tentando fazer amizade ela vivia sempre à toa. O único que conseguia conversar com a sapiinha era o sapo Josa. Um dia, o sapo Josa, na tentativa de ajudar a sapiinha a fazer outros amigos, organizou uma festa. Após decorar o ambiente da festa com bandeiras coloridas, todos os demais bichos da lagoa apareceram no local. Depois de muito insistir para que a Sarita fosse à festa, Josa conseguiu convencê-la. Quando eles chegaram ao local, antes que Sarita começasse a reclamar, seu amigo Josa a pegou pela mão e começou com ela dançar. Durante a festa, a Sapiinha se divertiu tanto que conseguiu deixar de ser ranzinza e passou a ter mais amigos.

aprender por meio de contações de história. A P2 citou na ocasião o livro *Um amor de confusão*<sup>10</sup>, como possibilidade de as crianças aprenderem os números.

Continuo afirmando que só se pode mudar algo quando identificamos o motivo de agirmos de determinada maneira. Identificar a causa do problema é indispensável para solucioná-lo. Depois dos encontros formativos, as professoras, considerando as noções matemáticas a serem trabalhadas, se reuniram para selecionarem livros de Literatura Infantil que abordassem aquelas. Apresento na próxima sessão como aconteceu esta seleção.

### 6.3 Atuações Pedagógicas

Para a realização das propostas de atuações pedagógicas, foram inicialmente identificadas na agenda da escola as noções matemáticas que estavam programadas para serem trabalhadas no mês de maio, as quais estão indicadas no Quadro 11.

Quadro 11 – Noções matemáticas programadas para o mês de maio

GEOMETRIA	ARITMÉTICA	GRANDEZAS E MEDIDAS	
aberto – fechado	mais – menos	maior – menor	alto – baixo
dentro – fora	muito – pouco	grande – pequeno	comprido – curto
interior – exterior	quase	longe – perto	distante – próximo
no alto – no baixo	igual – diferente	grosso – fino	gordo – magro
	todos – nenhum	largo – estreito	raso – fundo
	vários – alguns		cheio – vazio

Fonte: Agenda da escola.

A partir deste resultado, as professoras foram comigo até a biblioteca da escola no mesmo dia em que realizamos a pesquisa da agenda escolar verificar se existia algum livro de Literatura Infantil que contemplasse tais noções. Além da biblioteca, pesquisamos em dois drives, cujo acesso obtive por meio de grupos de *WhatsApp*, compartilhados por professoras do Brasil que lecionam na Educação Infantil. O resultado desta pesquisa está no Quadro 12.

<sup>10</sup> RANGEL, Dulce S. **Um amor de Confusão**. São Paulo: Moderna, 2019. O livro conta a história de uma galinha que tinha um enorme coração e não gostava de deixar ovos abandonados. Um dia, ela botou 1 ovo e guardou no seu ninho. Quando saiu para passear, ela encontrou outros ovos, contabilizando 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10. À medida em que encontrava os ovos, ela ia colocando no ninho e ajeitando. Após completar os dez ovos, a galinha os chocou e foi daí que começou a confusão, pois nasceram diferentes bichos: tartaruga, codorna, papagaio, pinto, jacaré. A história acaba alertando sobre a confusão que vai ser quando dona galinha levar essa turma toda para passear.

Quadro 12 – Livros encontrados referentes às noções matemáticas

<b>GEOMETRIA</b>	<b>ARITMÉTICA</b>	<b>GRANDEZAS E MEDIDAS</b>
aberto – fechado <u>O pavão do abre e fecha</u>	mais – menos <u>Um amor de confusão</u> <u>Dez saczinhos</u>	grande – pequeno <u>O pequeno peixe encantado</u> <u>Cachinhos dourados e os três ursos</u> <u>Adivinha o quanto gosto de ti</u>
dentro – fora <u>Por que não posso ir lá fora</u>	muito – pouco <u>A galinha do vizinho</u>	
no alto – no baixo <u>A nuvenzinha triste</u>	igual – diferente <u>Não tem dois iguais</u>	

Fonte: Pesquisa da autora.

Feita a seleção, todos os livros foram lidos na íntegra, durante dois dias, para que pudéssemos avaliar o que mais se adequava à faixa etária das crianças. Os critérios para a escolha foram: texto atrativo, imagens chamativas e principalmente a presença do conceito que iria ser trabalhado.

Após o estudo dos livros, decidimos trabalhar com os conceitos aberto e fechado, referentes à Geometria, tendo sido escolhido o livro *O pavão do abre e fecha* (MACHADO, 1985). Na sequência, começamos a elaboração da proposta de atuação pedagógica da primeira semana, na qual trabalharam em cada dia uma linguagem relacionando a temática do livro.

### **6.3.1 Primeira Atuação Pedagógica**

Na primeira Atuação Pedagógica, que aconteceu durante a semana de 24 a 28 de maio de 2021, foram trabalhadas as noções aberto e fechado, referentes à Geometria.

#### **6.3.1.1 Dia 01**

No dia 24 de maio, a professora responsável pelas atividades era a P2, tendo em vista que se tratava do planejamento da P1. Ela iniciou a vídeo-aula anunciando as crianças que iria contar uma historinha intitulada *O Pavão do abre e fecha*, mas antes de contar a história ela as convidou para cantar uma música. Então, ela iniciou com a canção cuja letra dizia: “Senhoras e senhores ouvintes da memória, abre a roda pare o tempo para ouvir a nossa história.”

Usando como recurso um pavão feito de papel laminado colorido e EVA, a professora realizou a contação de maneira empolgante e envolvente, abrindo e fechando o animal a medida que esse conceito ia aparecendo na história. Após a contação, a professora trabalhou com as

crianças a linguagem artística, solicitando que elas fizessem o registro por meio de desenho da parte da história que mais gostaram, bem como solicitou que lhe enviassem áudios e vídeos explicando o motivo de terem gostado daquela parte.

Fotografia 15 – P2 realizando a contação da história



Fonte: Pesquisa da autora.

Nesse dia participaram da atividade as seguintes aves: Blue, Garibaldo, Jade, Papa- Léguas, Piu-piu, Sabidão e Zazu. Todas elas fizeram a representação da história e enviaram para o grupo do *WhatsApp* fotos dos desenhos e áudios comentando a parte da história que mais tinham gostado. A folha na qual as crianças fizeram o desenho da história faz parte do material didático delas, que tinha sido enviado às famílias pela gestão da escola antes da pesquisa.

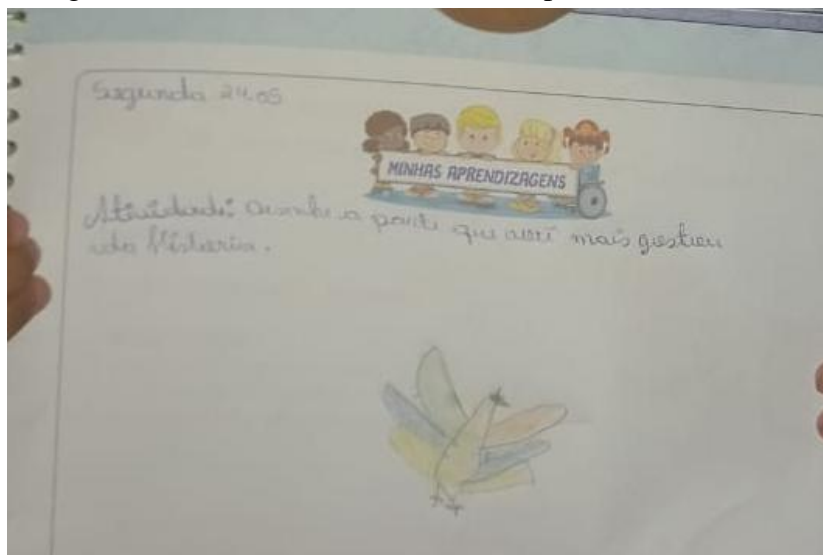
Fotografia 16 – Desenho da história feito por Piu-piu



Fonte: Pesquisa da autora.

Piu-piu disse: “A parte da história que mais gostei foi quando o pavão abriu suas asas coloridas.”

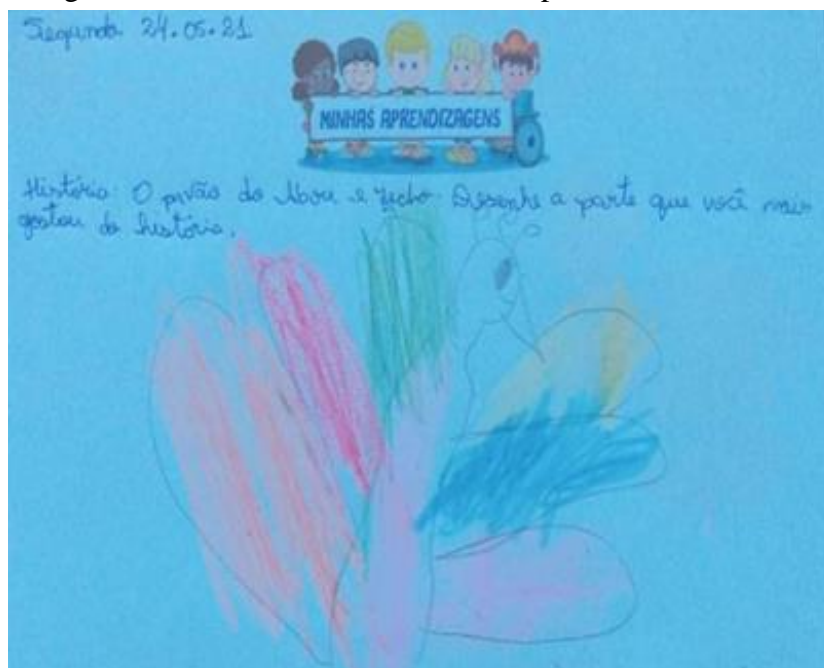
Fotografia 17 – Desenho da história feito por Zazu



Fonte: Pesquisa da autora.

Zazu disse: “Eu gostei de ver o pavão, ele é bonito”.

Fotografia 18 – Desenho da história feito por Sabidão



Fonte: Pesquisa da autora.

Sabidão falou: “Eu gostei da tia abrir e fechar as asas do pavão”.

Fotografia 19 – Desenho da história feito por Papa-Léguas



Fonte: Pesquisa da autora.

Papa-Léguas relatou: “A parte que eu mais gostei foi ver o pavão feliz”.

Fotografia 20 – Desenho da história feito por Ilego



Fonte: Pesquisa da autora.

Ilego afirmou “O pavão é bonito!”.

Jade não enviou imagem, apenas áudio: “Gosto do pavão porque ele é colorido”.

O envio das crianças de vídeos e áudios sobre a parte da história que mais gostaram contempla, no campo de experiência Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação, o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento (EI02EF04): “Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.” (BRASIL, 2017, p. 47), enquanto o envio de desenhos pelas criança contempla, no campo de experiência Corpo, Gestos e Movimentos, o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento (EI02CG05): “Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.” (BRASIL, 2017, p. 45).



### 6.3.1.2 Dia 02

No dia 25 de maio, a P 2 continuou com a implementação da proposta. Ela iniciou a vídeo aula relembrando a história O pavão do abre e fecha, contada no vídeo do dia anterior. Ela mostrou o pavão feito de papel laminado e fez o seguinte questionamento para as crianças: “Crianças, este pavão está aberto ou fechado?”. “Ele está com a cauda fechada”, ela mesma respondia no vídeo, simulando uma interação com as crianças, enquanto segurava o pavão cuja cauda estava fechada.

Em seguida, abriu a cauda do pavão e perguntou: “E agora? A cauda dele está aberta ou fechada? Muito bem, ela está aberta”, disse a professora no vídeo. Após as indagações, ela apresentou outros objetos que havia levado para mostrar: uma casinha de boneca, uma panela de brinquedo, uma caixinha de jogos. A medida que ela mostrava os objetos, ia exemplificando se ele estava aberto ou fechado.

Abriu e fechou a casinha de bonecas, em seguida abriu e fechou a panela de brinquedo e a caixinha de jogos. Após realizar essa ação, a professora apresentou outro recurso: uma janelinha colorida feita de papelão e EVA (Fotografia 21), quando a janela estava fechada as crianças poderiam observar gotas de chuva caindo, quando a janelinha se abria, havia dentro dela o desenho de um sol e plantas.

Fotografia 21 – Janelinha colorida feita de papelão e EVA



Fonte: Pesquisa da autora.

Com o manuseio desse recurso, a professora convidou as crianças para cantarem com ela a música da janelinha:

A Janelinha

Bob Zoom

A janelinha fecha, quando está chovendo,  
a janelinha abre se o sol está aparecendo,  
fechou, abriu, fechou abriu fechou. Abriu

Os movimentos de fechar e abrir iam sendo realizados com o recurso, à medida que os comandos da música eram solicitados. Após cantar a música, a professora convidou as crianças para, em casa, fazerem os mesmos movimentos que ela fez com o recurso, porém dessa vez usando as partes do seu corpo. Abrir e fechar os olhos, abrir e fechar a boca e abrir e fechar as mãos. Para facilitar a compreensão das crianças e das famílias, ela enviou um vídeo da internet o qual explicava essa brincadeira.

Nessa atividade, sete aves enviaram suas produções: Blue, Garibaldo, Jade, Papa-léguas, Piu-Piu, Sabidão e Zazu. Nos vídeos, foi possível perceber a empolgação das crianças na realização da brincadeira: Blue, Jade e Piu-piu realizaram os movimentos de abrir e fechar, olhos, mãos e pernas de forma correta e seguindo o ritmo da música.

As crianças, Sabidão e Zazu, apesar de saberem realizar os movimentos de abrir e fechar de forma correta, não conseguiram acompanhar o ritmo da música escolhida para a atividade. No vídeo enviado por Garibaldo, ele fez todos os movimentos corretamente e seguiu o ritmo musical. Algo bastante interessante foi no momento de abrir e fechar a boca, pois a criança demonstrava estar usando bastante força para pressionar os lábios fechados.

No que se refere a Papa-léguas, além de conseguir fazer todos os movimentos de forma correta e seguindo o ritmo musical, no momento de abrir os olhos, ela os deixava bem arregalados e quando era o momento de fechar, sua expressão era de quem estava colocando bastante força para mantê-los fechados. Cada criança tem uma maneira de demonstrar o seu entendimento do que é aberto e fechado. A realização das atividades seguindo o movimento corporal é fundamental para a identificação da compreensão das crianças.

A vivência corporal das noções aberto e fechado contempla, no campo de experiência O Eu, o outro e o nós, o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento (EI02EO02): “Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.” (BRASIL, 2017, p. 43), além de ampliar sua consciência corporal.

### 6.3.1.3 Dia 03

No dia 26 de maio, a responsável pela vídeo-aula foi a P1. Ela iniciou anunciando que estaria dando continuidade à proposta de atuação que a P2 havia iniciado. Com o pavão na mão, ela lembrou para as crianças a história contada, relatando que o pavão abria sua calda quando estava feliz, porém toda vez que se lembrava do seu pé torto ele ficava triste.

Em seguida, a P1 mostrou o kit que havia sido enviado para cada criança, contendo a dobradura de um pavão, papéis laminados coloridos e cola. P1 orientou elas decorarem a dobradura e em seguida brincassem de abrir e fechar o brinquedo. A professora, no final, solicitou que as crianças enviassem vídeo realizando a brincadeira.

Nessa semana, o dia 26 foi o que mais teve participação do grupo, contabilizando dez aves: elas decoraram a dobradura usando os materiais do kit e as famílias enviaram vídeos dos momentos das brincadeiras. Deste dia, escolhi quatro desses vídeos para análise, os quais comentarei a seguir.

Jade se concentrou bastante durante a decoração do pavão, deixando-o com sua cauda bem colorida e brilhosa. Ao ser questionada pela mãe se havia gostado de fazer a atividade do pavão, a criança disse que sim e que iria brincar com ele e com o seu boneco. Imediatamente pegou um boneco, dentre os brinquedos da sala, e iniciou um diálogo entre ele e o pavão:

- Olá, amiguinho.
- Olá, boneco.
- Você gostou da sua pena?
- Gostei...

Fotografia 22 – Jade criando o diálogo entre o pavão e o boneco



Fonte: Pesquisa da autora.

Esta atividade possibilitou a expressão da linguagem do faz de conta, na qual a criança imagina um diálogo entre os brinquedos, no qual o boneco questiona o pavão se ele gostou da sua pena, a qual foi enfeitada pela criança. Compreendo que a resposta do pavão expressa o sentimento da própria criança, quando ela, por meio do jogo simbólico, demonstra que gostou de realizar a atividade e que está satisfeita com o resultado obtido.

Na devolutiva de Jade, além de perceber o segundo direito de aprendizagem da BNCC, o brincar, é possível constatar alguns objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02EO02) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios; (EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros; e (EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.

O segundo vídeo analisado é o da ave Sabidão, que, antes de colar o papel laminado nas penas do pavão, narrava para sua mãe as cores: “Mãe, cola rosa”, “Mãe, cola o verde”. Sua mãe ia estimulando e parabenizando a criança à medida que ela descrevia suas ações.

Após concluir a arte, a criança começou a brincar de abrir e fechar a dobradura, enquanto narrava suas ações: “Peche” “Abi” “Peche” “Abi”.

Fotografia 23 – Sabidão brincando com o pavão enfeitado por ele



Fonte: Pesquisa da autora.

O vídeo enviado pela família de Piu-Piu mostrava ela brincando de abrir e fechar a dobradura. Sua mãe lhe pergunta: “Você está fazendo o quê?”. Ela responde: “Abrindo e fechando!”. Porém os movimentos que ela faz são opostos da sua fala, primeiro ela fecha e depois ela abre. Então, sua mãe a questiona: “Hãh?”. Piu-Piu, percebendo o equívoco, olha para o brinquedo e diz: “Fechando e abrindo!”.

Fotografia 24 – Piu-Piu abrindo e fechando o pavão



Fonte: Pesquisa da autora.

O questionamento da mãe foi fundamental para que a criança pudesse perceber sua fala contrária à sua ação. A mãe, de forma delicada e pedagógica, a fez refletir sobre seu equívoco, sem lhe dizer que ela estava certa ou errada e sem fazer um julgamento de valor. Ações como essas ajudam as crianças a terem autoconfiança em si, favorecendo o seu desenvolvimento integral.

Outra ação bem positiva, no que se refere às diversas manifestações de aprendizagens, diz respeito ao vídeo enviado pela família de Blue. Nele, a mãe da criança faz um link da atividade do dia anterior com a atividade da dobradura. Após a criança decorar o brinquedo, a mãe colocou a música da janelinha para tocar enquanto a criança ia fazendo os movimentos de abrir e fechar o pavão seguindo o ritmo da música. Interessante perceber nesse vídeo que a criança aparenta ter desenvolvido a habilidade rítmica de forma satisfatória.

Fotografia 25 – Blue mostrando seu pavão enfeitado



Fonte: Pesquisa da autora.

Diante dessa proposta de atividade o que posso concluir é que, apesar de o mesmo significativo ter sido apresentado de maneira semelhante para as crianças através de vídeo, o significado construído por elas foi diferente. Cada vídeo enviado trazia o desenvolvimento de uma linguagem específica, revelando o que mais interessou para cada criança, mostrando o aspecto individual do desenvolvimento e da aprendizagem.

#### **6.3.1.4 Dia 04**

A professora P1, responsável pela proposta, iniciou o vídeo desejando bom dia para as crianças e as famílias, disse o dia da semana e pediu para as crianças analisarem como está o tempo na casa delas. Em seguida, a professora lembrou que estavam trabalhando as noções aberto e fechado e mostrou imagens de dois guarda-chuvas, um aberto e um fechado.

Em seguida, ela anuncia uma música nova para trabalhar essas noções.

Meu guarda-chuva

Marcelo Serralva

Quando chove o meu guarda-chuva

Se apronta pra me acompanhar

Se está chuva, ele fica aberto

Se está sol, ele vai se fechar

Se está chuva, ele fica aberto

Se está sol, ele vai se fechar

A professora explicou que, ao cantar a música, ela realizaria alguns movimentos e as crianças iriam repeti-los em casa e enviar vídeos realizando essa atividade. Os movimentos anunciados por elas são de abrir e fechar as mãos como se fosse um guarda-chuva.

Nesse dia, seis crianças deram devolutivas, sendo que a devolutiva de uma delas não se referia à atividade solicitada pela professora. As crianças Blue, Ilago, Keven, Pica-pau e Piu-Piu enviaram vídeo fazendo os movimentos de abrir e fechar as mãos enquanto ouvia a professora cantando. A criança Sabidão enviou o vídeo fazendo a montagem dos nomes do pavão com letras moveis.

Todas as cinco crianças que enviaram o vídeo realizando os movimentos solicitados pela professora conseguiram realizar de forma satisfatória: quando a professora dizia está sol, elas fechavam as mãos, quando ela dizia está chuva, as crianças abriam as mãos. Em todos os

vídeos enviados pude perceber a alegria delas ao realizarem os movimentos e a expectativa na espera em saber qual o comando iria ser dado pela professora.

Na proposta de atividade sugerida pela professora estava presente a elaboração do objetivo de aprendizagem e desenvolvimento (EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.

No que se refere ao vídeo enviado pela família do estudante Sabidão, ele estava sentado, nomeando as letras da palavra pavão e a professora de reforço perguntava a letra inicial e final. Em seguida, ela perguntava as vogais da palavra e finalizava perguntando quantas letras tinha aquela palavra. Observei que a criança respondeu a todas as indagações da professora de forma correta, porém o conceito de aberto e fechado não foi trabalhado nessa atividade, conforme orientação do vídeo enviado pela professora da sala.

O foco no estudo das letras das palavras deixa evidente que a preocupação com que as crianças aprendam a ler e escrever é mais valorizada do que o desenvolvimento de outras habilidades importantes na Educação infantil.

#### **6.3.1.5 Dia 05**

No dia 27 de maio, a aula foi realizada de forma síncrona objetivando ouvir as crianças a respeito de seus sentimentos e aprendizados referentes aos conceitos trabalhados no decorrer da semana. Saliento que para a realização desse momento, no decorrer da semana, o parceiro digital<sup>11</sup> da instituição entrou em contato com as famílias das crianças orientando-as sobre como baixar e manusear o aplicativo *Google Meet*.

No dia da aula, cinco crianças foram ouvidas, e ao serem questionadas sobre suas aprendizagens ao longo da semana, seus relatos foram os de que gostaram das atividades, mas a atividade que mais gostaram foi a de enfeitar o pavão do abre e fecha. Durante a chamada de vídeo uma das crianças foi até seu quarto pegar o pavão, mostrou-o para os colegas e fez o movimento de abrir e fechar dizendo: “Olha, ele abre e fecha”.

Foi um momento extremamente significativo, pois, além do contato mais próximo das crianças com os colegas e as professoras, foi possível perceber a valorização do momento até mesmo pelas famílias, uma vez que a P1 aproveitou a oportunidade para falar sobre a importância de realizar as atividades remotas com dedicação tendo em vista que, apesar de o

---

<sup>11</sup> O parceiro digital da escola refere-se a uma professora que colabora com o uso das tecnologias digitais, orientando pais e professores no manuseio de aplicativos para a realização das atividades remotas.

momento que estamos vivendo ser bastante delicado, é possível proporcionar a aprendizagem das crianças de forma interativa e significativa.

### 6.3.2 Segunda Atuação Pedagógica

Na semana seguinte da implementação da primeira Atuação Pedagógica, avalei com as professoras as ações docentes, visando a identificar as que foram satisfatórias e as que necessitavam ser repensadas. As docentes relataram que a utilização de diferentes linguagens contribuiu significativamente para a maior participação das famílias nas atividades, principalmente no terceiro dia, quando realizaram a confecção da dobradura do pavão do abre e fecha. “Era notória a empolgação das crianças nos vídeos enviados.” relatou a P1.

No entanto, as professoras concordaram que a atividade relacionada a movimento não teve boa aceitação entre as famílias e cogitaram a possibilidade de retirá-la da Segunda Proposta de Atuação Pedagógica. Contudo, após lembrarmos a importância de a criança usar o seu corpo no processo de aprendizagem, essa ideia foi descartada e outra estratégia foi utilizada: as professoras enviaram áudios às famílias falando sobre a importância das atividades de movimento para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Durante esta semana de intervalo, a proposta da segunda Atuação Pedagógica foi construída pelas professoras, considerando as noções matemáticas programados na agenda da escola (Quadro 13).

Quadro 13 – Noções matemáticas programadas para o mês de junho

<b>GEOMETRIA</b>	<b>ARITMÉTICA</b>	<b>GRANDEZAS E MEDIDAS</b>	
direita – esquerda	mais – menos	maior – menor	alto – baixo
entre – no meio	muito – pouco	grande – pequeno	comprido – curto
frente – atrás	quase	longe – perto	distante – próximo
interior – exterior	igual – diferente	grosso – fino	gordo – magro
figura geométrica (triângulo)	todos – nenhum	largo – estreito	raso – fundo
	vários – alguns	cheio – vazio	

Fonte: Agenda da escola.

Na segunda Atuação Pedagógica, que aconteceu durante a semana de 07 a 11 de junho de 2021, foram trabalhadas as noções grande e pequeno, referentes a Grandezas e Medidas, mediante o livro *Cachinhos dourados e os três ursos* (SOUTHEY, 2021).



### 6.3.2.1 Dia 01

A professora iniciou o vídeo desejando bom dia para as crianças e anunciando que seria contada mais uma história para trabalhar um novo par de noções. Inicialmente, ela convidou as crianças para cantar uma música de chamada para contação de história e, em seguida, iniciou a contação da história Cachinhos dourados e os três ursos.

Para a realização da contação de história, a professora utilizou alguns recursos feitos com EVA, como uma bolsa, na qual ela trazia dentro os personagens, papai, mamãe e bebê urso, também feitos em EVA em tamanhos diferentes, a personagem dos cachinhos dourados, bem como os elementos apresentados na história como: cadeira, tigela e cama.

Fotografia 26 – Elementos da história feitos em EVA



Fonte: Pesquisa da autora.

A professora contava a história mostrando todos os detalhes dos elementos: toda vez que se referia aos termos grande ou pequeno, ela aproximava o objeto da tela do celular para que as crianças visualizassem adequadamente a diferença.

Após realizar a contação, a professora solicitou a seguinte atividade: cada criança iria brincar em casa de encher as tigelas do papai urso e do bebê urso, para isso as mães deveriam providenciar duas vasilhas (uma grande e uma pequena) e um copo com água, as crianças iriam colocar água em cada uma das vasilhas observando qual das duas enchia primeiro. Em seguida, iria dizer os motivos.

Participaram dessa atividade sete crianças: Garibaldo, Iledo, Jade, Papa-légua, Pica-pau, Piu-piu e Sabidão.

No vídeo enviado pela família da Piu-piu, realizou a intervenção com ela sua tia, que é professora da instituição na qual ela estuda, o que ajuda de forma significativa a explicação das orientações para a criança.

Em cima de uma mesa, estavam três vasilhas e um copo: a primeira vasilha continha toda a água que iria ser dividida entre as duas outras, o copo foi usado para fazer a distribuição entre elas. Para representar a tigela pequena foi usada uma tigela realmente pequena e para representar a tigela grande foi usada uma tigela grande, ambas de vidro.

A Piu-piu realizou a atividade da seguinte maneira: primeiro ela colocou a água na vasilha pequena, deixando-a encher por completo, somente quando essa já estava cheia, ela começou a colocar a água na vasilha grande (Fotografia 27).

Fotografia 27 – Piu-piu realizando a atividade de encher dois recipientes



Fonte: Pesquisa da autora.

No final da atividade, ao ser questionada pela sua tia sobre qual vasilha havia enchido primeiro, ela respondeu que tinha sido a vasilha pequena. A tia indagou: “Por quê?”. E ela respondeu: “Porque é pequena.”. A tia da Piu-piu ampliou a tarefa solicitada, fazendo outros questionamentos à criança sobre a história:

Tia: “Piu-piu, a vasilha pequena era de quem?”.

Piu-piu: “Do urso pequeno.”.

Tia: “E a vasilha grande é de quem?”.

Piu-piu: “Do grande urso.”.

No vídeo, foi possível perceber que a criança fez a associação dos objetos com os personagens da história o que indica o desenvolvimento das noções trabalhadas.

A atividade realizada vem de acordo com o eixo estruturante do brincar, bem como as perguntas realizadas pela tia de Piu-piu possibilitaram não só o desenvolvimento da oralidade,

mas também o seu pensamento, uma vez que ela associa as tigelas de acordo com os tamanhos dos ursos da história. Sobre isso, Antunes (2014, p. 19) defende:

A criança que brinca está desenvolvendo sua linguagem oral, seu pensamento associativo, suas habilidades auditivas e sociais, construindo conceitos de relações espaciais e se apropriando de relações de conservação, classificação, seriação, aptidões visoespaciais e muitas outras.

No vídeo enviado pela família do Sabidão, quem ajuda na intervenção é a mãe da criança, que é professora do município, atuando com crianças de cinco anos de idade. Inicialmente, ela colocou duas vasilhas de vidro em cima da mesa e uma jarra de aproximadamente um litro cheia de água, a qual foi usada para fazer a distribuição nas vasilhas.

A mãe iniciou apontando para a vasilha grande e perguntando a criança se aquela vasilha era grande ou era pequena, ela respondeu que era grande. Em seguida, a mãe disse para Sabidão colocar água nela. A criança derramou a água na tigela e quando encheu, a mãe apontou para a outra vasilha e perguntou: “Essa daqui é grande ou pequena?”. A criança respondeu que a vasilha era pequena e mais uma vez a mãe solicitou que ela derramasse a água na vasilha pequena. Ela derramou e quando encheu a mãe perguntou: “Qual das duas encheu mais rápido?”. A criança respondeu que foi a pequena (Fotografia 28).

Fotografia 28 – Sabidão realizando a atividade de encher dois recipientes



Fonte: Pesquisa da autora.

Apesar de não ter distribuído a água de forma intercalada nas duas vasilhas, Sabidão percebeu que a pequena encheu primeiro, o que pode estar relacionado ao tempo que passou despejando numa e na outra vasilha. A pergunta inicial da mãe indagando se as vasilhas eram grandes ou pequenas, indica que a criança sabe o significado das noções matemáticas, uma vez que responde de forma segura a indagação feita por ela.

No vídeo enviado pela família do estudante Pica-pau, quem realizou a intervenção foi a mãe, que é dona de casa. No vídeo analisado foi usado para representar a tigela grande um pote de sorvete e para representar a tigela pequena uma tampa de garrafa de café.

Para realização da tarefa, a criança pegou um copo cheio de água e começou despejando na vasilha grande, quando a água estava na metade da vasilha ele parou de colocar nela e começou a despejar o restante que estava no copo na tampa da garrafa, a qual representava a tigela pequena, a água que restava no copo foi suficiente para encher toda a tampa da garrafa, sendo que como a tampa encheu derramou um pouco no chão. Ao final a mãe perguntou, qual vasilha encheu primeiro, e a criança apontou para a vasilha pequena, ao ser questionado sobre o por que ele respondeu que a vasilha é pequena (Fotografia 29).

Fotografia 29 – Pica-pau realizando a atividade de encher dois recipientes



Fonte: Pesquisa da autora.

O que pode ser percebido é que apesar de não ter sido colocado água suficiente para encher as duas vasilhas e fazer a análise, a criança pôde observar que com aquela água que havia no copo era suficiente apenas para encher a vasilha pequena sendo que a grande não daria para encher completamente.

No vídeo enviado pela família da criança Jade foi usado um pote de sorvete retangular para representar a tigela grande e uma vasilha de plástico redonda para representar a tigela pequena e um copo com água para distribuir nas duas vasilhas.

Ela iniciou colocando água na vasilha pequena, quando estava próximo de encher, ela olhou para a quantidade de água que tinha no copo e disse: “Pronto?”. Percebendo que talvez não fosse suficiente para encher a outra vasilha, mas mesmo assim continuou colocando na

vasilha pequena até encher por completo, o resto da água que sobrou no copo ela derramou aos poucos no recipiente grande. Quando acabou a água do copo, não tinha dado pra encher, ela olhou pra sua mãe com uma cara pensativa, como se estivesse questionando o que faria já que não foi suficiente, e disse: “Olha?”. Sua mãe indagou: “Qual encheu primeiro?”. Ela disse o pequeno (Fotografia 30).

Fotografia 30 – Jade realizando a atividade de encher dois recipientes



Fonte: Pesquisa da autora.

Ilego realizou a atividade com uma professora de reforço, para fazer a experiência foram utilizados quatro recipientes: uma vasilha de sorvete na qual continha a água que seria distribuída para os recipientes grande e pequeno, um copo que foi usado para fazer a distribuição e dois depósitos de plásticos, um quadrado, menor que a vasilha de sorvete, mas maior que a vasilha redonda que foi usada para representar a tigela pequena.

A professora ia orientando que ela fizesse a distribuição e observasse qual enchia primeiro, e assim ela fez, colocando um copo de água na vasilha grande, outro na pequena de forma consecutiva. Um copo de água foi suficiente para encher a vasilha pequena, então antes de ela colocar o segundo copo na vasilha grande a professora a questionou: “Ilego, qual vasilha encheu mais rápido?”, e ela apontou para a vasilha pequena (Fotografia 31).

Fotografia 31 – Ilego realizando a atividade de encher dois recipientes



Fonte: Pesquisa da autora.

Blue usou uma panela para representar a tigela grande e uma garrafa de água sanitária cortada no meio para fazer a representação do recipiente pequeno. Interessante que a criança realizou a atividade no banheiro de casa, onde ela com um pote de plástico ia pegando a água do reservatório que sua mãe deixou no banheiro e foi levando até a panela, depois até a garrafa de água sanitária. Ela colocou duas vezes em cada uma e percebeu que foi suficiente para encher a garrafa, então disse: “Pronto” (Fotografia 32).

Fotografia 32 – Blue realizando a atividade de encher dois recipientes



Fonte: Pesquisa da autora.

A mãe perguntou: “Qual foi a que encheu primeiro?”. E ela disse que foi a verde, se referindo à garrafa de água sanitária, representativa da tigela pequena. A mãe perguntou o por que e ela respondeu que o recipiente estava muito seco. A mãe percebendo que essa não era a resposta esperada disse: “Por que foi que ela encheu primeiro?”. E a menina tornou a repetir: “Porque ela estava muito seca.”.

Percebi que houve uma pausa no vídeo e quando retoma a mãe faz a pergunta novamente: “Porque a vasilha encheu primeiro?”. E dessa vez a criança responde: “Porque ela é pequena.”.

Interessante na análise desse vídeo que estamos rotineiramente enquanto docente querendo receber das nossas crianças as respostas que desejamos, no vídeo na Blue apesar de ela ter percebido que a garrafa havia enchido primeiro, o que importava era uma resposta correta vindo de sua fala e não de sua ação. É importante que entendamos que a construção de conceitos acontece por meio da experiência e da reflexão sobre esta, e que nem sempre a resposta correta vindo de uma fala importa na educação de crianças bem pequenas.

Em todos os vídeos analisados, foi possível perceber ainda a variação da utilização dos recipientes para representar as noções grande e pequeno o que é importante para que as crianças percebam que a matemática está no cotidiano. Ou seja, quando Piu-Piu assiste ao vídeo enviado por Jade ela pode perceber objetos que são grandes e outros que são pequenos, ampliando essa noção. Nesse sentido identificamos, no campo de experiência espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento (EI02ET05): Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).

### **6.3.2.2 Dia 02**

Neste dia, a aula foi assumida pela P2, que iniciou lembrando a história contada na aula anterior e mostrando os ursos e suas diferenças de tamanhos, sempre relacionando as noções aos recursos por ela utilizados para a contação de história. Em seguida, trabalhou a linguagem musical apresentando a música Tão grande, de Xuxa Meneguel. Como atividade, ela solicitou que as crianças, usando um cordão ou barbante, fizessem a medição da mãe e de si própria para compararem quem era grande e quem era pequeno.

Nesse vídeo, a professora convidou uma colega da turma das crianças para fazer a demonstração da atividade com ela. Como registro a professora solicitou que as crianças fizessem o desenho da mamãe e da criança nos tamanhos correspondentes. Participaram 10

crianças, dessas selecionei quatro desenhos para pesquisa, pois considerei que foram realmente realizados pelas crianças.

Fotografia 33 – Representação de grande e pequeno feito por Sabidão



Fonte: Pesquisa da autora.

Embaixo da Fotografia 33, havia o seguinte comentário da mãe: “Não está bonito, mas foi ele mesmo que fez.”! Infelizmente, ainda é comum se acreditar que a beleza é uma qualidade que os objetos, pessoas, animais e até mesmo os desenhos possuem, mas isso é construído socialmente. Duarte Junior (1991, p. 57) nos ajuda a entender que o que é belo para mim pode não ter beleza para o outro. Ou seja, o belo não reside nem nos objetos nem na consciência dos sujeitos, mas nasce do encontro dos dois. Ilego representa sua mãe com traços grandes, o tronco do corpo bem comprido e a cabeça grande em relação a ela (Fotografia 34).

Fotografia 34 – Representação de grande e pequeno feito por Ilego

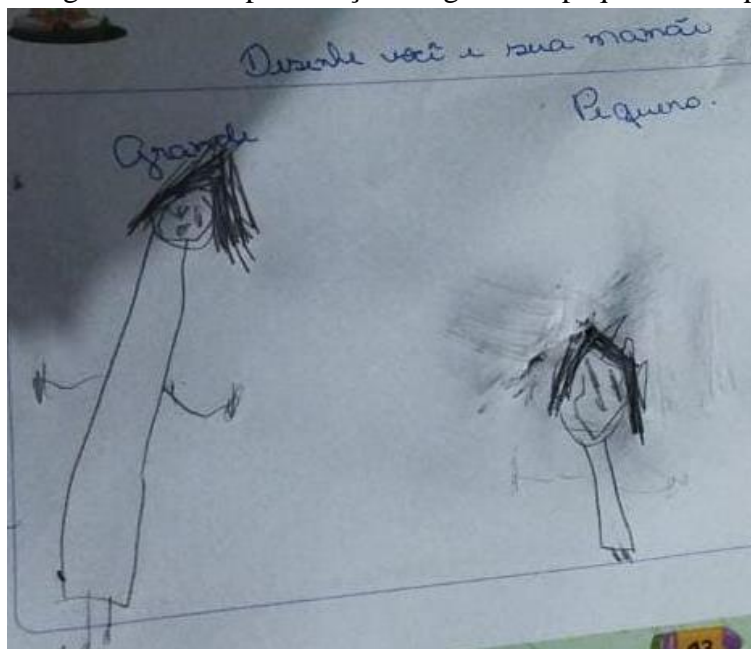


Fonte: Pesquisa da autora.



Jade e Piu-piu também representaram suas mães com tamanho bem superior ao delas (Fotografias 35 e 36). Algo interessante que se pode observar no desenho de Jade é que a criança já desenvolveu a noção de linha de céu e linha de base.

Fotografia 35 – Representação de grande e pequeno feito por Jade



Fonte: Pesquisa da autora.

Fotografia 36 – Representação de grande e pequeno feito por Piu-piu



Fonte: Pesquisa da autora.

O trabalho com desenhos na Educação Infantil possibilita não somente o desenvolvimento das habilidades artísticas, pois

Há características gráficas que podem ser comuns em um grupo de crianças da mesma idade, mas há uma flutuação entre os que desenharam mais, com mais frequência, e os que nunca desenharam, sem contar os fatores contextuais, onde a criança está inserida

sócio culturalmente. O traço é sempre singular, assim como o conteúdo, o qual está ligado à própria existência da criança, porém há um traço evolutivo maior, coletivo, que não podemos negar, e que pode ser estimulado de várias formas; é aí que entra a perspectiva educacional, na possibilidade formativa do desenho. (GOLDBERG, 2016, p. 28).

### **6.3.2.3 Dia 03**

Neste dia, a P1 foi responsável pelo comando da aula. Ela iniciou contando mais uma vez a história Cachinhos dourados e os três ursos, porém, dessa vez, ela foi realizada através de música. Relembrou a história, indagando as crianças qual o tamanho da tigela que cachinhos dourados tinha escolhido, qual a cama que ela havia deitado...

Em seguida, a professora anunciou uma atividade de movimento, a qual foi uma adaptação da brincadeira morto e vivo. Nessa brincadeira o orientador narra os comandos de morto e vivo, quando ele diz morto, os integrantes se baixam, quando ele diz vivo, os integrantes se levantam, perde a brincadeira que fizer o comando contrário. Então, no vídeo, a professora trocou as expressões “morto” e “vivo” por grande e pequeno, solicitou que as crianças brincassem em casa com as famílias e enviassem os vídeos no grupo de atividades.

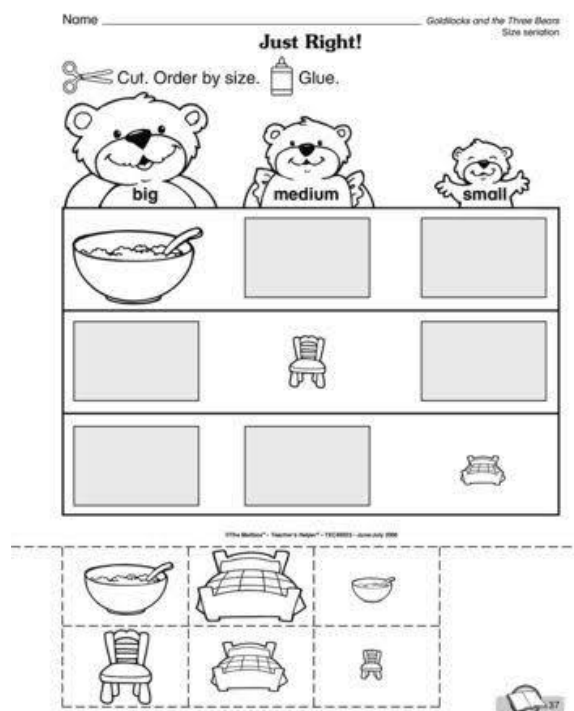
Participaram desse momento 6 crianças, o que se pode analisar dos vídeos recebidos é que foi realizado de forma rápida apenas como uma forma de cumprir a atividade do dia. Apesar disso, foi possível perceber que as crianças realizaram as orientações de forma correta.

A pouca participação das crianças nesse dia, me faz perceber que as atividades relacionadas à movimentação corporal é desvalorizada, tanto no contexto da Educação Infantil propriamente dito, como pelos próprios pais. No grupo de *WhatsApp*, é possível perceber quem visualizou as atividades, o que me faz ter ainda mais compreensão dessa desvalorização. P1 e P2 fizeram a mesma análise. Conforme elas, os pais não se interessam por atividades de movimento porque acreditam que elas não são importantes para as aprendizagens das crianças.

### **6.3.2.4 Dia 04**

A P1 iniciou com a rotina dizendo o dia da semana e do mês e perguntando as crianças como estava o tempo na casa dela. Após falar que daria continuidade as noções de grande e pequeno, ela apresentou um jogo educativo, o qual havia sido enviado para a casa das crianças (Imagem 02).

## Imagem 02 – Jogo educativo com os ursos



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/864620828442231086/>.

Esse jogo era composto por um tabuleiro de papelão, as imagens do papai urso, da mamãe urso e do bebê urso coladas nesse tabuleiro. As imagens pontilhadas dos objetos utilizados pelos animais – tigela, cadeira e cama – foram recortadas para que as crianças colassem cada objeto abaixo do seu respectivo dono.

Participaram dessa atividade onze crianças, sendo que 8 delas enviaram apenas fotografias. Três delas enviaram vídeos os quais fiz a seguinte análise

A mãe de Sabidão possibilitou que a criança realizasse todo o processo da atividade, desde identificação dos objetos, os quais a criança nomeou a quem pertencia cada um, até o passar da cola na gravura e colar no local correspondente. Esse processo de realização das atividades pela criança é de fundamental importância para o seu desenvolvimento. Quando o adulto faz parte do processo no lugar da criança, ele impede que ela desenvolva habilidades.

Fotografia 37 – Sabidão realizando a colagem do jogo educativo



Fonte: Pesquisa da autora.

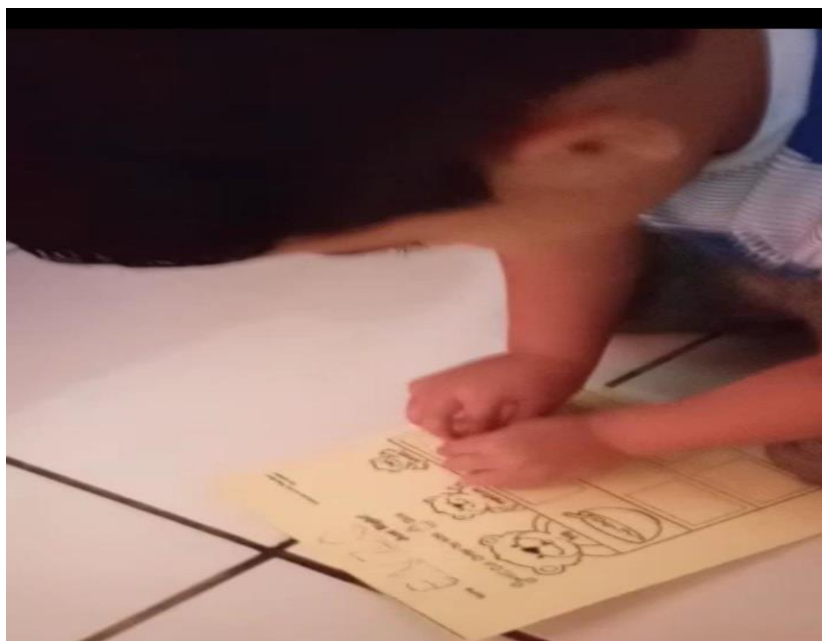
Enquanto a criança colava as gravuras, a mãe fez questionamentos: “Qual o tamanho da tigela do papai urso?” e a criança respondeu: “Pequena.”; “Qual o tamanho da tigela do bebê urso?” e a criança respondeu: “Pequena.”.

Essa ação da mãe foi muito significativa, uma vez que ela favoreceu a criança manter o foco nas noções que estavam sendo trabalhados, fazendo as devidas associações.

O segundo vídeo analisado foi o da criança Pica-pau. Ao contrário do vídeo anterior, nesse a mãe pegou as figuras e ela mesma passava, a criança teve a função de colocar no lugar correspondente. A mãe não ajudou a criança indicando qual lugar a criança deveria colocar, mas a questionou quando a criança colocou a gravura da cadeira pequena no retângulo da mamãe urso, a criança percebendo o equívoco, fez a colagem no local correto.

Ajudar a criança a perceber os equívocos e não realizar as ações por ela, essa é uma ação de grande valia quando se está ensinando algo. Quando a professora gravava os vídeos orientando aos pais, ela deixava sempre claro que as crianças deveriam realizar todo processo da tarefa, pois, só assim, elas poderiam construir suas aprendizagens.

Fotografia 38 – Pica-pau realizando a colagem do jogo educativo



Fonte: Pesquisa da autora.

No terceiro vídeo enviado pela mãe de Blue, foi possível perceber que a criança realizou sozinha todas as atividades, sem auxílio e de maneira assertiva.

Fotografia 39 – Blue realizando a colagem do jogo educativo



Fonte: Pesquisa da autora.

### **6.3.2.5 Dia 05**

No dia 11 de junho, foi realizado mais um momento de escuta das crianças. As professoras enviaram um *link* pelo aplicativo de *WhatsApp*, o qual dava acesso a sala de aula virtual do *Google Meet*. Dessa vez as professoras, que estavam no espaço da brinquedoteca, iniciaram o momento acolhendo as crianças com vídeo educativo da história Cachinhos dourados e os três ursos, disponível no *Youtube*. Esta estratégia foi utilizada para aguardar as crianças que entravam na sala de aula virtual sem cansar as demais.

Após alguns minutos, as professoras desejaram bom dia às crianças e às famílias e iniciaram contando, mais uma vez, a história da semana usando todos os recursos apresentados em vídeo no primeiro dia de implementação.

Após a contação, as professoras deram oportunidades para que as crianças pudessem relatar suas experiências na semana.

Todas as crianças foram ouvidas. Em seus relatos, era notório que as atividades propostas pelas professoras ao longo da semana foram significativas para o desenvolvimento delas, pois ao relatarem sobre as atividades comentaram que foi divertido ouvir história, brincar com, água, encher as vasilhas e medir a mamãe.

Além de ouvir as crianças, as mães que estavam acompanhando-as também deram suas contribuições, parabenizando as professoras pelas atividades diversificadas na apresentação dos conceitos.

Após a escuta das crianças e acreditando que as escolhas didáticas estavam sendo aceitas, as professoras elaboraram, na semana de 14 a 18 de junho, a terceira Proposta de Atuação Pedagógica, desta vez com as noções muito e pouco, a qual será apresentada na próxima seção.

### **6.3.3 Terceira Atuação Pedagógica**

A terceira Atuação Pedagógica aconteceu no período de 21 a 25 de junho. As professoras não encontraram nos acervos qualquer livro que fosse adequado para trabalhar noções aritméticas.

Para suprir esta lacuna, o professor Paulo Barguil escreveu uma história, Muitos e poucos, e as ilustrações foram feitas por uma mãe de um estudante do município. Com o livro em mãos, foi possível a elaboração da proposta e sua implementação.

### 6.3.3.1 Dia 01

Neste dia, o vídeo foi gravado pelas duas professoras. Inicialmente, a P1 anunciou que iria contar uma história bem legal e que para isso iria ter a participação da P2. A P2 saudou as crianças e a P1 iniciou a contação da história Muitos e poucos: ela contava uma estrofe e a P1 contava outra. Usaram como recursos: o livro confeccionado e os brinquedos da brinquedoteca.

Após a contação da história, a P1 solicitou que as crianças separassem em casa dois recipientes. De um lado, elas iriam colocar os brinquedos que mais gostavam e os que não gostavam no outro recipiente. Em seguida, iriam dizer qual recipiente ficou com muitos e qual ficou com poucos brinquedos.

Participaram dessa atividade cinco crianças. Para representar os brinquedos que gosta mais, Jade escolheu as bonecas e para representar o que gosta menos ela escolheu peças de encaixar. No depósito das bonecas havia cinco, algumas grandes e outras pequenas, no pote das peças de encaixar também havia cinco. Após a separação dos brinquedos, a mãe de Jade lhe perguntou: “Qual é a vasilha que tem mais brinquedos?”. Ela respondeu que era do depósito das bonecas. “Qual a vasilha que tem poucos brinquedos?”. Ela respondeu que era a das peças de encaixar.

Fotografia 40 – Brinquedos separados por Jade



Fonte: Pesquisa da autora.

O que percebo é que a maneira como as bonecas estavam dispostas sobre a bacia fez com que Jade interpretasse que a quantidade era maior que a quantidade das peças de encaixar. Essa associação também está relacionada ao tamanho das bonecas em relação ao tamanho das peças de encaixar.

Atividades como essas são importantes para o desenvolvimento do esquema mental de conservação, que se configura no ato de “[...] perceber que a quantidade independe da arrumação, forma ou posição.” (LORENZATO, 2018, p. 27). Esse assunto também foi discutido com as professoras durante os encontros de formação continuada, uma vez que o primeiro texto abordava essa temática.

Na vivência citada, a noção de conservação ainda não foi desenvolvida pela criança, uma vez que a quantidade de boneca é a mesma de peças de encaixar, ela acredita ter mais bonecas do que peças de encaixar, devido a posição e/ou tamanho.

Outro vídeo observado foi o enviado por Blue. Ela distribuiu em uma caixa de papelão algumas bonecas de pano para representar os brinquedos que ela mais gostava e num pote de sorvete colocou alguns brinquedos de plásticos que ela não gostava

Fotografia 41 – Brinquedos separados por Blue



Fonte: Pesquisa da autora.

No vídeo, Blue aponta para a caixa de bonecas e diz que ali havia muitos brinquedos e, em seguida, aponta para o pote de sorvete e diz que ali havia poucos brinquedos. De fato, nesse vídeo, foi possível perceber que a quantidade de brinquedos que Blue gostava era superior aos que ela não gostava.



No vídeo enviado pela Piu-piu, conseguimos observar o momento em que ela faz a separação dos brinquedos. A professora de reforço colocou sobre um tapete alguns brinquedos do espaço que as crianças usam para brincar e orientou: “Piu-piu, separa para mim os brinquedos que você gosta mais e os brinquedos que você gosta menos.”.

Ela começa colocando um pintinho, uma boneca, três peças de encaixe e um pato de pelúcia em uma vasilha. Depois, coloca o restante que ficou sobre o tapete na outra vasilha: um personagem do senhor Madrugada da turma do Chaves, uma marreta de plástico e um robô.

Fotografia 42 – Brinquedos separados por Piu-piu



Fonte: Pesquisa da autora.

Em seguida, a professora perguntou qual vasilha tinha mais brinquedos, ela apontou para a primeira que encheu, na qual estavam os brinquedos que ela mais gostava. Em seguida, a professora indagou: “Qual vasilha tem menos brinquedos?”. Ela apontou para a segunda vasilha, que continha os brinquedos que ela menos gostava.

### 6.3.3.2 Dia 02

Nessa aula ministrada pela P1, ela uniu o conceito de poucos e muitos com a temática de alimentação saudável. Para isso, apresentou um vídeo com algumas frutas que precisamos comer para nos mantermos saudáveis: mamão e maçã. Após falar da importância desses alimentos, a professora abriu as frutas e perguntou para as crianças qual fruta tinha poucas sementes e qual tinha muitas.

Em seguida, pediu para as crianças fazerem o mesmo em casa – mostrasse duas frutas que mais gostavam e realizassem a comparação entre elas, analisando qual continha mais e menos sementes – e elaborassem o registro dessa fruta em forma de desenho. Participaram desse momento seis crianças. Ilego escolheu um limão e um maracujá e disse que o limão tem poucas sementes e o maracujá tem muitas sementes.

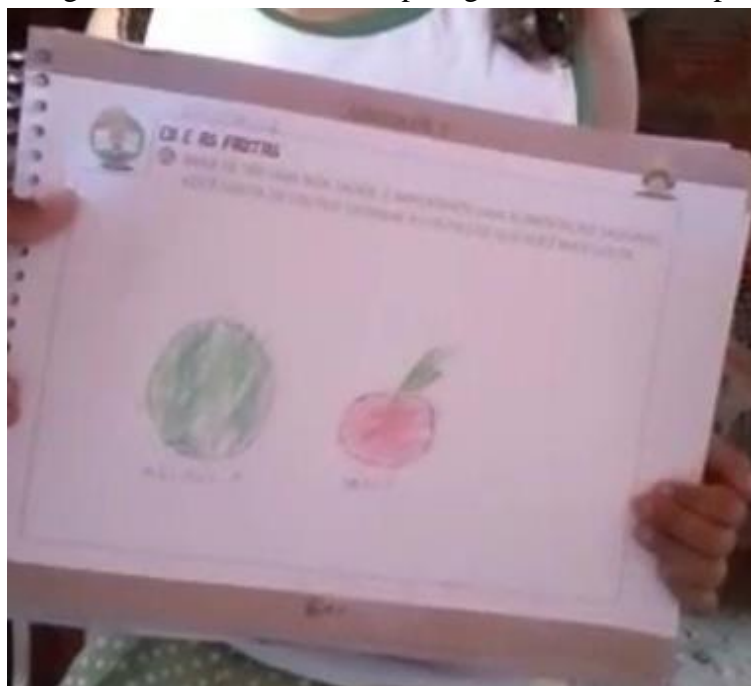
Fotografia 43 – Fruta preferida de Ilego



Fonte: Pesquisa da autora.

Papa-léguas escolheu a melancia e a maçã. Ela disse que a melancia tem muitas sementes e a maçã tem poucas sementes.

Fotografia 44 – Desenho de Papa-léguas de suas frutas preferidas



Fonte: Pesquisa da autora.

O pai de Blue iniciou perguntando se ela sabia o que era muito e o que era pouco. Ela respondeu que sim. Então, ele perguntou: “A melancia tem muitas ou poucas sementes?”. Ela respondeu tem muita. Em seguida, ele perguntou: “E a maçã?”. Ela disse que tem poucas.

Apesar de a atividade pedir para as crianças cortarem as frutas, Blue não teve acesso às frutas. A intervenção foi feita apenas de forma oral, sem o manuseio.

Jade escolheu a goiaba e a maçã. A mãe abriu as duas frutas e solicitou que a criança observasse as duas. Em seguida, perguntou: “Qual é a frutinha que tem muitas sementes: é a goiaba ou a maçã?”. Ela respondeu a goiaba. Em seguida, a mãe perguntou: “Qual é a frutinha que tem poucas sementes: é a goiaba ou a maçã?”. Ela respondeu que era a maçã.

A escolha de Piu-piu foi uma ata e um limão. A mãe da criança cortou as duas frutas ao meio e solicitou que ela fizesse a análise. Em seguida, perguntou qual a fruta que tem mais sementes: a ata ou o limão. Piu-piu respondeu a ata.

Fotografia 45 – Frutas escolhidas por Piu-piu



Fonte: Pesquisa da autora.

Mais uma vez, percebemos a importância de que as noções matemáticas podem ser aprendidas por meio do cotidiano das crianças, sem ser ensinada como algo isolado do contexto infantil. Nessa atividade, além de compararem e aprenderem sobre muito e pouco, as crianças puderam ainda ter acesso à temática da alimentação e sua importância para a saúde, que está nas Orientações Curriculares Prioritárias do Ceará<sup>12</sup> (CEARÁ, 2020).

### 6.3.3.3 Dia 03

A P2 iniciou o vídeo com uma oração de acolhida. Em seguida, realizou a rotina do calendário e do quadro tempo. Feito isso, cantou uma música adaptada, Muito e pouco, na qual

---

<sup>12</sup> Documento elaborado para ser usado, exclusivamente, no período pandêmico, quando as escolas estavam fechadas. Ele apresenta os conteúdos que precisam ser trabalhados com as crianças.

trabalhava também os movimentos corporais. Ela convidou a aluna Piu-piu para ensinar as crianças a fazerem os movimentos. A professora, com a ajuda da aluna Piu-Piu, orientou as crianças em casa a dividirem o espaço da sala de dois lados. De um lado, elas iriam colocar alguns objetos que tinham em casa em pouca quantidade e, do outro lado, elas iriam colocar objetos em muita quantidade.

Ao ouvirem a música as crianças iriam seguir os movimentos, pulando hora do lado que continha muitos objetos, hora no lado que tinha poucos objetos no ritmo da música.

Muito e pouco

Professoras da pesquisa

Essa é a dança do muito e pouco

Essa é a dança do muito e pouco

Agora muito

Agora pouco

Agora muito

Agora pouco

Mais uma vez, infelizmente, foi possível perceber o não interesse nas atividades relativas ao movimento corporal, tendo em vista que apenas três crianças enviaram vídeos realizando a atividade. Alguns questionamentos foram realizados pelos pais (“Hoje vai ter atividade no livro?”). As professoras explicaram que a atividade do dia era a de movimento e eles responderam com um ok, mas não enviaram conforme solicitado.

#### **6.3.3.4 Dia 04**

No dia 24 de junho, a professora iniciou perguntando se as crianças lembravam das noções que estavam sendo estudadas naquela semana e disse muito e pouco. Em seguida, anunciou que iria ler a história Muitos e poucos, para em seguida dizer qual atividade iria ser proposta pra esse momento. Ao terminar de ler à história a professora pediu ajuda das crianças para ilustrá-la. Cada criança ficou responsável por desenhar uma parte da história. A escolha da criança foi feita seguindo a ordem da chamada e disponibilizada no grupo de interação. Nas Fotografias seguintes, trago os desenhos das crianças referentes ao trecho do livro enviado pela professora.

Trecho do livro: “Crianças gostam de brincar  
Pode ser com boneca, carro e bila”.

Fotografia 46 – Desenho da história feito por Jade



Fonte: Pesquisa da autora.

Trecho do livro: “E de correr, pular e se esconder”.

Fotografia 47 – Desenho da história feito por Ilego



Fonte: Pesquisa da autora.

Trecho do livro: “As brincadeiras acontecem em vários lugares:  
Em casa, na escola e na rua”.

Fotografia 48 – Desenho da história feito por Piu-piu



Fonte: Pesquisa da autora.

Trecho do livro: “Ana e Maria são primas  
Ana tem muitas bonecas  
Maria tem poucas bonecas  
Quando elas estão juntas, brincam com boneca  
E criam várias histórias com todas as bonecas”.

Fotografia 49 – Desenho da história feito por Pica-pau



Fonte: Pesquisa da autora.

Trecho do livro: “José e Pedro são colegas na escola  
José tem muitos carros  
Pedro tem poucos carros”.

Fotografia 50 – Desenho da história feito por Garibaldi



Fonte: Pesquisa da autora.

Trecho do livro: “Durante o recreio eles brincam com os carros  
E vivem aventuras inesquecíveis com os diferentes carros”.

Fotografia 51 – Desenho da história feito por Sabidão



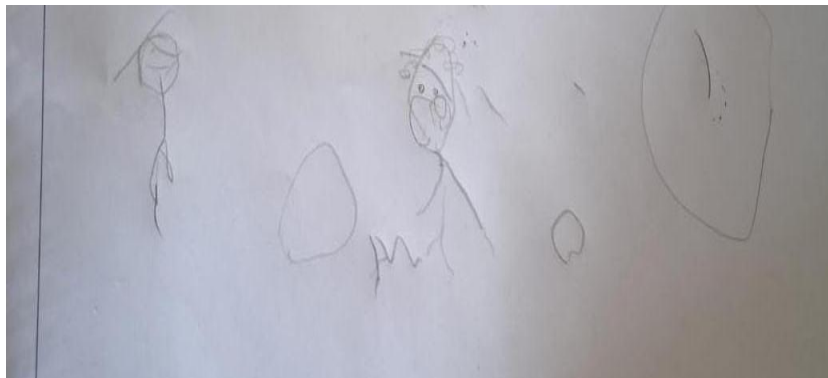
Fonte: Pesquisa da autora.

Trecho do livro: “Beatriz e João são vizinhos

Beatriz tem muitas bilas

João tem poucas bilas”.

Fotografia 52 – Desenho da história feito por Blue

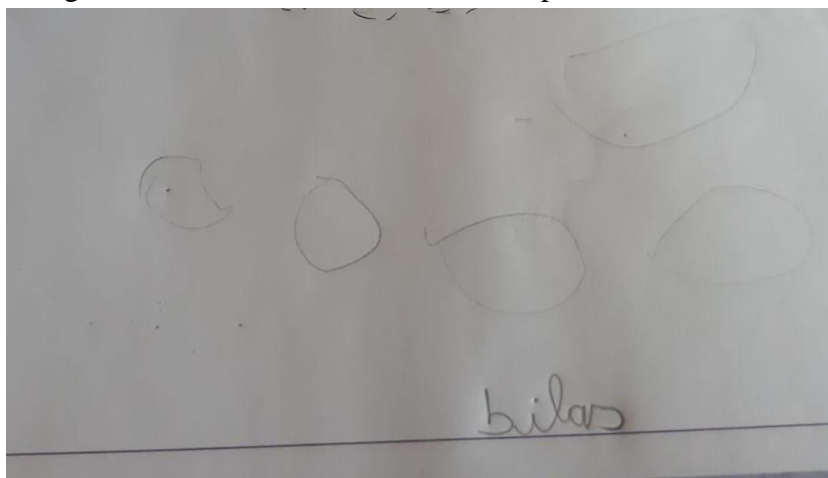


Fonte: Pesquisa da autora.

Trecho do livro: “Quando eles se encontram na rua, brincam com bila

E se divertem bastante com as bilas coloridas”.

Fotografia 53 – Desenho da história feito por Zazu



Fonte: Pesquisa da autora.



Trecho do livro: “Quando brincam, as crianças fantasiam  
Com muitos ou poucos brinquedos  
Ou até mesmo sem eles  
Elas criam um mundo diferente  
E sentem muita liberdade e alegria”.

Fotografia 54 – Desenho da história feito por Keven



Fonte: Pesquisa da autora.

#### **6.3.3.5 Dia 05**

No dia 25 de junho, foi realizada uma chamada de vídeo pelo aplicativo *Google Meet*. Participaram dessa chamada dez crianças. As P1 e P2 realizaram essa chamada juntas. Elas estavam na brinquedoteca da escola, onde iniciaram dando boas vindas às crianças e às famílias. Em seguida, com o livro *Muitos e Poucos*, elas realizaram a contação da história e relembrou as atividades realizadas durante a semana.

Depois, abriram espaço para a escuta das crianças sobre as atividades que gostaram. As crianças disseram que a atividade que mais gostaram foi a das frutas, pois abriram as frutas para observar as quantidades de sementes e também comeram a sua fruta favorita.

Esse momento, além de valorizar a escuta da criança, defendida ao longo desse trabalho, foi primordial para que as professoras pudessem perceber por meio dos olhares e motivações das crianças, que, por mais distante fisicamente que estivessem, ainda era possível manter o mínimo de interação.

Na próxima seção, apresentarei a entrevista final realizada com as professoras.

## 6.4 Entrevista final

Após a vivência das atuações pedagógicas, realizei a entrevista final com as professoras, de modo a colher informações sobre o processo formativo – estudo, seleção dos livros de Literatura Infantil, planejamento, implementação e avaliação das atuações pedagógicas – e saber suas opiniões acerca da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças com as vivências durante as propostas de atuação pedagógicas. O instrumento tinha nove questões (APÊNDICE J).

A pergunta inicial (A formação, com o estudo de textos sobre uso da Literatura Infantil na Educação Matemática na Educação Infantil, contribuiu para a melhoria da sua atuação docente? Se sim, exemplifique algumas aprendizagens.) teve a mesma resposta afirmativa das professoras, mas com justificativas diferentes.

A prática da literatura é parte importante dos estudos das crianças. A leitura pode estar ligada a um contexto de aprendizagem, estimulando o aluno a ter prazer de ler e manusear o livro de forma lúdica. (P1)

Com a afirmativa acima, a professora deixa claro que, com a formação, ela compreendeu que a Literatura pode estimular as aprendizagens discentes de maneira mais prazerosa do que a habitual.

A justificativa da P2 foi a seguinte:

Observei que as crianças compreendem melhor uma noção matemática, quando se é trabalhado com continuidade, quando se tem uma história onde pode ser trabalhada a Matemática, as crianças aprendem com amor e conseguem tomar gosto pela Matemática. (P2).

A fala da P2 está mais diretamente ligada às contribuições da Literatura Infantil com a aprendizagem matemática, pois as mesmas noções foram trabalhadas durante uma semana inteira de maneiras diferentes e essa continuidade possibilitou que as crianças aprendessem melhor o que se pretendia.

Além das afirmações relatadas pelas professoras, destaco o pensamento de Frantz (2011), que defende o caráter lúdico-estético proporcionado pelo uso da literatura na sala de aula. A literatura tem no cenário educacional uma função singular, pois alia à informação o prazer, além de contemplar razão e emoção (FRANTZ, 2011, p. 41).

A segunda pergunta (Você teve obstáculos para planejar as propostas de atuação pedagógica? Se sim, destaque alguns.) obteve a mesma resposta negativa das professoras, mas com distintas explicações.

Foi uma proposta bem elaborada, na qual as atividades foram desenvolvidas dentro do contexto, dentro do cotidiano das crianças, tendo em vista que assim a aprendizagem acontece de maneira mais significativa. (P1).

Quando a P1 menciona o cotidiano da criança, demonstra que compreendeu a importância de se trabalhar noções matemáticas ajudando as crianças a perceberem que elas estão no seu dia a dia, favorecendo que para elas aprendam de maneira significativa, sendo necessário que o professor insira a realidade no planejamento.

Não tive obstáculos para planejar as propostas de atuação pedagógica, mas sim, um pouco de receio e medo de não dar certo. O medo decorre de a gente nunca ter trabalhado dessa maneira antes, então o novo assusta. (P2).

P2 citou que não teve dificuldade no planejamento, contudo teve receio de que as atividades propostas não conseguissem fazê-las alcançar os objetivos traçados nos planejamentos. Considero bastante pertinente a declaração da professora ao afirmar que, ao invés de medo, teve receio.

Alguns professores não inserem novas propostas na sua ação docente por falta de conhecimento, contudo existe uma parcela que, por medo e insegurança, acaba deixando de vivenciar novas práticas que poderiam ocasionar a aprendizagem discente de maneira mais significativa.

Avalio, com a resposta dessa professora, que o foco da sua ação pedagógica ainda está no produto e não no processo. A desconstrução desta concepção precisa ser realizada por elas, mas isso demanda tempo, tendo em vista a história educacional delas.

As observações das professoras me lembram do entendimento de Smole et al (2007), quando defendem a importância de os estudantes conhecerem a história que será trabalhada pelo professor:

Para isso o professor pode recorrer inicialmente aos mesmos recursos que utiliza ao trabalhar as histórias, nas aulas de língua materna e é até interessante que faça assim para que as atividades surjam naturalmente como uma extensão do que os alunos estão acostumados a fazer com os textos infantis. (SMOLE ET AL, 2007, p. 08).

Durante a elaboração do planejamento, antes de escolherem os livros, as professoras dialogaram sobre as histórias que elas utilizam em sala de aula, averiguando aquelas que chamavam mais a atenção das crianças, o que favoreceu ainda mais o processo de escolha.

Em relação à terceira pergunta (Você teve obstáculos para implementar as propostas de atuação pedagógica? Se sim, destaque alguns.), as professoras destacaram aspectos diferentes.

Considero que as propostas foram bem executadas. Como tivemos o apoio das famílias e como o espaço preparado para a gravação dos vídeos foi bem planejado, a implementação ficou mais fácil, mesmo diante do contexto pandêmico no qual nos encontrávamos. (P1).

P1 citou que a colaboração das famílias foi importante para que não houvesse obstáculos.

Não e sim. Sabemos que na pandemia não era tão fácil a implementação dessas propostas, pois algumas crianças tinham problemas com internet ou aparelho celular, porém pude observar que foi bem satisfatório o resultado no final. (P2).

Quando P2 cita a dificuldade com a internet, é importante destacar que as crianças tinham todo o dia para enviar as atividades solicitadas, justamente por compreendermos que, nesse cenário, a flexibilidade precisava ser ainda maior.

A quarta pergunta (As crianças demonstraram interesse nas atividades propostas? Se sim, relate algumas situações.) teve a mesma resposta afirmativa das professoras.

Sim, considero que em todas as propostas as crianças se sentiram motivadas a participarem, exemplo disso foi o fato de a maioria darem devolutivas das atividades solicitadas: colagem, medição de pessoas e brincadeiras. Essas foram as que as crianças demonstraram maior interesse. (P1).

Sim. As crianças demonstraram bastante interesse nas atividades propostas, gostaram de relatar em forma de desenho a parte que mais gostaram da história, das brincadeiras planejadas em cima da noção matemática e adoravam o encontro virtual para interagir suas aprendizagens durante a semana da noção que foi trabalhada. (P2).

A unanimidade nas respostas das docentes revela que as atividades solicitadas e a maneira como foram realizadas contemplaram o interesse das crianças, favorecendo suas aprendizagens.

A quinta pergunta (As atividades propostas contribuíram para a aprendizagem das crianças? Se sim, exemplifique.) foi respondida assim pelas professoras:

Sim, considero que as crianças puderam aprender diante das propostas elaboradas. Era possível observar nos vídeos enviados a fluidez na imaginação, o desejo de mostrar seus aprendizados dos conceitos, seja nas brincadeiras ou até mesmo numa atividade de colagem. Cada criança que enviava o vídeo deixava transparecer a alegria de viver aquele momento. (P1).

Sim. As propostas contribuíram bastante para aprendizagem das crianças, as crianças conseguiram aprender de verdade o que estava sendo proposto a elas. Isso pôde ser percebido nos vídeos que enviavam, ou pelos áudios, nos vídeos elas sempre faziam a diferenciação dos conceitos por meio dos objetos, brincadeiras e músicas propostas e nos áudios relatava que haviam gostado de participar das ações propostas. (P2).

Saliento que em todos os momentos da implementação das propostas de atuação pedagógica, eu conversava com as professoras sobre o que elas haviam percebido nos vídeos, áudios ou imagens enviadas pelas crianças. De modo geral, elas me relatavam sobre suas alegrias em poder perceber as aprendizagens das crianças, mesmo a distância e com as limitações de recursos.

Muito significativo quando a P2 usa o termo “aprender de verdade” para enfatizar as aprendizagens das crianças. Essa afirmação dela demonstra a sua satisfação no trabalho realizado, pois conseguiu avaliar por meio das participações das crianças que elas demonstravam segurança em realizar o que era solicitado.

Quando a P1 destaca a fluidez da imaginação observada nos vídeos enviados, sua fala vai ao encontro com os pensamentos de Frantz (2011, p. 42), quando relata que, por meio da imaginação, fantasia e emoção, a criança apreende a sua realidade, atribuindo-lhe um significado. O uso da Literatura tem poder fundamental nesse processo.

Na sexta pergunta (Você avalia que as atuações pedagógicas que você planejou e implementou precisam ser modificadas na próxima vez? Se sim, em qual das atuações pedagógicas e quais seriam as mudanças?), as docentes declararam:

No contexto em que foi elaborado, o que modificaria era as atividades de movimento, pois elas infelizmente não foram bem aceitas pelas famílias de imediato. Quando estamos no contexto presencial conseguimos acompanhar de perto essas atividades, porém no contexto remoto elas precisam de maior aceitação dos pais. (P1).

A resposta da professora indica que as atividades de movimento eram as que mais demoravam o retorno, o que a fez compreender que os pais não davam importância a elas. Com frequência, quando as atividades eram de movimento, as professoras precisavam cobrar dos pais a sua realização. No entanto, por parte das crianças, era notória a felicidade delas em realizarem esse tipo de atividade.

Já a P2 relatou que não faria modificações.

A sétima pergunta (Você tem ideias para planejar outras propostas de atuação pedagógica relacionadas às noções matemáticas? Se sim, quais noções matemáticas você pensa em abordar nelas?) suscitou as seguintes respostas das professoras:

Penso que as minhas aulas serão enriquecidas a partir dessas propostas de atuação. Já penso em seguir os planejamentos futuros para trabalhar os novos conceitos. Já andei procurando na biblioteca livros que abordemos demais conceitos: mais e menos, perto e longe... (P1).

Trabalhar nesse formato me instigou a modificar meus planejamentos a partir de agora. Então, sim, eu penso em inovar meus planejamentos, usando mais Literatura Infantil para trabalhar noções matemáticas. Já olhei na programação dos próximos

planejamentos. Iremos trabalhar as noções perto e longe. Então, eu já fui até a biblioteca procurar livros que contemplem essa temática e separei um livro intitulado Perto e Longe, da autora Vera Lúcia Dias. Vou começar a planejar em cima dele. (P2)

As respostas das professoras evidenciam que o processo dessa pesquisa foi significativo para elas e que de fato trouxe modificações para as suas práticas e os seus saberes docentes

A penúltima pergunta (Depois de participar dessa pesquisa, você identifica contribuições no uso da Literatura Infantil na abordagem de noções matemáticas na Educação Infantil? Se sim, exemplifique) foi respondida assim pelas professoras:

Com certeza, aprendi e pude observar que através da Leitura e exploração da Literatura infantil a aprendizagem de conceitos matemáticos ocorre de maneira mais fluída. (P1).

Sim. Notei que é possível as crianças aprenderem Matemática através da Literatura Infantil, o entusiasmo, o gosto de aprender brincando e o mais emocionante é que o entendimento se torna mais fácil. (P2).

Por meio das respostas das docentes, considero que o objetivo geral dessa pesquisa foi alcançado, pois as professoras perceberam, além das contribuições da Literatura Infantil na aprendizagem matemática das crianças, que por meio deste recurso didático outras linguagens são desenvolvidas.

A última pergunta (Você acha importante que as professoras da Educação Infantil participem de formações sobre o uso da Literatura Infantil na abordagem de noções matemáticas na Educação Infantil? Se sim, por quê?) teve a mesma resposta afirmativa das professoras.

Sim, conhecimento nunca é demais. É importante que o professor se qualifique constantemente e busque se aperfeiçoar das novas possibilidades que favorecem a aprendizagem das crianças. (P1).

Sim. Seria muito importante temos formações, para que todas possam ver como é gratificante e satisfatório o resultado da aprendizagem das crianças usando a Literatura Infantil, para se trabalhar essas noções matemáticas. Todas devem passar por essa experiência. No começo fiquei receosa, mas amei a experiência e pude ver que realmente se tem resultado. (P2).

Com a finalização da entrevista e analisando todo o processo dessa pesquisa, posso perceber que este trabalho contribuiu tanto para a formação docente, quanto para a aprendizagem das crianças, possibilitando que, de maneira lúdica e criativa, elas possam desenvolver e expressar as suas linguagens.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quem perguntar por mim diga que tô por aí. Quem perguntar por mim. Diga que tô por aqui. Agora, se foi fácil? Foi não. Rapadura é doce, mas né mole não. Na estrada a gente pena, a gente sofre, mas a gente ama. Não me arrependo de nada não porque foi tudo de coração. Na vida a gente colhe o que planta.” (Juliete).

Desde que surgiu, a Educação Matemática tem sido estudada por pesquisadores que buscam qualidade no ensino e na aprendizagem dos discentes. Para que o(a) docente favoreça a aprendizagem de noções matemáticas na Educação Infantil é preciso um processo contínuo de formação, no qual ele(a) reflete sobre a articulação de métodos e recursos com o conhecimento matemático no seu planejamento e na sua prática profissional, favorecendo a ampliação de seus saberes.

As crianças são sujeitos históricos que, ao construírem histórias, deixam suas marcas. Na Educação Infantil, mais importante do que a exposição de conteúdos é ajudar a criança a desenvolver noções e conceitos – aprender – em suas variadas linguagens, relacionadas às dimensões motora, afetiva e cognitiva.

Para que a Educação Matemática alcance seus objetivos, o uso de diversos recursos didáticos é necessário. A Literatura contribui para a criança vivenciar e ampliar a imaginação e a criatividade, sendo importante que ela compareça na elaboração das atividades que abordem noções matemáticas. A diversidade de linguagens – motora, musical, dentre outras – torna a educação de crianças bem pequenas mais qualitativa.

O objetivo geral desse trabalho foi analisar as contribuições didáticas da Literatura Infantil na aprendizagem matemática de crianças bem pequenas. Já os objetivos específicos foram: 1) Identificar os saberes docentes de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação da Literatura Infantil com a Educação Matemática; 2) Avaliar o planejamento e a implementação de propostas de atuação pedagógica que relacionam conteúdo matemático e Literatura Infantil em uma turma de crianças bem pequenas visando ao desenvolvimento integral delas; e 3) Caracterizar as aprendizagens de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação entre Literatura Infantil e Educação Matemática.

Destaco a importância das professoras em se disponibilizarem a participar desse estudo. Durante todo o processo, elas se mantiveram dispostas a aprender e a implementar com

dedicação as propostas de atuação pedagógicas. Um professor que deseja ensinar com qualidade precisa ter disponibilidade para estudar, testar novas possibilidades e avaliá-las de acordo com os sujeitos que atendem.

Durante a entrevista inicial e a formação com estudo, referente ao primeiro objetivo específico, constatei as marcas negativas que a Matemática deixou na vida das professoras enquanto discentes. Quando solicitei que elas utilizassem a linguagem pictórica para expressar a relação que tinham com a Matemática, esses expressaram a tristeza no estudo dessa Ciência. Apesar de as professoras relatarem que livros de Literatura Infantil abordam noções matemáticas, elas não os utilizam nas suas práticas profissionais.

Nesse sentido, considero que a formação continuada é muito importante, principalmente para ajudar que os docentes possam enxergar outras possibilidades de aprender e ensinar Matemática, podendo sarar as feridas internas evitando sua reprodução. Desta forma, a realização dessa pesquisa permitiu evidenciar a importância do processo formativo associado a práticas pedagógicas, favorecendo a aprendizagem.

Mesmo no cenário pandêmico, as professoras não abriram mão de planejar as atividades de maneira comprometida. Para isso, convenceram os pais sobre a importância do acompanhamento das atividades das crianças, de modo que as propostas fossem implementadas da maneira mais fecunda possível.

Com relação às aprendizagens discentes, essas foram evidenciadas por meio da análise dos vídeos enviados no grupo de *WhatsApp*, que revelaram que as crianças vivenciaram as noções matemáticas abordadas nas propostas inseridas no cotidiano. Desse modo, unindo Literatura Infantil e Matemática, as crianças foram percebendo que o estudo da Matemática não se configura em algo distante de suas realidades, mas pode ser aprendida dentro das suas vivências. Estas análises sinalizam que a proposição das atuações pedagógicas foi significativa para a aprendizagem das crianças, alcançando, assim, o segundo objetivo específico.

Durante a realização da entrevista final com as professoras, constatei que a pesquisa favoreceu que elas aprendessem sobre a relação entre Literatura Infantil e Educação Matemática, pertinente ao terceiro objetivo específico. Isso se manifestou na elaboração, na implementação e na avaliação das propostas pedagógicas, quando elas constataram que as noções matemáticas podem ser trabalhadas mediante variadas linguagens em prol da aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças.

A Dissertação me transformou. Durante a seleção de cada texto para ser lido das contribuições dos autores e da pesquisa de campo com as professoras e as crianças, eu ia me construindo enquanto profissional e pesquisadora. Perceber as possibilidades quando contamos



com propostas bem elaboradas, pensando no desenvolvimento integral dos sujeitos, foi fascinante, principalmente por este estudo se tratar de crianças bem pequenas.

Assim, fruto deste percurso investigativo, nasce uma pesquisadora com um olhar ainda mais atento. Asseguro-lhe que o processo não foi fácil. A pesquisa foi desenvolvida no auge de uma fase pandêmica, na qual o maior foco de pesquisas era a de como ajudar as pessoas a se manterem vivas, na luta contra um inimigo invisível.

Nesse cenário, foi ousado e desafiador propor as professoras, as quais ainda estavam se adaptando com a nova realidade de gravar vídeos para se aproximarem das crianças, que participassem de uma pesquisa, sobre Educação Matemática, principalmente tendo em vista que a Matemática é de modo geral vista como algo difícil de ser ensinada.

Assim como a maioria dos processos pelos quais passam a educação de modo geral e a Educação Infantil de maneira específica, acredito que o que torna essa pesquisa ainda mais importante é justamente esses desafios, pois diante de toda a adversidade trazida pela pandemia, as professoras estiveram dispostas a contribuir com a qualidade da Educação de crianças bem pequenas.

Destaco ainda a importância das famílias para a pesquisa. Após diálogo sobre importância de manter a qualidade educativa das crianças independente do cenário no qual elas se encontravam, cada família se sentiu ainda mais motivada a contribuir.

A maneira como as atividades foram desenvolvidas, além de demonstrar que a Literatura Infantil contribui para a aprendizagem matemática de crianças bem pequenas, bem como possibilitar o desenvolvimento de outras linguagens discentes, contribuiu também para aproximar e fortalecer a relação das famílias com as crianças e a escola no cenário adverso no qual estávamos.

Esta pesquisa, portanto, trouxe muitos aprendizados para todas as pessoas envolvidas: professoras, crianças, famílias e eu.

Vivenciar o curso de Mestrado na pandemia foi um grande desafio para mim: seja quando estava matriculada em disciplinas, seja quando tive que adequar as estratégias metodológicas pensadas para o contexto presencial. A incerteza, componente natural da vida, assumiu contornos mais acentuados durante este tempo.

A realização desta pesquisa, no cenário pandêmico, é ainda mais especial, pois pude acompanhar e documentar o trabalho de 2 (duas) professoras dispostas a contribuir com a qualidade da Educação Infantil visando à aprendizagem das crianças, apesar de não estarem na escola.

As professoras participantes da pesquisa tiveram na Educação Básica uma relação não agradável com a Matemática, motivo pelo qual a viam como “inimiga”. Participar desta pesquisa, possibilitou que elas se aproximassem desta Ciência – curando feridas e mudando a sua percepção sobre a Matemática – e melhorassem a sua prática profissional, favorecendo que as crianças tenham com ela um vivência mais satisfatória.

Vislumbro a continuidades deste estudo sobre as relações entre Literatura Infantil e Educação Infantil, seja para aprofundar as possibilidades pedagógicas, seja para possibilitar que outras professoras possam transformar as suas propostas pedagógicas, visando à Educação Integral das crianças.

Encerro a discussão desse trabalho lembrando ao leitor e a mim mesma de que em tudo que nos propomos a fazer é preciso inserir sonhos, pois é isso o que torna os planos alcançáveis.

### Sonhar

Bráulio Bessa

Sonhar é verbo, é seguir,  
é pensar, é inspirar,  
é fazer força, insistir,  
é lutar, é transpirar.  
São mil verbos que vêm antes  
do verbo realizar.

Sonhar é ser sempre meio,  
é ser meio indeciso,  
meio chato, meio bobo,  
é ser meio improvisado,  
meio certo, meio errado,  
é ter só meio juízo.

Sonhar é ser meio doido  
é ser meio trapaceiro,  
trapaceando o real  
pra ser meio verdadeiro.  
Na vida, bom é ser meio,  
não tem graça ser inteiro.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa. **Educação Infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARNOLD, Denise Soares. **Matemáticas presentes em livros de leitura: possibilidades para a educação infantil**. 2016. 241f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na Educação Infantil. *In*: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Cládis (org.). **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.
- BARGUIL, Paulo Meireles. Educação Matemática: fractais em movimento. *In*: CASTRO FILHO, José Aires de; BARRETO, Marcília Chagas; BARGUIL, Paulo Meireles; MAIA, Dennys Leite; PINHEIRO, Joserlene Lima (org.). **Matemática, cultura e tecnologia: perspectivas internacionais**. Curitiba: CRV, 2016. p. 181-214.
- BARGUIL, Paulo Meireles. **Educação Matemática na Educação Infantil**. Fortaleza: 2020a. Não publicado.
- BARGUIL, Paulo Meireles. **Proposta de atuação pedagógica de Educação Matemática na Educação Infantil**. Fortaleza: 2020b. Não publicado.
- BARGUIL, Paulo Meireles. **Muitos e poucos**. Fortaleza: 2021. Não publicado.
- BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 26 jan. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 10 dez. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versao\\_final\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf). Acesso em: 10 dez. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de mundo**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: 10 dez. 2020.

CAMPOS, Casimiro de Medeiros. **Base Nacional Comum Curricular BNCC: uma definição para além da definição normativa.** Fortaleza: Caminhar, 2018.

CAMPOS, Maria Malta, ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** 6. ed. Brasília: MEC, SEB, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

CARVALHO, Regiane Perea. **A literatura infantil e a matemática: um estudo com alunos de 5 e 6 anos de idade da educação infantil.** 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Orientações Curriculares Prioritárias do Ceará: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Ceará: SEDUC, 2020.

CORSINO, Patrícia; NUNES, Maria Fernanda Rezende. A institucionalização da infância: antigas questões e novos desafios. In: CORSINO, P. (org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas.** Campinas: Autores Associados, 2009. p. 15-32.

CRUZ, Silvia Helena Vieira; CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade. A Perspectiva de crianças sobre a creche. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 6, n. 3, p. 155-175, ago./out. 2015. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51950/1/2015\\_art\\_shvcruzrcacruz.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51950/1/2015_art_shvcruzrcacruz.pdf). Acesso em: 10 set. 2020.

CRUZ, Silvia Helena Vieira; SCHRAMM, Sandra Maria de Oliveira. Escuta da criança em pesquisa e qualidade da Educação Infantil. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 16-34, out./dez. 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/cp/v49n174/pt\\_1980-5314-cp-49-174-16.pdf](https://www.scielo.br/pdf/cp/v49n174/pt_1980-5314-cp-49-174-16.pdf). Acesso em: 18 set. 2020.

CURY, Carlos Roberto Jamil; REIS, Magali; ZANARDI Teodoro Adriano Costa. **Base Nacional Comum Curricular: dilemas e perspectivas.** São Paulo, Cortez, 2018.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: da teoria à prática.** 23. ed. Campinas, SP. Papyrus, 2012.

DANNA, Miralda Fernandes; MATOS, Maria Amélia. **Aprendendo a observar.** São Paulo: Edicon, 2006.

DIOGO, Ana Paula Sancho. **A tocaia de Lampião e dos seres encantados.** Fortaleza: SEDUC, 2011.

DOVOLI, Mara. Documentar processos, recolher sinais. In: MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart (org.). **Documentação Pedagógica: teoria e prática.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 27-41.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que Arte-Educação?** São Paulo: Papyrus, 1991.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A Literatura nas séries iniciais.** Petrópolis: Vozes, 2011.

GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato. Linguagens Infantis: convite à Leitura. *In*: GOBBI, Maria Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (org.). **Infâncias e suas linguagens**. São Paulo, Cortez, 2014. p. 11-19.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo**: desenho Infantil e Biografização com crianças em instituição de acolhimento institucional. 2016. 346 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

GUIZZO Bianca Salazar; BALDUZZI, Lucia; LAZZARI Arianna. Protagonismo infantil: um estudo no contexto de instituições dedicadas à educação da primeira infância em Bolonha. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 74, p. 271-289, mar./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/v35n74/0104-4060-er-35-74-271.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

HORN, Maria das Graças Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.

KAERCHER, Gladis Elise Pereira da Silva. Literatura Infantil e Educação Infantil: um grande encontro *In*: Cadernos de formação: Formação de professores. **Educação Infantil, princípios e fundamentos**. São Paulo: Unesp, v. 3, p. 135-142, 2010.

KUHLMANN, Moises Junior. Educando a infância brasileira. *In*: LOPES, Eline Maria Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 469-496.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LORENZATO, Sergio. **Educação Infantil e percepção matemática**. Campinas: Autores Associados, 2018.

MARTINS, Lílian. **A Leitura Literária**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 09-15.

NACARATO, Adair Mendes. Eu trabalho primeiro no concreto. **Revista de Educação Matemática**, São Paulo, v. 9, n. 9-10, p. 01-06, 2004-2005.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 143-175.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de (org.). **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. No tecido da documentação, memória, identidade e beleza. *In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.) Registros na Educação Infantil: pesquisa e prática pedagógica*. Campinas: Papirus, 2017. p. 14-53.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 05-15, set. 1997.

Rede Nacional Primeira Infância Secretaria Executiva/OMEP. **Deixa eu falar!** Brasília: MEC/SEB, 2011.

RINALDI, Carlina. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. *In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação*. Porto Alegre: Pensa, 2016. p. 235-247.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica**: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno príncipe**. Trad. Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SALLES, Fátima; FARIA, Vitória. **Currículo na Educação Infantil**: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

SANTANA, Djanira Ribeiro. Infância e Educação: a histórica construção do direito das crianças. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 60, p. 230-245, dez. 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade Social e Estudo da Infância. *In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). Infância (in)visível*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p. 07-49

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Maria Kênia Firmino; MOURA, Luciane Alves; FERNADES, Tereza Liduina Gregório; VIANA, Tania Vicente. **Educar é Igual a Motivar o Conhecimento Criativo**: a inteligência como patrimônio Histórico e Social. Fortaleza, 2012.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco; ROCHA, Glauce Helena Rodrigues; CÂNDIDO, Patrícia Terezinha; STANCANELLI, Renata. **Era uma vez na Matemática**: uma conexão com a Educação Infantil. 6. ed. São Paulo: IME-USP, 2007.

SOUTHEY, Robert. **Cachinhos dourados e os três ursos**. [s.l]: [s.n.], 2021. Disponível em: [https://5ca0e999-de9a-47e0-9b777e3eeab0592c.usfiles.com/ugd/5ca0e9\\_991b922b0ad444788f5353e19e4a3615.pdf](https://5ca0e999-de9a-47e0-9b777e3eeab0592c.usfiles.com/ugd/5ca0e9_991b922b0ad444788f5353e19e4a3615.pdf). Acesso em: 13 maio 2021.

SOUZA, Ana Paula Gestoso de. **Contribuições da ACIEPE histórias infantis e matemática na perspectiva de egressas do curso de pedagogia**. 2012. 246 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

SOUZA, Claudenice Costa. **Ludicidade**: jogos e brincadeiras de matemática para a Educação Infantil. Curitiba: Appris, 2016.

VASSALO, Márcio. **A Professora encantadora**. Belo Horizonte: Abacatte, 2010.

WOOD, Audrey; DON. **O Ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado**. São Paulo: Brinque-Book, 2002.

ZIRALDO. **Flicts**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
PARA AS PROFESSORAS**



Universidade Federal do Ceará  
Faculdade de Educação  
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado  
Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva  
Orientador: Paulo Meireles Barguil

Prezada professora,

A Sr.<sup>a</sup> está sendo convidada a participar da pesquisa: **AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS**, que tem os seguintes objetivos: Geral – Analisar as contribuições da literatura infantil para a aprendizagem matemática de crianças bem pequenas – e Específicos – i) Analisar os saberes docentes de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação da literatura infantil com a Educação Matemática; ii) Avaliar a implementação de propostas de atuação pedagógica que relacionam conteúdo matemático e literatura infantil em uma turma de crianças bem pequenas; e iii) Caracterizar as aprendizagens de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação entre Literatura Infantil e Educação Matemática.

A pesquisa será realizada com crianças bem pequenas e duas professoras de uma turma de Infantil III de uma instituição pública de Educação Infantil da cidade de Itaitinga. Sua participação na pesquisa consistirá em: i) participar das entrevistas elaboradas pela pesquisadora; ii) participar de uma formação com estudo; iii) selecionar livros de Literatura Infantil; iv) planejar e implementar propostas de atuação pedagógica; e v) avaliar as atuações pedagógicas.

A Sr.<sup>a</sup> tem a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da entrevista/coleta de dados, sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. A Sr.<sup>a</sup> não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, a Sr.<sup>a</sup> poderá entrar em contato com o orientador responsável pela pesquisa, professor Paulo Meireles Barguil, que pode ser localizado na Rua Waldery Uchôa, 01, Benfica, Fortaleza-CE, ou pelo email paulobarguil@ufc.br.

A pesquisa terá 3 (três) fases: i) entrevista inicial com as professoras; ii) formação com estudo, seleção dos livros de Literatura Infantil, planejamento, implementação e avaliação das atuações pedagógicas; e iii) entrevista final com as professoras.



A participação é voluntária e os participantes não receberão nenhum pagamento por participar do estudo.

De acordo com Resolução nº 466/12, inciso V, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradação variados. No caso da pesquisa em questão, os envolvidos correm o risco de terem a quebra de confidencialidade.

Sua participação é importante e vai gerar informações que serão úteis para as discussões sobre o uso da Literatura Infantil na Educação Matemática na Educação Infantil, bem como para a formulação de políticas públicas de formação de professores e de organização curricular sobre o conhecimento matemático.

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, Telefone: 3366- 8344/46, no horário das 08h00 às 12h00, de segunda a sexta-feira.

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Este termo será assinado em duas vias, pelo senhor e pelo responsável pela pesquisa, ficando uma via em seu poder.

Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: **AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS**. Discuti com a pesquisadora Maria Kênia Firmino da Silva, responsável pela pesquisa, sobre minha decisão em participar da pesquisa. Ficaram claros para mim os propósitos da pesquisa, os procedimentos, as garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa.

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2021

---

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Declaro que obtive, de forma apropriada e voluntária, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido desta entrevistada para a sua participação nesta pesquisa.

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2021

---

Assinatura da responsável pela pesquisa

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
PARA OS RESPONSÁVEIS DAS CRIANÇAS**



Universidade Federal do Ceará  
Faculdade de Educação  
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado  
Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva  
Orientador: Paulo Meireles Barguil

Prezado(a) responsável,

O(A) Sr.<sup>(a)</sup> está sendo convidado(a) a autorizar que seu(sua) filho(a) participe da pesquisa: **AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS**, que tem os seguintes objetivos: Geral – Analisar as contribuições da literatura infantil para a aprendizagem matemática de crianças bem pequenas – e Específicos – i) Analisar os saberes docentes de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação da literatura infantil com a Educação Matemática; ii) Avaliar a implementação de propostas de atuação pedagógica que relacionam conteúdo matemático e literatura infantil em uma turma de crianças bem pequenas; e iii) Caracterizar as aprendizagens de duas professoras de crianças bem pequenas sobre a relação entre Literatura Infantil e Educação Matemática.

A pesquisa será realizada com crianças bem pequenas e uma professora de uma turma de Infantil III de uma instituição pública de Educação Infantil da cidade de Itaitinga. A pesquisa será realizada durante 3 (três) semanas, contemplando os meses de maio e junho de 2021.

A participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa é voluntária e consistirá em: i) realizar as atividades propostas pela professora da turma (o material produzido por seu(sua) filho(a) será enviado pelo senhor (a) para a professora); ii) participar dos encontros síncronos organizados pela professora da turma, expressando as suas impressões sobre as atividades propostas.

O(A) Sr.<sup>(a)</sup> tem a liberdade de não autorizar a participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da coleta de dados, sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das informações obtidas junto ao(à) seu(sua) filho(a).

**O(A) Sr.<sup>(a)</sup> não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa.**

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, o(a) Sr.<sup>(a)</sup> poderá entrar em contato com o orientador responsável pela pesquisa, professor Paulo Meireles Barguil, que pode ser localizado na Rua Waldery Uchôa, 01, Benfica, Fortaleza-CE, ou pelo email paulobarguil@ufc.br.

De acordo com Resolução nº 466/12, inciso V, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradação variados. No caso da pesquisa em questão, os envolvidos correm o risco de terem a quebra de confidencialidade.

Sua participação é importante e vai gerar informações que serão úteis para as discussões sobre o uso da Literatura Infantil na Educação Matemática na Educação Infantil, bem como para a formulação de políticas públicas de formação de professores e de organização curricular sobre o conhecimento matemático.

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, Telefone: 3366- 8344/46, no horário das 08h00 às 12h00, de segunda a sexta-feira.

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Este termo será assinado em duas vias, pelo(a) senhor(a) e pelo responsável pela pesquisa, ficando uma via em seu poder.

Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: **AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS**. Discuti com a pesquisadora Maria Kênia Firmino da Silva, responsável pela pesquisa, sobre minha decisão em participar da pesquisa. Ficaram claros para mim os propósitos da pesquisa, os procedimentos, as garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa.

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2021

---

Assinatura do(a) responsável

Declaro que obtive, de forma apropriada e voluntária, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido desse(a) responsável para a participação de seu(sua) filho(a) nesta pesquisa.

\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2021

---

Assinatura da responsável pela pesquisa

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA INICIAL



Universidade Federal do Ceará  
 Faculdade de Educação  
 Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
 Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado

Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva

Orientador: Paulo Meireles Barguil

Iniciais do nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Tempo de atuação docente: \_\_\_\_\_

Formação acadêmica: \_\_\_\_\_

1. Para lecionar você se identifica com alguma turma e/ou etapa específica da Educação?
2. Como você utiliza os espaços da sua sala de atividades?
3. Qual é o tempo destinado em seu planejamento ao desenvolvimento de atividades relacionadas aos campos de experiências propostos pela Base Nacional Comum Curricular?
  - Eu, o outro e o nós;
  - Corpo, gestos e movimentos;
  - Traços, sons, cores e formas;
  - Escuta, fala, pensamento e imaginação;
  - Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.
4. Qual é o tempo destinado em seu planejamento ao desenvolvimento de atividades relacionadas a contação e leituras de histórias infantis?
5. Você possui livros de fundamentação que abordem o conteúdo matemático? Se sim, quais são?
6. Quais documentos você consulta para a elaboração do seu planejamento de atividades referentes às noções matemáticas (Geometria, Aritmética, Grandezas e Medidas)?
7. Quais atividades você costuma realizar com as crianças sobre as noções matemáticas?
8. Que recursos didáticos você utiliza para o ensino de noções matemáticas?
9. Você costuma utilizar livro de literatura infantil que abordem as noções matemáticas?
10. Como você avalia sua formação na Educação Básica na disciplina de Matemática?
11. Na Educação Superior, você cursou disciplinas de Educação Matemática? Caso sim, como você avalia essa formação?
12. Na Educação Superior, você estudou em alguma disciplina sobre o uso da literatura na Educação Infantil? Caso sim, descreva a contribuição dessa experiência.

13. Você participou de alguma formação continuada que contribuisse para fundamentar sua prática referente ao uso de Literatura Infantil na Educação Matemática no âmbito da Educação Infantil? Caso sim, descreva a contribuição dessa experiência.
14. Qual é a sua opinião sobre o uso da Literatura Infantil na Educação Infantil?
15. Quais são as contribuições pedagógicas do uso de livros de Literatura Infantil no desenvolvimento das crianças?
16. Qual é o papel da avaliação na Educação Infantil?
17. Que instrumentos/recursos você utiliza para avaliar o desenvolvimento das crianças?
18. Que instrumentos/recursos você utiliza para avaliar a sua prática pedagógica?

## APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA INICIAL COM P1



Universidade Federal do Ceará  
 Faculdade de Educação  
 Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
 Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado  
 Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva  
 Orientador: Paulo Meireles Barguil

Iniciais do nome: A. C. L. N.      Idade: 34 anos      Tempo de atuação docente: 7 anos  
 Formação acadêmica: Graduação em Pedagogia

### 1. Para lecionar você se identifica com alguma turma e/ou etapa específica da Educação?

P1: Eu prefiro a Educação Infantil. Não, eu já fui pra sala de Fundamental, mas não me identifico. Eu gosto muito do Infantil 2, 3. Eu me identifico bastante com essas turminhas bem pequenas.

### 2. Como você utiliza os espaços da sua sala de atividades?

P1: Bom, sempre a gente trabalha, na sala de aula com os cantinhos. Tem o cantinho da cotação de história o cantinho da leitura, tem o cantinho da matemática tem o cantinho das vogais do alfabeto, tem o cantinho onde a gente se trabalha o tempo o relógio, a data, o dia da semana, onde se explora o conteúdo e tem também aquele cantinho que a gente gosta de deixar em branco para expor as atividades em grupo em equipe, porque eu gosto muito de trabalhar em grupo e em equipe.

### 3. Qual é o tempo destinado em seu planejamento ao desenvolvimento de atividades relacionadas aos campos de experiências propostos pela Base Nacional Comum Curricular?

- **Eu, o outro e o nós;**
- **Corpo, gestos e movimentos;**
- **Traços, sons, cores e formas;**
- **Escuta, fala, pensamento e imaginação;**
- **Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.**

P1: Kênia, para mim, se trabalho a aula toda porque é desde do planejamento ao passar para a criança você usa toda a BNCC – o eu, nós, o gesto, corpo, movimento, traços cores e formas – todos são usados desde do planejamento ao passar para a criança ao desenvolver a aula.

**4. Qual é o tempo destinado em seu planejamento ao desenvolvimento de atividades relacionadas a contação e leituras de histórias infantis?**

P1: Bom desde que eu trabalho na educação, a gente destina sim um tempinho da leitura. Todo dia tem o momento da leitura e é no começo da rodinha, sempre a gente começa a rodinha falando tempo, trabalhando horário, trabalhando dia da semana, como está o tempo lá fora e com a contação de história que a gente apresenta o livro e a historinha pra criança e tem o momentozinho da leitura e da exploração da historinha.

**5. Você possui livros de fundamentação que abordem o conteúdo matemático? Se sim, quais são?**

P1: Bom, eu, Não! Livros não, se no meu planejamento ocorrer de usar algum conceito matemático eu sempre pesquiso em internet ou então dicas de professoras que eu sigo no *Instagram*, mas de livros não, não utilizo.

**6. Quais documentos você consulta para a elaboração do seu planejamento de atividades referentes às noções matemáticas (Geometria, Aritmética, Grandezas e Medidas)?**

P1: Pronto, é a gente utiliza aquele plano anual que vem lá da Secretaria de Educação pra gente, que o município nos dá, né? Pra nos dar um discernimento, de acordo com o que vem lá pedindo, aí a gente pesquisa eu sempre pesquiso, na *internet*, dicas de que a gente ver em livros.

**7. Quais atividades você costuma realizar com as crianças sobre as noções matemáticas?**

P1: A gente usa: dentro, fora, em cima, em baixo, maior, menor, quantidades né? A gente trabalha muito com pregador, tampinhas pra gente contar, formas geométricas, numerais, a gente também trabalha muito durante, depois o tempo.

**8. Que recursos didáticos você utiliza para o ensino de noções matemáticas?**

P1: Sim! Usamos bastante jogos com tampinhas, caixas, garrafas, com os blocos de madeiras que vem com as formas geométricas, vem aqueles joguinhos também que já vem os números desenhados. A gente trabalha muito quantidade com as tampinhas, com aquela caixa de pizza.

**9. Você costuma utilizar livro de literatura infantil que abordem as noções matemáticas?**

P1: Sim, sempre usamos sim! Tem bastantes livrinhos que vem com conceitos matemáticos sim. Por exemplo, “O meu dente ainda dói” do jacaré, tem “O mundo das formas”, são livrinhos com conceitos matemáticos. Esses livrinhos sempre vêm com quantidades dos bichinhos dos animais de objetos ou então de alimentos é trabalhada a Matemática.

**10. Como você avalia sua formação na Educação Básica na disciplina de Matemática?**

P1: Euzinha odiava aula de Matemática porque nunca peguei um professor nunca peguei não, não estou mentindo nem inventando, nunca peguei um professor que soubesse repassar pra mim realmente aprender. Sempre eles sabiam muito, muitos inteligentes, mas sempre aqueles professores brutos, que não sabiam usar outras maneiras pra que a pessoa pudesse pegar o conteúdo eles sabiam muito, mas não pra repassar pra gente, só pra si. Eu não peguei, terminei meu ensino fundamental, terminei meu ensino médio sem saber matemática, sei só o básico do básico: Matemática mesmo nunca aprendi. Eu acho que por isso que eu não gosto, porque eu nunca peguei um professor que soubesse me ensinar.

**11. Na Educação Superior, você cursou disciplinas de Educação Matemática? Caso sim, como você avalia essa formação?**

P1: Sim, eu pelo menos tive na minha formação uma disciplina de Matemática, mas foi teorias, foi como utilizar jogos pra ensinar as crianças, muito foi isso pelo menos na disciplina que eu tive, mas foi teorias e exemplo de práticas para serem utilizadas.

**12. Na Educação Superior, você estudou em alguma disciplina sobre o uso da literatura na Educação Infantil? Caso sim, descreva a contribuição dessa experiência.**

P1: Sim, tive sim, e eu gostei bastante, a gente até fazia momentos nos trabalhos. Contação de histórias interpretação, se fantasiava. Isso, eu gostei bastante porque eu era uma pessoa muito tímida e essa disciplina ajudou bastante a gente a ter mais liberdade até para se trabalhar com as crianças. Não senti tanta vergonha de se expor, e hoje em dia eu nem tenho mais vergonha eu acho legal. Muitas vezes até quando eu estou contando a história eu já acho graça primeiro que as crianças porque já imagino a reação que eles vão ter.



**13. Você participou de alguma formação continuada que contribuisse para fundamentar sua prática referente ao uso de Literatura Infantil na Educação Matemática no âmbito da Educação Infantil? Caso sim, descreva a contribuição dessa experiência.**

P1: Tive sim, Kênia, tanto na Pedagogia, quanto na Pós. Eles sempre trabalhavam, explicavam muito pra gente a importância de se trabalhar com o lúdico sempre eles falavam assim, na importância de trabalhar com o lúdico com materiais lúdicos. Não usar muito caderno o quadro, conteúdo não sempre trabalhar brincando, eles sempre falavam a importância de se trabalhar brincando, de dar o conteúdo, não e aquela brincadeira de só brincar, de sim ter o objetivo que a criança alcançasse nessa brincadeira, e eles sempre levavam e mostravam para a gente os brinquedos reciclados mesmo pra gente se trabalhar o conceito da Matemática.

**14. Qual é a sua opinião sobre o uso da Literatura Infantil na Educação Infantil?**

P1: Na minha opinião, é muito importante para a interação, para a oralidade, para se expressar, trabalhar com a criança, tudo ne? Fala, pensamento, pra mim é muito importante ler, nas histórias você trabalha a imaginação você trabalha muita coisa e é maravilhoso.

**15. Quais são as contribuições pedagógicas do uso de livros de Literatura Infantil no desenvolvimento das crianças?**

P1: Na minha opinião, contribui na fala, no pensamento, nas ações em tudo. No desenvolvimento de tudo, de desenhar, desenvolvimento cognitivo.

**16. Qual é o papel da avaliação na Educação Infantil?**

P1: Na minha opinião, na Educação Infantil, eu acho assim importante a avaliação porque na avaliação ali que a gente faz, a gente vai saber se a criança conseguiu realmente adquirir todo aquele objetivo que a professora queria passar eu acho muito importante, porque aí você vai ver também onde essa criança está precisando, onde você tem que focar mais porque aí você vai ver se a criança foi bem trabalhada e se desenvolveu da forma que a professora estava querendo.

**17. Que instrumentos/recursos você utiliza para avaliar o desenvolvimento das crianças?**

P1: No presencial, a gente avalia, a gente mesmo cria uma folhinha de diagnóstico, de todo aquele conteúdo que a professora passou. Eu, pelo menos, as formas geométricas as vogais, a gente sempre cria uma atividadezinhas contendo todas, abrangendo todos os conteúdos

pra poder a gente ver que é observando a criança observando, você perguntando. E pela forma remota a gente observa as crianças pelo vídeo, né? Pelas perguntinhas que a gente cria pra eles responderem, aí, gente consegue observar e ver.

**18. Que instrumentos/recursos você utiliza para avaliar a sua prática pedagógica?**

P1: A minha é reflexão, eu vou me avaliar através do que eu ver o que a criança aprendeu. Se eu vejo que aquela criança não aprendeu tudo aquilo que eu gostaria que ela aprendesse, aí eu vou me avaliar, onde eu posso melhorar e mudar pra que ela aprenda, pra que ela consiga chegar no objetivo que eu quero que ela chegue.

## APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA INICIAL COM P2



Universidade Federal do Ceará  
Faculdade de Educação  
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado  
Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva  
Orientador: Paulo Meireles Barguil

Iniciais do nome: A. A. F.                      Idade: 28 anos                      Tempo de atuação docente: 5 anos  
Formação acadêmica: Graduação em Pedagogia

### **1. Para lecionar você se identifica com alguma turma e/ou etapa específica da Educação?**

P2: Pronto, desse tempo que eu estou lecionando, tem sete anos que estou nessa área de Educação. Já fui para a Fundamental 1. De início, eu gostava muito porque não eu não conhecia Educação Infantil. Depois que tive a oportunidade de ir para a turma de Educação Infantil do Infantil 3, me identifiquei muito, fiquei encantada com o desenvolvimento das crianças e a participação, como a criança aprende com facilidade. Desde então, fiquei só na Educação Infantil, fiquei com Infantil 2 durante dois anos, foi maravilhoso, uma descoberta muito boa e hoje com o Infantil 3 estou descobrindo mais maravilhas ainda. Se antes eu achava que no 2 a criança tinha capacidade de aprender, de descoberta, no 3 é maior ainda. Então, eu me identifico muito com 2, com o 3. Já fiquei com infantil 4, só que era professora de planejamento, então não passava muito tempo com eles. Também é muito bom a turma do Infantil 4, mas o 2 e o 3 é maravilhoso, me identifico muito com essas duas turmas.

### **2. Como você utiliza os espaços da sua sala de atividades?**

P2: Nesse espaço utilizamos um painel, vamos dizer assim. Nesse painel, nós temos: um cantinho da leitura, temos um cantinho do parabéns. A gente segue uma rotina, calendário, quadro do tempo e quantos alunos tem na sala de aula, certo? Então, nesse cantinho na hora do momento da rodinha. Assim é dividido esse espaço.

**3. Qual é o tempo destinado em seu planejamento ao desenvolvimento de atividades relacionadas aos campos de experiências propostos pela Base Nacional Comum Curricular?**

- **Eu, o outro e o nós;**
- **Corpo, gestos e movimentos;**
- **Traços, sons, cores e formas;**
- **Escuta, fala, pensamento e imaginação;**
- **Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.**

P2: Kênia eu acredito que, no nosso campo de experiência ou da BNCC nós trabalhamos esse momento praticamente a aula toda porque nós planejamos em cima da BNCC em cima desses campos de experiência, entendeu? Fazendo a rodinha tendo a rotina, já iremos para a atividade onde encaixa o campo de experiência de acordo com a sua aula planejada. Então, acredito que esse tempo é dado na aula toda.

**4. Qual é o tempo destinado em seu planejamento ao desenvolvimento de atividades relacionadas a contação e leituras de histórias infantis?**

P2: Pronto, no meu ponto de vista agora na aula remota eu acredito eu acredito que tem, não tem o tempo certo, depende da extensão da história, se a história vai ser longa ou não. Isso no remoto, certo? No presencial, nós trabalhamos com o tempo destinado para fazer todo aquele acolhimento da criança da rotina e temos a contação de história que tem esse tempo.

**5. Você possui livros de fundamentação que abordem o conteúdo matemático? Se sim, quais são?**

P2: Kênia, eu não! Eu pesquiso muito no *Google*, né? E também eu tenho meus cadernos de planejamentos dos anos anteriores que eu dou uma olhadinha pra poder pesquisar alguma coisa. Não que eu coloque tal e qual porque sempre vai mudando, renovando, cada ano o conteúdo muda, né? Mas só pra ter uma ideia, uma base mesmo, mas eu gosto de pesquisar muito no *Google*.

**6. Quais documentos você consulta para a elaboração do seu planejamento de atividades referentes às noções matemáticas (Geometria, Aritmética, Grandezas e Medidas)?**

P2: O documento em si que a gente usa para fazer o planejamento, né? É o plano anual que o município oferece para a gente planejar e fora as pesquisa que a gente faz no *Google* das crianças bem pequena também. Então, a gente tira esse planejamento de acordo com esse documento que a prefeitura disponibiliza pra gente. E também eu pesquiso no *Google* algumas fontes que tem da BNCC e lá também tem dizendo como planejar em cima desses conceitos. Às vezes, também dou uma olhada em dois livros que eu tenho aprender com a criança. E a Orientações Curriculares para Educação Infantil. Aí, de vez em quando, eu dou uma olhada nesses livros de acordo com o conteúdo que vai ser abordado.

**7. Quais atividades você costuma realizar com as crianças sobre as noções matemáticas?**

P2: Pronto, no momento nós estamos trabalhando mais as noções dentro e fora, aberto e fechado, em cima e em baixo e geralmente a gente utiliza atividade muito no concreto para eles confeccionarem objetos que eles têm dentro de casa mesmo, tipo: gelado ou quente a gente já fez experiência da criança chupar um picolé ou tomar um suco para eles saber o que é quente ou gelado. Grande e pequeno, eles podem estar fazendo uma comparação de brinquedos que ele tem em casa, esse tipo de coisa, então a gente trabalha mais assim pra eles também terem uma noção.

**8. Que recursos didáticos você utiliza para o ensino de noções matemáticas?**

P2: Quando a aula era presencial, nós trabalhamos muito no concreto. Por exemplo: se a gente fosse trabalhar noções de grandeza (o grande e o pequeno), então a gente sempre levava o objeto para a sala de aula para trabalhar esse conceito. Como a aula agora é remota, a gente trabalha muito em vídeos educativos que mostra essa noção de grandeza e também através do vídeo a gente faz essa demonstração de algum objeto que temos em casa, de grande ou pequeno, de alto e baixo, dentre outras coisas.

**9. Você costuma utilizar livro de literatura infantil que abordem as noções matemáticas?**

P2: Sim, trabalhamos sim com essas histórias. Tem os três porquinhos, tem o da girafa, o mundo das formas, tem várias histórias que podem ser trabalhadas.

**10. Como você avalia sua formação na Educação Básica na disciplina de Matemática?**

P2: Pronto, na Educação Básica eu nunca fui fã de Matemática. Não gostava. Achava muito complicadas as aulas de Matemática. Eu não me interagia com a aula, eu não gostava! Eu não me identificava com a Matemática. Eu achava Matemática muito complicada, entendeu? Eu acho que eu passava aos trancos e barranco porque eu tinha que aprender e estudar para poder passar de ano, mas eu nunca me identifiquei com a Matemática. Tive professores maravilhosos mesmo, que me ajudaram, mas não conseguia entrar na minha cabeça a Matemática.

**11. Na Educação Superior, você cursou disciplinas de Educação Matemática? Caso sim, como você avalia essa formação?**

P2: De acordo com os meus universitários, a gente teve sim a disciplina, foi uma disciplina muito rápida, certo? Então, como faz muito tempo, 8 anos atrás, não havia lembrado.

**12. Na Educação Superior, você estudou em alguma disciplina sobre o uso da literatura na Educação Infantil? Caso sim, descreva a contribuição dessa experiência.**

P2: Sim, tivemos sim! Dessa disciplina que tivemos, foi uma professora muito boa, ela mostrou pra gente a importância da literatura na Educação Infantil. Mostrou como a gente poderia trabalhar de forma lúdica também com contação. Também tivemos alguns seminários, quando tivemos que se vestir de personagens, fazer uma contação de história. Foi bem participativa essa disciplina!

**13. Você participou de alguma formação continuada que contribuisse para fundamentar sua prática referente ao uso de Literatura Infantil na Educação Matemática no âmbito da Educação Infantil? Caso sim, descreva a contribuição dessa experiência.**

P2: Kênia, eu não tive! Tanto que depois que eu terminei o curso eu não me especializei em nada. Estou iniciando minha Pós agora e no momento não.

**14. Qual é a sua opinião sobre o uso da Literatura Infantil na Educação Infantil?**

P2: Na minha opinião, é de suma importância, através da leitura vi desenvolver a criatividade da criança, a coordenação motora. Então, tem vários aspectos positivo. E eu acho que o mais importante é desenvolver a oralidade da criança, a fala que hoje temos muitas crianças com dificuldades na fala. Então através da leitura, ela cria sua imaginação e ela mesma conta sua história. Então, trabalha muito a oralidade da criança.

**15. Quais são as contribuições pedagógicas do uso de livros de Literatura Infantil no desenvolvimento das crianças?**

P2: Contribui principalmente no desenvolvimento da criança. É na fala, no pensar, no agir, existe muita criança distraída, na escrita, contribui muito.

**16. Qual é o papel da avaliação na Educação Infantil?**

P2: A criança ela esta sendo avaliada todos os dias e isso é fundamental a gente acompanhar o desenvolvimento da criança todos os dias. O emocional, o cognitivo da criança. Então, temos várias maneiras e pratica pedagógica pra poder avaliar essa criança, então cabe o professor estar sempre atento para conduzir a sua turma. E estar sempre incentivando o seu desenvolvimento. Parabenizando, mostrando como é que se faz e assim podemos ter um bom resultado no desenvolvimento da criança.

**17. Que instrumentos/recursos você utiliza para avaliar o desenvolvimento das crianças?**

P2: Kênia, assim, presencial é uma forma mais fácil de você avaliar a criança porque você está ali no dia a dia, está vendo como está sendo a coordenação motora dela, mais perto a gente avalia de uma forma diferente. Como é aula remota e a gente está de longe, então fica uma forma mais difícil de a gente avaliar, mas, na minha observação, é o principal instrumento de avaliar essas crianças é por meio de relatório, e ficar bem atento nos vídeos, nas fotos, nos áudios que os pais mandam pra gente no grupo. Assim, é uma forma mais fácil de a gente estar podendo avaliar, certo? Então, no momento, a gente está avaliando mesmo no registro, fazendo relatório das crianças e de como está sendo esse desenvolvimento dela. E a BNCC diz que na hora de avaliar a criança tem que planejar, para poder avaliar essa criança e observar a prática da criança de como ela está desenvolvendo essa atividade.

**18. Que instrumentos/recursos você utiliza para avaliar a sua prática pedagógica?**

P2: Pronto, a gente está avaliando as crianças todos os dias de acordo com a atividade que a gente estar desenvolvendo para ela. Então, esse instrumento a gente avalia todo dia, como uma reflexão e depois coloca em prática no registro mesmo do que a criança aprendeu.







## APÊNDICE G – PROPOSTA DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA – 1ª SEMANA



Universidade Federal do Ceará  
Faculdade de Educação  
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado  
Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva  
Orientador: Paulo Meireles Barguil

Creche Ninho Feliz

Infantil III

Professoras: P1 e P2

Período: 24 a 28 de maio de 2021

### ASSUNTO

Geometria.

### CONTEÚDO

Noções aberto e fechado.

### JUSTIFICATIVA

As noções de aberto e fechado fazem parte das combinações geométricas que precisam ser aprendidas pelos estudantes desde a educação infantil. As vivências dessas noções se fazem necessárias desde a Educação infantil e precisam ser pensadas pelo professor de modo que a experiência contemple a criança em sua totalidade, uma vez que para a criança aprender precisa vivenciar a experiência com o corpo inteiro. Neste sentido, considerando que na Educação Infantil os eixos estruturantes das atividades propostas devem partir das interações e das brincadeiras, e ainda tendo em vista que o objetivo de toda e qualquer vivência nessa etapa educacional deve favorecer o desenvolvimento das habilidades que favoreçam a criação de um ser holístico, essa proposta de atuação didática contempla quatro atividades: contação de história, música, brincadeira e registro. Nesse sentido, estaremos garantindo os direitos de aprendizagens e desenvolvimento propostos pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC: conviver, brincar, expressar, conhecer-se, participar, explorar.

## **OBJETIVO GERAL**

Vivenciar noções de aberto e fechado.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

No campo de experiência intitulado **O eu, o outro e o nós**, a proposta contempla o seguinte objetivo de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI02E002) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.

No campo de experiência intitulado **Corpo, gestos e movimento**, as atividades contemplam três objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.

(EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.

(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.

Já no campo de experiência **Escuta, fala, pensamento e imaginação**, as atividades contemplam dois objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).

(EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.

Já no campo de experiência **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**, o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento é o seguinte:

(EI02ET02) Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).

## 24 DE MAIO DE 2021 (2ª FEIRA)

### METODOLOGIA

Iniciar convidando as crianças para ouvirem a contação da história **O pavão do abre e fecha** (MACHADO, 1985). A contação será realizada por meio de vídeo gravado pela professora, o qual estimulará as crianças a descobrirem se a cauda do animal está aberta ou está fechada.

Em seguida, após as crianças assistirem ao vídeo, elas serão orientadas a registrarem em forma de **desenho** a parte da história que mais gostou. Os desenhos serão compartilhados com a turma, por meio de fotos e vídeos.

### RECURSOS DIDÁTICOS

Vídeo da professora.

Livro O pavão do abre e fecha.

Caderno.

Lápis grafite.

Lápis de cor.

### TEMPO DAS ATIVIDADES

10 minutos de contação de história.

10 minutos de escuta das crianças e compartilhamento dos vídeos e fotos dos desenhos.

### REFERÊNCIA

MACHADO, Ana Maria. **O pavão do abre e fecha**. Rio de Janeiro: Ática, 1985.

## 25 DE MAIO DE 2021 (3ª FEIRA)

### METODOLOGIA

Objetivando trabalhar a linguagem musical e a linguagem do brincar, a professora iniciará a vídeo aula relembrando a história **O pavão do abre e fecha** ouvida na aula anterior, mostrando para as crianças um pavão feito de papel e fazendo com ele o movimento de abrir e fechar sua calda. Em seguida, a professora mostrará para as crianças outros objetos que poderão ser abertos e fechados como: livros, potes, guarda-chuva e janela... Para demonstrar a janela aberta e fechada, será usada como recurso uma janela de papelão.

Em seguida, a professora apresentará a música da Janelinha, disponível em: <https://youtu.be/XLAZHmO6qQ0>. As crianças irão brincar imitando os movimentos da música da janelinha fazendo de conta que as janelinhas são partes do seu corpo. Primeiro abrindo e fechando os olhos, segundo abrindo e fechando as mãos, depois abrindo e fechando os braços e, por fim, abrindo e fechando a boca. Todos os movimentos serão orientados pela professora por meio de vídeo.

### **RECURSOS DIDÁTICOS**

Vídeo da professora.

Pavão de papel.

Imagens de livros, guarda-chuva, potes.

Janela de papelão.

### **TEMPO DAS ATIVIDADES**

5 minutos de vídeo explicativo.

10 minutos de devolutiva das crianças.

**26 DE MAIO DE 2021 (4ª FEIRA)**

### **METODOLOGIA**

Objetivando trabalhar a linguagem artística das crianças, a atividade objetivará fazer a decoração de uma dobradura inspirada no livro **O pavão do abre e fecha**. A professora enviará às crianças uma dobradura feita de papel ofício (Fotografia K1), cola, papel lumiando e EVA com glíter. Em vídeo, ela orientará as crianças sobre como enfeitar a dobradura. Após fazer a decoração, cada criança irá compartilhar sua arte no grupo e irá brincar de abrir e fechar o brinquedo.

Fotografia G1 – Exemplo de dobradura que será enviada às crianças



Fonte: Editada pela autora a partir do vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RzOQClovQH8>

### **RECURSOS DIDÁTICOS**

Vídeo da professora.

Dobradura do pavão, cola, papel laminado e EVA com gliter.

Lápis de cor.

### **TEMPO DAS ATIVIDADES**

3 minutos de orientação por vídeo.

10 minutos de devolutivas da pintura da dobradura e vídeos brincando com o brinquedo.

### **27 DE MAIO DE MAIO (5ª FEIRA)**

### **METODOLOGIA**

Será trabalhada mais uma brincadeira musical: O abre e fecha do guarda-chuva, disponível em <https://www.facebook.com/marceloserralva/videos/397354064900389/>. A música orienta que as crianças abram e fechem as mãos imitando o movimento do guarda-chuva. Para esse momento a professora irá gravar um vídeo cantando a música e fazendo os movimentos e em casa as crianças repetem o que eu ela faz. As crianças irão gravar um vídeo fazendo os movimentos de acordo com a música.

**RECURSO DIDÁTICO**

Vídeo da professora

**TEMPO DAS ATIVIDADES**

3 minutos de vídeo

10 minutos de devolutiva das crianças brincando de imitar os movimentos realizados pela professora

**28 DE MAIO DE 2021 (6ª FEIRA)**

**METODOLOGIA**

A professora fará ligação pela chamada de vídeo do aplicativo *Google Meet* para ouvir as crianças sobre as experiências realizadas na semana.

**RECURSO DIDÁTICO**

Celular.

**TEMPO DAS ATIVIDADES**

20 minutos de ligações para as crianças.

**AVALIAÇÃO DA SEMANA**

A avaliação se dará por meio da análise dos vídeos e das fotos enviados pelas famílias, bem como da escuta ativa das crianças sobre as atividades desenvolvidas.

**APÊNDICE H – PROPOSTA DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA – 2ª SEMANA**

Universidade Federal do Ceará  
Faculdade de Educação  
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado  
Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva  
Orientador: Paulo Meireles Barguil

Creche Ninho Feliz

Infantil III

Professoras: P1 e P2

Período: 07 a 11 de junho de 2021

**ASSUNTO**

Grandezas e Medidas.

**CONTEÚDO**

Noções de grande e pequeno.

**JUSTIFICATIVA**

Na Educação Infantil os jogos e as brincadeiras são primordiais para o desenvolvimento integral da criança. É primordial, portanto, proporcionar situações onde a criança possa explorar e interagir com seus pares é fundamental para que esta desenvolva suas potencialidades, transmita e adquira conhecimentos. Desse modo, trabalhar as noções de grande e pequeno em sala, além de fomentar a capacidade de observação e percepção visual, favorece que a criança desenvolva esquemas mentais básicos e noções matemáticas do campo das Grandezas e Medidas.

No que se refere ao contexto pandêmico, tendo em vista que as atividades não podem ser desenvolvidas e acompanhadas de forma presencial pela docente, algumas possibilidades precisam ser consideradas para o novo cenário envolvendo literatura infantil, brincadeiras, músicas e jogos de modo que as múltiplas linguagens infantis sejam desenvolvidas.

**OBJETIVO GERAL**

Vivenciar noções de grande e pequeno.



## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

No campo de experiência intitulado **O eu, o outro e o nós**, a proposta contempla o seguinte objetivo de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.

No campo de experiência intitulado **Corpos, gestos e movimento**, as atividades contemplam o seguinte objetivo de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

No campo de experiência intitulado **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações** são contemplados dois objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.

(EI03ET08) Expressar medidas (peso, altura etc.), construindo gráficos básicos.

**07 DE JUNHO DE 2021 (2ª FEIRA)**

## METODOLOGIA

Iniciar com a contação de história **Cachinhos Dourados e os três ursos**. No vídeo, a professora explorará por meio de diálogos com as crianças os tamanhos dos objetos encontrados na história como: cadeiras, pratos e camas. Como atividade irá solicitar que as crianças tenham em mãos dois recipientes, um pequeno e outro grande. Com o auxílio de um copo, elas irão enchê-lo de água e distribuir entre as duas vasilhas observando qual enche primeiro. Em seguida, serão realizados os seguintes questionamentos: qual encheu primeiro? Por quê? As ações das crianças serão enviadas por meio de vídeo.

## TEMPO DAS ATIVIDADES

5 minutos de contação de história.

10 minutos para distribuição da água nos recipientes.

## **RECURSOS DIDÁTICOS**

Vídeo da professora.

Recipientes.

Água.

Copo.

## **REFERÊNCIA**

ASKEW, Amanda. Cachinhos dourados e os três ursos. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

### **08 DE JUNHO DE 2021 (3ª FEIRA)**

## **METODOLOGIA**

Relembrar a história Cachinhos dourados e os três ursos, enfatizando os objetos grandes e pequenos. Em seguida, apresentar a música “Tão grande”, da cantora Xuxa Meneguel, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O1D2qyUxobI>, com a qual as crianças poderão imitar movimentos de grande e pequeno orientados pela professora.

Como sugestão de atividades, será orientado que cada criança com barbantes e ajuda da família possam fazer a medição da mãe e de si própria. Em seguida, colar o barbante um ao lado do outro para comparar quem é maior e quem é menor dos dois. A atividade será finalizada com a realização de um desenho, no qual a criança representará sua imagem e a imagem de sua mãe e enviará para a professora.

## **TEMPO DE ATIVIDADES**

5 minutos vídeo lembrando a história.

4 minutos de dança imitando os movimentos da música.

20 minutos para medição da mãe e da criança.

10 minutos para desenhar.

## **RECURSOS DIDÁTICOS**

Vídeo da professora.

Barbante.

Lápis.

Caderno.

**09 DE JUNHO DE 2021 (4ª FEIRA)****METODOLOGIA**

Iniciar o vídeo com a história cantada de Cachinhos dourados e os três ursos, (<https://www.youtube.com/watch?v=dXStqp2oths>), usando como recursos os ursos feitos de EVA. Em seguida, fazendo uma adaptação da brincadeira *Morto e vivo*, a professora orientará as crianças a brincarem na versão *Grande e pequeno*, quando disser grande as crianças ficam de pé, quando disser pequeno elas ficam agachadas

**TEMPO DE ATIVIDADES**

5 minutos do vídeo da história cantada.

10 minutos para a brincadeira do grande e pequeno.

**RECURSOS DIDÁTICOS**

Vídeo da professora.

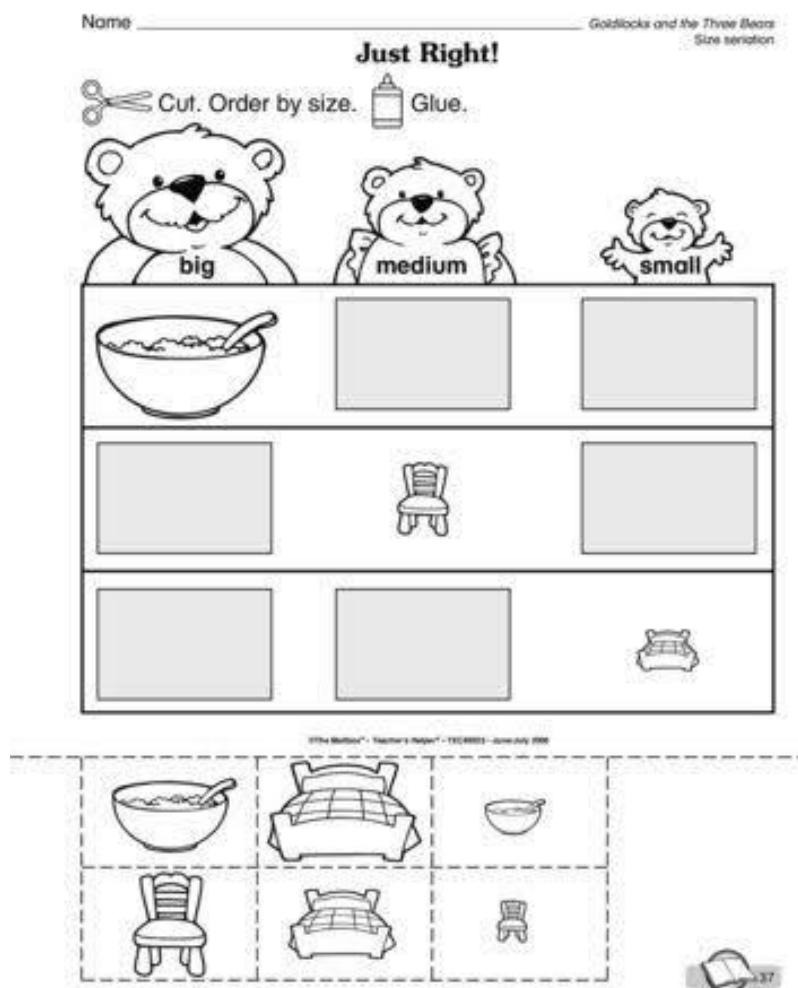
Ursos de EVA.

**10 DE JUNHO DE 2021 (5ª FEIRA)****METODOLOGIA**

Na quinta-feira, as crianças irão brincar de fazer relações dos personagens da história com os objetos nela apresentados. A professora irá gravar um vídeo explicando o jogo. Será enviada para cada criança uma folha de papel 60 quilos com as seguintes imagens:

- ✓ três ursos em tamanhos diferentes: grande, médio e pequeno.
- ✓ três tigelas em tamanhos grande, médio e pequeno.
- ✓ três cadeiras em tamanhos grande, médio e pequeno.
- ✓ três camas em tamanhos grande, médio e pequeno.

Imagem H1 – Folha que será enviada para cada criança



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/864620828442231086/>.

A professora irá solicitar que os pais cortem as imagens para as crianças, que irão pintá-las como desejarem. Em seguida, elas irão distribuir os objetos de acordo com os tamanhos dos ursos.

### TEMPO DS ATIVIDADES

5 minutos do vídeo da professora explicando o jogo.

25 minutos do jogo da relação.

### RECURSOS DIDÁTICOS

Vídeo da professora.

Folha com imagens.

**11 DE JUNHO DE 2021 (6ª FEIRA)****METODOLOGIA**

Será realizada uma chamada de vídeo pelo aplicativo *Google Meet*, na qual a professora irá contar mais uma vez a história, mas com a interação das crianças de forma síncrona, aproveitando para escutar a opinião delas sobre o que aprenderam durante a semana.

**RECURSO DIDÁTICO**

Celular.

**TEMPO DA ATIVIDADE**

25 minutos para a chamada de vídeo.

**AVALIAÇÃO DA SEMANA**

A avaliação se dará por meio da análise dos vídeos e das fotos enviados pelas famílias, bem como da escuta ativa das crianças sobre as atividades desenvolvidas.

**APÊNDICE I – PROPOSTA DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA – 3ª SEMANA**

Universidade Federal do Ceará  
Faculdade de Educação  
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado  
Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva  
Orientador: Paulo Meireles Barguil

Creche Ninho Feliz

Infantil III

Professoras: P1 e P2

Período: 21 a 25 de junho de 2021

**ASSUNTO**

Aritmética.

**CONTEÚDO**

Noções muito e pouco.

**JUSTIFICATIVA**

As noções de muito e pouco fazem parte do campo matemático denominado Aritmética. O estudo dessas noções possibilita que as crianças construam aprendizagem sobre quantidades. As atividades envolvendo essas noções precisam partir do cotidiano das crianças de modo que as aprendizagens sejam significativas.

Outro fator que muito contribui para a aprendizagem das noções são as contações de história, pois ajudam as crianças a organizarem seus pensamentos e aprendizagens. Nesse sentido, essa proposta se justifica pela necessidade do desenvolvimento de atividades que envolvam as diversas linguagens infantis, contribuindo assim para a aprendizagem das noções de pouco e muito.

**OBJETIVO GERAL**

Vivenciar noções de muito e pouco.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

No campo de experiência intitulado **O eu, o outro e o nós**, a proposta contempla o seguinte objetivo de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI02EO02) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.

No campo de experiência intitulado **Corpo, gestos e movimento**, as atividades contemplam dois objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.

(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.

Já no campo de experiência **Escuta, fala, pensamento e imaginação**, as atividades contemplam dois objetivos de aprendizagem e desenvolvimento:

(EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).

(EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.

Já no campo de experiência **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**, o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento é o seguinte:

(EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).

**21 DE JUNHO DE 2021 (2ª FEIRA)**

## METODOLOGIA

Iniciar com a contação da história **Muitos e poucos**. No vídeo, a professora explorará por meio de diálogos com as crianças a quantidade de brinquedos encontrados na história: carros, bonecas e bilas. Em seguida, orientar as crianças a classificarem seus brinquedos em dois recipientes: em um recipiente irão colocar aqueles brinquedos que gostam muito e no outro aqueles que gostam pouco. As famílias gravarão vídeos mostrando a realização dessa atividade.

## **RECURSOS DIDÁTICOS**

Livro Muitos e poucos.

Vídeo da professora.

Brinquedos.

Recipientes.

## **TEMPO DAS ATIVIDADES**

5 minutos de contação de história mediante vídeo.

10 minutos para as crianças classificarem seus brinquedos.

## **REFERÊNCIA**

BARGUIL, Paulo Meireles. **Muitos e poucos**. Fortaleza, 2021. Não publicado.

**22 DE JUNHO DE 2021 (3ª FEIRA)**

## **METODOLOGIA**

Como proposta de trabalhar alimentação saudável, a professora irá dialogar sobre a sua importância para as nossas vidas. No vídeo, ela mostrará algumas frutas e suas quantidades de sementes. Em seguida, irá solicitar que as crianças peguem em sua casa duas frutas, um mamão e uma maçã, por exemplo, descasquem e observem qual das frutas tem muitas sementes e qual tem poucas sementes. Em seguida, irão degustar esses alimentos. A devolutiva será feita por meio de vídeo gravado pela família.

## **RECURSOS DIDÁTICOS**

Vídeo da professora.

Frutas.

## **TEMPO DAS ATIVIDADES**

5 minutos do vídeo da professora.

15 minutos de exploração e degustação das frutas.



## 23 DE JUNHO DE 2021 (4ª FEIRA)

### METODOLOGIA

No vídeo, a professora irá ensinar uma música nova para as crianças que aborda as noções de pouco e muito. Além de ouvirem a música, as crianças irão fazer os movimentos sugeridos pela música. A mãe irá desenhar dois círculos no chão. Dentro de um círculo, irá colocar dois objetos, podendo ser brinquedos, e no outro círculo colocará seis objetos. A criança irá ouvir a música e quando essa música disser agora muito, a criança irá pular no círculo que tem muitos objetos e quando a música disser agora pouco, a criança pula no círculo que tem objetos. A mãe irá gravar vídeo e enviar à professora.

Muito e pouco<sup>13</sup>

P1 e P2

Essa é a dança do muito e pouco

Agora muito, agora pouco

Essa é a dança do muito e pouco

Agora muito, agora pouco

Essa é a dança do muito e pouco

Um pé no muito, um pé no pouco

Essa é a dança do muito e pouco

A mão no muito, a mão no pouco

### RECURSO DIDÁTICO

Vídeo da professora.

### TEMPO DAS ATIVIDADES

5 minutos do vídeo da professora.

5 minutos para gravar o vídeo que será enviado à professora.

---

<sup>13</sup> Música inspirada em Dentro e fora, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mJ-7a9KviKw>.

**24 DE JUNHO DE 2021 (5ª FEIRA)****METODOLOGIA**

A professora irá gravar um vídeo mostrando as crianças à história Muitos e poucos sem ilustração, fazendo um convite para que elas desenhem uma estrofe do texto. Cada criança receberá uma estrofe da história que foi contada ao longo da semana. E fará a ilustração de acordo com o texto. O desenho será enviado para a professora para montar o livro.

**RECURSOS DIDÁTICOS**

Vídeo da professora.

Folha com estrofe da história.

**TEMPO DAS ATIVIDADES**

5 minutos do vídeo da professora.

15 minutos para fazer o desenho que será enviado à professora.

**25 DE JUNHO DE 2021 (6ª FEIRA)****METODOLOGIA**

Será realizada uma chamada de vídeo pelo aplicativo *Google Meet*, na qual a professora irá contar a história com a interação das crianças de forma síncrona, aproveitando para escutar delas o que aprenderam durante a semana.

**RECURSO DIDÁTICO**

Celular.

**TEMPO DA ATIVIDADE**

25 minutos para a chamada de vídeo.

**AVALIAÇÃO DA SEMANA**

A avaliação se dará por meio da análise dos vídeos e das fotos enviados pelas famílias, bem como da escuta ativa das crianças sobre as atividades desenvolvidas.

## APÊNDICE J – ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA FINAL



Universidade Federal do Ceará  
 Faculdade de Educação  
 Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
 Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado

Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva

Orientador: Paulo Meireles Barguil

Iniciais do nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Tempo de atuação docente: \_\_\_\_\_

Formação acadêmica: \_\_\_\_\_

1. A formação, com o estudo de textos sobre uso da Literatura Infantil na Educação Matemática na Educação Infantil, contribuiu para a melhoria da sua atuação docente? Se sim, exemplifique algumas aprendizagens.
2. Você teve obstáculos para planejar as propostas de atuação pedagógica? Se sim, destaque alguns.
3. Você teve obstáculos para implementar as propostas de atuação pedagógica? Se sim, destaque alguns.
4. As crianças demonstraram interesse nas atividades propostas? Se sim, relate algumas situações.
5. As atividades propostas contribuíram para a aprendizagem das crianças? Se sim, exemplifique.
6. Você avalia que as atuações pedagógicas que você planejou e implementou precisam ser modificadas na próxima vez? Se sim, em qual das atuações pedagógicas e quais seriam as mudanças?
7. Você tem ideias para planejar outras propostas de atuação pedagógica relacionadas às noções matemáticas? Se sim, quais noções matemáticas você pensa em abordar nelas?
8. Depois de participar dessa pesquisa, você identifica contribuições no uso da Literatura Infantil na abordagem de noções matemáticas na Educação Infantil? Se sim, exemplifique.
9. Você acha importante que as professoras da Educação Infantil participem de formações sobre o uso da Literatura Infantil na abordagem de noções matemáticas na Educação Infantil? Se sim, por quê?

## APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL COM P1



Universidade Federal do Ceará  
Faculdade de Educação  
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado  
Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva  
Orientador: Paulo Meireles Barguil

Iniciais do nome: A. C. L. N.      Idade: 34 anos      Tempo de atuação docente: 7 anos  
Formação acadêmica: Graduação em Pedagogia

**1. A formação, com o estudo de textos sobre uso da Literatura Infantil na Educação Matemática na Educação Infantil, contribuiu para a melhoria da sua atuação docente? Se sim, exemplifique algumas aprendizagens.**

P1: Sim. A prática da literatura é parte importante dos estudos das crianças. A leitura pode estar ligada a um contexto de aprendizagem, estimulando o aluno a ter prazer de ler e manusear o livro de forma lúdica.

**2. Você teve obstáculos para planejar as propostas de atuação pedagógica? Se sim, destaque alguns.**

P1: Foi uma proposta bem elaborada, na qual as atividades foram desenvolvidas dentro do contexto, dentro do cotidiano das crianças, tendo em vista que assim a aprendizagem acontece de maneira mais significativa.

**3. Você teve obstáculos para implementar as propostas de atuação pedagógica? Se sim, destaque alguns.**

P1: Não. Considero que as propostas foram bem executadas. Como tivemos o apoio das famílias e como o espaço preparado para a gravação dos vídeos foi bem planejado, a implementação ficou mais fácil, mesmo diante do contexto pandêmico no qual nos encontrávamos.

**4. As crianças demonstraram interesse nas atividades propostas? Se sim, relate algumas situações.**

P1: Sim, considero que em todas as propostas as crianças se sentiram motivadas a participarem, exemplo disso foi o fato de a maioria dar devolutivas das atividades solicitadas: colagem, medição de pessoas e brincadeiras. Essas foram as que as crianças demonstraram maior interesse.

**5. As atividades propostas contribuíram para a aprendizagem das crianças? Se sim, exemplifique.**

P1: Sim, considero que as crianças puderam aprender diante das propostas elaboradas. Era possível observar nos vídeos enviados a fluidez na imaginação, o desejo de mostrar seus aprendizados dos conceitos, seja nas brincadeiras ou até mesmo numa atividade de colagem. Cada criança que enviava o vídeo deixava transparecer a alegria de viver aquele momento.

**6. Você avalia que as atuações pedagógicas que você planejou e implementou precisam ser modificadas na próxima vez? Se sim, em qual das atuações pedagógicas e quais seriam as mudanças?**

P1: No contexto em que foi elaborado, o que modificaria era as atividades de movimento, pois elas infelizmente não foram bem aceitas pelas famílias de imediato. Quando estamos no contexto presencial, conseguimos acompanhar de perto essas atividades, porém no contexto remoto elas precisam de maior aceitação dos pais.

**7. Você tem ideias para planejar outras propostas de atuação pedagógica relacionadas às noções matemáticas? Se sim, quais noções matemáticas você pensa em abordar nelas?**

P1: Penso que as minhas aulas serão enriquecidas a partir dessas propostas de atuação. Já penso em seguir os planejamentos futuros para trabalhar os novos conceitos. Já andei procurando na biblioteca livros que abordem os demais conceitos: mais e menos, perto e longe...

- 8. Depois de participar dessa pesquisa, você identifica contribuições no uso da Literatura Infantil na abordagem de noções matemáticas na Educação Infantil? Se sim, exemplifique.**

P1: Com certeza, aprendi e pude observar que através da Leitura e exploração da Literatura infantil a aprendizagem de conceitos matemáticos ocorre de maneira mais fluida.

- 9. Você acha importante que as professoras da Educação Infantil participem de formações sobre o uso da Literatura Infantil na abordagem de noções matemáticas na Educação Infantil? Se sim, por quê?**

P1: Sim, conhecimento nunca é demais. É importante que o professor se qualifique constantemente e busque se aperfeiçoar das novas possibilidades que favorecem a aprendizagem das crianças.

## APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL COM P2



Universidade Federal do Ceará  
Faculdade de Educação  
Laboratório de Educação Matemática – LEDUM  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Dissertação de Mestrado  
Orientanda: Maria Kênia Firmino da Silva  
Orientador: Paulo Meireles Barguil

Iniciais do nome: A. A. F.                      Idade: 28 anos                      Tempo de atuação docente: 5 anos  
Formação acadêmica: Graduação em Pedagogia

**1. A formação, com o estudo de textos sobre uso da Literatura Infantil na Educação Matemática na Educação Infantil, contribuiu para a melhoria da sua atuação docente? Se sim, exemplifique algumas aprendizagens.**

P2: Sim. Observei que as crianças compreendem melhor uma noção matemática, quando se é trabalhado com continuidade, quando se tem uma história onde pode ser trabalhada a Matemática, as crianças aprendem com amor e conseguem tomar gosto pela Matemática.

**2. Você teve obstáculos para planejar as propostas de atuação pedagógica? Se sim, destaque alguns.**

P2: Não tive obstáculos para planejar as propostas de atuação pedagógica, mas sim, um pouco de receio e medo de não dar certo. O medo decorre de a gente nunca ter trabalhado dessa maneira antes, então o novo assusta.

**3. Você teve obstáculos para implementar as propostas de atuação pedagógica? Se sim, destaque alguns.**

P2: Não e sim. Sabemos que na pandemia não era tão fácil a implementação dessas propostas, pois algumas crianças tinham problemas com internet, ou aparelho celular, porém pude observar que foi bem satisfatório o resultado no final.

**4. As crianças demonstraram interesse nas atividades propostas? Se sim, relate algumas situações.**

P2: Sim. As crianças demonstraram bastante interesse nas atividades propostas, gostaram de relatar em forma de desenho a parte que mais gostaram da história, das brincadeiras planejadas em cima da noção matemática e adoravam o encontro virtual para interagir suas aprendizagens durante a semana da noção que foi trabalhada.

**5. As atividades propostas contribuíram para a aprendizagem das crianças? Se sim, exemplifique.**

P2: Sim, as propostas contribuíram bastante para aprendizagem das crianças, as crianças conseguiram aprender de verdade o que estava sendo proposto a elas. E isso pôde ser percebido nos vídeos que elas enviavam, ou pelos áudios, nos vídeos elas sempre faziam a diferenciação dos conceitos por meio dos objetos, brincadeiras e músicas propostas e nos áudios relatava que haviam gostado de participar das ações propostas.

**6. Você avalia que as atuações pedagógicas que você planejou e implementou precisam ser modificadas na próxima vez? Se sim, em qual das atuações pedagógicas e quais seriam as mudanças?**

P2: Não. Não mudaria, pois vi resultados bem favoráveis.

**7. Você tem ideias para planejar outras propostas de atuação pedagógica relacionadas às noções matemáticas? Se sim, quais noções matemáticas você pensa em abordar nelas?**

P2: Trabalhar nesse formato me instigou a modificar meus planejamentos a partir de agora. Então, sim, eu penso em inovar meus planejamentos, usando mais Literatura Infantil para trabalhar noções matemáticas. Já olhei na programação dos próximos planejamentos. Iremos trabalhar as noções perto e longe. Então, eu já fui até a biblioteca procurar livros que contemplem essa temática e separei um livro intitulado Perto e Longe, da autora Vera Lúcia Dias. Vou começar a planejar em cima dele.



- 8. Depois de participar dessa pesquisa, você identifica contribuições no uso da Literatura Infantil na abordagem de noções matemáticas na Educação Infantil? Se sim, exemplifique.**

P2: Sim. Notei que foi possível as crianças aprenderem Matemática através da Literatura Infantil, o entusiasmo, o gosto de aprender brincando e mais emocionante é que o entendimento se torna mais fácil.

- 9. Você acha importante que as professoras da Educação Infantil participem de formações sobre o uso da Literatura Infantil na abordagem de noções matemáticas na Educação Infantil? Se sim, por quê?**

P2: Sim. Seria muito importante termos formações, para que todas possam ver como é gratificante e satisfatório o resultado da aprendizagem das crianças usando a Literatura Infantil para se trabalhar essas noções matemáticas. Todas devem passar por essa experiência. No começo fiquei receosa, mas amei a experiência e pude ver que realmente se tem resultado.